

BOY ERASED

Uma verdade anulada



GARRARD
CONLEY

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

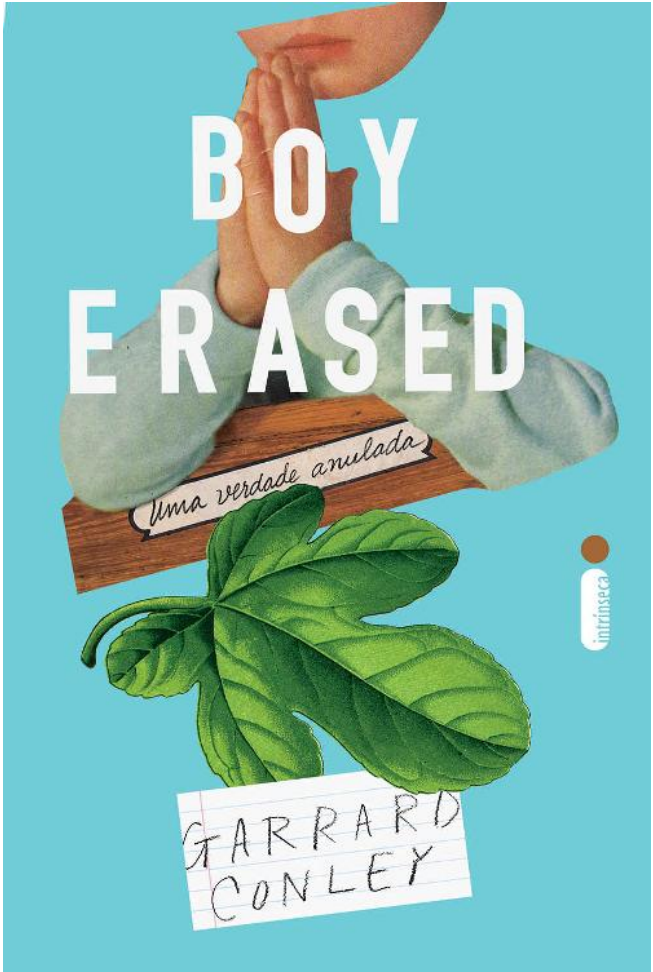
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





BOY ERASED

Uma verdade anulada

GARRARD
CONLEY

Intrínseca

GARRARD CONLEY

Boy erased: Uma verdade anulada

TRADUÇÃO DE CAROLINA SELVATICI



Copyright © 2016 by Garrard Conley



TÍTULO ORIGINAL

Boy Erased

PREPARAÇÃO

Marina Góes

REVISÃO

André Marinho

Flora Pinheiro

ILUSTRAÇÕES DE CAPA

Criança: Adaptado de litografia, © A. Scheer

Folha: Reprodução de Otto W. Thomé, *Flora von Deutschland, Österreich und der Schweiz* (1903)

DESIGN DE CAPA

Rachel Willey

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Antonio Rhoden

REVISÃO DE E-BOOK

Vanessa Goldmacher

GERAÇÃO DE E-BOOK

Intrínseca

SBD

E-ISBN

978-85-510-5806-8

Edição digital: 2019

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

SUMÁRIO

Capa original

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Nota do autor

Epígrafe

Histórico do movimento de reorientação sexual

I

Segunda-feira, 7 de junho de 2004

Os negociadores honestos

Quarta-feira, 9 de junho de 2004

Outros garotos

Sexta-feira, 11 de junho de 2004

O cinema do prisioneiro

II

Os menores detalhes

Sábado, 12 de junho de 2004

Diagnóstico

Segunda-feira, 14 de junho de 2004

Autorretrato
Quarta-feira, 16 de junho de 2004

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)

[Leia também](#)

Para os meus pais

NOTA DO AUTOR

Durante minha estadia na Amor em Ação (AEA), nenhum diário, máquina fotográfica ou qualquer outro método de registro era permitido dentro da instituição. Por isso, recriei todos os acontecimentos, descrições físicas e diálogos da melhor maneira possível. As lembranças de minha mãe e as minhas, o manual de reorientação sexual da AEA, artigos de jornal, posts em blogs e entrevistas pessoais preencheram as lacunas quando o trauma obscureceu coisas que eram dolorosamente claras. Como na maioria dos livros de memórias, a cronologia é precisa e foi alterada apenas nos pontos em que a narrativa exigia. Excluí detalhes que pareciam irrelevantes para a natureza da história. Nomes e certas características de algumas figuras importantes de minha vida, como Chloe, Brandon, David, Brad, o Irmão Stevens e o Irmão Nielson, foram alterados.

Eu queria que nada disso tivesse acontecido. Às vezes agradeço a Deus por ter acontecido.

Entretanto, ela podia ver, pelos rostos chocados e alterados, que até suas virtudes estavam sendo destruídas.

— Flannery O’Connor, “Revelação”

Posso olhar para a parede e dizer repentinamente: “É azul.” E outra pessoa chegar e dizer: “Não, não. É dourada.” Mas eu quero acreditar que aquela parede é azul. É azul, é azul, é azul. Então, Deus vem e diz: “Você está certo, John, é mesmo azul.” Esta é a ajuda de que preciso. Deus pode me ajudar a tornar aquela parede azul.

— John Smid, líder do movimento de reorientação sexual, em uma entrevista para o *Memphis Flyer*

HISTÓRICO DO MOVIMENTO DE REORIENTAÇÃO SEXUAL

- 1973 A Associação Americana de Psicologia retira a homossexualidade da lista de doenças mentais. A Amor em Ação (AEA), uma organização fundamentalista cristã não denominacional, rejeita a decisão da Associação e abre as portas em San Rafael, na Califórnia, prometendo curar os “vícios sexuais” dos membros LGBT de sua congregação.
- 1976 A primeira conferência de reorientação sexual acontece em Anaheim, na Califórnia, e os 62 participantes formam o que se torna a Exodus International, a maior organização de reorientação sexual do mundo. A AEA é o principal programa da organização.
- 1977 Jack McIntyre, participante da AEA há quatro anos, comete suicídio, levando um dos fundadores do grupo, John Evans, a condenar o programa. Em um bilhete de despedida, McIntyre escreveu: “Prostrar-me diante de Deus continuamente, pedir perdão e fazer promessas que sei que não vou conseguir manter é mais do que posso suportar.”
- 1982 A Exodus Europe, uma organização independente que trabalha em conjunto com a Exodus International, faz a primeira conferência de reorientação sexual na Holanda. Já existem ministérios na Austrália, no Brasil e em Portugal.
- 1989 A Exodus expande sua missão para incluir as Filipinas e Cingapura. A organização, que, no auge, financiava mais de duzentos ministérios em todos os Estados Unidos, chama a atenção da grande mídia e obtém espaço em programas de rádio e TV de alcance nacional.

- 1990 John Smid assume o cargo de diretor da AEA.
- 1993 John Evans, cofundador da AEA, escreve um artigo no *The Wall Street Journal* denunciando a terapia de reorientação sexual: “Eles estão destruindo a vida das pessoas. Se não fizer o que querem, você não é de Deus, vai para o Inferno. Eles estão vivendo num mundo de fantasia.”
- 1994 Sob a direção de John Smid, a AEA transfere sua sede para Memphis, no Tennessee, e compra dois hectares de terra para sediar o programa de residência.
- 1998 Um dos líderes do movimento de reorientação sexual, John Paulk, que logo apareceria na capa da revista *Newsweek* com sua esposa lésbica reconvertida, funda a Love Won Out, uma série anual de conferências de reorientação sexual.
- 2000 A primeira conferência latino-americana da Exodus é realizada em Quito, no Equador. Os ministérios se expandem para China, Índia, Indonésia, Malásia, México, Sri Lanka e Taiwan.
- 2003 A AEA dá início ao polêmico programa Refúgio, que reúne adolescentes e adultos que sofrem de vários “vícios sexuais”.
- 2004 Minha história com a terapia de reorientação sexual começa.

I

SEGUNDA-FEIRA, 7 DE JUNHO DE 2004

John Smid estava de pé, as costas retas, sorrindo com seus óculos de armação fina, usando a calça cáqui e a camisa de botão listrada que haviam se tornado o uniforme dos homens evangélicos de todo o país. As costuras da camiseta que usava por baixo se esticavam, rígidas, sob a camisa, e o cabelo louro e grisalho estava domado por um corte máquina cinco, comum em todos os barbeiros do Sul dos Estados Unidos. O resto de nós estava sentado em um semicírculo voltado para ele, todos vestidos de acordo com as regras determinadas em nossos manuais de instruções de 274 páginas.

Homens: Sempre usar camisas, inclusive para dormir. Camisetas sem manga não são permitidas, seja como roupa comum ou de baixo, inclusive regatas. A barba deve ser feita todos os dias. Costeletas nunca devem ficar abaixo da ponta da orelha.

Mulheres: Usar sutiã o tempo todo, a não ser para dormir. Saias devem ficar na altura dos joelhos ou abaixo deles. Tops permitidos apenas se usados sob blusas. Pernas e axilas devem ser raspadas pelo menos duas vezes por semana.

— A primeira coisa que vocês precisam fazer é reconhecer o quanto se tornaram dependentes de sexo, de coisas que não são de Deus — disse Smid.

Estamos no Primeiro Passo do Amor do programa de Doze Passos para a Ação, uma série de princípios que põe os pecados da infidelidade, da brutalidade, da pedofilia e da homossexualidade no mesmo patamar de vícios como o alcoolismo e o jogo: um tipo de Alcoólicos Anônimos para o que os conselheiros chamam de “desvio sexual”.

Algumas horas antes, sentado sozinho em sua sala, eu havia visto um homem diferente: um Smid mais bondoso e brincalhão, um palhaço de meia-idade disposto a usar todo tipo de técnica para me fazer sorrir. Ele

havia me tratado como criança, e eu tinha relaxado naquele papel, apesar de ter dezenove anos na época. Smid disse que eu tinha ido ao lugar certo, que a Amor em Ação me curaria, me tiraria do pecado e me levaria à luz da glória de Deus. O escritório dele parecera iluminado o bastante para sustentar aquela afirmação, as paredes nuas a não ser por alguns recortes de jornal e versos da Bíblia bordados dispostos em molduras. A janela dava para um terreno baldio, raro naquela área dos arredores da cidade: um gramado abandonado, pontuado por dentes-de-leão coloridos e seus milhares de sementes que se espalhariam pela rodovia até o fim da semana.

— Nós tentamos misturar vários modelos de tratamento aqui — garantira Smid, girando a cadeira de escritório para olhar pela janela.

Um sol alaranjado se erguia atrás dos prédios mal caiados ao longe. Esperei que a luz do sol os tomasse, mas, quanto mais observava, mais ela parecia demorar. Eu me perguntei se era assim que o tempo funcionaria naquele lugar: minutos pareceriam horas, horas pareceriam dias, dias pareceriam semanas.

— Assim que você entra no grupo, já está caminhando para a recuperação — dissera Smid. — O importante é se lembrar de manter a cabeça aberta.

Eu estava ali por escolha própria, apesar do meu ceticismo crescente, apesar da vontade secreta de fugir para não encarar a vergonha que sentia desde que meus pais haviam descoberto que eu era gay. Tinha investido demais em minha vida para deixá-la para trás: em minha família e naquele Deus cada vez menos definido que conhecia desde pequeno.

Deus, eu havia pedido em oração, deixando a sala de Smid e seguindo pelo corredor estreito até o salão principal, as luzes fluorescentes estalando em seus suportes de metal, *não sei mais quem é o Senhor, mas, por favor, me dê sabedoria para sobreviver a tudo isso.*

* * *

Algumas horas depois, sentado no meio do semicírculo de Smid, eu esperava que Deus se juntasse a mim.

— Vocês não são melhores nem piores do que os outros pecadores do mundo — disse Smid.

Ele mantinha os braços cruzados atrás das costas, o corpo todo tenso, como se tivesse sido amarrado a uma tábua invisível.

— Deus vê todos os pecados sob a mesma luz.

Todos assentimos. O jargão do ex-gay já havia se tornado familiar para mim, apesar de ter sido um choque quando o lera pela primeira vez no site da instituição, quando ficara sabendo que a homossexualidade que eu tinha tentado ignorar durante grande parte da minha vida estava “fora de controle”, que eu podia acabar tendo relações com o cachorro de alguém se não me curasse. Por mais absurda que a ideia possa parecer neste momento, eu não tinha muitas informações em que me basear na época. Ainda era jovem o suficiente para ter tido apenas casos passageiros com outros homens. Antes da faculdade, eu só havia conhecido um homem que dizia abertamente que era gay: o cabeleireiro da minha mãe, um cara grande e peludo que passava a maior parte do tempo dando sinais do que eu considerava um estereótipo — elogiava minha aparência, fofocava sobre os colegas de trabalho, discutia os planos para sua próxima festa de Natal maravilhosa, a barba branca impecável já esculpida para encarnar o papel de Papai Noel Safado. O restante do preconceito eu havia aprendido em pantomimas: punhos frouxos e gestos exagerados de membros da igreja fazendo piada; frases que chamavam atenção em virtude daquela cadência melódica comum na TV — “Ai, não *precisaaava*” —; petições da igreja que tinham que ser assinadas para manter o país a salvo dos “pervertidos”. O brilho de uma *legging* neon, o agitar de um boá, um bumbum durinho rebolando para a câmera. O que eu via na TV parecia corroborar que ser gay era estranho, não natural.

— Vocês precisam entender uma coisa muito importante — disse Smid, a voz tão próxima que pude senti-la em meu peito. — Estão usando um pecado sexual para preencher o vazio que sentem pela falta de Deus em suas vidas.

Eu estava ali. Ninguém podia dizer que eu não estava tentando.

* * *

O salão principal era pequeno, iluminado por lâmpadas fluorescentes e tinha uma porta de correr que dava para uma varanda de concreto desbotada pelo sol. Nosso grupo estava sentado em cadeiras dobráveis acolchoadas,

perto da frente da sala. Nas paredes atrás de nós, havia folhas plastificadas com os Doze Passos que prometiam uma cura lenta, mas duradoura. Além desses pôsteres, as paredes não tinham basicamente nada. Não havia crucifixos nem estações da via crucis. Ali, tal iconografia era considerada idolatria, assim como a astrologia, o jogo *Dungeons & Dragons*, as religiões orientais, os tabuleiros de Ouija, o satanismo e a ioga.

A Amor em Ação tinha uma posição mais extrema contra o mundo secular do que as igrejas da minha infância, embora eu já estivesse familiarizado com o modo de pensar dos conselheiros. Dentro do ramo fundamentalista do cristianismo chamado de Batista, a denominação da minha família, Batista Missionária, proibia tudo que tivesse o poder de distrair a alma da comunicação direta com Deus e a Bíblia. Muitas das cento e poucas demais denominações no espectro batista costumavam discutir o que devia ou não ser permitido ao rebanho, mas algumas igrejas levavam esses temas mais a sério do que outras, e assuntos como o jeito de dançar e as armadilhas das leituras não bíblicas ainda eram debatidos.

— Harry Potter não passa de um sedutor das almas das crianças — dissera certa vez um pastor batista que fora visitar a igreja da nossa família.

Não duvido que meus conselheiros da AEA também tivessem descartado qualquer menção a Harry Potter e que, portanto, o tempo que passei em Hogwarts tivesse que continuar sendo um prazer secreto. Eu havia selado um pacto ainda mais sério com Deus ao ir até ali, algo que exigia que abstraísse a maior parte do que acontecera antes da AEA. Antes de entrar naquela sala, tinham me pedido para deixar tudo para trás, com exceção de minha Bíblia e meu manual.

Como a maioria dos clientes da AEA havia crescido naquele protestantismo literal e estava desesperada por uma cura, as regras rígidas dos conselheiros recebiam salvas de palmas. As paredes brancas e limpas do local pareciam um cenário apropriado para uma sala de espera, onde tentaríamos receber o perdão de Deus. Até música clássica era proibida — “Beethoven, Bach etc. não são considerados cristãos” —, e um silêncio pesado pairava na sala durante nosso Momento de Reflexão matinal, silêncio esse que adentrava as atividades diárias e gerava um clima que, se não parecia santo, pelo menos não era secular.

A área de estudo nos fundos do salão, com uma estante cheia de livros de cunho motivacional e uma pilha pesada de Bíblias, continha dezenas de testemunhos de ex-gays vitoriosos.

“Lenta, mas, verdadeiramente, comecei a me recuperar”, li naquela manhã, passando o dedo pela folha. “Comecei a me recuperar do fato de não ter amigos com quem eu não transasse. Comecei a entender quem eu era de verdade, em vez da personalidade falsa que havia criado para me tornar aceitável.”

* * *

Eu havia passado os meses anteriores tentando apagar minha “personalidade falsa”. Tinha saído do alojamento da faculdade em um dia de inverno e pulado no lago semicongelado do campus. Tremendo de frio, fizera a caminhada de volta para o dormitório com os sapatos encharcados, sentindo-me rebatizado. No banho quente, eu observara, hipnotizado pelo choque do calor em minha pele dormente, uma gota d’água percorrer a beirada do chuveiro. E rezara: *Senhor, torne-me puro.*

Durante minha estadia na Amor em Ação, eu repetiria essa oração até transformá-la em mantra. *Senhor, torne-me puro.*

* * *

Tenho poucas lembranças da ida até a instituição com minha mãe. Tinha tentado olhar para longe, evitar que minha mente gravasse o que passava pela janela do carona, mas alguns detalhes permaneceram: o Mississippi e sua lama cor de caramelo passando por trás da cerca de aço da ponte Memphis-Arkansas; a proporção daquele Nilo americano agindo como estimulante perfeito para minha mente descafeinada; a pirâmide de vidro reluzindo nos limites da cidade, espalhando sua luz quente pelo para-brisa. Era o início do verão, e, no meio da manhã, quase todas as superfícies da cidade já estariam quentes demais para serem tocadas por mais que alguns segundos. Ao meio-dia, tudo já estaria insuportavelmente escaldante. O único alívio vinha de manhã cedo, com o sol ainda descansando no horizonte, só o mais leve indício de luz.

— Eles devem ter dinheiro para pagar por um lugar melhor do que este — disse minha mãe, nos conduzindo até uma vaga diante de um shopping retangular.

O lugar era mais elegante que a maior parte da cidade, dentro de um bairro chique, apesar de o shopping ser o marco menos atraente em quilômetros, um local onde lojas baratas e pequenas clínicas podiam estabelecer um lar temporário. Tijolos vermelhos caiados e vidro. Portas duplas que se abriam para um saguão branco com plantas falsas. Uma logomarca acima da entrada: um triângulo vermelho invertido com um recorte em forma de coração no meio, uma série de linhas brancas e finas cortando o espaço vazio. Saímos do carro e seguimos até a porta, minha mãe sempre alguns passos à frente.

Quando entramos no saguão, um recepcionista sorridente me pediu para assinar meu nome em um livro de registro. Parecia ter vinte e poucos anos. Usava uma camisa polo larga e tinha os olhos de um tom de cobalto vivo e sincero. Eu esperava encontrar ali um fantasma pálido, já despojado de tudo de interessante. Em vez disso, encontrei alguém que parecia disposto a jogar algumas partidas de *Halo* comigo e depois usar analogias de videogame para me contar um pouco do que Deus tinha feito por ele. *Você tem que lutar contra os inimigos, os alienígenas que estão tentando invadir sua alma.* Eu já havia conhecido muitos pastores descolados, com um comportamento e um visual parecidos.

Não consigo mais me lembrar do nome dele. Não consigo mais me lembrar se naquele saguão havia algum sinal do que estava por vir, algum quadro na parede, alguma regra declarada. Hoje, a lembrança do local é apenas uma sala de espera extremamente clara, a típica representação hollywoodiana do céu: um espaço em branco.

— Posso conhecer o lugar? — perguntou minha mãe.

Algo na mudança de tom para a pergunta educada me deixou incomodado, como se ela estivesse pedindo para olhar um imóvel.

— Sinto muito, senhora — respondeu o recepcionista. — Só clientes podem entrar. Por segurança.

— Segurança?

— É, senhora. Muitos dos nossos clientes têm problemas familiares reprimidos. Ver um pai ou uma mãe, não importa qual, mesmo que seja alguém legal como a senhora — abriu um sorriso convincente, de covinhas profundas —, pode ser perturbador. É por isso que chamamos o lugar de zona de segurança.

Ele estendeu e abriu os braços de forma lenta e um pouco rígida, pensei, como se seus movimentos um dia tivessem sido mais amplos e ele tivesse

aprendido a controlá-los.

— Como ele vai participar do programa de apenas duas semanas, a senhora vai ter acesso ao seu filho em qualquer horário, menos durante as sessões.

As sessões eram de nove às cinco. Eu passaria os fins de tarde, noites e inícios da manhã com minha mãe, em um Hampton Inn & Suites próximo, e sairia do quarto do hotel apenas se fosse necessário. Eu teria de passar a maior parte do tempo livre no quarto, fazendo o dever de casa para a sessão do dia seguinte. A programação que o recepcionista me entregou era bastante objetiva e trazia cada hora marcada em um quadrado de moldura preta, com palavras como “hora de reflexão”, “atividades” e “aconselhamento” escritas em maiúsculas.

Também recebi um manual grosso da AEA e um folheto. Ao abrir o primeiro, amassando a lombada de plástico, fui recebido por um bilhete de boas-vindas em preto e branco, com o meu nome impresso em letras grandes. Abaixo do meu nome, os Salmos 32:5-6 escritos de forma moderna, diferente da versão formal da Bíblia com a qual havia crescido.

Confessei-te o meu pecado, e a minha maldade não encobri. Dizia eu: confessarei ao Senhor minhas transgressões, e tu perdoaste a maldade do meu pecado.

Folheei as páginas aleatoriamente enquanto minha mãe espiava por sobre meu ombro. Quis fechar o livro no instante em que vi os erros de digitação óbvios e os desenhos em clip-art. Queria que minha mãe visse o melhor do lugar antes de ir embora, não porque achasse que devia defender aquele manual mal formatado, mas porque queria que aquele instante passasse o mais rápido possível sem mais nenhuma de suas perguntas educadas demais. Se ela começasse a questionar a diagramação e a linguagem bíblica, talvez começasse a fazer perguntas sobre qualificações, sobre por que estávamos ali afinal, e eu sabia que aquilo só pioraria as coisas. Perguntas só prolongam a dor desses momentos e quase sempre ficam sem respostas. Eu já estava cheio de perguntar como tinha ido parar naquela situação, de procurar outras respostas, outras realidades, outras famílias ou corpos nos quais podia ter nascido. Toda vez que percebia que não havia alternativa, eu me sentia pior por ter perguntado. Naquele momento, estava pronto para aceitar as coisas como elas eram.

— Ligue se precisar de alguma coisa — disse minha mãe, apertando meu ombro.

Uma composição de cabelo louro e rímel azul exagerado, olhos azuis e a blusa de estampa florida de sempre: ela era uma mancha em tecnicolor naquele lugar pálido.

— Sinto muito, senhora — disse o recepcionista —, mas vamos precisar guardar o celular do seu filho enquanto ele estiver aqui. — *Por segurança.*
— Vamos informar a senhora caso alguma coisa importante aconteça.

— Você acha que isso é necessário?

Minha mãe e o recepcionista encerraram a conversa:

— São as regras, senhora. É para o bem dele.

Então minha mãe se despediu, dizendo que ia fazer check-in no hotel e que estaria de volta para me buscar às cinco em ponto. Ela me abraçou e eu a vi se afastar, a cabeça erguida, as costas eretas. As portas duplas de vidro se fecharam atrás dela com um suspiro das dobradiças pneumáticas. Eu já havia visto minha mãe daquele jeito, no ano em que meus avós morreram. Ela me mantivera ao seu lado durante todo aquele ano, sempre abrindo um espaço para mim no sofá enquanto as visitas entravam e saíam da sala de estar, trazendo ensopados e cestas cheias de doces açucarados. Tinha passado os dedos pelo meu cabelo e sussurrado que a morte era um processo, que meus avós haviam tido vidas felizes. Eu me perguntei se era assim que ela se sentia, se achava que a AEA era parte de um processo necessário — árduo, é claro, entretanto mais fácil de aceitar quando entendíamos que fazia parte dos planos de Deus.

— Vamos fazer sua matrícula — disse o recepcionista.

Eu o segui até outra sala, também de paredes brancas e limpas, onde um garoto louro estava de pé ao lado de uma mesa. Ele me pediu para esvaziar completamente os bolsos. O menino devia ter minha idade, uns vinte anos talvez, mas exibia um ar de autoridade que me fez pensar que estava ali havia algum tempo. Era esbelto e charmoso, alto e angular, apesar de não ser meu tipo. Por outro lado, eu não sabia direito qual era meu tipo.

Nas noites em que havia me permitido procurar fotos de homens de cueca na internet, eu só conseguira chegar à metade da página. Vira os pixels se agruparem, linha a linha, em um striptease em câmera lenta, mas sentira necessidade de sair do navegador e tentar esquecer o que havia visto, o laptop ainda quente em meu colo. Havia flashes, é claro, vestígios de atração surgindo em minhas fantasias ocasionais — um bíceps musculoso

ali, o V reto de uma pélvis aqui, uma colagem de várias covinhas abaixo de uma série de narizes aquilinos —, mas a imagem nunca se completava.

O garoto louro esperou, batendo o indicador na mesa dobrável entre nós. Enfiei as mãos no bolso e saquei o celular, um Motorola RAZR preto, cuja tela, pequena, se iluminou de repente com uma imagem do lago, a área de natureza obrigatória do meu campus: um agrupamento de bordos em torno da superfície vítrea. O menino louro franziu o nariz ao ver aquilo, como se algo perverso estivesse à espreita sob aquela imagem tranquila.

— Terei que olhar todas as suas fotos — disse. — As mensagens também.

— É o procedimento padrão — explicou o recepcionista. — Todas as fotos vão ser retiradas para uma avaliação da sua sobriedade.

Ele estava citando a seção de Imagens Falsas (IF) do manual, um trecho que, a pedidos, eu precisaria decorar depois.

Pela afirmação de sua identidade de gênero, queremos incentivar todos os clientes, homens e mulheres. Também queremos que cada um busque a integridade em suas ações e aparência. Por isso, quaisquer pertences, características, roupas, ações ou estados de espírito que possam conectar você a um passado não apropriado estão excluídos do programa. Esses entraves são chamados de *Imagens Falsas (IF)*. O comportamento de IF inclui masculinidade exagerada, roupas sedutoras, roupas masculinas (em mulheres), bijuterias em excesso (em homens) e comportamento e modo de falar efeminado ou lésbico.

Olhei para minha camisa branca, para as calças cáqui que minha mãe havia passado para mim mais cedo, as pregas engomadas descendo pelo meio de cada perna. Nada em meu armário ou celular podia ser considerado uma IF. Eu havia garantido isso antes de vir para cá. Conferira meu reflexo no espelho à procura de algum amassado e havia excluído longas trocas de mensagens com amigos, esperando que a barra cinza do comando deletar terminasse de engolir toda a esperança, a ansiedade e o medo que havia compartilhado com as pessoas em quem confiava. Eu me sentia recém-saído do forno, como se pela manhã eu tivesse deixado de lado minha pele antiga e meu “passado não apropriado” ainda estivesse empilhado no chão do quarto, junto com o resto das roupas sujas.

— Sua carteira, por favor.

Obedeci. Minha carteira pareceu muito pequena ali, um minúsculo quadrado de couro que continha grande parte da minha identidade: carteira de motorista, cartão do plano de saúde, do banco. O garoto na foto da carteira de motorista parecia outra pessoa, alguém livre de qualquer problema. Um rosto sorridente no vazio. Não me lembrava de como o Departamento de Veículos havia conseguido fazer com que eu sorrisse de forma tão boba.

— Por favor, esvazie a sua carteira e coloque tudo na mesa.

Meu rosto ficou vermelho. Retirei cada cartão. Peguei um maço de notas de vinte, além de um pedaço de papel quadriculado com o telefone do escritório de admissão, anotado na época em que estava ansioso com a possibilidade de ser aceito na faculdade.

— Que telefone é esse? — perguntou o garoto.

— É do setor de admissões da faculdade — falei.

— Se eu ligar vou ver que você está falando a verdade?

— Vai.

— Não tem nenhum telefone nem fotos de ex-namorados com você?

Odiei o modo como ele falou abertamente de antigos “namorados”, uma palavra que eu havia sempre evitado porque sentia que dizê-la podia revelar minha vergonhosa vontade de ter um.

— Não, não tenho nenhum material não apropriado.

Contei até dez, soltando o ar pelo nariz, e olhei de novo para o garoto. Eu não ia deixar aquilo me afetar, não tão cedo juntamente no primeiro dia.

— Você tem mais alguma coisa nos bolsos?

As perguntas dele me deixaram paranoico. Será que eu havia levado algum objeto não apropriado sem querer? Naquele momento, parecia que tudo em mim era inapropriado, como se eu pudesse ser banido do local simplesmente porque já era sujo demais. O tom dele sugeria que eu estava tentando esconder um amplo passado de comportamentos pecaminosos, mas a verdade era que, apesar de sentir o peso daquele suposto mal, eu tinha poucas provas físicas, e ainda menos experiências, para comprová-lo.

— Tem certeza de que não tem mais nada?

Eu tinha outra coisa, mas esperava não ter que entregá-la: meu diário, onde escrevia todos os meus contos. Apesar de saber que as histórias eram amadoras, que eu estava apenas brincando de ser escritor, estava ansioso para voltar a elas assim que as atividades do dia terminassem. Suspeitei que os longos parágrafos com descrições da natureza, embora tão inócuos

naquele momento quanto eram quando os coloquei no papel, podiam ser vistos como rebuscados demais, femininos demais, outro sinal de minha fraqueza moral. Um dos meus últimos contos tinha até um narrador feminino, uma escolha que dificilmente seria afirmativa do meu gênero.

— Tem isto — falei, segurando o caderninho à minha frente, pouco disposto a colocá-lo na mesa com os outros pertences. — É só um caderno.

— Não permitimos diários — disse o recepcionista, citando o manual. — Todo o resto é distração.

Observei o garoto louro pegar o caderninho, pousá-lo na mesa e começar a folhear as páginas para a frente e para trás, com desinteresse, franzindo a testa. Não me lembro mais que conto ele achou, mas me lembro do jeito com que arrancou as páginas, amassou-as em uma bola compacta e disse, com uma voz livre de emoção:

— Imagem falsa.

Como se isso as resumisse.

— Bom, acho que isso é tudo — disse o recepcionista. — Agora só tenho que revistar você rapidamente e vai estar pronto.

Ele apalpou minhas pernas, passou os dedos entre as pregas da calça, seguiu até meus braços, os punhos da camisa e então, como se quisesse me confortar, deu algumas batidinhas em meus ombros — um, dois, três —, sem tirar os olhos dos meus.

— Vai ficar tudo bem — garantiu ele, os olhos azuis demais fixos nos meus, as mãos ainda pesando em meus ombros. — Todos temos que passar por isso. É um pouco estranho no começo, mas você vai acabar adorando isto aqui. Somos uma grande família.

Eu observei o garoto louro jogar meu conto no lixo. *Senhor, torne-me puro*. Se Deus estivesse mesmo disposto a atender minha oração, jamais faria isso a não ser que eu fosse transparente como uma gota d'água. Amasse a primeira metade da história e jogue-a no lixo. Todo o resto é distração.

* * *

— Pois a recompensa do pecado é a morte — continuou Smid.

O sol da tarde entrava pela porta de correr atrás dele. Toda vez que ele passava por nós, a sombra do suporte central da porta o percorria como o

pêndulo preguiçoso de um metrônomo, marcando o ritmo lento de seu caminhar. Nosso grupo terapêutico estava quieto e imóvel, a respiração calibrada com o andar lento de suas pernas, o ensopado do almoço pesado em nosso estômago. Havia dezessete ou dezoito pessoas no grupo. Algumas estavam ali havia tempo suficiente para saber que deviam se abster educadamente da carne e do queijo processado, outros haviam trazido o próprio almoço e de seus potes com tampas fosforescentes escapavam aromas de atum e maionese. Ao observar os membros mais antigos almoçando, aqueles que estavam na AEA havia dois ou três anos, eu tinha conseguido ver que o recepcionista estava certo, ao menos em parte: era uma família, apesar de disfuncional. Pães sem casca e gelatina verde-água — esse era um grupo tolerante às idiossincrasias alimentares dos outros. As pessoas aceitavam a rotina sem muita vergonha nem agitação, sem os olhares de esguelha que costumam acompanhar grandes grupos que de repente se veem em circunstâncias mais íntimas. Eu era o único que parecia bancar o forasteiro, raspando o macarrão instantâneo sabor carne com o garfo como se não soubesse mais como me alimentar, mal tirando os olhos do prato.

À minha esquerda estava S, uma adolescente estranha, vestida com a saia obrigatória, que mais tarde admitiria ter sido pega passando manteiga de amendoim na vagina para atrair o cachorro.

— Prazer — havia dito ela de manhã, antes que eu tivesse a chance de me apresentar.

S parecia estar sempre pronta para fazer uma reverência, o polegar e o indicador se contorcendo bem junto às pregas da saia de algodão. Ela observou meus pés depois de se apresentar, o olhar fixo na lajota atrás dos meus tênis, e, por um instante, achei que eu devia ter trazido algum tipo de resíduo pecaminoso do mundo exterior.

— Você vai gostar daqui.

À minha direita estava um garoto de dezessete ou dezoito anos, J, que usava calça jeans da Wrangler, um sorriso irônico de caubói e, no cabelo, um penteado ao estilo dos universitários de fraternidade, a franja perigosamente longa caindo sobre os olhos castanhos acolhedores. J não parava de se gabar de ter decorado todas as oito “passagens reparadoras” da Bíblia, chamadas assim em virtude de seu poder de condenar a homossexualidade e defender as relações heterossexuais tradicionais.

— Eu leio as oito toda noite — dissera J, a voz séria, mas também um pouco brincalhona.

Ele agarrara minha mão em um cumprimento firme e experiente. Parecia haver milhares de apertos de mão por trás daquele, cada um fortalecendo a pegada de J para que estivesse forte o bastante para ser aprovado naquele teste básico de masculinidade.

— Também decorei capítulos inteiros — acrescentou.

Quando nossas mãos se separaram, pude sentir o suor dele resfriar a palma da minha mão. *Abraços e contato físico entre clientes são proibidos*, lembrei-me do manual. Só rápidos apertos de mão são tolerados.

— Meu favorito? — disse ele, sorrindo. — “Não te deitarás com varão, como se fosse mulher; é abominação.”

Mais tarde, ele me falaria mais sobre sua interpretação daquele versículo “reparador”:

— Abominação — diria ele, puxando a franja para trás com um movimento lento dos dedos, as meias-luas brancas das unhas brilhando, grandes e claras. — É uma palavra doida. Em hebraico, é *to'e'va*. Pode se referir tanto a camarões quanto a uma relação homossexual. Aquele monte de perninhas nadando na água salgada assustavam os israelitas, sabe? Eles achavam que não era natural.

Os outros membros do grupo eram homens e mulheres adúlteros, ex-professores de ensino médio ou educadores de algum tipo envergonhados por boatos sobre sua sexualidade e adolescentes mantidos ali contra sua vontade, como parte do Programa de Refugiados, um ramo controverso cujo público-alvo eram pais que achavam que mandar os filhos para a instituição era sua única opção.

A maioria era do Sul, de alguma região do chamado Cinturão da Bíblia. A maior parte das nossas histórias era extremamente parecida. Todos havíamos recebido ultimatos que não existiam para outras pessoas, tinham nos imposto condições quase sempre distantes do amor entre pais e filhos. Em algum momento, todos nós tínhamos ouvido um “mude isso ou então...”. Ou então ficaríamos sem casa, sem dinheiro, seríamos excomungados, e Livross. Todos havíamos demonstrado medo demais para passar despercebidos; todos havíamos ouvido contos moralistas sobre drogados, viciados em sexo, pessoas que acabaram morrendo nas garras da aids em alguma sarjeta da Costa Oeste. A história sempre terminava assim. E nós acreditávamos nela. E, quase sempre, o que consumíamos das mídias

corroborava isso. Era muito difícil achar um filme que falasse abertamente sobre homossexualidade em um cinema de cidade pequena e, quando isso acontecia, quase sempre terminava com alguém morrendo de aids.

Eu estava ali como parte da Fonte, um programa experimental de duas semanas que determinaria a duração da terapia de que eu ia precisar. A maioria dos pacientes precisava de pelo menos três meses de residência, normalmente mais. Em muitos casos, universitários como eu interrompiam os estudos por pelo menos um ano, para se distanciar de más influências. Muitos ficavam ainda mais tempo longe. Na verdade, a maior parte da equipe era formada por ex-pacientes que estavam na AEA havia pelo menos dois anos e que tinham preferido ficar dentro da instituição a voltar às antigas vidas. Para receberem permissão de trabalho ali dentro, ex-pacientes precisavam arrumar empregos pré-aprovados, serem capazes de se manter financeiramente, conversar apenas com pessoas cujo caráter e status haviam sido aprovados pela equipe e ficar longe da internet e de outros “espaços seculares” — inclusive “shoppings” ou “livrarias não cristãs”. Como os pacientes não podiam se afastar demais da sede da AEA, os grupos de apoio se tornavam o foco de todas as suas atividades, e o caminho, a verdade e a vida de que Jesus falara no Novo Testamento, a única trilha verdadeira para o amor de Deus.

Passadas essas duas semanas, a equipe da AEA e os meus pais determinariam a quantidade de tempo necessária no meu caso. Como o nome sugeria, a Fonte era o manancial no início de uma jornada longa e difícil.

* * *

— Conte o que você fez, T — pediu Smid, dando início à Partilha em nossa sessão vespertina. — Você tem que admitir o que fez para que não aconteça de novo.

T, um homem de meia-idade obeso que usava vários cardigãs pretos, foi até a frente do grupo, pálido, para confessar que tinha tentado o suicídio mais uma vez.

Era a sétima tentativa de suicídio de T desde que ele entrara no programa. Tinha tentado comprimidos, facas, tudo que havia encontrado.

— Típico — sussurrou J, aproximando-se de mim, o hálito quente fazendo cócegas em meu pescoço. — O cara está implorando por atenção. Vários problemas com o pai.

T pareceu se encolher dentro dos cardigãs, a metade escondida do corpo parecendo muitíssimo negra contra a palidez do rosto. O que quer que o tivesse destruído a princípio o havia deixado muito tempo antes, mas a AEA tentaria trazer aquilo à tona outra vez.

— Quem dentre nós vai atirar a primeira pedra? — perguntou Smid, virando-se para o grupo. — Todos nós pecamos e não estivemos à altura da glória de Deus.

Aceitar o compromisso era meio caminho andado na luta por um estilo de vida ex-homossexual. Era preciso *querer* mudar. Querer mudar a ponto de preferir morrer a continuar igual, senão você jamais passaria do Primeiro Passo: admitir o erro. Pré ex-gays como T se sentiam incapazes de mudar, disse Smid, porque problemas familiares profundos os impediam de se aproximar de Deus.

— O suicídio não é a resposta — disse ele. — A resposta é Deus. Simples assim.

— O que eu fiz foi errado — continuou T, enfiando as mãos rosadas pelas cicatrizes no cardigã exterior, como se repetisse um roteiro. — Eu sei que, com a ajuda de Deus, posso aprender a enxergar que a minha vida tem valor.

J tossiu, escondendo uma risada no punho fechado. *Não conte com isso.*

Quando T finalmente se sentou, todos dissemos:

— Eu te amo, T.

Era uma exigência do programa, a nona regra da sessão de Regras do Grupo: *Quando alguém do seu grupo parar de falar, diga: “Eu te amo, XXX.”*

Como todos os filhos de Deus são iguais, nossos nomes eram intercambiáveis.

— Eu te amo, T — disse Smid.

* * *

Embora eu não soubesse disso na época, Smid tinha dado conselhos diferentes antes. Fazia uma década que ele enfrentava a repercussão

negativa do programa, reflexo de um suposto conselho dado por ele a um dos primeiros jovens a participar. De acordo com o *Family & Friends*, um jornal de Memphis, Smid dissera ao jovem que era melhor ele se matar do que viver sendo homossexual.

Desde então, segundo cálculos de vários blogs especializados no assunto, o número de suicídios causados pelo tratamento da AEA chegava a entre vinte e trinta casos, embora fosse um número impossível de precisar.

E a polêmica não terminava por aí. De acordo com uma entrevista dada ao *Daily Beast* por Peterson Toscano, ex-paciente de Smid que havia participado das reuniões no fim dos anos 1990, a AEA também havia sido responsável por encenar o enterro de um “possível desertor”, um jovem de dezenove ou vinte anos que achava que seria melhor se mantivesse um estilo de vida abertamente gay fora da instituição. Os membros da AEA haviam ficado de pé diante do corpo deitado do garoto e falado sobre como “era horrível que ele não tivesse continuado com Deus. Agora vejam onde ele está. Morto porque foi embora”. Haviam lido obituários falsos que descreviam o rápido declínio do garoto até a contaminação pelo HIV, depois aos sintomas da aids e tinham chorado por ele. E isso continuara até o garoto estar realmente convencido de que seu comportamento pecaminoso o levaria à morte sem qualquer esperança de ressurreição. O menino por fim fugiu da AEA, mas apenas anos depois e, de acordo com uma conversa que tive com Toscano, levando consigo uma bagagem de danos psicológicos.

Era nosso medo da vergonha, seguido pelo medo do Inferno, que realmente evitava que cometêssemos suicídio.

* * *

Smid terminou o discurso e, em silêncio, esperou ver na expressão em nossos rostos que tínhamos registrado a importância do Primeiro Passo. Depois de vários longos segundos, dispensou os grupos, com uma única palma. O som foi um choque. Eu me levantei e me espreguicei, depois passei pelas portas de vidro e continuei seguindo até a varanda, sentindo que poderia andar por horas, dias, semanas. Os outros vieram logo atrás, os sapatos arranhando o concreto.

Eu queria conversar mais com J, que parecia um cara relativamente legal, alguém que não estava ali havia tempo suficiente para esquecer como

havia sido seu primeiro dia. Mas J ficou sentado do lado de dentro, e, quando vi, eu estava parado na ponta da varanda, sozinho. Avistei S de pé do outro lado do vidro, ajustando a saia e lançando um sorriso tímido na minha direção. T ainda estava sentado na ponta do nosso semicírculo, o olhar fixo em um pedaço de concreto próximo dos meus pés, onde alguns passarinhos fulvos ciscavam migalhas deixadas por um dos membros do grupo. Ele esticou as mãos em concha como se estivessem cheias de comida para os pássaros, como se fosse espalhar uma trilha de migalhas da porta até onde estava sentado.

* * *

— Certo — disse Smid, andando até o quadro branco da parede oposta. — Alguém sabe me dizer o que é um genograma? — perguntou, batendo as mãos. — Alguém?

Smid pegou uma caneta preta da bandeja prateada na base do quadro.

S endireitou os ombros e ergueu uma das mãos, a outra puxando a saia para cobrir os joelhos vermelhos. Eu logo aprenderia que essas eram as regras dois, quatro e seis da seção de Regras de Grupo descrita no manual: “(2) Não fique jogado nos assentos, não fique apoiado apenas nas pernas traseiras da cadeira, não cruze os braços nem fique revirando os olhos ou fazendo cara de nojo; (4) Levante a mão para falar; (6) Clientes devem se sentar de maneira a evitar que outras pessoas tropecem”. Ela obviamente estava ali havia tempo suficiente para ter domado a maioria de suas Imagens Falsas.

— Diga — pediu Smid.

— Um genograma é uma árvore genealógica que também mostra padrões no histórico familiar — disse ela. — Como uma genealogia ilustrada.

Ou uma lista de personagens, pensei, lembrando-me de quantas horas havia passado no alojamento tentando estabelecer em meu caderno a árvore genealógica de *O Morro dos Ventos Uivantes*, com anotações como “a Cathy má” escrita ao lado dos nomes dos personagens. Fiquei me perguntando se conseguiria recuperar meu caderno.

— Boa resposta — disse Smid, escrevendo as palavras “Árvore genealógica / Genealogia” em grandes letras cursivas no topo do quadro e

depois se dirigindo novamente a nós: — Podemos acrescentar algo?

Eu me remexi na cadeira estofada. Sempre sentia esse nervosismo em sala, essa necessidade de dar fim ao silêncio que seguia uma pergunta, independentemente do quão inadequada minha resposta pudesse ser. Eu também queria impressionar meus companheiros de grupo. Queria mostrar a eles o quanto sabia, deixá-los ver como eu era mais inteligente, como eu não cometia erros de digitação óbvios, como eu não pertencia àquele lugar, não de verdade. Eu estava só de passagem e logo, logo acharia a saída.

— Foi um bom chute, S — disse Smid.

Ele então pegou uma pilha de cartolinas com o garoto louro e a entregou a T, que pegou uma e passou as demais para a frente.

— Um genograma mostra padrões hereditários e comportamentos pecaminosos em nossas famílias. Ele não mostra só a genealogia, mas a história por trás do nosso comportamento pecaminoso atual — esclareceu.

Smid andou de volta até o quadro. Tirou a tampa da caneta com um floreio. Primeiro escreveu um *A* para alcoolismo. Depois escreveu *P* para promíscuo. Foi preenchendo o quadro com letras pretas grossas que deveríamos usar como código em nossos genogramas. *H* para homossexualidade, *D* para drogas, *\$* para vício em jogo, *M* para doenças mentais, *Ab* para aborto, *G* para envolvimento com gangues, *Po* para pornografia. Tentei ignorar a falta de paralelismo na lista de Smid, uma regra de estilo básica que havia aprendido na aula de inglês no ensino fundamental. O meio, disse a mim mesmo, não tinha que ser sempre perfeito. J pegou uma das cartolinas e passou a pilha para mim. Pude sentir a mão dele tremer durante a troca. Coloquei minha folha sobre o carpete bege aos meus pés.

Smid se virou para nos encarar, recolocando a tampa na caneta.

— Traumas costumam estar ligados a um pecado geracional — disse. — Temos que entender de onde esse pecado veio. Como ele passou de pai para filho, de mãe para filha.

Reconheci a ideia de um versículo bíblico popular na igreja da minha família: Êxodo 20:5.

Porque eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a maldade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem.

O garoto louro entregou a todos um conjunto de lápis de cor presos com um elástico. Os veteranos do nosso grupo sentaram-se no chão para começar o projeto diário, levando as cartolinas com eles. Eu logo os segui, acostumado a passar horas ajoelhado no altar encerado da igreja de nossa família, pedindo que Deus me transformasse. Eu havia passado dezoito anos da minha vida frequentando a igreja três vezes por semana, atendendo ao chamado do altar com meu pai e outros homens, tentando acreditar em uma interpretação literal da Bíblia.

— Os padrões compulsivos dos pais influenciam os filhos — continuou Smid. — Essa é a fonte mais comum do pecado sexual.

Nossos genogramas coloridos nos diriam onde tudo havia começado a dar errado. Rastrearíamos nossa genealogia até um ponto distante e nós encontraríamos se não a resposta para nossos pecados sexuais, ao menos alguma noção de qual galho morto e depravado de nossa árvore genealógica havia sido o responsável.

Pus a folha sobre o carpete para poder ficar mais perto de J. S passou os olhos por mim quando fui até ele, mas fingi não notar.

J cutucou minhas costelas com um lápis vermelho, deixando uma marquinha na camisa branca. O peso do meu olhar percorreu seu longo braço musculoso até seu punho cheio de veias arroxeadas. Seu lápis desenhava uma seta vermelha e ondulada de violência de seu pai contra sua mãe.

— Aposto que é isso — disse.

A voz dele era tão monótona que era difícil saber se estava falando sério ou apenas regurgitando o jargão da AEA. Imaginei que a ironia talvez fosse parte importante de sua personalidade pré-instituição. Pensei que teria gostado mais dele fora dali.

— Aposto que parte dessa violência me fez ser gay. Ou pode ter sido o *D* do meu pai. Ou talvez minha mãe tenha feito um *Ab* antes de eu nascer.

Eu me perguntei como uma pessoa podia saber tanto sobre a própria família. Meu clã mantinha a boca fechada. Quando escapavam detalhes do nosso passado, isso se dava apenas em explosões acidentais ou em código.

— Eu não sei por onde começar — falei, olhando fixamente para a cartolina em branco.

Eu experimentava essa dificuldade toda vez que me sentava para escrever, mas aos poucos eu começava a ficar melhor naquilo. Relaxando a

cabeça, eu conseguia entrar em minha pisque por uma porta lateral, me sentar de pernas cruzadas e examinar os hieróglifos.

— Comece com o pior — disse J, sorrindo —, a não ser que *você* seja o pior.

* * *

Era difícil montar uma árvore genealógica a partir de lembranças da primeira infância. A vida do meu pai havia preenchido um vazio em nossa mitologia familiar desde o momento em que ele fora chamado para ser pastor. A importância dele na nossa cidade e na nossa comunidade parecia sobrepor tudo que sabíamos sobre nós mesmos. Eu era o Filho Dele. Minha mãe era a Esposa Dele.

As pessoas sempre haviam considerado meu pai um crente devoto, mas, aos cinquenta anos, ele dera um novo passo quando, trêmulo e aos prantos, tropeçando pelo corredor da igreja, ele se ajoelhou junto com toda a congregação até nosso pastor declarar que Deus havia chamado meu pai ao ministério.

— Eu não tinha objetivo antes de encontrar minha vocação — repetira meu pai semanalmente, atrás de púlpitos por todo o estado do Arkansas, até minha mãe e eu começarmos a acreditar nele e a aplaudir junto com a plateia. — Eu não era nada. Mas Deus me curou. Ele me tornou inteiro. Deu-me um objetivo.

Dali a menos de uma semana, no meio do curso da Fonte, minha mãe e eu planejavamos ir da sede da AEA até a ordenação do meu pai como pastor da Igreja Batista Missionária, onde pediriam que ficássemos com ele em um palco amplamente iluminado, diante de uma congregação de mais de duzentas pessoas. A viagem já havia sido pré-aprovada pela equipe e considerada essencial para a minha melhora, uma verdadeira oportunidade de testar minha devoção à causa. Na igreja, era esperado que minha mãe e eu nos déssemos as mãos e começássemos a chorar no momento apropriado. Membros importantes da Associação Batista Missionária dos Estados Unidos viajariam de todo o Arkansas para entrevistar o homem que, muitos sugeriam, podia ser o próximo Pedro, o próximo Paulo, o homem cuja bússola moral podia acertar as coisas para os batistas, conduzir a uma crença maior no caráter inequívoco da Bíblia, diluir muitos dos

problemas complexos que haviam começado a assolar a associação. Questões como o divórcio, a coabitação e — a mais urgente —, a homossexualidade.

— Apenas pense em quem você é — disse J.

Ele fazia os ajustes finais em sua cartolina. Parecia tão acostumado àqueles exercícios que teria desenhado os símbolos de olhos fechados.

— Pense no seu histórico familiar.

Comecei escrevendo os nomes dos meus bisavós no topo da cartolina, seguidos pelos dos meus avós e depois dos meus pais. Ao lado deles, acrescentei tias e tios e todos os meus primos. Bem na base, em uma letra levemente menor, coloquei o meu nome. Segui os códigos do genograma da melhor maneira possível, colocando apenas um ou dois símbolos ao lado do nome de cada parente. O avô alcoólatra: *A*. A avó que se divorciou dele por causa do alcoolismo: uma linha com dois traços diagonais. Os dois avós que morreram em sequência: dois *X*. A tia cujos dois primeiros maridos morreram em quedas de avião a caminho de Saigon e que depois se casou outra vez e se divorciou: uma linha com dois traços diagonais. O tio viciado em drogas, álcool e jogo: *D*, *A* e *\$*, respectivamente.

Enquanto traçava minha árvore genealógica, colorindo as caixinhas, setas e símbolos textuais, o genograma começou a fazer sentido. Dava uma sensação de segurança culpar as pessoas que haviam nascido antes de mim, atribuir um símbolo a cada uma delas e com isso apagar todas as suas demais características. Eu poderia colocar um *H* ao lado do meu nome e todo o resto deixaria de importar. Se me perguntasse por que tinha ido parar naquele piso acarpetado com um grupo de estranhos, poderia simplesmente elencar os pecados familiares, dar de ombros e passar para a atividade seguinte sem mais perguntas. Toda a confusão a respeito de quem eu era e por que minha vida havia me levado até aquele momento poderia ser dobrada junto com a cartolina do genograma pronto, colocada dentro de uma pasta e guardada em um dos muitos arquivos da AEA.

— Parece que você tem muitos *A* nos dois lados da família — disse J, admirando minha cartolina, a voz monótona. — Isso deve ter afetado muito sua mãe e seu pai. Dizem por aí que os maiores pecados pulam uma geração. Você deve ser *muito* gay.

— Que saco... — falei, olhando para cima para garantir que ninguém havia me ouvido porque mesmo os palavrões leves eram estritamente proibidos. — Imagino que vou levar um bom tempo para me curar.

Smid parou entre nós dois, observando nossas cartolinas.

— Bom trabalho — disse, dando tapinhas nas minhas costas.

Leves e frias, as pontas de seus dedos mal me tocaram. Mais tarde eu sentiria o toque dele outra vez, em meu cotovelo, para corrigir minha postura exagerada de mãos na cintura, substituindo-a por algo mais heterossexualmente apropriado, uma postura Cro-Magnon curvada, popular em cidades pequenas do Sul, como aquela na qual cresci.

— Mas não quero ouvir esse tipo de coisa de novo — acrescentou ele, a voz mais baixa, um tom grave de barítono afetado pelo esforço. — Somente a linguagem de Deus é tolerada aqui.

Ouvi S rindo baixinho atrás de mim.

— Novato — sussurrou ela.

— Porra nenhuma — respondi.

O palavrão soou como um tapa, mas ela se recompôs rapidamente e riu outra vez, alto o bastante para chamar a atenção de Smid de novo.

Pensando agora, acho que ela deve ter ficado feliz por ao menos uma vez não ter sido alvo da zombaria de todos na sala, por poder se livrar da atenção de pessoas que se consideravam sortudas por conhecerem alguém como ela, que escondia um segredo ainda mais vergonhoso. Por um segundo, S deve ter ficado feliz com o fato de as pessoas terem parado de imaginá-la deitada de barriga para cima na sala de estar entulhada de um trailer, o pote de manteiga de amendoim como uma mancha escura sobre o balcão da cozinha, seus pais entrando pela porta e encontrando a filha tão alterada que não conseguiram reconhecê-la.

— Faça isso com calma — disse Smid, voltando até onde eu estava. — Você vai querer que o resultado seja correto.

Pus o lápis atrás da orelha e observei o genograma incompleto, tentando me lembrar dos pecados dos meus pais. Fiquei ali sentado até o tempo designado para a atividade acabar, com medo de escrever algo que não poderia apagar.

OS NEGOCIADORES HONESTOS

Os homens estavam reunidos no showroom, as solas dos sapatos de couro rangendo contra o piso. A chuva da noite anterior havia acumulado vários centímetros no índice pluviométrico, centímetros agora reunidos nos buracos no concreto das entradas de suas casas, acomodados nas borrachas que vedavam as portas de seus carros, transbordando pelos reservatórios escondidos abaixo do piso. Era como se o homem do tempo, com seu sotaque experiente do Meio-Oeste, tivesse se enganado e a chuva não tivesse caído. As ruas estavam secas como sempre e, na bruma da segunda ou terceira xícara de café da manhã, aqueles homens talvez nem tivessem notado nada de diferente não fosse pelo barulho dos sapatos, um ruído que demonstrava que as atividades noturnas haviam continuado sem eles.

— Estou dizendo a vocês. É o Fim dos Tempos — dizia o Irmão Nielson.

Dois homens o ajudaram a mancar até o sofá de couro preto no canto do showroom. Enquanto passava por seu reflexo no Mustang vermelho estacionado no meio da loja, o Irmão Nielson sorriu rapidamente para sua forma desajeitada, depois desviou o olhar.

— Uma guerra no Oriente Médio. Por quê? Por que a gente simplesmente não taca umas bombas em cima deles?

O Irmão Nielson era um homem muito respeitado pelos vinte anos de trabalho duro como diácono da Igreja Batista Missionária local. À medida que sua saúde decaía e seu corpo calcificava lentamente, seu status de pilar da igreja e da nossa pequena cidade no Arkansas se tornava mais evidente. Mas, no fim, o caminho para o respeito lhe havia custado a vaidade.

— Eu tinha todas as mulheres que se pode imaginar — costumava dizer ele. — Centenas delas. Faziam fila. De todo tipo imaginável.

Agora a barra de sua calça cáqui pendia atrás dos sapatos, enxugando as trilhas d'água que os outros homens haviam deixado ao passar.

— Não sei por que as pessoas têm que complicar tanto as coisas. A CNN quer que a gente ache que não devia sequer ter entrado lá. Esse pessoal não

sabe que Jesus vai voltar a qualquer momento? — perguntou ao desabar no sofá com um ruído emborrachado. — Eu consigo sentir isso profundamente.

Havia algo que meu pai e outros homens gostavam de falar sobre o Evangelho: Deus só tem tempo para negociadores honestos. Fale o que pensa e fale de forma clara.

— Não existe uma área neutra — gostava de dizer meu pai. — Não há zona de sombra. Não há meios-termos.

Eu os observei da porta da sala do meu pai, uma das mãos segurando um volume encadernado em couro da Bíblia de King James, a outra agarrando o batente de madeira. Em menos de cinco minutos, eu me ajoelharia com eles diante do sofá e guiaria meu pai e seus funcionários no estudo matinal da Bíblia pela primeira vez. Desde que meu pai se mudara para aquela cidade, vários anos antes, para cuidar de uma nova concessionária da Ford, fizera uma sessão de estudo bíblico toda manhã. Como a maioria dos membros da igreja que conhecíamos, ele estava preocupado com a falta de orações nas escolas e nos estabelecimentos e acreditava que o país, apesar de chefiado por um presidente protestante, tentava constantemente arrancar toda a glória original de Cristo da vida diária de seus cidadãos, especialmente quando o assunto eram coisas como o Juramento à Bandeira e as festas de Natal, que, dizia-se sempre, estavam sendo atacados. Como minha mãe, meu pai havia crescido na igreja, e, como só havia uma no lugar em que os dois moraram a maior parte da vida, minha família sempre fora Batista Missionária, preocupada em levar fiéis ao Senhor. *Porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles.* Meu pai entendia esse versículo de maneira literal, como a maioria dos Batistas Missionários, e, como todos os evangélicos, acreditava que quanto mais almas pudesse reunir em nome de Jesus, mais almas seriam salvas do fogo eterno. Duas almas era o mínimo, três era um número adequado, mas nove, dez ou mais era ainda melhor.

— Quero levar pelo menos cem almas ao Senhor antes de morrer — repetia ele para mim quase todos os dias.

Trabalhar para ele como vendedor de carros todo verão me mantinha a uma distância respeitável da salvação de almas. Aos dezoito, eu ainda não havia feito nenhuma tarefa ministerial de verdade. Apesar de nunca ter dito isso abertamente, todo verão meu pai exigia que eu fizesse o tipo de trabalho manual que ajudaria a me tornar um sulista viril normal, coisas que

me fariam esquecer minhas qualidades literárias e femininas. Meus companheiros de trabalho eram latas de spray selante, ceras para polimento, reparadores de arranhões e um gel para polir pneus. Líquidos cor-de-rosa, roxos e amarelos que eu mal conhecia, a não ser pelo cheiro e pela sensação quando penetram minha pele bronzeada. Ao fim do dia, também os reconhecia na espuma que se formava e escorria pelo ralo do chuveiro. Quando meu pai me perguntava para quantos clientes eu havia testemunhado no estacionamento, eu conseguia sorrir e dizer:

— Não acho que o lava-jato tenha alma, apesar de fazer aqueles zumbidos doidos.

E meu pai conseguia responder, antes de virar a cara para mim:

— A gente tem que consertar aquela coisa.

Mas, quando o assunto era o estudo bíblico matinal, piadas não me salvavam. Eu tinha que me sair bem ou decepcionaria meu pai diante de outros homens. Como era visto como uma extensão dele — *Você vai ficar igualzinho ao seu pai; mal posso esperar para ver que talento o Senhor deu a você* —, todos esperavam que meus lábios enunciasses grandes verdades. Vinho dos jarros de Canaã: o que estava vazio seria repentinamente restaurado, a festa de casamento continuaria, os discípulos passando a crer em milagres.

Na hora do almoço no Timberline, um dos únicos restaurantes da cidade composto por um salão enorme de paredes de madeira cobertas por velhos serrotes e lâminas enferrujadas três vezes maiores que minha cabeça, minha mãe se juntava a nós e meu pai ficava observando os outros clientes. Então suspirava, um som ferido que deixava sua voz baixa ao dizer:

— Quantas dessas almas vão direto para Inferno? — perguntava.

E, antes de sairmos do restaurante, ele dava seu show, pagando o almoço de todos. Levantava-se de nossa mesa, tirava a garçonne do seu trajeto automático pelo mar de rostos manchados de gordura e sussurrava o pedido na orelha dela. Enquanto os clientes passavam por nós, minha mãe e eu ficávamos parados perto da entrada, esperando que ele terminasse de pagar. Às vezes um deles ia até meu pai e reclamava da caridade. Então meu pai dizia algo como:

— O Senhor me abençoou. Ele também vai abençoar você se deixá-Lo entrar em seu coração.

Na maioria das vezes, os clientes permaneciam à mesa, deixando o cheiro de fígado de galinha frito impregnar suas calças, camisetas e

folículos, alheios até a hora da conta, quando então encaravam a garçonete com olhos estreitos, como se de algum modo ela pudesse ser responsável por sua vergonha. Ninguém naquela pequena cidade do Sul gostava de sentir que devia algo e ninguém sabia disso melhor do que meu pai.

* * *

Sacudi o batente da porta do escritório do meu pai até quase desprendê-lo, ouvindo o Irmão Nielson e os outros estabelecerem um ritmo regular de conversa. Muitos dos funcionários da concessionária frequentavam nossa igreja, alguns mais devotos, outros talvez exagerando sua fé por causa do meu pai. No entanto, todos eram meus Irmãos, um nome dado pelos Batistas Missionários a quaisquer seguidores de Cristo. Irmãos e Irmãs a serviço do mesmo Pai, em nome do Filho. De onde eu estava não era possível entender o que diziam, mas era possível sentir o discurso animado quase como uma dor, cada sílaba um zumbido alto, um bater de asas apressado.

— Teve outro terremoto hoje de manhã — disse meu pai. — Vocês estão prontos para o Arrebatamento?

Eu podia ouvi-lo digitar no computador atrás de mim, uma tecla de cada vez, acrescentando movimentos de seu metrônomo interno ao tique-taque do relógio cromado e polido sobre a mesa. Pouco antes, ele havia trocado a conexão telefônica de 56k da concessionária por uma a cabo de alta velocidade e, toda manhã, lia voando as manchetes do *Yahoo!* à procura de possíveis evidências do Armagedom. Um terremoto que havia matado centenas em algum lugar da cordilheira de Indocuche. Um cerco à Basílica da Natividade. Os Estados Unidos invadindo o Afeganistão. Tudo isso estava relacionado às previsões descritas nos sonhos de São João, no Livro do Apocalipse. Uma lógica simples guiava essas buscas: se todas as palavras da Bíblia tivessem que ser entendidas de maneira literal, então as pragas e incêndios do testemunho de São João com certeza eram as pragas e incêndios das notícias atuais. A única coisa pela qual podíamos torcer naquele Fim dos Tempos era para que o país anunciasse sua fidelidade a Jesus antes de o Arrebatamento começar. Que alguns de seus erros fossem corrigidos, que continuássemos a eleger fortes republicanos renascidos para a presidência.

— Estou pronto — falei, virando-me para ele.

Eu imaginei o terremoto que se aproximava, os carrinhos de metal alinhados nas prateleiras do escritório caindo no chão, suas portinhas minúsculas rangendo, as dobradiças rachando. Para alguém que havia montado quatorze carros sozinho, para um homem que se vangloriava de ter vencido uma competição nacional de montagem de carros em Evanville, Indiana, com seu Ford 1934 verde-água, meu pai estava pronto — até ansioso — para ver todo o seu trabalho ser destruído no instante em que as trombetas soassem. Ele não fazia nada pela metade. Quando decidira montar carros, não se contentou em montar apenas um, mas quatorze. Quando decidira trabalhar em tempo integral para Deus, fizera isso da única maneira que sabia que não colocaria em risco o bem-estar material de sua família: transformando seu negócio no negócio de Deus. Seu ídolo era Billy Graham, um evangelista capaz de manejar tão bem a esfera pública que havia conseguido moldar todo o clima político do país sussurrando palavras para nada menos que onze presidentes. Antes de meu pai se tornar pastor da própria igreja, sua pequena influência espelhava a de Graham em termos de intensidade. Membros da polícia da nossa cidade, que comprava do meu pai seus Crown Victoria brancos e quadrados, nunca saíam da concessionária sem uma bronca: ao colocar os pés para fora, deveriam pôr ordem na cidade — e, sobretudo, ajudar a espalhar o Evangelho para os não crentes.

— Temos que ser vigilantes — disse meu pai sobre o monitor do computador. — Pois falsos Cristos e falsos profetas surgirão e eles nos mostrarão grandes sinais e maravilhas.

Ele clicou no mouse várias vezes com a mão grande demais, a mão que conseguia desmontar um carburador, mas cujas extremidades de pele grossa e queimada o impediam de mexer em um computador com facilidade.

* * *

Vários anos antes de eu nascer, meu pai havia parado no acostamento da rodovia que passava pela nossa cidade para ajudar um homem cujo carro quebrara. Quando meu pai se arrastara para baixo do motor a fim de investigar o problema, o estranho virara a chave, incendiando a gasolina que vazava do carburador. Essa ignição espalhara queimaduras de terceiro grau pelo rosto e pelas mãos do meu pai. Suas terminações nervosas

ficaram tão destruídas que meu pai se tornara capaz de deixar uma das mãos sobre a chama de uma vela por trinta segundos ou mais, até que minha mãe ou eu berrássemos para que parasse. Quando eu era bebê, sofrendo com as cólicas, ele me acalmava sentando comigo em uma cadeira de balanço e aproximando uma vela do meu rosto. Ele pressionava a palma da mão contra o topo do candelabro até o fogo quase apagar e repetia o gesto até eu me cansar e deixar a cabeça pender contra seu peito. O tempo todo ele me acalentava com uma das muitas canções de ninar que havia inventado.

*Ele é um grande amigo meu
Não há amigo melhor do que eu
Ele é um cara legal
É um velho amigo
É um grande amigo meu*

Em alguns momentos de sua vida, meu pai deve ter se perguntado por que o estranho havia girado a chave. Ele deve ter se perguntado por que qualquer pessoa faria tal coisa.

— Não importa o que você faça — dissera meu pai, dando a volta no carro do estranho para examinar o motor —, não gire a chave.

Deve ter havido algum problema de comunicação, algo naquele estranho que dissesse que ele podia dar a partida no exato instante em que o Bom Samaritano se arrastara para baixo de seu para-lama. Qualquer que tenha sido a motivação, o estranho não hesitou.

Minha mãe mais tarde me contou que, quando meu pai aparecera à porta, as roupas cobertas de cinzas, o rosto parcialmente queimado e todo o corpo trêmulo, a primeira reação dela tinha sido pedir que ele ficasse do lado de fora. Ela estava aspirando o carpete. A princípio pensara que ele estava simplesmente coberto de sujeira.

— Saia daqui — dissera ela. — Espere até eu terminar de aspirar.

Horas depois, parada ao lado da cama de hospital de meu pai, esperando que a mão dele ficasse boa o bastante para que pudesse ao menos tocar em alguma parte dele, ela sentira pena e medo, não amor. Pena por um homem que arriscava a vida por estranhos sem pensar duas vezes; medo por ter vivido com um homem que um dia fora bonito, um ex-zagueiro de futebol americano de vinte e poucos anos com o furo no queixo e as covinhas de John Travolta em *Os embalos de sábado à noite*, mas que agora se

transformara — no quê? Ninguém sabia dizer exatamente. Os curativos seriam retirados semanas depois e só então os médicos saberiam se os enxertos de pele formariam algo remotamente parecido com o antigo rosto dele.

* * *

— São terremotos demais para acompanhar — disse meu pai.

Ele jogou o mouse em uma pilha de papéis ao seu lado e estalou todos os dedos.

— Mas não precisamos de abrigo quando usamos a Armadura de Deus.

Ele apontou para a Bíblia em minhas mãos.

— Realmente — respondi.

Imaginei gafanhotos de armadura descendo das nuvens em espirais. Multidões de não crentes com os corpos tomados por escaravelhos de casca prateada. E, em algum lugar da minha consciência, o início de uma ideia que havia começado a me afligir havia pouco: eu podia ser um deles.

* * *

Aos dezoito anos, eu ainda não havia saído do armário e mantinha um compromisso pouco animado com minha namorada, Chloe, cuja predileção por beijos de língua fazia meu estômago revirar. Uma semana antes, sentados em meu carro diante da casa dela, Chloe havia posto a mão em minha perna. Eu me afastara dela e dissera:

— Está muito frio aqui.

Então aumentara o aquecimento, voltando para o banco do carona, desejando que houvesse um botão de ejeção. Naquele momento, vivi minha própria fantasia de Armagedom: o botão afundado de um rádio, um insurgente encapuzado se afastando calmamente dos destroços que voavam, pedaços da minha camisa de flanela sendo lançados no ar por asas em chamas, um policial de pescoço grosso vasculhando os restos queimados da explosão atrás do elástico de cabelo roxo de Chloe.

— Além disso — falei, pensando que aquele momento talvez levasse a mais intimidade do que já havíamos permitido —, a gente tem que esperar até se casar.

— É verdade — respondeu ela, puxando a mão de volta.

Como já estávamos juntos havia um ano e meio, a congregação esperava que nos casássemos antes de sermos transformados pelos muitos anos de faculdade que viriam. No início daquele verão, tínhamos viajado para a Flórida com minha mãe e minha tia. Quando estávamos saindo, a mãe de Chloe havia se inclinado à janela do motorista para fingir sussurrar na orelha da minha mãe.

— Você sabe que tudo vai mudar depois disso, não sabe? — perguntara ela. — Todos vocês no mesmo quarto de hotel. *Tu-do*.

Mas nada havia mudado. Chloe e eu havíamos fugido à noite com a caixa de vinho da minha tia para nos sentar ao lado da piscina iluminada e observar as ondulações da água baterem na cobertura de plástico, uma maré raivosa pulsando em algum lugar da escuridão à frente. Eu havia começado a pensar que não precisávamos ser nada além de amigos. Chloe me fizera sentir completo de um modo que ninguém mais havia feito. Ela fazia com que fosse divertido caminhar pelos corredores da escola, ver os olhares de aprovação no rosto das pessoas. Eu via nos olhos dela um amor verdadeiro, que talvez um dia pudesse retribuir. Quando nos conhecemos na igreja, o sorriso dela havia sido tão genuíno que eu decidira chamá-la para sair já no fim do culto e rapidamente estabelecemos uma rotina feliz. Assistir a filmes, ouvir música pop, jogar videogames, ajudar o outro a terminar o dever de casa. Parecia que eu não tinha nada a confessar até aquele momento íntimo no carro. De repente, havia uma nova pressão sobre nós.

* * *

Meu pai e eu saímos do escritório para nos juntar aos outros homens aos pés do sofá e nos ajoelhamos no piso frio. Acima de nós havia uma placa que dizia: PALAVRÕES NÃO SERÃO TOLERADOS — ESTE ESTABELECIMENTO PERTENCE AO SENHOR.

O homem à minha esquerda, o Irmão Hank, fechou os olhos com força, até leve ondas brancas aparecerem acima de suas bochechas vermelhas. Principal vendedor da loja de meu pai, o Irmão Hank sabia adaptar seu discurso para qualquer ocasião.

— Meu Senhor — começou ele —, dê a este menino força para passar sua mensagem hoje.

Ele pôs um braço pesado sobre meus ombros e me puxou para perto de suas costelas. Senti o cheiro forte de mentol e, abaixo disso, o aroma terroso da fazenda dele, um lugar que eu tinha visto apenas de passagem, em uma das minhas longas caminhadas pelas trilhas florestais nos arredores da nossa casa.

O Irmão Hank continuou:

— Derrame sobre ele Sua divina graça e misericórdia.

Ele fez uma pausa, permitindo que o distante tique-taque do relógio cromado do meu pai tranquilizasse a todos. Alguns dos homens grunhiram incentivos.

— Sim, Senhor — disseram.

— Ah, sim, ah, sim, ah, sim, Senhor — disseram.

O Irmão Hank tirou a mão dos meus ombros e a deixou pairar sobre meu cabelo, como meu pai costumava fazer antes de quebrar um ovo imaginário em minha cabeça e fazer a gema de mentira escorrer por minhas bochechas.

— Que ele seja um receptáculo para a verdade. Que nenhuma falsidade jorre de Sua fonte abençoada. Amém.

— Amém! — gritaram os homens, levantando-se e estalando os joelhos.

Nos sentamos em um círculo de cadeiras em torno do sofá, com o Irmão Nielson e meu pai no meio. O Irmão Hank pegou uma pilha de Bíblias da gaveta de uma mesa próxima e as abriu como um baralho. Cada homem escolheu um volume com cuidado, examinando o livro antes de abrir a capa.

— Me diga uma coisa antes de começarmos — pediu o Irmão Nielson, tirando a própria Bíblia de trás de uma das almofadas do sofá.

O nome dele brilhava em dourado na ponta inferior da capa de couro rachada. Sua Bíblia gasta dizia uma coisa a todos nós: *Eis um homem cujos dedos dobraram e desdobraram cada uma dessas páginas nos últimos vinte anos. Eis um homem que chorou em silêncio sobre a lombada aberta, permitindo que suas lágrimas molhassem e enrugassem as letras vermelhas do nosso Salvador.*

— Eu estava falando com o pessoal — continuou o Irmão Nielson. — e quero saber uma coisa, garoto. Qual é a sua opinião sobre a questão do Oriente Médio? O que você acha da decisão do nosso presidente?

Fiquei paralisado. A existência de Chloe havia me protegido de perguntas diretas demais sobre minha sexualidade, mas havia certas opiniões que me tornariam suspeito de qualquer modo. Eu ficava nervoso

toda vez que era convidado a dar uma opinião a respeito de qualquer coisa que levasse a um possível julgamento. Ser considerado frouxo era uma coisa; ser considerado frouxo e simpatizante da causa árabe era outra totalmente diferente. Ser frouxo e simpatizante da causa árabe abria caminho para que outras pessoas finalmente detectassem a atração que eu sentia por homens. E, quando descobrissem esse segredo, nada os impediria de ver cada detalhe da minha personalidade, cada opinião minha apenas como sintomas da minha homossexualidade. Eu podia me gabar por higienizar, lavar e polir mais carros do que qualquer outro funcionário do meu pai; podia apontar para um garoto do ensino médio e rir de sua calça apertada e do cabelo bem penteado; mas depois que suspeitassem que eu sentia certos *impulsos* ou que pensava certas coisas, eu deixaria de ser homem aos olhos deles, aos olhos do meu pai.

— E então, garoto? — perguntou o Irmão Nielson.

Ele se inclinou para a frente e abriu um sorriso discreto. Erguer as costas do sofá de couro parecia exigir toda a força dele.

— O gato comeu sua língua?

Eu havia preparado um estudo sobre Jó, a pessoa mais azarada dentre todas as pessoas sem sorte do Antigo Testamento. Achei que, se seguisse o roteiro, podia evitar o escrutínio, a sensação das paredes de vidro do showroom voltando sua luz amarelada de microscópio para minha crença frouxa, meus maneirismos suspeitos. Agora eu não sabia o que dizer nem fazer.

Tossi no punho fechado e olhei para minha Bíblia. Ignorei o olhar fixo do Irmão Nielson.

— A lição de Jó é que nunca sabemos quais são as intenções de Deus para o mundo — falei. — Por que coisas ruins acontecem? Por que coisas ruins acontecem com pessoas boas?

Folhee a Bíblia até encontrar a passagem, tentando evitar que minhas mãos tremessem. Senti o calor dos olhares do Irmão Nielson e do meu pai, mas não olhei para cima. Virei as páginas para a frente e para trás, esperando que meu fluxo de pensamento retomasse o curso.

— Continue, garoto — disse o Irmão Nielson. — Deixe o Espírito Santo agir através de você.

Encarei as palavras até elas se tornarem rabiscos sem sentido, até boiarem nas páginas. As frases simples e declarativas que eu havia preparado na noite anterior se recusavam a se juntar às lógicas gastas que a

igreja havia incutido em mim três vezes por semana desde o meu primeiro aniversário.

— Jó era um homem bom — falei. — Ele não merecia o que aconteceu. Mas os amigos dele não ouviram. Eles não...

O que eu tentava dizer parecia impossível e complicado demais para ser colocado em palavras. Quando tudo deu errado na vida de Jó, quando ele perdeu a mulher, os dois filhos e todos os animais em uma aposta entre Deus e o Demônio, seus amigos só conseguiam perguntar o que ele havia feito de errado, por que merecia a punição de Deus. Para eles, esta parecia ser a única explicação: coisas ruins acontecem com pessoas ruins. Mas o que acontece quando coisas boas acontecem com pessoas ruins e vice-versa?

Olhei para a entrada do showroom a tempo de ver Chloe estacionar. Seu cabelo comprido estava preso em um rabo de cavalo, o sorriso entrecortado por um aparelho que eu havia usado várias vezes como desculpa para interromper nossos beijos de língua. Apesar de mulheres quase nunca participarem do estudo bíblico junto com os homens, Chloe era meio rebelde quando o assunto era a separação de papéis de gênero dentro da igreja e acreditava que as mulheres tinham tanto direito de serem líderes evangélicas quanto os homens, apesar de ter confessado isso a mim em segredo. A maioria das mulheres da minha congregação, inclusive minha mãe, acreditava que a Bíblia havia nomeado claramente os homens líderes da igreja, apesar de alguns membros estarem começando a questionar essa suposição. Naquele dia, Chloe ficou do lado de fora, no carro, procurando em mim sinais do que meu pai e aqueles homens esperavam que eu tivesse: a confiança de um futuro líder da igreja. A cadeia patriarcal seguiria diretamente do Irmão Nielson para meu pai e, por fim, para mim.

Senti meu rosto ruborizar. Fechei a Bíblia com força e encarei meus pés.

— Eu não...

O piso já estava seco e nas marcas deixadas pela sola de borracha dos homens havia uma camada de pólen ultravioleta. O chão tinha que ser limpo. Do lado de fora, filas de carros precisavam ser lavadas com o lava-jato, e a água da chuva da noite passada agora formava manchas no estoque do meu pai.

— Tudo bem, filho — disse meu pai, sem tirar os olhos da Bíblia. — A gente pode fazer isso outro dia.

Minha boca estava seca, minha língua era como um peso de papel, dificultando a saída das sílabas.

— Eu perdi o fio da meada — disse, à guisa de justificativa.

Então, desviando o olhar, vi o reflexo do nosso grupo na janela traseira do Mustang. Com as imagens esticadas pelo vidro convexo, parecíamos o círculo longo e fino de uma aliança dourada, interrompido apenas pelo espaço entre a minha perna direita e o braço do sofá.

O Irmão Nielson abriu a Bíblia em outra passagem e pigarreou.

— Tudo bem — disse. — Alguns de nós não fomos feitos para a leitura das escrituras.

Ele começou a falar da glória do céu e da vida eterna.

* * *

Horas depois, sentado com meus pais e Chloe no Timberline, eu remoía as palavras do Irmão Nielson. Encarei a enorme serra radial diante da nossa mesa e a imaginei pulando do prego torto que a prendia à parede. Imaginei-a serrando a cidade ao meio. Naquela noite, sonhei com o Irmão Nielson parado no canto de uma sala de estar cortada ao meio, afastando-se aos poucos do restante da cidade, o short frouxo batendo com o vento, seu corpo quebrado e cansado tornando-o incapaz de pular o espaço que ia se expandindo, aquele homem perdido em uma deriva continental.

A verdade é que os amigos de Jó *não* entenderam. Nem Elifaz nem Bildade nem Zofar. Jó perdeu os animais, a mulher e as duas lindas filhas — tudo. Bastou uma aposta e tudo que ele possuía desapareceu. Só um mediador como Eliú, o mais jovem dos amigos de Jó, conseguiu entender a complexidade da perda.

Uma boa família, uma boa casa, um bom carro. Para aqueles homens, e para mim, na época, aqueles eram os elementos necessários para garantir décadas de sorte. Independentemente de vendermos carros e não animais; mesmo que nunca fôssemos ver ou entender a máquina de guerra, os tanques cortando trilhas no deserto. No fim da história, Deus daria a Jó uma mulher diferente, novos filhos, mais animais. Seja lá o que acontecesse — seja lá qual fosse o tamanho do sofrimento —, se tivéssemos fé, Deus nos devolveria tudo, enxertaria a pele de volta, moldaria novos corpos para nós a partir de nossos ossos cansados.

* * *

Assim como na noite anterior, uma tempestade se movia pelas montanhas Ozark.

— Uma frente fria vai chegar pela manhã — havia dito o homem do tempo, o sotaque do Meio-Oeste cortando as palavras antes que pudessem ganhar o ritmo arrastado do Sul. — Vocês quase não vão sentir — continuara ele, sorrindo, seus olhos castanhos brilhando sob as luzes do estúdio.

Eu estava deitado na cama, relendo a parábola de Jó na esperança de encontrar uma explicação simples para a escritura. Tentei silenciar a parte crítica do meu cérebro, a que me fizera gaguejar durante o estudo bíblico daquela manhã.

Às vezes, apenas olhar para a Bíblia aberta me dava uma sensação de pertencimento. Às vezes, abrir a Bíblia e pressionar as páginas com a palma da mão, adicionando mais uma rachadura na lombada, me fazia sentir mais próximo de meu pai. Passei o polegar pelas abas recortadas, pressionei-o contra a lateral do livro até as palavras ganharem um peso que eu podia carregar e exibir como prova de devoção. Fechei a Bíblia e a coloquei na mesa de cabeceira.

Chloe me mandou uma mensagem minutos depois, a vibração do celular me tirando da semiconsciência.

— O que você está fazendo?

— Nada — escrevi, enterrando o celular de *flip* embaixo do travesseiro.

Queria sufocar as vibrações até pararem. Desde o momento em que havia aparecido na concessionária, Chloe não tinha parado de me perguntar como fora o estudo bíblico. Eu havia fugido da pergunta murmurando um “tudo bem” de vez em quando.

Pela ausência do ronco costumeiro, eu sabia que meu pai também estava acordado. Tive medo de que a tempestade não fosse o verdadeiro motivo para a insônia dele. Os ecos de trovões que haviam acordado tantos lares naquela noite, feito cervos correndo pelas estradas e batendo na lateral dos carros, eram menos graves que os que deviam acompanhar os temores de meu pai. Tentei ouvir as orações dele por vários minutos, imaginando que ele estava vendo outra aparição de Jesus junto à sua cama, sangrando sobre os lençóis. Meu pai afirmava ter esse tipo de visão com frequência.

Quando ele finalmente adormeceu, seus roncos soaram altos o bastante para sacudir as molduras douradas que cobriam as paredes do corredor que levava ao meu quarto. Anos antes, minha mãe tinha se mudado para o quarto de hóspedes, dizendo que precisava de um tempo longe do terremoto que era meu pai dormindo, do ranger das molas que acompanhava cada inspiração. Quando eu era pequeno, com sete ou oito anos de idade, eu acordava de pesadelos inspirados nas escrituras — espirais de fogo azul lambendo meus pés, abismo após abismo se abrindo em uma escuridão mais sentida do que propriamente vista — e seguia até o quarto do meu pai, onde me colocava ao pé da cama desejando que ele acordasse. Eu achava que ele ia me ouvir mesmo que não dissesse nada, que a corrente entre nós fluiria de forma tão livre e profunda que ele não teria escolha a não ser acordar no mesmo instante. Ficava parado ao lado do armário espelhado e observava o quarto coberto pela luz azul da TV que ele deixava ligada a noite toda, trêmulo e furioso, morrendo de medo de ter que voltar para meus pesadelos. Horas depois, eu atravessava o corredor até o quarto de minha mãe para realizar o mesmo ritual absurdo. Poucos minutos depois minha mãe sentia que eu estava parado ao seu lado e me puxava para a cama, afastando-se para que eu ficasse com a parte quente do colchão.

— Te amo — dizia ela.

— Te amo — eu murmurava, virando-me de lado, passando a mão pelos lençóis quentes até o aroma de seu creme de lavanda cobrir minha pele.

O celular se acendeu de novo sob meu travesseiro. A vibração foi ficando mais forte, mais alta, até os contornos embaçados da minha visão voltarem a ganhar foco. Encarei o estrado do beliche que eu havia mantido mesmo durante o ensino médio porque minha mãe às vezes ocupava a cama de cima no meio da noite, adormecendo com o braço fino pendurado na lateral. Imaginei a madeira quebrando, a prancha caindo com força. Por fim, depois de várias sequências de vibrações, pus a mão embaixo do travesseiro e abri o celular.

— Por que você está me ignorando? — perguntou Chloe.

— Eu só estou cansado — menti.

Sabia que ela era a pessoa que podia me tranquilizar, mas estava com medo de contar meu fracasso na concessionária e ter que revelar uma verdade que não estava pronto para admitir para ninguém: não só que eu talvez não fosse feito para o tipo de trabalho que meu pai realizava, mas que

talvez não fosse feito para nenhuma obra do Senhor. Talvez, por ter certos impulsos e certos pensamentos, eu já tivesse ido parar no time errado.

— A tempestade.

Quando Chloe ficava preocupada, sua voz subia quase uma oitava. Eu queria ser o tipo de namorado naturalmente protetor, que lhe daria colo mesmo que eu parecesse precisar muito mais dela do que ela de mim.

— Vai ficar tudo bem — falei.

Quando seria o momento certo de dizer a ela o que estava acontecendo? O que eu diria? E se contasse a ela, se simplesmente dissesse a verdade, o que a impediria de me deixar por alguém mais promissor, alguém com uma bagagem menos pesada? Eu sabia que era errado supor que ela simplesmente me abandonaria. Chloe não era do tipo de pessoa que desistia de ninguém. Era uma das pessoas mais otimistas que eu conhecia. Mas eu não conseguia imaginar nenhum cenário em que ela ficasse, em que nós dois conseguíssemos seguir em frente tendo ciência dos meus desvios. Contar a verdade a ela acabaria com qualquer possibilidade frágil de ter uma vida normal. Mas se eu conseguisse sair daquela situação sozinho, se apenas tivesse tempo suficiente, talvez conseguisse preservar nossa inocência. Se tudo desse certo no fim, talvez eu pudesse conviver com minhas falhas, e então meus desejos secretos pareceriam apenas mentiras em que o Diabo tentara me fazer acreditar. Eu teria a satisfação de saber que nunca dera ouvido a elas, que eu nunca as havia expressado de maneira clara, que tinha escolhido a versão verdadeira de nossa vida juntos. Nada disso me pareceu egoísmo na época.

Estávamos chegando à parte silenciosa da conversa. A parte em que eu sentia raiva e culpa, até que o tédio finalmente sobrepujasse tudo. Mas, sob ele, havia a sensação de que Deus queria que ficássemos juntos. Como poderia ser diferente? Como nossa igreja poderia estar errada? Os sentimentos que eu não conseguia ter por ela deviam ser meros efeitos colaterais de nossa imaturidade. Nós nos acostumaríamos àquilo: um ao outro, a Deus. Então toda noite, por horas, esperávamos daquela maneira: Chloe de um lado da linha lendo um livro ou assistindo TV, eu do outro jogando videogame, os dois em silêncio, esperando que o próximo bloco de conversa incômoda chegasse.

Eu me levantei, joguei os lençóis para longe e me sentei de pernas cruzadas no meio do quarto, os joelhos bronzeados ardendo, o celular apoiado no pescoço. Ainda sentia na pele o aroma artificial de limão dos

produtos de limpeza da concessionária. Liguei a TV, peguei o controle do Playstation que havia deixado no chão e apertei o start. O menu de pausa se dividiu em três e desapareceu, revelando a imagem de um avatar masculino alto, de cabelo preto espetado, parado no meio de uma floresta enorme. Ele usava uma jaqueta de couro forrada de pele e uma longa corrente pendurada no cinto preto grosso. Sua espada era um objeto de fascínio para mim — não porque fosse parte arma branca, parte arma de fogo, mas por causa dos ornamentos prateados espalhafatosos que corriam pela bainha. Lembravam a coleção de pulseiras Brighton de minha mãe, a maneira como brilhavam sob qualquer luz e repousavam sua beleza nos pulsos finos dela.

O objetivo do jogo era viajar de cidade em cidade em busca de itens especiais e aventuras. A missão era perigosa: havia poucos carros naquele mundo, a maior parte dos deslocamentos era feita a pé e, a qualquer momento, a tela poderia se transformar em um vórtex, as cores da floresta misturando-se até me deixar firmemente plantado diante de um inimigo. Em geral era alguma quimera, um ser que facilmente poderia ter saído de um bestiário do século XVIII, cavalos com cabeça de leão, uma bola gosmenta e verde com braços em forma de galhos e presas enormes. Uma vitória na batalha me dava novos acessórios brilhantes, objetos que, depois de listados e inseridos de forma organizada no menu principal, traziam uma sensação de dever cumprido.

Era como pôr ordem no caos. O rosto de Deus passando por águas profundas. No livro de Jó, é o Criador matando o Leviatã em fuga.

Certos dias eu passava horas encarando as salas virtuais de um palácio barroco, imóvel enquanto o avatar coçava a cabeça e assumia o tipo de pose em *contrapposto* que os homens da concessionária considerariam sexualmente suspeita. Eu achava que me mover quebraria o feitiço, me faria voltar a um mundo em que eu era velho demais para correr para a cama da minha mãe, com medo de que o Inferno fosse horrível.

Quando cheguei à puberdade e comecei a fantasiar mais com homens, fiquei tão hipnotizado pelo mundo dos videogames que mal me levantava do chão nos finais de semana. Nas poucas ocasiões em que não podia mais ignorar minhas necessidades, eu ficava de pé, irritado, para soltar fluxos de urina no carpete ao pé da cama. Era impossível saber se minha mãe entrava em meu quarto enquanto eu estava na escola, mas queria que ela fizesse isso. Queria que ela interpretasse os hieróglifos molhados que escrevia para ela — às vezes meu nome; com mais frequência o desenho de um oito ou,

dependendo do ângulo, o símbolo do infinito —, ainda que eu mesmo não os entendesse. Sentindo-me culpado ao chegar da escola, eu entrava escondido no banheiro, roubava alguns produtos de limpeza e limpava o carpete até o quarto deixar de cheirar a urina. E, apesar de ter parado de fazer aquilo depois dos dezesseis, eu ainda tinha vontade de violar nossa casa de alguma maneira. Às vezes imaginava o lugar todo em chamas, nossa pequena família abraçada do lado de fora enquanto as paredes caíam em câmera lenta. Não que eu achasse que a violência resolveria nossos problemas, mas a necessidade de contar aos meus pais alguma coisa — qualquer coisa — me dominava e, na época, eu não conhecia um jeito apropriado de fazer isso.

Fiz meu avatar avançar pela trilha da floresta, os passos pesados como sapatos de madeira lançados de uma grande altura. As árvores o cercaram e, a distância, a entrada de uma caverna surgiu. Eu o levei até lá e me inclinei para a frente, esquecendo o celular preso ao meu pescoço até ouvir o suspiro de Chloe.

— A gente tem que fazer alguma coisa — disse ela. — Estou preocupada.

— A tempestade vai passar logo — falei.

— Não — respondeu ela. — Em relação a nós. Temos que fazer uma coisa drástica.

Ainda não havíamos conversado sobre como continuaríamos o namoro quando fôssemos para a faculdade no fim do verão, como realizaríamos o milagre de manter um bom relacionamento a distância. Tínhamos sido aceitos em faculdades diferentes e seguiríamos em direções opostas, apesar de no mesmo estado. Esse era outro dos muitos tópicos que eu havia tentado esquecer. Chloe estava certa. Se a ideia era manter aquele relacionamento, tínhamos que fazer algo drástico. Mas nenhum dos dois sabia o quê. Fazer *aquilo*? Não fazer *aquilo*? Casar? Terminar? As próprias perguntas já estavam nos deixando loucos. Debatesmos a questão da virgindade. Que virgindade? A minha? A dela? E se íamos fazer *aquilo*, quando seria?

— Seja como for, o tempo não é real. Ele só existe na Terra. No Céu ele é ausente, então tecnicamente já estamos casados. Tecnicamente já estamos fazendo aquilo.

— Se tecnicamente a gente *sempre* fez aquilo, então para que fazer?

— Porque ainda temos livre-arbítrio. Acho que Deus está nos dizendo para agir agora para demonstrar nosso amor por Ele.

No início do nosso relacionamento, Chloe ficava sentada comigo enquanto eu jogava videogame, apontando animadamente para toda nova criatura que pulava na tela. Quando nos conhecemos na igreja alguns anos antes, eu havia sentido algo que raramente experimentava fora do mundo virtual: uma passagem de nível, uma sensação de merecimento, de todo um grupo de pessoas sorrindo e aprovando. Nos recreios da escola, eu não tinha mais que me agachar sobre a privada para me esconder de mesas de refeitório cheias demais. Agíamos com muita naturalidade um com o outro quando explorávamos a floresta atrás do quintal dela com seu irmão mais novo, Brandon, que ainda gostava de fingir que estava em um safári. Passeávamos em um dos carros novos do meu pai, inventando caminhos à medida que avançávamos, perguntando a Brandon, no banco de trás, se devíamos virar para a esquerda, direita ou seguir reto.

— Vamos para Memphis — dizia ele, confiante como um playboy famoso, fingindo fumar um cigarro de chocolate. — Vamos ver a pirâmide de vidro, pessoal.

Com Brandon entre nós, tudo ficava menos confuso. Tínhamos algo em que podíamos nos concentrar além de nós mesmos.

A tempestade ficava mais barulhenta, os trovões, mais próximos.

— Está bem — falei, o celular quente contra minha orelha. — Vamos dar um jeito.

Outro silêncio se fez entre nós. Fiquei de pé, andei até a janela do quarto e ergui uma das persianas de alumínio com o indicador. Postes de luz amarela acalentavam nuvens baixas. Pinheiros balançavam com o vento, as folhas se espalhando pela entrada da casa. Faróis piscaram por um segundo em uma rodovia distante, depois desapareceram sob uma chuva forte que passou quase tão rápido quanto chegou. Não ouvi mais trovões.

Ao contrário dos cenários apocalípticos do Irmão Nielson e de meu pai, eu temia que o Armagedom viesse silenciosamente como a estática de um rádio. Ruído branco: depois de um trovão, o mundo seria repentinamente silenciado pelo barulho de um temporal. Mais assustadora do que meus pesadelos era a ideia de ser deixado para trás por minha família adormecida, seus corpos transformados em cascas ocas. Eu podia chegar em casa da escola um dia e encontrar apenas uma panela borbulhando sobre o fogão, o rádio tagarelando apesar da ausência de meus pais. Depois que tinham

decidido passar a televisão antiga para o meu quarto, eu costumava ficar acordado, assistindo ao jornal da meia-noite, imaginando que ainda havia outras pessoas acordadas, outras pessoas vivendo naquele momento. Então pensava que Deus não deixaria tanta gente para trás e me sentia seguro por alguns minutos. Chloe me passava essa sensação de segurança o tempo todo, pelo menos até ela pousar a mão na minha perna no carro. Até aquele momento, sentira que Deus talvez pudesse me dar um passe livre, já que estava *tentando* ser o homem que meu pai veria como semelhante. Agora, com a intimidade crescente com Chloe, achei que precisaria agir. Sem hesitar, sem gaguejar, sem dar margem a interpretações diferentes. Talvez um pecado fosse um bom substituto para um pecado ainda maior, a homossexualidade. Então pelo menos teríamos a chance de viver nossas vidas abençoadas juntos.

— Ainda está aí? — perguntou Chloe.

— Estou.

Marcamos de assistir a um filme na casa dela, tarde da noite. Parecia haver algo obscuro naquele acerto, algo tácito, mas que os dois deviam saber. Quando chegasse a hora de dormir, imaginei que Chloe poderia dizer que deveríamos preparar uma grande mesa de café na manhã seguinte e insistir para que eu dormisse no porão, perto da cama de Brandon. A mãe dela talvez olhasse para nós com alguma desconfiança, mas por fim cederia. Afinal, já havíamos passado a noite no mesmo quarto de hotel na Flórida. Seríamos silenciosos. Estaríamos protegidos. Eu podia comprar uma camisinha de 25 centavos em uma máquina de posto de gasolina em uma cidade distante, dizer aos meus pais que precisava dar um longo passeio de carro para clarear as ideias, conversar com Deus. Então, se tudo estivesse certo, eu entraria escondido no quarto dela e veria o que ia acontecer entre nós.

Ao pensar em sexo, eu nunca havia me perguntado quanto tempo levaria. Nunca havia pensado no gosto que teria um café da manhã pós-sexo nem que filme seria mais apropriado para as preliminares. Sobretudo, eu nunca havia me perguntado se o sexo — não simplesmente beijar, ficar abraçado, ou se esfregar, mas sexo *de verdade*, ir direto ao ato e pular todos os outros passos — poderia finalmente me tornar se não heterossexual, pelo menos alguém capaz de fingir heterossexualidade. Nunca havia suposto que ia querer chegar até aquele ponto, que quebraria uma das principais regras da nossa igreja. Ao fantasiar com homens, esses eram pensamentos que eu

sempre afastava antes de me entregar ao devaneio. Sempre imaginava apenas um corpo, agindo sozinho, apresentando-se exclusivamente para mim. Como seria fazer aquilo com outra pessoa, alguém que eu teria que encarar pelo resto da vida, os dois convivendo com a noção do que o outro fazia em seus momentos mais desesperadores? Daríamos um jeito de acertar as coisas com Deus? E se não funcionasse? E se a transgressão levasse ao fracasso e eu acabasse sozinho, apodrecendo em meu pecado?

— Está chovendo aí agora? — perguntou Chloe, bocejando. — Está chovendo aqui.

— Não — menti.

Eu ouvia as gotas batendo nas telhas. Eu desejava manter nossas vidas separadas. Então fiquei com medo do que aconteceria se eu fizesse isso.

— Quer dizer, sim.

— Como as duas coisas podem estar acontecendo ao mesmo tempo? — disse ela.

— Não sei. Só estão.

Sentei-me de novo no carpete e apertei o start no controle.

— As duas coisas não estão acontecendo ao mesmo tempo. Não sei por que disse que estavam.

A caverna agora estava no caminho do meu avatar. Não seria possível desviar. O que quer que estivesse escondido ali dentro provavelmente valeria a pena.

* * *

Eram os tesouros de minha mãe, seus colares prateados e anéis pesados, a luz de seu simbolismo, o modo como muitos haviam sido transmitidos por antepassadas maternas, o modo como podiam construir um lar e oferecer um histórico familiar com mais de um enredo possível. Era a complexidade daqueles símbolos que eu desejava toda vez que fazia meu avatar do Playstation abrir outro baú do tesouro, ir cada vez mais fundo na caverna cheia de estalactites trêmulas.

Quando eu tinha nove anos, aqueles tesouros haviam adquirido uma concretude que eu nunca conseguira tirar da cabeça. Minha família e eu estávamos em um píer que logo seria interditado. Estávamos de férias na Flórida. O píer balançava sempre que a maré batia contra seus pilares

frágeis. Um grunhido soava quando a água entrava em contato com as juntas enferrujadas. Meu pai bagunçou meu cabelo. Joguei uma garrafa de Coca-Cola na água e, dentro dela, havia uma mensagem.

Caro pirata,

Tudo bem? É um prazer, apesar de não saber quem você é. Gostaria de conhecer você, então me escreva de volta. Aliás, se puder, me mande um tesouro também.

Seu amigo Garrard

Quando chegamos em casa, exaustos após uma viagem de dez horas, encontramos um pedaço amarelado de papel preso com fita à porta da frente, um mapa do nosso jardim com um X gigante, onde, segundo o bilhete, um pirata chamado Lonzo havia escondido seu tesouro. Minha mãe fingiu estar surpresa, pressionando as bochechas com a ponta dos dedos e deixando dez marcas vermelhas no rosto após baixar os braços.

— Isso é incrível — disse ela. — Isso é realmente incrível.

Meu pai me ajudou a carregar uma pá da garagem até o ponto que Lonzo havia marcado no mapa. O X estava pintado em tinta spray prateada na grama. Juntos, pressionamos os tênis de cada lado da pá e escavamos a argila compacta. A cerca de um metro de profundidade, achamos uma caixa repleta de joias falsas, mas também de coisas verdadeiras que, como descobriria mais tarde, pertenciam a minha avó, coisas que ela não usava mais. Ela e meu avô haviam organizado tudo na noite em que minha mãe ligara para contar a eles sobre a mensagem na garrafa.

Depois que lavamos a caixa com uma mangueira de jardim, guardei as joias na última gaveta da minha escrivaninha. Eu tirava as peças douradas da caixa, colocava o máximo que podia no pescoço e nos pulsos e ficava parado diante do espelho. Girando. Fiz isso muitas e muitas vezes, até meu pai me pegar de surpresa um dia e dizer que eu precisava parar, que Lonzo ficaria triste se me visse ridicularizando o tesouro dele daquela maneira.

— Quero ir *morar* com o Lonzo — falei. — Quero ser um pirata.

— Você provavelmente não ia gostar — respondeu meu pai. — Teria que esfregar o convés o dia inteiro e Lonzo transformaria você em um de seus escravos. Você ficaria enjoado do mar.

* * *

A frente fria da noite anterior tinha trazido fortes rajadas de vento que fizeram minha mangueira do lava-jato lançar cortinas de água no topo de outros carros, deixando marcas nos para-brisas. As gotas borbulharam e evaporaram ao entrar em contato com o metal quente. Saí da oficina, protegi os olhos e encarei a longa fila de carros que agora teria de lavar. Atrás de mim, um dos funcionários apertava o botão de um elevador hidráulico, erguendo o carro de Chloe até a altura de seus ombros para que pudesse começar a trocar o óleo. Eu ia deixar meu carro na concessionária naquela noite, levar o carro dela de volta à tarde e seguir com o planejado.

Naquela manhã, durante o estudo bíblico, o Irmão Nielson havia ficado um pouco mais no showroom, apoiando o corpo com uma das mãos na lateral do Mustang.

— Eu sigo me perguntando — disse, enquanto eu passava carregando um punhado de chaves — se um dia você vai responder a minha pergunta.

Eu não tinha certeza se ele estava me testando ou se realmente queria saber o que eu achava da questão do Oriente Médio, saber que a geração seguinte estava decidida a lutar contra o terrorismo.

— Deixe o garoto em paz — disse o Irmão Hank, pondo a cabeça para fora de um escritório próximo. — Ele ainda não tem idade para se importar com política. Só pensa em mulher.

— Em mulher, é? — respondeu o Irmão Nielson. — Não tem nada de errado com isso — acrescentou enquanto esticava as costas o máximo que podia, parecendo sentir dor. — Só não se esqueça de que existem coisas mais importantes nesse mundo.

Ele estendeu a mão em minha direção. Passei as chaves para a outra mão e peguei a dele em um cumprimento firme cuja pressão aumentava a cada segundo, tornando-se tão forte que achei que íamos quebrar os dedos. Ele me olhou bem diretamente, seus olhos repletos de um conhecimento secreto. Tive a sensação de que ele podia sentir a contaminação que havia passado para a palma de minha mão naquela manhã, antes de o sol nascer, como se a camisinha que havia comprado no posto de gasolina carregasse um aroma secreto ou um óleo impossível de ser detectado, a não ser pelos homens mais corretos.

— Estamos no Fim dos Tempos — disse ele. — Fique esperto.

* * *

Pousei a mangueira do lava-jato no concreto, catei a garrafa de limpa-vidros e algumas folhas de papel-toalha e saí para o estacionamento asfaltado para atacar a fila de para-brisas manchados. A distância, os pinheiros das colinas começavam a balançar com o vento, e fiquei grato pela corrente de ar, mesmo sabendo que ela podia aumentar as chances de uma queimadura de sol, o protetor solar FPS 40 já lavado pela água, as pontas dos dedos enrugadas.

Eu estava no quinto ou sexto para-brisa quando a mulher se aproximou de mim.

— Com licença — disse ela, o sorriso se misturando ao brilho do reflexo do sol no para-brisa. — Você pode me falar alguma coisa sobre este carro? Estou querendo comprar um o quanto antes e realmente não entendo nada a respeito.

Eu me virei para encará-la. Tinha manchas de maquiagem ao redor das pálpebras e mexia na alça preta de uma bolsa jogada em um dos ombros. O carro em questão era um Taurus padrão, um dos muitos ali disponíveis. Parecia não haver qualquer motivo para perguntar sobre aquele. Parecia não haver qualquer motivo para perguntar a *mim*. Pensei em uma coisa que meu pai dizia durante o estudo bíblico: de vez em quando, Deus apresenta a oportunidade perfeita. Era nosso dever como cristãos aproveitar aquele momento e guiar uma de Suas almas perdidas para a salvação.

O Camry amassado e gasto da mulher estava parado atrás dela, a porta do motorista aberta. Pensei em dizer: *A senhora parece perdida*. Pensei em dizer: *Senhora, não existe meio-termo*. Pensei em como meu pai ficaria feliz se soubesse que eu havia ministrado para minha primeira cliente. Mas não consegui. A pergunta havia sido tão direta que tentar escapar parecia uma traição.

— Não há nada de errado com um bom Taurus — falei. — É confiável. Tem uma quilometragem decente. Quase nunca quebra se você levá-lo para a revisão periódica. Mas, bom, é só um Taurus.

Ela pôs a mão em meu antebraço e sorriu outra vez.

— Você é uma graça — disse. — Não precisava me dizer a verdade.

Eu quis me lançar no peito dela e sentir seus braços envolverem meus ombros. Quis jogar as folhas de papel-toalha e o frasco de limpa-vidros no

asfalto, entrar no carro dela e desaparecer nas colinas e, então, quando ela não tivesse olhando, jogar o pacote com a camisinha pela janela.

* * *

— Isso é tão estranho — disse Chloe. — Onde eles conseguiram esses efeitos sonoros esquisitos?

Assistimos a Janet Leigh entrar no chuveiro, sua panturrilha branca se contraindo. Sabíamos o que aconteceria depois, mas prendemos a respiração mesmo assim. Apesar de não precisar, Chloe havia aplicado mais base no rosto, escondendo as marcas rasas dos locais em que a acne deixara cicatrizes. Estava de cabelo solto. Nós dois tínhamos nos vestido para a ocasião. Eu usava uma camisa de botão preta e uma jaqueta leve que havia tirado só depois de entrar na casa. Chloe usava um vestido que eu nunca vira. Se achou que havia algo de estranho com nossas roupas, a mãe dela guardou para si.

Nos sentamos no sofá do porão diante da luz azulada da TV. De tempos em tempos, Brandon descia a escada sorrateiramente e se escondia atrás do sofá, pulando para nos assustar.

— Você está velho demais para isso — disse Chloe, depois que ele agarrara o braço dela justo enquanto a cortina do chuveiro se abria. — Vá arrumar o que fazer.

— É você quem tem que arrumar o que fazer — respondeu ele, jogando a cabeça para trás, imitando um tique da irmã. — Está assistindo a um filme de terror na sua grande noite romântica.

Brandon estava com seu blazer dominical. Trazia uma grande rosa na lapela, que devia ter roubado do jardim do vizinho. Ele gostava de se vestir como os personagens de seus jogos de videogame favoritos. Quando perguntamos quem ele era naquele dia, Brandon respondeu, formando uma arma com o indicador e o polegar:

— Sou James Bond em *GoldenEye*.

Eu estava feliz pelas interrupções ocasionais, pelo modo como a aparição repentina dele fazia Chloe inconscientemente se afastar de mim.

Cada movimento naquele sofá era uma vitória ou um fracasso. Muitas vezes os dois. Eu trocava de lado na guerra de minuto em minuto.

Brandon sacou um cigarro de chocolate do bolso e fingiu que ia colocá-lo de forma delicada nos lábios. Em vez disso, o mordeu.

— Não esqueça que você vai dormir comigo hoje — disse, fingindo me esfaquear com o restante do cigarro. — *Psicose II*. Bates ataca de novo.

Vimos a câmera virar para cima, partindo da pupila aberta de Leigh, a cena de Hitchcock paralisada por um segundo além, o medo insuportável naquele instante. Chloe se aproximou de mim.

— Ainda assim dá medo — explicou ela. — Mesmo com esses efeitos sonoros bobos.

* * *

Descobri o que era sexo quando tinha a idade de Brandon, em uma noite sem tempestade em que meu pai não roncava e eu tinha certeza de que estava acordado. Senti a casa relaxar e se assentar em suas juntas escondidas, então pude andar pela sala de estar escura sem medo, passando os dedos pelo tampo de vidro frio da mesa, mexendo nos junquinhos de plástico afiados em seus vasos de porcelana. Sentei-me na poltrona de couro do meu pai e liguei a TV. Como a sala de estar compartilhava da mesma conexão com a antena que o quarto dele — não com o da minha mãe —, eu podia ver a mesma coisa que ele estava assistindo naquelas horas insones, depois que já havia encerrado suas orações. Vi o chiado se transformar em uma sugestão de coxa nua, uma boca aberta se fechar sobre algo longo e duro, um batom vermelho brilhar através da estática. Ouvi o gemido baixo da mulher — muito ensaiado, muito diferente dos gemidos espirituais do meu pai. Mas a cena não durou mais de um ou dois minutos, o tempo que, imagino, meu pai levou para sentir o peso da culpa. Ainda assim, contei à minha mãe a transgressão dele no dia seguinte, já sabendo na época que, se contasse o segredo do meu pai, eu conseguiria esconder melhor meu segredo mais sombrio.

— Tenho certeza de que foi por engando — disse ela, sempre uma boa mediadora. — Por que você espionou seu pai?

Então ela se forçou a abrir um sorriso e disse:

— Vamos fazer *crème brûlée* hoje. Vamos usar a prataria da sua avó e tudo.

* * *

Eu estava deitado no saco de dormir no porão escuro da casa de Chloe havia cerca de uma hora. Decidi me sentar e ouvir a respiração regular de Brandon antes de tentar subir a escada. Tinha deixado a camisinha presa no elástico da calça do pijama e o plástico arranhava minha pele, queimando-a. Não tinha ideia de como ia fazer aquilo. Ia entrar escondido no quarto dela e anunciar minhas intenções? Ficar parado à porta, torcendo para que ela tomasse a iniciativa?

— Eu *não* estou dormindo, caso você queira saber — disse Brandon.

Eu o ouvi jogar os lençóis no chão ao lado da cama.

— O filme de vocês me tirou o sono.

— Desculpe — falei. — Achei que seria divertido. Roubo, assassinato, carros afundando em poços de piche.

— Quer saber de uma coisa?

Os pés descalços de Brandon batiam no chão de concreto enquanto vinha até mim. Consegui ver o contorno de seu cabelo lambido e seus braços finos despontando das mangas do pijama.

— Você não é igual aos outros namorados dela. É bem mais legal.

— Obrigado, eu acho.

Ele ficou parado na ponta do saco de dormir, os dedos do pé mexendo no forro de tafetá.

— Posso perguntar uma coisa?

Meus olhos se acostumaram com a escuridão. Vi que o rosto dele estava franzido e que rugas finas desciam pelo meio da testa. Ouvi passos vindo do teto do ponto diretamente abaixo do quarto de Chloe.

— Como você consegue fazer um personagem chegar ao nível cinquenta?

Brandon abriu um sorriso travesso. O que quer que tivesse planejado dizer não fora dito.

Ele se sentou na ponta do saco de dormir.

— Se importa? — perguntou, segurando o controle remoto perto o bastante para que eu pudesse ver o objeto ao qual se referia.

Ele ligou a TV e engatinhou até o Playstation para ligar o aparelho. Nós nos acomodamos em nossas posições de jogador, curvados em direção à tela. Estávamos parados no salão de um grande castelo gótico iluminado

por tochas. Um tapete vermelho-escuro atravessava a sala e guardas em uniformes dourados guardavam cada porta.

Os olhos de Brandon brilharam. Ele lambeu os lábios sem perceber.

— Esta parte é difícil. Esses guardas vão vir correndo se eu me mexer.

— Confira seu inventário primeiro.

Vasculhamos as poções e nos equipamos com armas mais poderosas. Brandon obviamente não fazia ideia do que tinha em seu inventário. Usava poções demais quando não precisava. Jogava arcos fora sem antes vendê-los no mercado. Apesar de continuar pensando em Chloe no quarto acima de nós, tentei bloquear tais imagens. Já havia preparado um álibi: como sair do porão com Brandon acordado?

Depois de algumas horas de concentração intensa, ambos nos deitamos no saco de dormir.

Brandon se apoiou no cotovelo, a palma da mão segurando o queixo.

— Quer saber? — perguntou ele.

— O quê? — respondi.

— Acho que ele deve ser gay — disse, a voz falhando repentinamente na última sílaba.

Brandon tirou os olhos de mim. Tinha a respiração ofegante. Levei alguns segundos para perceber que ele estava falando do nosso avatar.

— Ah, é?

— É, eu acho mesmo — disse. — Ele usa gel *demais* no cabelo.

Quando olhou de volta para mim, nós dois sabíamos o que éramos.

Decidimos continuar jogando até chegar à próxima fase. Quando um nascer do sol alaranjado entrou pelas persianas e se transformou em retângulos tortos no concreto, Chloe já havia preparado o café da manhã sozinha.

— Surpresa — disse, parada no último degrau, recusando-se a tocar no chão do porão.

Ela não parecia nem um pouco surpresa. Não havia se dado ao trabalho de tirar a camisola de algodão. Tentei bloquear a visão da dor que ela sentia e mantive os olhos no saco de dormir amarrotado aos meus pés.

— O café está pronto.

* * *

Meu pai escreveu um bilhete para Deus, deixou-o na gaveta de minha escrivaninha e me disse para nunca abrir. Nunca tocar nele, só deixá-lo ali. Era a promessa formal que havia feito ao Senhor depois da explosão do carro, dobrada em um quadradinho e enfiada atrás de pilhas de lapiseiras que eu mastigava, frustrado, quando não conseguia escrever exatamente o que eu queria em meu diário.

No último verão que passei na concessionária, já com idade suficiente para deixar minha curiosidade superar a idolatria, eu li o bilhete.

Pai Celestial,

Obrigado por me salvar, literalmente, do fogo do Inferno. Fiz uma promessa ao Senhor que pretendo manter. A partir de agora, eu e minha casa iremos servi-Lo. Prometo educar meu filho na igreja. Prometo ser um homem temente a Deus e trazer outras pessoas para seu rebanho divino. Por favor, poupe meu filho de tudo que sofri e dos meus erros. Poupe-o da confusão do mundo. Pela boca dos meninos e das criancinhas tiraste o perfeito louvor. Que ele descanse na verdade de Sua palavra santa.

Seu servo

* * *

— Por que você não atendeu nenhuma das minhas ligações? — perguntou Chloe.

Uma semana de silêncio havia se passado desde nossa noite fracassada. Eu estava sentado no chão do quarto, o controle do Playstation enfiado no triângulo formado por minhas pernas cruzadas, o celular apoiado no ombro.

— Não sei.

— Como assim você não sabe? Você atende ou não atende.

Depois de um minuto de silêncio, ela desligou.

Outra semana passou. Duas. Abri o celular, pensei em apertar o botão da discagem rápida com o número de Chloe, desisti.

— Não sei — disse para a tela.

Não era alívio o que eu sentia. Era mais uma espécie de medo: do desconhecido, de mim mesmo. Que tipo de pessoa eu estava me tornando?

* * *

Outra semana passou. Meus pais ficaram preocupados. Quiseram saber por que Chloe e eu não estávamos mais saindo juntos. A mãe dela não parava de ligar, as pessoas na igreja não paravam de perguntar, ninguém conseguia acreditar que pudéssemos ter terminado tão de repente e sem nenhuma explicação plausível. Fingi que estava doente no domingo para não ter que vê-la na igreja.

Outra semana. Quando não consegui mais fingir que estava doente, me ofereci para trabalhar na cabine do projetor nos fundos da igreja, longe dos olhares questionadores da congregação. Chloe às vezes estava lá, às vezes não, mas sempre tomávamos o cuidado de nunca ficar na mesma parte da igreja juntos.

Outra semana. Era quase hora de me mudar para a faculdade de artes em que eu havia sido aceito. Minha mãe e eu fomos algumas vezes ao Wal-Mart comprar o que eu precisava para o alojamento e voltamos para casa com sacos pesados, cheios de potes de plástico, pacotes de camisetas, meias e cuecas. Então, um dia, tarde da noite, meu pai recebeu um telefonema da mãe de Chloe. Ela estava histérica. Brandon havia sido pego com outro menino, um amigo dele, na cama. Experimentando. Ela não conseguira ligar para mais ninguém. Queria saber se meu pai podia ir tentar acertar as coisas com os garotos. Fiquei sentado em nossa sala de estar a maior parte da noite, tentando não tremer, ao lado da minha mãe, esperando que ele voltasse.

— Por que vocês terminaram? — perguntou ela, referindo-se à Chloe. — Vocês eram tão fofos juntos...

Não consegui responder. Não havia palavras, não havia uma explicação clara que não envolvesse uma confissão terrível. Percebi que meu silêncio repentino estava magoando minha mãe, estava magoando todos nós. Mas, em poucos meses, eu já havia conseguido estragar tudo. Não queria dizer mais nada que pudesse tornar as coisas ainda piores.

Meu pai chegou em casa por volta das quatro da manhã, os olhos vermelhos, o cabelo bagunçado. Não quis falar muito sobre o que havia acontecido, só ficou parado na cozinha balançando a cabeça. Os meninos tinham cometido um erro, disse. Ele explicara a Brandon e ao outro garoto que manter aquele comportamento pecaminoso os afastaria de Deus, os expulsaria do Reino dos Céus. Brandon cresceria e esqueceria, disse meu

pai. Não sou convencido. Percebi que estava abalado com a visita, que talvez tivesse começado a desconfiar de algo sobre mim. Eu me virei, andei até meu quarto e fechei a porta.

Outra semana. Videogame todas as noites. Eu mal pensava na fase seguinte de minha vida. Mal pensava em nada — só nos artefatos de que precisava para a viagem do meu avatar pela selva. Nos poucos momentos em que não estava jogando, eu tentava abstrair o fato de que não falar com Chloe também significava que teria que parar de falar com Brandon. A única pessoa que sabia quem eu era de verdade nunca mais faria parte da minha vida. O que quer que decidíssemos fazer sobre nossos *impulsos*, ambos estaríamos sozinhos.

Um mês antes de ir para a faculdade, finalmente larguei o controle do Playstation. Andei até a sala de estar onde meus pais estavam sentados, um em cada ponta do sofá. Pedi que me seguissem até o banheiro para olhar o cadáver da minha vida de *gamer*.

— Quero que vocês vejam uma coisa — falei.

Mal sabia o que estava fazendo. Queria contar tudo a eles: por que havia terminado com Chloe, que era igual a Brandon. Queria contar a eles, mas não conhecia as palavras certas. Queria mostrar que havia algo errado, que estava tentando ignorar uma parte de mim, mas que não ia mais ignorá-la. Eu iria consertá-la.

No meio da banheira estava meu Playstation, os dois controles enrolados ao lado dele como gatos adormecidos. Meus pais ficaram parados à porta, com uma expressão de “que diabos é isso” no rosto. Meu pai passou a mão pelo cabelo preto grosso. Minha mãe cruzou os braços sobre o peito e suspirou.

Abri a cortina de plástico transparente e liguei a torneira do chuveiro. Meus pais e eu observamos a água correr pelo console e formar um redemoinho oval antes de desaparecer com um gargarejo no ralo. Imaginei a água gotejando na placa-mãe, seguindo afluentes formados pelos microchips. Deixei a água correndo por alguns segundos a mais do que o necessário, até ouvir meus pais se remexerem, incomodados, atrás de mim. Fechei a cortina de novo.

— Cansei dos jogos — falei.

O que quer que acontecesse depois daquele momento, eu enfrentaria de peito aberto.

QUARTA-FEIRA, 9 DE JUNHO DE 2004

Eram sete da manhã, mas o ar-condicionado já estava a toda no lounge do Hampton Inn. De acordo com a programação, eu tinha duas horas para tomar banho, me vestir, comer e ir até a AEA, mas minha mãe e eu estávamos tentando prolongar os minutos, arrastando os garfos preguiçosamente pelos ovos frios espalhados pelos pratos. Meu cabelo pingava, e as bordas da mesa de madeira envernizada machucavam meus antebraços. O mundo parecia mais difícil naquela manhã, como se, durante a noite, alguém tivesse removido da atmosfera um filme translúcido, um tom mais suave que eu dava como certo quando minha mãe e eu vínhamos a Memphis para finais de semana de compras e maratonas de filmes. A cidade então parecia viva e brilhante, parecia pulsar sob nossos pés. Depois de dois dias inteiros na Amor em Ação, a cidade já havia perdido o brilho, e as idas e vindas entre o hotel e a instituição revelavam apenas um pedaço cinzento de rodovia, o tráfego quente sob a luz do sol, as casas enormes à beira da estrada bocejando e mostrando suas línguas verdes de limo...

Certa vez eu ouvi alguém chamar a cidade de lixão e fiquei ofendido, mas naquela ocasião comecei a ver que a pessoa estava certa. Memphis era um lugar de coisas transitórias, lar da sede da FedEx, a cidade com o maior número disponível de voos noturnos do país, barcas de aço flutuando exatamente pelo meio do rio Mississippi — mas eram as coisas que se reuniam ali, as que ficavam e criavam raízes, que davam à cidade aquela sensação de abandono. Quem ficava por tempo suficiente conseguia ver como Memphis estava sempre salientando seu passado sem muitas glórias, as fotos de Elvis penduradas em várias lanchonetes, autógrafos presos nas paredes com fita adesiva, muitas sex shops prometendo as mesmas emoções que outrora agitaram a cidade em meio à energia do jazz e do blues.

— É melhor a gente ir — disse minha mãe, sem dar qualquer sinal de que queria se movimentar, as pequenas mãos ainda avermelhadas sobre a mesa.

Desdobrei as mangas, o ar-condicionado frio demais, meu cabelo molhado funcionando como um capacete gelado. Os verões ali significavam temperaturas congelantes e sufocantes, mudanças repentinas de clima que davam choques no organismo, faziam arrepios correrem pela pele.

— Está bem — falei, sem me mover.

Íamos nos atrasar caso não saíssemos logo. Apesar de ter deixado o relógio no quarto de propósito na esperança de perder a noção do tempo enquanto estivesse na AEA, vi no relógio de plástico na parede da recepção do hotel que eram vinte para as nove.

Uma mistura estranha de famílias e engravatados saiu do elevador diante da nossa mesa: ternos azul-marinho e pretos e saias-lápis justas; pijamas, moletons e pés sem meias. Leves vibrações no piso acompanhando os passos de crianças que corriam em volta dos pais sonolentos. Era estranho pensar que aquelas pessoas seguiriam com suas rotinas, tomariam o café da manhã, encarariam a face de um dia que devia parecer igual a todos os outros. A CNN tagarelava no canto da sala, um fluxo de palavras monótonas se espalhando pelo salão, parecendo conectar aquela manhã a todas as outras que a precederam, as sílabas quase indistintas entre o bater de pratos e talheres — “Qualquer esforço do Congresso de regular o interrogatório de combatentes ilegais violaria a posição de comandante em chefe dada pela Constituição ao presidente” —, as pessoas tirando os olhos de suas mesas por alguns segundos para fixar o olhar na tela.

Eu me sentia perdido em meio a tudo aquilo, à deriva. A costura diária da vida se desfizera em questão de dias, e, por isso, me parecia absurdo, mesmo na época, que a palavra “Guantánamo” escrita na parte de baixo da tela existisse, toda aquela tortura sem sentido acontecendo em algum lugar do outro lado do mundo, enquanto âncoras de olhos brilhantes debatiam sua constitucionalidade. Eu sentia ter enlouquecido. *Não é dolorosamente óbvio que não devíamos estar torturando pessoas?* No entanto, ao mesmo tempo, achei que podia estar errado. Eu já não havia estado errado antes? Não tinha sido, acima de tudo, essa atitude liberal e questionadora que me levava para a AEA? Se tivesse conseguido me manter na segurança da Palavra do Senhor, sem questioná-la, talvez tivesse ficado com Chloe e estivesse a caminho de uma vida normal agora.

Mas eu permitira que influências seculares me moldassem. No dia anterior, um dos conselheiros da equipe, Danny Cosby, nos pedira para analisar nossas vidas longa e dolorosamente. O objetivo era desenhar uma

linha do tempo que demonstrasse nossa progressão pecaminosa até a homossexualidade. Eu havia percebido, para meu horror, que a maior parte da minha atração pelo mesmo sexo tinha se desenvolvido junto com meu amor pela literatura. *Sideways Stories from Wayside School*: a primeira paixão gay. *O sol é para todos*: primeira busca por pornô gay na internet. *O retrato de Dorian Gray*: primeiro beijo gay. *É claro*, pensei. *É claro que eles ficariam com o meu diário*.

A leitura de livros seculares não era incentivada na AEA — os pacientes só podiam “ler materiais aprovados pela equipe”, dizia o manual, e estes costumavam ser apenas obras de autores cristãos fundamentalistas. No entanto, ficar apenas alguns dias sem ler já me fizera entrar em uma depressão noturna que me impedia de dormir. Durante o ensino médio, eu perdera muito tempo e energia evitando gostar demais de livros, temendo que uma narrativa atraente me transformasse em herege, me fizesse entrar correndo em um dos caminhos de vida pecaminosos que meus personagens favoritos seguiam. Meu ano na faculdade tinha sido tão libertador e a leitura fora tão incentivada que eu quase havia esquecido o que era temer que um livro fosse literalmente possuído pelo demônio — como pensara ao ler *Laranja Mecânica*. A linguagem elétrica de Burgess percorrera meu corpo em uma velocidade tão grande que minha pele parecia em chamas, carregada do que eu só podia descrever como poder demoníaco. Eu me perguntei se um dia teria a chance de voltar a ler livremente ou se teria que ficar na AEA por tanto tempo quanto meus conselheiros, aprendendo a viver com os efeitos colaterais do meu pecado, mantendo o resto do mundo a certa distância.

Senhor, torne-me puro, rezei, olhando para os âncoras embaçados através do copo d’água, “Guantánamo” se transformando em algo como “Gargantuesco”. Eu queria me entregar ao esquecimento junto com aquelas pessoas, ao riso, ao folhear casual de um jornal, digerir a manhã como fizera com muitas outras. Mas a linguagem da AEA já estava permanentemente assentada em meus pensamentos, e eu não tinha mais espaço para os confortos costumeiros que tendiam a aquietar minha mente e a fazer o mundo parecer um lugar normal. Na noite anterior, deitado na cama de armar de nossa suíte, a cabeça girando com as regras do manual da AEA, eu quisera mais do que tudo pegar o controle do Nintendo 64 ligado à TV e jogar algumas fases de *Mario* ou de qualquer outra coisa — algo que

encerrasse o ciclo infinito de culpa em minha mente —, mas isso também era proibido.

* * *

O Inventário Moral (IM), outra instituição dos Alcoólicos Anônimos incorporada pela AEA, ocupou o lugar da minha rotina regular de leitura e escrita. Toda noite, eu tinha que me concentrar exclusivamente em meus pecados. Toda noite, eu tinha que achar um exemplo de comportamento pecaminoso em meu passado, escrever sobre aquilo em detalhes, compartilhar na terapia em grupo e ter fé em Deus para que ele me absolvesse.

Os IMs nos ajudavam a reconhecer nossas IFs, cujo desenvolvimento agora conseguíamos traçar claramente pelos *As*, *Pos*, *\$s* e *Ms* dos genogramas criados para mapear o passado condenável de nossas famílias. Apesar de não ter revelado quase nada do que aprendia diariamente na AEA à minha mãe, o pouco da terminologia que deixara escapar já havia se mostrado demais para que ela acompanhasse. Ao correr pela rodovia enquanto eu tentava explicar aquilo tudo, minha mãe quase perdeu a saída. Tinha outra série de números e símbolos dominando sua visão periférica, exigindo sua atenção.

— Em que passo o IM está incluído? — perguntou ela, virando abruptamente para a saída.

Um pequeno shopping à esquerda, um maior à direita, a luz da manhã passando pelas folhas de uma árvore ocasional.

— IMs são usados nos Doze Passos — falei, o manual aberto no colo, o dever de casa por cima.

Reli a folha rapidamente, vi se havia escrito algo vergonhoso demais para compartilhar com o grupo. Mas, na verdade, tudo era vergonhoso. O objetivo do exercício era perceber como aquelas lembranças eram sórdidas e remodelar todas para que se encaixassem no propósito de Deus. Meu grupo fazia as críticas necessárias para ajudar a transição a ser mais tranquila. Lembrava muito uma oficina de poesia que eu fizera no segundo semestre da faculdade: o modo como me sentira ao ouvir as opiniões contraditórias dos colegas, a ideia de que o objetivo final da escrita seria

produzir algo que não ofendesse ninguém, não defendesse nada além dos dogmas aceitos oficialmente.

Talvez esse fosse o custo do ingresso no Reino dos Céus: remova de si todas as idiossincrasias, as opiniões fortes, os credos — não ponha nenhum deus falso à frente Dele —, torne-se uma concha facilmente moldável, um receptáculo para Deus. A Bíblia fala claramente do que é necessário. Ao comentar os mandamentos de Deus, o Livro dos Provérbios diz: *Ata-os ao teu pescoço; escreve-os na tábuca do teu coração*. Se pudesse fazer isso, eu já teria feito: teria aberto as costelas e riscado a Palavra nas cavidades pulsantes do meu coração. Mas parecia que meus conselheiros ex-gays eram os únicos com técnica e experiência suficiente para segurar o bisturi.

Talvez parte do motivo para noites de sono tão inquietas fosse o fato de eu não ter me libertado genuinamente de todos os pecados até aquele momento. Sem o diário, os livros e os videogames, despojado de tudo e sem distrações, eu era forçado a confrontar as partes mais feias e vergonhosas de mim. Para ser tomado pelo Espírito Santo, eu precisava me esvaziar do espírito humano. Sentado no carro, com meu passado sórdido aberto no colo, eu sequer sabia se isso era possível.

— Quantas vezes você vai ter que fazer um IM? — perguntou minha mãe, as mãos agarrando o volante como se indicassem dez para as duas.

Suas mãos estavam sempre posicionadas dessa forma ao dirigir. Árvores passavam em intervalos perfeitos, fios de alta tensão mergulhavam e reapareciam, as placas na lateral da estrada tinham sempre a mesma altura e largura regulamentares e as mãos dela nunca se mexiam.

— Toda noite.

Apesar de suspeitar de que muitas das atividades da AEA eram inúteis, eu me orgulhava de estar tão familiarizado depois de apenas um dia, de ser o primeiro dos novatos a decorar todos os passos. Era um papel no qual me sentia à vontade: o de bom aluno. Também devia ser reconfortante para minha mãe me ver agindo como costumava agir no ensino médio.

— O que acontece quando você não tiver mais nada para contar?

O gemido de sua pele perfumada contra o couro do volante. Ela queria saber o que eu havia escrito, mas tinha medo demais de perguntar.

— O que acontece se você não tiver mais material para os IMs?

O objetivo dos IMs era fazer com que a pessoa percebesse que, naquele momento, havia pecado contra Deus. No caso do nosso grupo, um IM sempre explorava um momento de conduta sexual imprópria, fosse um ato

físico ou uma tentação. O que minha mãe ainda não sabia era que, no Sul, os gays nunca ficavam sem material de trabalho. Ela não sabia que passar a vida toda escondendo a própria homossexualidade, que desviar os olhos sempre que via um homem bonito, que rezar de joelhos toda vez que um pensamento impuro entrava em sua cabeça ou toda vez que você agia de maneira remotamente feminina, que tudo aquilo havia gerado uma coleção de pecados que me deixavam constantemente com vontade de pedir desculpas, de me arrepender, de implorar por perdão. Eu jamais conseguiria contar o número de vezes em que havia pecado. Se quisesse, poderia escrever um IM novo toda noite pelo resto da vida.

* * *

— Somos dominados por um Deus soberano que reina sobre todos os aspectos de nossas vidas — disse Smid, citando o Fluxograma do Inventário Moral presente no manual.

A página do Fluxograma continha duas caixas de texto de borda preta, uma com a palavra “Deus” no centro, a outra, abaixo dela, com as palavras “Mundo”, “Carne” e “Diabo”, justificadas e separadas por espaços iguais. A ideia era que, como cristãos, todos estávamos sob o controle de Deus, mas, por sermos humanos, também estávamos sujeitos às tentações do Diabo, um fato que Smid citou alguns segundos depois:

— Somos afetados por um sistema de mundo pecaminoso, por nossa carne pecaminosa e pelos ataques manipuladores do Diabo.

Smid continuou lendo o fluxograma em voz alta. O IM se baseava no seguinte grupo de suposições, que eu devia engolir se quisesse ser curado.

1. Constantemente enfrentamos muitos desafios na vida.
2. Vivemos as consequências das decisões tomadas para enfrentá-los.
3. Deus nos dá força tanto para querer mudanças em nossas vidas quanto para agir com o objetivo de realizá-las.
4. Para cada aspecto de nossas vidas, podemos encontrar bênçãos e enxergar a bondade de Deus por meio das escrituras.

* * *

Eu estava sentado na ponta direita do semicírculo do grupo, a cozinha às minhas costas. Ouvia alguém lavando a louça atrás de mim, um fluxo regular de ruído branco seguido pelo bater ocasional de talheres, metal contra metal, o farfalhar de um saco de lixo. J estava ao meu lado. De tempos em tempos, ele mastigava o lápis branco com a logomarca azul da igreja de sua cidade. Blá-blá-blá Batista do Calvário. Então ele interrompia a mordida com os dentes bem no meio da logo e segurava o lápis semimastigado com força no punho fechado, uma representação das crateras da lua na mão: um pedaço do mundo remoto e flutuante do qual havia se libertado em todas aquelas noites sobre as quais me contara, horas passadas no isolamento e na gravidade baixa, lendo as passagens reparadoras sem parar. O cabelo, penteado para trás com pomada, caiu em um dos lados de seu rosto, encobrindo um dos olhos. Fiquei feliz por aquele escudo entre nós. Mantive meu IM dobrado embaixo da coxa direita, temendo o momento em que teria que ficar de pé diante daquele grupo e compartilhar minha vergonha. Estava especialmente com medo de compartilhar aquela história com J, que parecia ter desenvolvido grande respeito por mim em apenas alguns dias.

— Eu acho que você entende de verdade — dissera ele em um dos nossos intervalos, esfregando o sapato no concreto brilhante. — Você entende como é difícil estar aqui. Não dá para simplesmente acreditar nas mudanças. É preciso realmente trabalhar para alcançá-las, sabe? Se você quiser que o tratamento dure, tem que permitir que a dúvida surja.

— Acho que é só isso que eu faço — eu respondera. — Duvidar.

— Muitas pessoas, quando chegam aqui, não se permitem duvidar de verdade — falara J, baixando a voz para um sussurro.

A maior parte dos membros do grupo ainda estava dentro do salão, então parecia seguro conversar. Só T ficara do lado de fora, encolhido em um banco com um pacote de biscoitos de manteiga de amendoim nas mãos, as mangas do cardigã preto ainda esticadas, apesar do calor da tarde. Não parecia disposto a abrir o pacote tão cedo, e muito menos a começar uma conversa.

— A dúvida não é incentivada aqui. As pessoas estão desesperadas demais por uma resposta. Mas parece que você só pensa nisso.

Eu gostava de ser analisado daquela maneira, como um personagem de livro, alguém com uma vida interior rica em experiências. A única terapia que fizera fora a de reorientação sexual, nas poucas sessões introdutórias

das quais participara antes de ir para a AEA. A maioria dessas sessões, no entanto, havia sido conduzida levando em conta o que o terapeuta já sabia que havia de errado comigo, um processo que para mim era o contrário de ler um livro. A terapia comum não era incentivada na igreja de nossa família, pois nosso pastor acreditava que orar era suficiente para acabar com quaisquer confusões mentais e morais. Mas J parecia lidar com aquilo naturalmente. Parecia crer que as pessoas também podiam ser entendidas por sua complexidade. Eu queria perguntar que livros ele havia lido para saber se compartilhávamos das mesmas paixões, mas era contra as regras falar sobre a literatura exterior à AEA.

— Acho que você tem razão sobre a dúvida — eu dissera. — Não quero dar um passo errado. Já dei muitos.

— Não — respondera ele. — Você não parece ter feito nada de muito ruim. As pessoas aqui ficam com uma cara específica depois de fazerem alguma coisa que não querem compartilhar.

Apesar de sabermos que havia alguns ex-pedófilos no grupo, ninguém falava disso abertamente, o assunto só era mencionado de forma vaga pelos membros mais fechados.

— Não queria compartilhar nada disso — eu explicara. — Parece pessoal demais.

Não que eu temesse meu papel como pecador. Eu me sentia envergonhado por minha real falta de experiência, ou pelo menos pela falta de iniciativa que demonstrara durante a experiência. Como eu podia deixar que J ficasse sabendo, na frente de todos, que minha primeira e única vez fora tomada de mim contra a minha vontade?

— Você tem que compartilhar as coisas com as pessoas — dissera ele, voltando a caminho das portas de vidro e abrindo uma delas com um puxão, quando então uma rajada de ar frio atingiu meus braços. — É o primeiro passo na direção certa.

— Mas e se nada disso funcionar? E se isso só me deixar mais confuso?

— Boa pergunta — respondera J, virando-se por um segundo, antes de seguir, como sempre, para nosso semicírculo em torno de Smid.

* * *

Ao que tudo indica, a confusão era um ponto importante do Primeiro Passo. Em meio à nossa desorientação, começaríamos a entender que estávamos “fora de controle”, que precisávamos confiar na autoridade de Deus e dos conselheiros. No dia anterior, Smid me pedira para pensar em uma época em que meu pai e eu havíamos praticado esportes juntos. Será que eu tinha me sentido desconfortável? Tinha recebido de meu pai toques suficientes de afirmação de masculinidade? Buscava um amor que ele não queria me dar? Depois de apenas algumas perguntas, eu não me lembrava mais do que tinha sentido. Realmente nunca havia sido bom em esportes. Era verdade que eu nunca havia gostado de jogar bola com meu pai no jardim. E, sim, às vezes pegava o primeiro lançamento dele, mas, no fim, jogava a luva de beisebol longe e deixava a bola rolar para fora do couro. Mas será que isso significava que eu não gostava da sensação da grama sob meus dedos? Significava que não adorava a sensação do sol quente em meu rosto, que não sentia a voz de meu pai como uma vibração quente no peito? Eu não tinha mais certeza.

A Bíblia fala muito de sacrifício, de como o mundo deixa de compreendê-lo quando você aceita a cruz e passa a seguir os passos de Jesus.

— Você vai parecer chato para muita gente — dissera meu pai no dia do meu batismo. — Eles não vão entender a alegria profunda no seu coração. Para eles, você vai parecer maluco.

Mas isso significava que meu pai e eu não íamos mais entender *um ao outro*? Jesus disse em Matheus: *Porque eu vim pôr em dissensão o homem contra seu pai*. E, apesar de ter lido aquelas palavras dezenas de vezes, eu não sabia se queria abandonar a possibilidade de experimentar, na vida real, a beleza das relações confusas e complexas apresentadas nas aulas de literatura. *Senhor, rezei naqueles primeiros dias, ajude-me a saber a diferença entre a beleza e o mal.*

A AEA conhecia bem essa diferença. Em quase todas as folhas dos manuais de 274 páginas havia uma versão do seguinte: para sermos puros, tínhamos de nos tornar uma ferramenta, algo que Deus poderia usar em nome de um bem maior. Isso significava que não havia espaço para a beleza como antes conhecíamos. Quaisquer costumes e hábitos que nos tornassem mais do que meras ferramentas eram considerados vícios, aspectos desenvolvidos a partir de mensagens danosas passadas a nós na infância. Tudo isso estava explicado claramente no Caderno de Vícios.

Vícios surgem de um sistema de crenças gravemente distorcido. Nossas mentes são desgraçadas já no instante em que nascemos e naturalmente tendem a se distanciar da verdade. O problema é o mesmo para todos. No entanto, quando recebemos mensagens confusas ou hostis na infância, nos tornamos mais vulneráveis ao desenvolvimento de padrões viciantes.

O Caderno de Vícios continuava dizendo que tudo em nossas vidas pecaminosas e sexualmente pervertidas fora cooptado pelo mundo, pelo Diabo. Em uma seção chamada “Você é produto do mundo (e do Diabo!)”, ficávamos sabendo que “Satã é o deus desse mundo”, que ele tem domínio sobre tudo que não vem diretamente da igreja ou da Bíblia, que “na verdade é este mundo que está fora de controle e de cabeça para baixo, não Deus” e que precisávamos estar dispostos a pôr em xeque tudo aquilo em que pensávamos e acreditávamos. Mas não bastava apenas questionar nossas crenças. Era necessário estar disposto a sofrer mudanças extremas, a deixar para trás pessoas que podiam atrapalhar nosso desenvolvimento, que nos lembravam de nosso passado. Tínhamos que ser capazes de abrir mão de qualquer ideia que tivéssemos a respeito de nós mesmos antes de chegarmos à AEA: “Também lembre-se de que agora, como cristão, você NÃO É SEU, mas foi comprado por um preço (1 Coríntios 6:19), deve ver Jesus como seu Mestre.” Tínhamos que entregar nossas lembranças, nossos desejos e nossas ideias de liberdade a Jesus, nosso Mestre. Tínhamos que nos tornar servos Dele.

* * *

— Somos nós que temos de pedir ajuda a Deus — disse Smid. — Somos nós que temos de implorar por perdão.

Quando eu olhava para Smid daquele ângulo, não podia deixar de notar a semelhança gritante entre ele e Jeff Goldblum, um rosto muito familiar em virtude das muitas reprises de *Jurassic Park*: nariz fino, sorriso largo e olhos acentuados por óculos grossos. No entanto, quando Smid inclinava a cabeça para outro ângulo, seu rosto ficava mais chato, perdia toda a Goldblumidade. Em um segundo estava lá e, no seguinte, não mais. Eu me perguntei se Smid havia praticado aquele efeito, se tinha calculado as

proporções: um Jeff Goldblum para cada cinco Smids bonzinhos e obedientes.

Tentei não sorrir. Era mesmo absurdo quanto Smid conseguia ficar parecido com Goldblum. Com medo de começar a chorar, relaxei o rosto e abri um sorriso idiota. Será que J também via aquela semelhança? Será que seus pais haviam permitido que ele visse *Jurassic Park* quando criança?

J parecia ser alguém que havia sido educado em casa, seu nível de concentração intenso demais para manter uma vida social ativa. Só que a maior parte das crianças educadas em casa no Cinturão da Bíblia era muito monitorada por pais fundamentalistas. Mesmo assim, eu queria saber se nossas infâncias haviam sido parecidas, apesar de nunca ter perguntado. Ninguém no programa falava muito sobre o passado por medo de desenterrar algum prazer pecaminoso que já havia sentido. Imaginei que seria assim que me sentiria se encontrasse no Céu alguém que conhecia na Terra: a ausência de tudo que havia sido tão familiar um dia, restando apenas a essência ou a aura. *E não haverá mais morte*, diz a Bíblia, *porque já as primeiras coisas são passadas*. Mas J e eu ainda estávamos longe do Céu, a instituição de paredes brancas era apenas uma simulação do pós-morte, e eu ainda conseguia sentir o peso do meu pecado no fundo do âmago.

— Para cada aspecto de nossas vidas, podemos encontrar bênçãos e enxergar a bondade de Deus por meio das escrituras — repetiu Smid.

Ele disse aquilo tão rápido que as palavras saíram como um emaranhado que tive que desfazer:

—

Podemos encontrar bênçãos e enxergar a bondade de Deus por meio das escrituras.

E isso me fez lembrar das orações que meus pais haviam me ensinado a fazer toda noite quando criança. As palavras saíam automaticamente, em um fluxo repentino e desesperado, rumo a fazer contato com um Deus impaciente:

Agora que vou me deitar,
peço ao Senhor para minha alma guardar.
Caso eu morra antes de acordar,
peço ao Senhor para minha alma levar. Amém.

Eu não sabia mais que horas eram. Encarava a faixa de pele branca em meu pulso onde o relógio costumava ficar. As palavras de Smid fluíam, e logo a luz do sol cortava a sala, dividindo o carpete em polígonos. Smid circundou o grupo, seus passos circundando a luz. Lembrei-me de que eu e meus amigos costumávamos jogar algo quando crianças, depois do culto: um passo em falso e você morria destruído pela lava; um passo em falso e era preciso ficar de fora e observar as outras crianças brincando. Inclinei o pé para a luz, o plástico das ponteiros dos cadarços brilhando. Se as coisas ainda pudessem ser simples assim...

O manual parecia pesado em meus joelhos, o IM pronto para abrir um buraco em minha coxa. Será que um dia eu aprenderia, como muitos dos veteranos em nosso grupo, a falar de forma casual sobre um assunto que me deixava em pânico? Talvez fosse uma mudança para melhor, deixar tudo às claras. Eu havia lido o IM incluído no manual, e a linguagem usada para descrever o exemplo de pecado sexual havia me chocado, assim como a linguagem terapêutica quase onipresente e que parecia cobrir cada declaração, tornando-a quase impossível de identificar no mundo físico, todas as IFs do falante removidas até não haver nada além de puro arrependimento divino, uma forma platônica de recuperação, todas as marcas distintivas apagadas.

Aquilo me lembrou o modo como me sentira ao terminar o genograma no dia anterior. Levantando-me para olhar para a cartolina, eu havia pensado: *Aí estão eles*, como se minha família tivesse se reunido diante de mim apenas para revelar meu lugar na AEA. Estranhamente, era a primeira vez que me sentia à vontade com todos os meus parentes em uma única sala. Ali, me encarando do pequeno pedaço de carpete, pareciam seres inócuos, cercados por seus pecados, incapazes de me julgar. E apesar de a gramática precisar de certa revisão, o exemplo de Inventário Moral que tinha lido prometia a mesma coisa: uma vida com Deus; a volta a nosso estado puro anterior ao pecado; a promessa de um “despertar espiritual” professada pelo Décimo Segundo Passo, algo que viveríamos um dia caso ficassemos tempo suficiente no programa; o mundo perdendo importância até sumir de vista. O IM usado ali como exemplo parecia uma carta vinda de outro mundo.

Eu busquei um encontro e usei e manipulei a pessoa para remediar a dor que sentia em minha vida. Usei uma fantasia como fuga, mas, quando a

fantasia acabou, a realidade foi ainda mais dolorosa. Acreditei que me daria esperança e liberdade, mas tudo que encontrei foi mais culpa, condenação e desesperança. Menti para meus amigos e minha família sobre meu problema e tentei me esconder dele. E então o problema só se intensificou, deixando minha vida ainda mais fora de controle. Acreditei em muitas mentiras: que não valia nada, que não tinha esperança, futuro. Rejeitei as pessoas que podiam me ajudar e mergulhei nas coisas que me machucavam.

— Vamos começar por aqui — disse Smid, apontando para S, que estava sentada na ponta esquerda do grupo. — Mas, primeiro, vamos lembrar algumas regras básicas.

Enquanto recitava as regras, ele marcava cada uma com o indicador, até abrir a palma branca da mão e estendê-la para nós:

— Nada ilícito. Seja respeitoso. Nada de glamorizar, racionalizar ou minimizar o que aconteceu ou o modo como você se sentiu.

A cozinha atrás de mim tinha ficado quieta, a sala principal tomada pelo som de respirações silenciosas, a luz do sol tão forte no carpete que parecia soltar um zumbido audível.

S ficou de pé e foi até o meio do círculo. Ela usava uma saia jeans longa e estava sem maquiagem, o cabelo preso em um rabo de cavalo cheio de frizz. Parecia uma daquelas menonitas que vendem brownies e outros doces em lojas de bugigangas nas cidades pequenas de todo o Arkansas.

— Tudo começou com um beijo — começou ela. — Não vou entrar em detalhes, mas foi assim que começou. Achei que era inocente, mas estava errada.

Olhei para J de canto de olho. Ele me lançou um meio sorriso irônico. *Prepare-se*, parecia dizer.

— Eu fiz... coisas horríveis — continuou ela, lendo uma folha amassada de papel quadriculado que balançava em suas mãos trêmulas. — Senti muita vergonha. Sabia que Deus estava decepcionado, mais do que decepcionado. Eu lhe dera as costas. Comecei uma relação pecaminosa com outra menina. Uma coisa repulsiva. Olhando em retrospecto percebo como era nojento.

S olhou para a própria saia. Então fechou os olhos.

— Não tenha medo — pediu Smid.

— Foi por isso... Foi por isso... — disse, de olhos fechados. — Acho que foi por isso que acabei usando o cachorro.

A palavra “cachorro” soou como uma maldição, algo que vinha se formando dentro dela havia anos.

Ela estava na parte das Consequências de seu IM, seguindo em direção à seção Mudanças.

— Quero mudar a mim mesma. Estou cansada de me sentir vazia.

Todo o IM era criado para levá-la à redenção. O resto do relato foi direto, com uma série de frases feitas em cada seção. Ao recitá-las, a voz de S se encheu de um tipo de orgulho que não estivera presente alguns minutos antes.

Forças: — Estou aprendendo a confiar mais em Deus, a confiar em Sua graça.

Objetivos: — Quero ler mais a Bíblia todos os dias, realmente ouvir a voz de Deus.

Bênçãos: — Vejo agora quanto amor recebi, quantas bênçãos foram concedidas em minha vida. Vejo como fui ingrata no passado.

Aplicação do Passo: — Acho que essa experiência e a lembrança dela está mais diretamente ligada ao Terceiro Passo. Decidi entregar minha vida aos cuidados de Jesus Cristo.

Escritura: — Peguei este trecho de João, da Epístola aos Gálatas e dos Salmos. “Não podemos confiar em nós mesmos. Cada centímetro de nossa confiança tem que ser entregue a Deus.”

Três, quatro, cinco pessoas haviam falado, as histórias se misturando em um longo fluxo de arrependimento. A sala estava congelante àquela altura. Desdobrei as mangas e abotoei os punhos da camisa.

— Um dos nossos membros novos vai compartilhar conosco pela primeira vez — disse Smid, andando até mim.

Senti o olhar de J. Era visível que estava tentando me incentivar, mas aquilo só fazia com que me sentisse pior. Tirei meu IM de baixo da coxa, a mão trêmula.

— Você quer mesmo falar? — perguntou Smid, sua voz soando carinhosa, educada, incentivadora.

Eu me levantei e fui até o meio do grupo. Tossi. Queria dizer a todos que estava tremendo de frio, não de medo.

— Não tenha pressa — disse Smid.

Eu poderia fugir correndo, pensei. Poderia abrir a porta de vidro e fugir pelas ruas até chegar a um parque público onde pudesse me esconder.

Um bater metálico vindo da cozinha. Tossi outra vez e acrescentei minha voz ao coro.

OUTROS GAROTOS

Eu estava parado na entrada do alojamento com uma caixa de papelão junto ao peito, os blocos de concreto branco da escada cobertos por uma camada de teias de aranha e poeira, respirando o ar daquele não lar: lençóis não exalando aroma de flores, balcões de cozinha não limpos com água sanitária, páginas da Bíblia não se abrindo para exalar o aroma de décadas de manuseio cuidadoso. Em vez disso, cheiro de decadência, apatia e do que logo reconheceria como o cheiro de outros garotos.

— Merda — falei, a caixa quase escorregando de minhas mãos.

Foi bom falar o palavrão em voz alta. Era sonoro, prazeroso. Ali, naquela meca das belas-artes com uma leve tendência presbiteriana que se recusava a se levar muito a sério, não havia ninguém para me impedir de falar palavrão. Havia o culto da quinta à tarde, caso quisesse comparecer. Mas, se não quisesse, tudo bem. Eu fazia parte da maioria dos alunos caso ignorasse o repicar descomprometido do sino percorrendo o campus. Imaginei-me ouvindo seu toque enquanto saía da aula, sorrindo com a imagem de cultos obrigatórios recuando diante da filosofia *carpe diem* de certos cursos de humanas.

— Merda — repeti.

Minha voz se tornou um eco. Uma porta de banheiro se abriu no corredor adjacente e um garoto de cabelos pretos e boca aberta pôs a cabeça para fora, me lançou um olhar entediado de cima a baixo e deixou a porta fechar com força. Ali, ninguém parecia se importar com o que eu falava nem com o que eu fazia.

* * *

Apenas meia hora antes, eu havia observado meus pais irem embora pela estrada de asfalto sinuosa que descia uma colina coberta de pinheiros. Fiquei parado, os tênis brancos junto ao meio-fio, um calouro em seu

primeiro dia segurando a última caixa cheia de porta-retratos vazios nos quais me recusaria a colocar fotos de família. UMA FAMÍLIA VALE MAIS QUE MIL PALAVRAS, dizia o porta-retratos que estava por cima. Um clarão de sol na janela traseira e meus pais tinham ido embora.

No caminho até ali, ao ver a torre do sino no topo da colina, meu pai havia soltado um assobio alto no banco do motorista. Eu percebera na hora o que ele queria dizer. Ele ficava impressionado com qualquer construção que exigisse elevação, qualquer coisa que chegasse a uma altura impossível. A igreja da nossa cidade tinha acabado de instalar um novo campanário branco, com uma janelinha de escotilha que capturava o sol ao nascer e ao se pôr, antes de soltá-lo no céu outra vez. Meu pai planejava construir um campanário similar, ou talvez um pouco maior, antecipando o dia em que se tornaria um pastor ordenado com uma igreja própria. Naquele mês, depois de anos de debate privado entre ele e Deus, ele decidira se render publicamente ao chamado do Senhor e se tornar pastor. Desde então não parava de falar sobre o tipo de igreja que queria construir, sobre o grupo de pessoas parecidas com ele, tementes a Deus, que um dia chamaria de seu rebanho.

* * *

— Merda — repeti.

Os porta-retratos bateram uns nos outros, ameaçando cair. Apenas alguns minutos antes, eu havia carregado caixas duas ou três vezes maiores só para provar que era mais forte do que meu pai. Tinha observado a mancha de suor em formato de mariposa se espalhar pelas costas da camisa de algodão dele enquanto o seguia pelas escadas, sentindo-me limpo e superior, minha mãe guiando nossa subida, implorando para tomarmos cuidado com onde pisávamos *pelo amor de Deus*.

Uma vez que ele havia ido embora, meus dedos relaxaram. Um dos porta-retratos caiu, fazendo barulho pelos degraus, uma rachadura fina formando um Z no vidro.

— Precisa de ajuda? — perguntou uma voz.

O som veio de algum lugar abaixo e saltou sobre mim. Seria assim que mais tarde me lembraria dessa voz: saltando. Não, *atacando*, pensaria eu. *Derrubando*.

Apoiei a caixa no quadril direito. Pela grade de metal abaixo, pude ver dois braços envolvendo uma enorme esfera de roupa suja, todas brancas, já amassada. Os braços ficaram mais definidos à medida que se aproximaram: duas faixas finas, incrivelmente parecidos com os meus.

Eu havia perdido quase 22 quilos durante o verão. Começara aos poucos, antes de cortar todo o contato com Chloe, depois o peso fora diminuindo de forma tão repentina que vários amigos não haviam me reconhecido ao me ver correndo pelas ruas esburacadas da cidade. Eu tinha me recusado a comer mais de quinhentas calorias por dia e me punido ainda mais correndo por pelo menos duas horas toda tarde. Em parte uma penitência pelo fracasso com Chloe, em parte um desafio às supostas expectativas das pessoas sobre meu futuro na igreja, minha perda de peso ganhou um toque irritado e masoquista que beirou a anorexia e assustou meus pais a ponto de terem começado a me perguntar o que estava errado dia sim, dia não — apesar de atribuírem o comportamento à minha decisão de ser mais ativo e renunciar à vida de *gamer*. Quase não saí inteiro daquela situação, mas tinha orgulho do que sobrara: havia escavado *outro* eu; a possibilidade de anonimato do belo e do magro. Como a aula de Psicologia Básica me informaria depois, eu encontrara o segredo da beleza humana: proporções verdadeiramente medianas.

— Pode me dar — disse a voz, a mão tentando pegar a caixa, uma cueca boxer branca caindo de seus braços para o piso manchado, nossos olhos se encontrando e reconhecendo que ambos éramos membros do Clube de Proporções Verdadeiramente Medianas.

— Tem certeza? — perguntei.

— O Senhor vai me ajudar — respondeu ele.

Então éramos membros de mais de um clube. Eu me perguntei quais outros teríamos em comum.

Ele tinha o sorriso de um pastor que trabalhava com jovens, vazio e sem mostrar os dentes. Vou chamá-lo de David. Ele também era calouro.

— Vi você mais cedo — disse David.

Ele explicou que tinha me visto quando voltava da lavanderia e que esperara meus pais irem embora; disse que pareciam legais, mas chatos como todos os outros. Enquanto conversávamos, descobrimos que tínhamos muito em comum. Falamos das banalidades habituais: nós dois preferíamos acordar cedo, ambos nos interessávamos por corrida e nos considerávamos muito estudiosos.

Ele pegou minha caixa com uma das mãos e empilhou as roupas sujas na outra, subindo os degraus para o segundo andar — esquerda, juntos, direita, juntos; os passos breves e cuidadosos de uma procissão formal —, a parte de trás de seus sapatos sociais marrons brilhando à luz empoeirada, os calcanhares sem meias aparecendo a cada passo em flashes pálidos.

A música de uma banda de metais ecoou pela entrada do alojamento. A banda marcial da faculdade circundava o pátio, marchando em formação, de uniforme completo, os instrumentos brilhando ao sol.

— Você gosta daqui? — perguntou ele.

— Parece barulhento — falei. — Mas legal.

— A administração disse que eles estão sempre ensaiando.

— E como as pessoas conseguem se concentrar nas tarefas de casa aqui?

Olhei para trás, para a cueca jogada nos degraus, sem saber se ele queria que eu pegasse.

— Por quê? Você não gosta de música?

— Talvez eu esteja no lugar errado — brinquei.

Tirei os olhos da cueca. Não sei se ele voltou para buscá-la ou se era um adereço dispensável. A peça ficaria ali esperando, como uma casca de banana, pelo próximo calouro inocente, esquete de uma comédia pastelão muito diferente, com um ator muito diferente.

— Mais uma pergunta — disse David, virando-se para a porta do meu quarto entreaberta, ainda sorrindo, mesmo que discretamente, na minha direção. — Para a gente se conhecer melhor...

Eu queria voltar e pegar a cueca, experimentá-la, sentir como seria estar próximo daquele outro corpo normal.

— Que superpoder você preferiria? — perguntou ele. — Voar ou ser invisível?

A banda marchou para a outra ponta do pátio. Uma rajada forte de vento abriu a porta e a fechou com força.

Ser invisível, pensei na hora. Livre para fazer o que quisesse, ir aonde quisesse, sem ser visto. Eu me sentira de toda forma menos invisível nas semanas anteriores à ida para a faculdade. Depois de terminar com Chloe, tentei ignorá-la o tempo todo na igreja, mas parecia que todo mundo sabia que eu era o vilão da história, que devia ter feito algo horrível para perder uma menina tão legal. Chloe, do outro lado da igreja, passara os olhos por mim e agarrara o braço de outro menino, bem forte e largo, de tanto lançar bolas de futebol americano; ela atraía o olhar de outros membros da

congregação, fazendo com que minhas orações automáticas em voz alta começassem a sair gaguejadas. *Meu Senhor*, eu começara, a respiração abafada do coletivo à minha volta ficando mais alta, mais cheia de expectativa, *dê-me forças para aguentar. O que quer que aconteça* — os homens do estudo bíblico da concessionária esperando que eu me recuperasse do fracasso com Jó, seus olhos analisando os meus em busca da resposta para o sofrimento humano. Ninguém ouvindo nem observando: parecia um sonho.

— Ser invisível — falei.

— Isso diz muito sobre você. Você é introvertido — disse David, chutando a porta destrancada do meu quarto. — Você vai se divertir muito aqui.

Mais tarde, depois que tudo aconteceu, quis muito poder mudar minha resposta. Eu repetia a alternativa sem parar, querendo esquecer tudo que veio depois do momento em que entrei no quarto do alojamento com ele.

Voar, pensava eu. *Deus, quero voar.*

* * *

— Como seu colega de quarto ainda não chegou, você pode escolher. Que cama vai querer? — perguntou David.

O quarto era pequeno e atulhado. Ficamos parados à porta, encarando nossos reflexos em um espelho de parede manchado de preto. Eu era o introvertido, e ele, o extrovertido. Ele sorriu, eu fiz uma careta. Enquanto o cabelo dele parecia refletir a luz dourada vinda da janela, o meu, castanho-escuro, parecia absorvê-la, roubá-la de cada canto do cômodo.

— E aí? — insistiu ele. — Qual vai ser?

— Não sei — respondi.

Os amieiros diante da janela balançaram as sementes secas. Uma das flores bateu no vidro, fazendo barulho, e caiu do parapeito.

— Bom — disse ele. — Meus braços estão doendo.

Ele passou as mãos para a frente da caixa para segurar melhor.

Andei até a ponta do beliche de madeira. O restante das minhas caixas estava empilhado atrás de mim. Eu não havia parado para pensar em que cama ia ficar. Em casa, eu sempre havia dormido na parte de baixo e deixado a de cima para minha mãe.

— Anda — pediu David. — Estou ficando cansado.

— Vou ficar em cima — pensei, achando que seria mais fácil não incomodar meu colega de quarto.

Ele pousou a caixa de porta-retratos no colchão vazio. A caixa quicou, empurrada por uma mola solta que pretendia me causar muita dor.

— Cadê a sua família? — perguntou ele. — Já foi?

— Já — falei. — Já foram embora.

Na época, eu me senti bem ao dizer aquilo.

* * *

Passei mais de meia hora no banheiro do alojamento naquela primeira noite, com medo de pôr a cueca, com medo de que as estrias provocadas por toda a perda de peso aparecessem enquanto eu subia na cama de cima. Examinei-me no espelho, virando-me para ver minhas pernas de todos os ângulos. Lembrei-me de como Chloe às vezes apertava as laterais das minhas coxas e se aproximava para me beijar, do medo de a mão dela se mover mais para cima quando nossos lábios se encontrassem. Eu me perguntei se toda a corrida havia finalmente conseguido queimar aquele pedaço de pele contaminada.

O garoto de boca aberta que havia me olhado naquela manhã entrou no banheiro, em uma cabine próxima. Então soltou um fluxo forte de urina que apagou minha lembrança de Chloe. Quando finalmente decidi que as marcas não apareceriam, voltei para o quarto e subi os degraus de madeira o mais rápido possível, sentindo os olhos de meu novo colega de quarto, Sam, passarem por minhas panturrilhas.

— Pernas maneiras — disse ele. — Você corre todo dia, não é?

— É — respondi. — Basicamente.

Sam e eu não havíamos conversado muito quando ele chegara naquela noite. Algumas brincadeiras, mas nada de mais. Assim como David, Sam acordava cedo e corria. Era estudioso. Mas, percebi, não tinha metade de seu charme.

Deitei-me no colchão com os lençóis recém-lavados e abracei um travesseiro. Sentia-me limpo, puro naqueles lençóis de algodão com aquele novo corpo. Pensei em meu pai trabalhando no velho descaroçador de algodão da família, levando o algodão ao processo de limpeza, prensando a

brancura em fardos que depois seriam usados para fazer estes lençóis. Ser o produto final de todo aquele trabalho era reconfortante.

Sam se levantou e apagou a luz dando um tapa no interruptor. Por alguns segundos, ainda pude ver o brilho de suas costas pálidas se movendo no escuro.

* * *

Nós nos acomodamos em silêncio. Cada farfalhar dos lençóis da cama dele, cada respiração profunda, cada tosse ou engolir de saliva mais alta tinha o poder de me acordar com um susto. Virei-me de lado. Ainda achava difícil dormir sem TV, sem o som regular de vidas pré-gravadas me convencendo a perder o medo do Inferno.

Depois de meia hora de silêncio, Sam ligou a TV. Os cantos do quarto recuperaram o tom azulado, as áreas de sombra foram redescobertas.

— A TV incomoda você? — perguntou ele.

— Nem um pouco — falei. — Mas não está passando nada agora.

— Como você sabe?

— Tenho insônia. Mas estou tão agitado agora que nem a TV vai ajudar. Acho que vou dar uma caminhada.

Saí do quarto e dei algumas voltas no pátio. Estava contando o número de rachaduras na calçada quando esbarrei com David, que também parecia sofrer de insônia. Ele andou até mim.

— Não consigo dormir — falou.

— Você está em um lugar novo — expliquei. — Seu corpo precisa de tempo para se adaptar.

Pouco antes, eu havia lido um artigo que ligava traços evolutivos aos padrões de sono. Era libertador ler algo tão a favor da ciência da evolução, tão casualmente anticriacionista, tão diferente do que minha igreja e minha escola tinham me ensinado.

— A pessoa tem que ser muito idiota para achar que viemos de um macaco — costumava dizer nosso pastor, uma declaração que gerava gritos de amém na congregação.

Em minha escola pública, a professora de biologia havia pulado o capítulo sobre evolução e dito que podíamos ler em casa, se quiséssemos. No dia em que devíamos estudar Darwin, ela convidou as líderes de torcida

da nossa turma para fazerem a coreografia que apresentavam nos jogos. Como movimento final, as meninas tinham que abrir uma bandeira da Confederação e marchar em círculo para que todos os lados do estádio pudessem vê-las. Era nessa parte que nossa mascote, Rebel, um homem de cabeça grande vestido de dono de latifúndio, tinha que correr até o campo de futebol americano e dançar com as meninas. Na época, a omissão da professora me pareceu relativamente normal, mas, quando comecei a ler mais sobre biologia na internet, percebi que ela vinha ignorando o que 97 por cento da comunidade científica acreditavam. Sentindo-me tão amaldiçoado quanto animado, li vários outros artigos sobre o assunto. Apesar de ainda acreditar n'Ele, não me sentia à vontade com a ideia de um Deus que preferia ignorar a ciência.

— Existe uma vantagem evolucionária em acordar com qualquer barulho — expliquei.

— Você acredita nessas coisas?

— Não sei — falei. — É interessante pensar que podemos ser filhos de sobreviventes. Que talvez estejamos aqui porque nossos tatatatataravós foram mais fortes, de algum modo.

— Não gosto dessa palavra — disse ele.

Ele limpou algo do braço, como se estivesse tirando minhas palavras de sua pele.

— Avós?

— Não. Evolução.

— Não falei “evolução”. Falei “evolucionária”.

— Vamos lá — disse ele. — Vamos ver o que está passando na TV.

Andamos de volta até o alojamento dele e seguimos para o lounge, onde podíamos ver TV. Nos acomodamos nas poltronas que cobriam uma das paredes da sala, e David começou a trocar de canal. Ele parou em um comercial conhecido sobre um grill revolucionário. Um homem de bronzeado alaranjado começou a pôr quatro pedaços de frango crus na grelha. Usava um longo avental verde. Toda vez que punha outro frango na grelha, seus lábios se abriam em um sorriso largo.

— Vou até ali — disse ele, a câmera dando um zoom em uma coxa besuntada de azeite. — Vou pôr os pedaços de frango aqui em nosso grill Promodel e depois vou... — A câmera fez um arco para revelar uma plateia sorridente composta de casais brancos de meia-idade. — Como é, plateia?

De esguelha, vi David se remexer na poltrona. A luz da TV dividia a sala em polígonos escuros.

— Como é, plateia? — repetiu o homem de bronzeado alaranjado.

— Aqueça — berraram David e o homem em uníssono — E ESQUEÇA!

Qualquer pessoa que havia assistido TV tarde da noite naquele ano sabia aquele slogan. A plateia do estúdio repetia a frase toda vez que o homem colocava mais pedaços de frango no grill. Ele incentivava a plateia a gritar ainda mais alto a cada vez.

— É muito fácil — dizia ele. — Incrivelmente fácil.

Aquela frase se espalharia como um mantra xamânico pelos corredores do alojamento. Estudantes estressados repetiriam aquilo como se fosse a solução para a enorme quantidade de trabalhos acadêmicos. Deixe para lá e dê o fora.

— Você realmente acha que sua avó foi um macaco ou algo assim? — perguntou David.

— Acho — respondi. — Minha avó poderia ter sido um macaco, se quisesse. Ela poderia ter sido qualquer coisa.

Contei a ele sobre uma brincadeira que eu e minha avó costumávamos fazer. Eu balançava um de seus longos relógios de bolso diante do rosto dela — *you are staying with me now, very sleepy* — até suas pálpebras cheias de veias começarem a piscar e se fecharem totalmente. E então eu dava a ela ordens para aquele dia. *You will act like a ghost until I clap my fingers three times. You will feel like you are under the water, like a mermaid, until I yell: "Grandma, wake up!" You will do everything I tell you to do.* O relógio ficava como um amuleto em meu bolso durante o restante do dia, e minha avó representava fielmente o papel de hipnotizada. Uma vez, tinha até entrado de quatro na sala de jantar e latido como um cachorro durante uma das partidas de bridge mensal com as amigas. Precisei estalar os dedos várias vezes, envergonhado por ela e mais do que um pouco assustado com a reação exagerada das velhinhas, que, como percebi mais tarde, também eram alvo da brincadeira da minha avó. As cartas de uma das mulheres haviam caído do colo dela, figuras vermelhas e pretas escorregando e formando um zigue-zague atrás de seus calcanhares. Quando se abaixara para pegá-las com a mão trêmula e enrugada, ela quase caíra da cadeira. *Grandma, wake up!*

Hipnose, autoinfligida ou não. Era um talento de que eu e minha avó compartilhávamos. Acreditávamos que podíamos nos transformar em algo que não éramos. Talvez até fosse genético.

— Então, de acordo com essa baboseira evolucionista — disse David —, quanto mais você fica em um lugar, mais você começa a confiar nele?

Ele bateu no braço da minha poltrona. Senti a vibração por todo o braço.

— Vai se tornando mais fácil confiar nas pessoas ao seu redor?

— Acho que, de uma maneira inconsciente, sim.

O homem de bronzado alaranjado se virou para a plateia, os dentes brilhando.

— Quando fechar nosso Promodel, vai ser muito fácil — disse. — Quão fácil, pessoal?

David desligou a TV. A escuridão tomou o lounge. Eu ainda podia ver a silhueta dele na parede. A imagem que se fixou me lembrou um dos cidadãos de Pompeia, capturados em seu último gesto antes de o Vesúvio prendê-los em seu túmulo de cinzas.

Era por isso que as pessoas enchiam porta-retratos de fotos de família? Um flash súbito e as pessoas que amávamos eram preservadas em sua inocência, sua alegria, antes que pudessem fazer mal umas às outras? O oposto parecia verdade para o meu pai, que dizia que a promessa das fotografias era enganosa, que nossos pecados só podiam ser transformados em bondade *depois* da destruição, *depois* do flash do Arrebatamento. Ele acreditava que nossos verdadeiros corpos só se realizariam depois que tivéssemos ascendido aos Céus e ficado cara a cara com Deus — sem estrias, sem um grama de gordura, nem impulsos pecaminosos: um lençol branco e sem vincos estendido entre esta vida e a próxima. Uma tábula rasa vislumbrada durante a vida terrena apenas uma vez, se tivéssemos sorte, nas águas brilhantes do batismo, enquanto o pastor guia sua cabeça de volta para a superfície e você tenta respirar de novo.

Eu me senti seguro. Invisível no escuro.

— Aqueça! — gritou David — E ESQUEÇA!

* * *

Precisa de ajuda? Decidir aceitar a ajuda de David pareceria algo estranhamente ameaçador. Mais tarde, eu passaria muito tempo pensando

nas escolhas que fiz naquele ano. Por mais irracional que fosse, eu às vezes acreditava que ele não teria me estuprado alguns meses depois — levado meu rosto até o buraco de sua cueca de algodão e me forçado a chupá-lo até eu engasgar em um coquetel do meu próprio vômito e do sêmen dele, a intimidade que achava que queria com ele apenas minutos antes me sendo imposta com extremo excesso — se eu simplesmente tivesse decidido carregar minha caixa até o alojamento.

* * *

— E a igreja? — perguntou David.

Quase dois meses do semestre haviam passado e nós ainda mal nos conhecíamos. Depois de nossa conversa noturna sobre evolução, eu havia pensado que era melhor manter distância, apesar de às vezes esbarrarmos um com o outro enquanto seguíamos para nossos quartos. Tínhamos ido correr juntos. Ele estava sentado na ponta de uma cadeira do lounge, o short vermelho de ginástica pendendo quase até o chão. Depois de correr de manhã cedo, ele passava horas sentado, assistindo a talk shows, o suor secando, a respiração se regularizando aos poucos. Tomou um gole d'água de uma garrafa com o brasão da faculdade e limpou a boca ressecada com as costas da mão.

— Eu frequento — falei, tirando os olhos de meu exemplar de *Memórias do subsolo*, de Dostoiévski. — Às vezes.

Era mentira. Dois meses haviam se passado e eu não tinha ido a nenhum culto. Quando minha mãe ligava, eu inventava histórias sobre como as pessoas eram legais na igreja batista local, sobre as festas que frequentava, o macarrão com queijo, a vagem e o frango assado que comia depois dos cultos dominicais. Escondia tudo isso de David. Toda noite, em meu quarto, eu encarava as constelações formadas pelas rachaduras no teto de gesso e imaginava que Deus podia estar me olhando, que devia estar pensando no que fazer com meus pensamentos pecaminosos, nos quais eu sonhava em descer a escada escondido, abrir a porta do quarto de David, subir na cama dele e me aconchegar ao seu lado, encaixando meu membro duro na curva de sua bunda, encaixando algo que, em seu devido lugar, não poderia ser desmontado.

Lambi o dedo, virei a página e me ajeitei na poltrona ao lado da janela. Como o homem do subsolo de Dostoiévski, eu mal saía do meu quarto ou do lounge de David, a não ser que fosse absolutamente necessário. Ia para a aula e voltava, mal trocando olhares com meus colegas, imaginando que qualquer interação mínima pudesse evocar algo sinistro. As meninas, que mal me notavam antes de eu perder peso, agora sussurravam quando eu passava, seus olhos me seguiam. Apesar de saber que provavelmente tentavam chamar minha atenção, eu não conseguia deixar de pensar que na verdade sussurravam sobre meu segredo; que, de alguma forma, conseguiam detectar a minha parte oculta. Meu uniforme para afastar todos era um conjunto da época do *Kid A*, do Radiohead: linhas pretas e brancas rajadas que pareciam os picos de um Kilimanjaro assustador. Eu também sempre garantia que meus olhos nunca se arregalassem de prazer ou surpresa sob a prateleira negra das sobancelhas. Se não dissesse muita coisa, se as pessoas não me notassem, então talvez escapasse do olho onisciente de Deus.

O único momento em que me sentia seguro fora do alojamento era na aula de literatura, discutindo vidas hipotéticas, acontecimentos hipotéticos que construíam sistemas hipotéticos de moralidade. Eu achava irônico, seguro em minha superioridade de homem do subsolo, que os mesmos professores que desprezavam o amor de muitos de seus alunos por videogames nunca tivessem percebido que compartilhavam do mesmo amor pelo virtual, por uma vida experimentada indiretamente.

Sem perceber, eu havia pulado de um avatar para outro. Incapaz de confiar em uma mentalidade pós-Arrebatamento, eu encontrava conforto apenas nos livros. Para me convencer de que não estava pecando *tanto assim*, concentrei-me na Incredulidade de Tomé, que, depois de ver provas da ressurreição de Cristo, finalmente passara a acreditar em Deus; ou em Pedro, que negara Cristo três vezes, mas ainda assim espalhara o cristianismo por toda a Europa hedonista. *Posso mudar isso a qualquer momento*, dizia a mim mesmo, se tiver o ímpeto certo. Na época, eu não tinha ideia do que inspiraria tal mudança, de que forma isso viria a mim.

— Vamos fazer uma aposta — disse David.

Ele espirrou um pouco de água do bico da garrafa na frente da camisa e o líquido se espalhou como uma armadura escura por seu peito. Sentado ali, com a beleza de sua juventude e sua normalidade, ele parecia invencível.

— Se eu ganhar de você em uma corrida, você vai à minha igreja. Estou até em desvantagem. Já corri hoje.

— Não é pecado apostar? — perguntei.

— Não quando a alma de alguém corre perigo.

* * *

Mesmo quando conhecemos a pessoa — especialmente se conhecemos a pessoa —, o estupro, a lembrança dele, se torna um clarão que nos cega. Um breve toque em algo maior do que nós mesmos. Às vezes a experiência toma a forma de uma visita divina, tal é a nossa necessidade de esquecer a realidade daquilo. Como as filhas de Ló em Sodoma, aquelas virgens belíssimas oferecidas no lugar dos anjos para os sodomitas lascivos — *Eis aqui, afirma Ló, duas filhas tenho, que ainda não conheceram varão; fora vo-las trarei, e fareis delas como bom for nos vossos olhos*. Talvez mais tarde as duas tenham se lembrado do cheiro da feira da cidade naquela manhã; do calor do sol enquanto viravam seus rostos de uma barraca para outra; do toque das lentilhas frias e lavadas passando por seus dedos enquanto ajudavam a mãe a preparar o jantar. Como aquelas filhas, eu poderia me lembrar, em detalhes de altíssima definição, das curvas da madeira na base do beliche de David, do som das portas do corredor se fechando uma após a outra, os outros calouros voltando de suas noites de bebedeira. Mas eu não me lembraria do ato em si.

Eu nunca chegaria perto o bastante da lembrança para ver o que realmente havia nela. Por muito tempo, não me permiti admitir que aquilo havia sido um estupro, de forma alguma. Como muitas vítimas, eu tinha vergonha. Como podia ter deixado aquilo acontecer? Que tipo de homem deixava outro homem fazer aquilo com ele? David não era mais forte do que eu, então como eu podia ter sido tão fraco, tão impotente? Só havia ouvido falar de estupros de mulheres, embora soubesse que a Bíblia mencionava estupros masculinos na história de Sodoma e Gomorra, que um dos motivos para Deus ter punido aqueles cidadãos tinha sido a vontade demonstrada por eles de estuprar os anjos. Para completar toda aquela vergonha, eu tinha consciência de que havia desejado secretamente uma oportunidade de estar próximo de outro homem daquela maneira. Era muito difícil, depois de minha experiência com David, considerar o sexo gay

como qualquer outra coisa que não um estupro. Será que fora isso que minha igreja havia me avisado todo aquele tempo? Se aquela era a punição que eu receberia na Terra, a que receberia na vida após a morte seria realmente muito pior?

Detalhes, flashes: apenas isso ficaria gravado em minha memória. Olhe diretamente para a luz e você vai se tornar apenas um pilar de sal, como percebeu a mulher de Ló. Apenas outra lição sobre a obediência passiva. Mas, ainda assim, estou em busca de uma linguagem. Ando até os limites de uma fronteira desconhecida, alinho as pontas de meus tênis brancos e tento me lembrar dos detalhes.

A sensação do ar da manhã em meu rosto no dia anterior ao estupro, quando eu e David apostamos corrida pela colina da faculdade. O berro intermitente da banda marcial pelos amieiros. Os tênis brancos que havia amarrado com força porque queria muito ganhar a aposta. O modo como encarei a floresta passando por nós, contando a série de árvores que surgia dos dois lados da rua — um, dois, três, um, dois, três —, observando os fios de alta tensão mergulharem e balançarem nos galhos. O modo como tentei vencê-lo até que por fim agarrei os joelhos e me curvei, vomitando na grama cheia de pedrinhas.

— Vamos para a igreja então — disse David, me ultrapassando. — Eu ganhei.

* * *

— Você vai adorar — disse ele.

Era o dia seguinte à corrida, uma quarta à noite, e eu cumpri o que prometi.

David e eu nos sentamos nas cadeiras dobráveis acolchoadas de uma velha agência dos correios, esperando que o serviço pentecostal começasse. Por décadas, prédios antigos como aquele haviam ficado abandonados naquela cidade, as paredes de tijolos vermelhos desmoronando, as vigas de madeira apodrecida afundando em ângulos estranhos por causa de anos de chuva. Para encobrir a decadência, a igreja havia pendurado uma grande faixa na parede. GRUPO PÓS-JUVENTUDE, dizia. Depois que entramos, um homem gordo de olhos claros me disse mais ou menos a mesma coisa. Afirmou ser um pastor que trabalhava com jovens.

— Queremos que você se sinta à vontade — disse, me dando tapinhas nas costas. — Talvez a gente seja mais *relaxado* aqui do que você está acostumado.

Eu tinha ouvido meu pai pregar contra as igrejas pentecostais, contra aquela atitude “relaxada”.

— Aqui não ficamos balançando as mãos — dizia ele. — Deus não quer nos ver nos arrastando pelos corredores, agindo feito idiotas.

Uma das coisas que mais me incomodavam nos primeiros sermões de meu pai era sua tendência a fazer uso de falácias, estabelecer um inimigo e derrotá-lo com facilidade. Igrejas pentecostais eram um deles: pessoas falando em línguas estranhas, convulsionando no chão, chamando *Jesus* aos berros e balançando as mãos. Para nós, batistas missionários, o único caminho para Deus era uma interpretação literal da Bíblia, o batismo, o trabalho duro, o trabalho missionário, a dedicação e mais dedicação. O amor de Deus não vinha tão facilmente para os batistas quanto para os pentecostais, apesar de ambas as denominações terem um caminho árduo até ele. A única diferença parecia ser o fato de que os pentecostais confiavam mais em espetáculos espirituais, ao passo que batistas acreditavam mais em ações corretas e tendiam a ser mais céticos em relação a revelações pessoais que não estivessem declaradas na Bíblia.

Nós nos sentamos no meio da congregação. David batia o tênis no chão de concreto. Um, dois, três.

— Quando as pessoas começarem a chorar muito alto — sussurrou ele —, não se assuste, está bem?

— Tudo bem — respondi.

Olhei para trás, para os rostos sorridentes dos membros da igreja. Reconheci muitos dos meus colegas, pessoas que, até aquele momento, haviam basicamente me ignorado, seguros na bolha pentecostal iridescente que parecia englobá-los. Agora seus sorrisos traziam um convite, pediam que me juntasse a eles. Deixei meu olhar viajar pelas vigas de aço do teto. Acompanhei uma linha de ferrugem até uma série de janelas em meia-lua, cobertas de sujeira, acima do púlpito. O pôr do sol atrás delas havia começado a desaparecer e as luzes fluorescentes da igreja piscaram até ganhar vida.

— Você não está fazendo nada de errado — disse David. — Por ter vindo aqui.

— Eu sei.

— Acho que você ainda não sabe.

Peguei o hinário vermelho embaixo da cadeira e folheei as páginas. As músicas eram diferentes das batistas. Eram mais novas, mais inspiracionais, menos centenárias. Repetiam “Querido Jesus” e “Ah, Jesus” em refrãos longos, quase intermináveis, que podiam continuar pelo tempo que as pessoas achassem necessário ou pelo tempo que o Espírito Santo pairasse sobre o salão.

— Você não vai precisar disso — disse o pastor, inclinando-se do corredor. — Temos uma tela de projeção nova acima da banda.

Ele indicou o palco, onde um guitarrista afinava seu instrumento. Como se tivessem combinado, o guitarrista acenou para mim com a mão livre. Todos ali pareciam ansiosos para fazer os visitantes se sentirem à vontade, especiais. Aquilo me lembrava o modo como meu pai se aproximava de um cliente no showroom e oferecia uma visita guiada pela concessionária, o modo como ele o conduzia até a área de lavagem, apontava na minha direção e dizia:

— Esse menino trabalha mais do que qualquer homem aqui. Ele vai garantir que qualquer carro que você compre daquele estacionamento esteja muito mais limpo do que quando veio da fábrica.

— Não é incrível? — perguntou David.

A música começou, um hino de louvor simples, de quatro acordes, algo sobre o sangue de Jesus nos lavar. A congregação ficou de pé. Uma das meninas à minha direita se virou para mim, sorrindo.

— Querido Jesus — cantou David. — Ah, Jesus.

Ele se balançava para a frente e para trás, esfregando as mãos e soprando nelas, como se fôssemos acender uma fogueira em pleno ar. As mãos dos outros membros da igreja foram para o alto, os dedos balançando. A menina sorridente ao meu lado começou a tremer, seu corpo, a convulsionar.

Murmurei as palavras baixinho, torcendo para parecer que estava cantando. Eu nunca me sentira à vontade cantando diante de outras pessoas, nem mesmo em minha igreja, mas, em meus sonhos, minha voz soaria linda. Um dia, minha boca soltaria um tom profundo de barítono, diferente de tudo que eles já tinham ouvido. Eu esperava que a inspiração surgisse.

* * *

Herdei esse desejo por inspiração naturalmente, talvez de forma genética. Durante toda minha vida tinha ouvido histórias sobre minha tia-avó materna, Ellen, e sobre sua busca desenfreada por inspiração. O tom de voz dos meus pais ao falar dela era mais de assombro que preocupação. Ninguém sabia o que havia levado aquela linda mulher à insanidade, mas Ellen tinha passado grande parte de sua vida adulta sozinha na casa de dois andares da fazenda de sua falecida mãe, esperando que a inspiração divina se revelasse de dentro das velhas paredes. Como muitas pessoas místicas e extremamente devotas, tia Ellen acreditava que Deus tinha uma tarefa especial para ela. Mas, em vez de procurar respostas no céu, ela vasculhara o mundo limitado que a cercava. Para evitar que outras pessoas descobrissem o mistério antes dela, pregara todos os lençóis que tinha nas janelas. Usava jornais de décadas anteriores nos pés em vez de chinelos e cobria o rosto de mercurocromo laranja, andando de um cômodo para outro da casa, em busca de algo que não conseguia descrever. Seu padrão era habitar determinado cômodo por tempo suficiente para sujá-lo, deixá-lo inabitável, com pratos cobertos de comida, bandejas de micro-ondas tortas e mofadas, potes abertos de quiabo em conserva — o que quer que os vizinhos preocupados mandassem para ela — espalhados por todo o carpete velho. Parecia crer que nunca ficaria sem cômodos para destruir, ou pelo menos que encontraria a resposta para o mistério de sua vida antes de chegar ao último.

Era fácil entender por que, aos dezesseis anos, minha mãe não a visitava havia anos. Sua mãe a tinha proibido de ver a mulher que mais parecia um fantasma que uma tia. Na noite do quarto ou quinto encontro dos meus pais, meu pai seguiu pela rodovia que levava à casa da tia Ellen, com minha mãe ao seu lado, a cabeça apoiada em seu ombro. Minha mãe começou a sentir algo parecido com pânico, um frio na barriga. Ela pensou: *com certeza ele não deve estar dirigindo até a casa da tia Ellen.*

— Tem uma casa mal-assombrada aqui que você precisa conhecer — disse meu pai.

— Não sei — respondeu minha mãe, ficando séria. — Não acho que seja uma boa ideia.

Os campos de algodão se estendiam em ambos os lados da estrada, as plantas trêmulas na semiescuridão, o céu se pondo como a tampa de cerâmica de uma das panelas de minha avó. Quando meu pai se casasse com minha mãe, dali a menos de um ano, ele herdaria tudo aquilo, mas não

sabia disso na época. Meu avô cederia seu lugar na gerência dos negócios da família e entregaria as rédeas da Processadora dos Irmãos Caudill para meu pai. Uma cama de algodão macio o alçaria de uma infância trabalhando como mecânico para meu avô paterno, alcoólatra e violento, a uma vida de bom trabalho, de avanços que eram fruto do talento de suas mãos. Finalmente, depois de dezenove anos vivendo como um zé-ninguém, ele seria reconhecido como uma pessoa importante. Acalentaria essa sensação nas três carreiras diferentes — 25 anos de trabalho duro como gerente da processadora de algodão da família, antes de ela ser derrotada por uma concorrente maior; seis anos em uma das concessionárias Ford mais populares da região e, por fim, o último chamado a ser pregador e futuro pastor. Ele também se recusaria a esquecer tal sensação mesmo quando Deus o tirasse do caminho direto para o pastorado, enviando para ele um filho gay. Ainda assim, ele se apegaria a essa sensação de importância.

— Vai ser divertido — disse meu pai, abraçando minha mãe. — Vou proteger você.

— Não — disse ela. — Tenho que ir para casa. Agora.

Foi então que o lençol branco surgiu, voando preguiçosamente sobre as janelas do Mustang e pousando como uma névoa opaca e lisa. O lençol os cobriu de luz branca, o brilho dos faróis do Mustang invertendo seu curso, voltando para cegar os dois.

— Como se tivéssemos entrado em uma nuvem — diria minha mãe, mais tarde. — Assustador, mas ao mesmo tempo nem um pouco.

Meu pai tentou manter o controle da direção, tirando o braço de trás do ombro da minha mãe e agarrando o volante com ambas as mãos, mas não conseguia se lembrar do ponto exato da curva seguinte. Só depois que se livraram do lençol ofuscante foi que os dois começaram a ficar com medo.

Meu pai se assustou e pisou fundo no freio.

— O que foi aquilo? — perguntou minha mãe.

De algum modo, o lençol havia desaparecido.

E então, com as pernas bambas, os dois saíram do carro. Não havia nada branco a quilômetros dali. Só o barulho regular dos grilos e o brilho ocasional de um vaga-lume. Só minha mãe estalando os tornozelos na vala lamacenta enquanto procurava o que provocara a tal visão.

— O que foi *aquilo*?

Eles não foram até a casa de tia Ellen naquela noite. Minha mãe só quis contar ao meu pai a verdade sobre a tia maluca depois de vários anos de casamento. Naquela época, o lençol branco havia adquirido um significado novo, sinistro. Deitada em uma cama do Hospital Memorial Batista de Memphis, enquanto o médico contava que ela havia perdido o bebê, tudo que minha mãe conseguiu fazer foi agarrar o lençol da cama, enrolá-lo e impedir que a cama escorregasse de baixo dela. Ela se lembraria do lençol branco e o veria como um presságio ruim, um sinal de que coisas horríveis aconteceriam.

Anos depois — ao decidir que ia me dar à luz, apesar de o médico tê-la avisado sobre seu coração fraco, apesar da grande chance de poder morrer, e depois de eu haver nascido e ter sido posto em seus braços pelo médico —, minha mãe passaria a ver o branco como um sinal de que tudo seria lavado, de que todos teríamos uma segunda chance. Ela aprenderia a se deitar na cama de cima do meu beliche, a puxar bem os lençóis e a ouvir a respiração regular do filho vivo, vindo de baixo.

Apesar de tia Ellen nunca ter descoberto o mistério por trás de suas paredes, meus pais com certeza tiveram contato com um mistério naquela noite. O mistério os assombraria, assim como mais tarde assombraria a mim também. A ideia de que, a qualquer momento, uma força divina poderia dominá-lo, estivesse você procurando por ela, como tia Ellen, ou se afastando dela, como meu pai fez. Às vezes isso podia ser uma coisa boa, mas na maioria das vezes podia ser uma visita assustadora.

— Não peça a Deus que lhe dê um sinal — dizia meu pai às vezes aos membros da igreja durante os cultos, esfregando a lateral de seu rosto que fora quase completamente queimado. — Talvez você não goste do que vai receber.

* * *

Eu esperava um sinal de Deus enquanto David batia os pés ao meu lado na igreja. Bati de volta. Um, dois, três. Deixamos que dançassem em volta uns dos outros.

O pastor se posicionou atrás do púlpito.

— Como cristãos — disse —, temos que vestir a armadura de Deus.

As palavras dele surgiram ao final de uma oração eufórica em forma de música. Algumas das notas finais dos membros continuaram durante o sermão, espiralando pela leitura das escrituras.

— Por fim, meus irmãos, sejam fortes no Senhor e na força de Seu poder. Vistam a armadura completa de Deus para poderem enfrentar as armadilhas do Diabo.

A garota ao meu lado gemeu e falou em uma língua estranha, as mãos pressionadas contra algo invisível diante dela, a voz repleta de sílabas desconhecidas, um cântico.

O pastor fez uma pausa, os olhos parando em cada membro da congregação.

— Levantem-se então, com as entranhas cingidas com a verdade, vestidos com a armadura da retidão.

Armar-se, para os pentecostais, parecia tão simples quanto erguer as mãos para receber os frutos do paiol divino. O Espírito Santo então prenderia em você a armadura da retidão e colocaria o escudo da verdade em seu braço, como num desenho medieval. Sentado ao meu lado, David parecia já estar usando sua armadura invisível. Ele murmurou as sílabas de uma língua secreta para si mesmo, uma que seus inimigos nunca seriam capazes de interpretar. *Não precisamos de evolução*, parecia dizer naquela língua. *Nosso Deus manterá você a salvo de seus inimigos, ajudará você a dormir à noite*.

Nesse sentido, batistas e pentecostais concordavam. Os cristãos tinham que se armar contra o ataque de Satã ao país. Eu tinha ouvido pastores batistas como Jerry Falwell condenarem, em termos militares, a efeminização dos Estados Unidos, culpando o terrorismo pela homossexualidade, pela permissividade de nossa cultura. O Irmão Nielson e sua filosofia “vamos explodir todos” proclamava mais ou menos a mesma coisa. Os estrangeiros não teriam armas de destruição em massa, dizia a lógica, se não tivéssemos ficado tão *frouxos*. Eu ouvira aquilo em nossa igreja, quando um homem careca e de rosto vermelho entrara na aula de catecismo trazendo uma petição da igreja incentivando-nos a protestar contra a parada LGBT que aconteceria dali a algumas horas em nossa cidade.

— Assine — dissera o homem —, senão como vai poder se considerar soldado do exército de Cristo?

Aquilo fora passado de pessoa a pessoa até chegar a mim, até eu sentir todos me encarando enquanto segurava a caneta perto do papel com medo de assinar, como se achasse que seria convocado para um exército de verdade no instante em que acrescentasse minha assinatura; até que finalmente consegui formar as letras do meu nome, odiando que se encaixassem de forma tão clara e fácil entre as linhas pontilhadas da petição.

Naquele momento, o jovem pastor me dizia que eu poderia ser mais forte se apenas aceitasse os dons de Deus. Eu podia mergulhar na língua secreta de David, sentir o peso daquelas sílabas passando pela língua, nossos corpos unidos pelo corpo único de Cristo. Em um flash ofuscante, a promessa de tal intimidade se tornou tudo para mim. Talvez eu achasse minha verdadeira inspiração nela.

* * *

Durante o segundo ano de casamento, quando meus pais ainda dormiam no mesmo quarto, um encontro singular testou a fé deles na divina proteção de Deus. Minha mãe estava dormindo ao lado do meu pai — a TV desligada, o quarto escuro, a casa silenciosa —, quando um dos empregados da processadora de algodão entrou escondido no quarto, uma faca em punho, e se arrastou para os lençóis frios. Assim como o homem que virou a chave e queimou o rosto e as mãos de meu pai, a motivação daquele sujeito nunca ficaria clara para nenhum de nós. Ele se aproximou de minha mãe e agarrou uma de suas pernas, passou uma das mãos pelas coxas dela e, com a outra, manteve a faca perto de seu pescoço, mantendo-a refém, impedindo-a de gritar. O homem supusera que meu pai havia saído. A caminhonete dele não estava estacionada na frente da casa — simplesmente porque ele resolvera, por motivos que nunca conseguiria explicar, estacionar nos fundos. O empregado não havia sido cuidadoso, seu desejo tinha sido grande demais para permitir uma aproximação lenta. Por isso, enquanto o homem deslizava pela cama em direção à minha mãe, meu pai pegou a espingarda de baixo da cama, preparando-se para atirar nele.

— Eu não conseguia ver o cara direito no escuro — diria minha mãe mais tarde. — Mas ouvi o clique da trava da arma. Isso foi muito claro.

Minha mãe se sentou enquanto a mão fria e áspera do homem passava por sua pele. Como ele não sentiu meu pai deitado ao lado dela? Esse detalhe, como muitos outros, seria sempre um mistério. Meu pai achou a espingarda e, no escuro, antes de seus olhos se acostumarem, apontou a mira do cano duplo para o espaço onde achou que estava a silhueta do homem, confundindo a nuca de minha mãe com a do invasor. Minha mãe estava na linha de fogo. Quando ouviu o clique da trava, o homem pulou da cama e meu pai o perseguiu pela casa, até o empregado conseguir fugir pela porta dos fundos e desaparecer nos campos de algodão.

Apesar de ter conseguido identificar o invasor, meu pai nunca pôde dar uma prova clara às autoridades, e a única opção dos meus pais foi demitir o homem imediatamente e pedir uma ordem de restrição contra ele. Na única vez que voltou a encontrar o antigo funcionário na cidade, meu pai disse:

— Se chegar perto da minha mulher outra vez, eu não vou só matar você... Vou torturá-lo do jeito que você queria fazer com ela.

Minha mãe não conseguia mais dormir depois daquele incidente. Culpando os roncos do meu pai pela insônia, ela deixava a televisão acesa a noite toda. Ia para a cama de cima do meu beliche quando não conseguia dormir. Eu ouvia sua respiração lenta minutos depois de se deitar sobre os lençóis. Quando nós dois dormíamos no mesmo quarto, o mundo lá fora parecia recuar e levar nossos medos com ele. Nós nos sentíamos seguros.

— Meu colega de quarto — dizia ela.

— Eu te amo — eu respondia.

Meu pai nunca pareceu se perdoar por ter posto o cano da espingarda na nuca da minha mãe. Criado para se considerar o protetor da família, o chefe da casa, ele sentia que tinha falhado em cumprir seu dever. Já havia fracassado com o primeiro bebê, sendo incapaz de curar a complicação que estava latente no corpo de minha mãe. Se tivesse a oportunidade de ter outro filho, prometeu que nunca deixaria nada ruim acontecer a sua família. Mas meu pai não poderia ter previsto o que aconteceria com todos nós quando eu saísse de casa.

* * *

Algumas horas depois do culto, eu estava no quarto de David, e ele molhava o indicador e o dedo do meio em uma lata de óleo para motor.

— Temos que nos proteger do pecado — disse.

Ele andou até a janela do alojamento, subiu em uma cadeira e desenhou uma linha com óleo sobre a armação de metal.

— Temos que remover as forças demoníacas deste quarto.

David começou a falar em uma língua estranha, algo que soava como um dialeto africano falso misturado com vogais inglesas longas. Usava a roupa que eu passara a adorar naqueles meses desde que o conhecera no alojamento.

— Chega — falei, rindo.

Eu estava sentado no degrau mais alto da escada do beliche.

— Pare.

Eu o amei naquele instante. Amei o modo como os pelos de sua perna serpenteavam, formando um jota minúsculo que se estendia das costas do joelho até o elástico de baixo da cueca.

— Talvez não esteja perfeito — disse ele, descendo da cadeira —, mas funciona.

O pastor havia ficado sem óleo para unção na igreja.

— Vocês vão ter que usar isto — dissera ele, levando David e eu até seu carro, onde abriu o porta-malas e tirara uma garrafa de 250 mililitros de Pennzoil amarelo.

Então convidara vários membros da congregação a rezar sobre a garrafa para abençoá-la com o poder divino da unção.

— Muito obrigado — dissera David. — Isso é capaz de salvar vidas.

David mergulhou os dedos na garrafa outra vez. Foi saltitando pelo quarto, inclinando a cabeça em vários ângulos, de brincadeira, tentando decidir o que ia ungir depois.

— *Hummmm!* — exclamou. — Não sei.

— Você é ridículo — respondi. — Não espera que eu acredite nisso, espera?

Ele andou até mim e pendurou o braço livre no degrau em que meus pés descalços estavam pousados. Então estendeu a outra mão e pôs os dedos cobertos de óleo diante de minha testa.

— Não se atreva — falei.

— Saia, demônio! — gritou ele, mais sério, jogando a mão para trás.

Uma gota de óleo de motor pousou na avalanche congelada de lençóis que caíra do beliche mais cedo, quando eu os empurrei.

Ele passou o óleo em minha testa, usando o polegar para espalhá-lo por minha pele.

* * *

Algumas horas se passaram e então aconteceu. De início, foi como um batismo. Senti meu corpo mergulhar, mas as mãos de outra pessoa me chamavam para a superfície. Como em meu batismo propriamente dito, eu havia ficado preocupado com a sensação que teria, com o que pediriam que eu fizesse, com a logística exata do ato. *Será que me sentiria diferente? Será que mudaria para sempre, como as pessoas diziam?*

Eu me preocupava com o visual do meu corpo. Preocupava-me com as estrias. Mesmo enquanto ele forçava minha cabeça para baixo, tive medo de não fazer aquilo direito. Mesmo enquanto engasgava e lutava, puxando os pelos da panturrilha dele, tive medo de chateá-lo. *Não era assim que eu queria que fosse*, pensei.

Eu já havia pensado naquilo. Aos doze anos, parado no batistério da igreja da nossa família, havia agarrado a túnica justa na minha cintura enquanto a congregação olhava para mim e aplaudia. Eu era um novo homem, em um novo território. Nascido outra vez, à imagem de Deus. Membros da minha família congregacional gritavam *Amém*. Eu olhei para o rosto deles, sentindo que havia tirado toda a roupa e revelado a parte mais vulnerável de mim mesmo. Eu não era mais invisível.

* * *

Tudo que me levou a entrar na Amor em Ação pareceu uma punição merecida. David confessou, na mesma noite em que me estuprou, que também havia violentado um menino de quatorze anos de seu grupo de jovens e que não sabia por que fazia aquilo, não conseguia explicar. Eu fora incapaz de me mexer da cama onde ele havia me colocado depois — acreditava que Deus estava me punindo fisicamente por minhas transgressões mentais. Apesar de nossos feitiços contra eles, de alguma forma os demônios haviam entrado naquele quarto.

— Eu queria ser pastor e trabalhar com jovens — disse ele, chorando tão alto que os vizinhos esmurraram a parede de concreto. — Como posso ser

pastor agora? Depois do que eu fiz?

Eu ainda não a reconhecia, mas a lógica da terapia de reorientação sexual, a ideia de que meus impulsos pecaminosos eram, de certa forma, iguais aos de David, começou a invadir meus pensamentos. Claro que eu estava no mesmo grupo dos pedófilos. De acordo com as escrituras, eu não era melhor do que um deles, ou do que um adorador de imagens, ou do que um assassino.

Quando contei à pastora presbiteriana da faculdade o que David havia feito com o menino de quatorze anos, ela me mandou ficar quieto. Eu não tinha provas concretas. Era uma coisa ruim, é claro, mas não havia nada a fazer. Acreditei que meu silêncio era uma punição merecida. Não contei o que ele havia feito comigo, em parte porque suspeitava que o sexo gay envolvesse apenas estupro e vergonha, mas sobretudo porque estava envergonhado demais para admitir que não havia sido forte o bastante para me desvencilhar dele. Tive medo de ela interpretar aquela fraqueza como uma submissão à homossexualidade.

— Está bem — falei, lendo as lombadas de couro que cobriam as prateleiras de seu escritório, me perguntando se tais teólogos também haviam achado um meio de se desvencilhar de temas difíceis como aquele.

Para que a vida voltasse a fazer sentido um dia, eu teria que procurar por respostas claras com mais afinco.

David ligou para minha mãe algumas semanas depois, sofrendo de uma culpa desesperada, e disse a ela que seu filho único era *homossexual*, um *gay*.

— Ele é nojento — disse a ela. — Um monstro.

Soube por uma amiga em comum que minha mãe estava a caminho da faculdade para me levar para casa e fiquei sentado no quarto do alojamento dessa amiga, chorando baixinho em um travesseiro fofo, enquanto ela dava uma série de tapinhas em minhas costas. De acordo com outro amigo, que soubera disso por David, minha mãe havia dito ao telefone que meu pai não continuaria pagando por minha educação se me assumisse gay. Eu desliguei o celular, esperando bloquear o que quer que fosse acontecer.

Minha mãe chegou à faculdade naquela noite e me pediu para ir para casa conversar com meu pai. Veio junto com outra mulher da igreja porque teve medo de me enfrentar sozinha. A outra mulher esperou no carro, os olhos evitando os meus, enquanto conversávamos em um banco próximo do

pátio. Ela me perguntou, a voz mais baixa do que nunca, se o que havia ouvido era verdade.

— Não — respondi, de início. — O David é um mentiroso.

Um minuto de silêncio se passou. Então, sentindo que não conseguia mais guardar aquilo, comecei a chorar e disse que era verdade, que eu era gay. Dizer aquelas palavras em voz alta me deixou enjoado e eu me perguntei se o que David me forçara a engolir havia crescido em mim, me tornando permanentemente homossexual.

Envergonhada, minha mãe me levou para o carro. A outra mulher não disse nada. Deitado no banco traseiro, chorando em silêncio e observando os fios de alta tensão entre as estrelas, pensei: *O que mais eu achei que ia conseguir com isso?* No instante em que me afastara do chuveiro e deixara para trás o PlayStation encharcado na banheira, eu havia começado uma vida independente. Tinha assumido coisas demais e engasgado com a liberdade.

Mais tarde, naquela noite, meu pai disse:

— Você nunca mais vai pisar nesta casa se agir de acordo com o que sente. Nunca vai terminar a faculdade.

Pensei: *Tudo bem.*

Olhei para as molduras douradas que cobriam a parede da sala de estar, para todos os rostos sorridentes dos membros da família olhando para mim de um lugar mais feliz, para a tia Ellen, quando ainda era bonita e indiferente, e pensei: *Qualquer coisa. Vou fazer qualquer coisa para apagar essa parte de mim.*

SEXTA-FEIRA, 11 DE JUNHO DE 2004

Acordar. Tomar banho. Tomar café. Pegar o carro. Chegar à AEA.

No terceiro Inventário Moral, no quinto dia de terapia, eu já havia revelado ao meu grupo da AEA basicamente todos os meus pecados carnis, apesar de não ter contado a eles o que David fizera comigo por medo que Deus me punisse ainda mais se eu revelasse o segredo. Eu me sentia vazio. Com certeza não curado, mas não mais repleto dos pecados que havia mantido em segredo por tanto tempo. No entanto, em vez de alívio, eu sentia... O quê, exatamente? Minha culpa e meu medo tinham quase desaparecido em questão de dias, substituídos por algo que eu só podia descrever como Nada. Era o Nada que me levava pelos corredores brancos da instituição. Era o Nada que levava o garfo à minha boca durante as pausas para o almoço. O Nada deixava minha voz firme enquanto lia em voz alta a lista de pecados para o grupo. E era o Nada que me mandava para o banheiro, para encarar no espelho o rosto magro e de olhos fundos de um garoto que, apenas uma semana antes, eu teria visto como alguém à beira de uma situação vaga e horrível. Era o rosto de um viciado recente, de um estranho que eu poderia ver em uma calçada da cidade, carregando o aparelho de som da infância para uma loja de penhores, adesivos de arco-íris ainda no lugar. Só que, em vez da camiseta suja que costumava acompanhar um rosto assim, havia ali uma camisa de botão branca e uma calça cáqui perfeitamente passada. O sorriso que o rosto formava era, apesar da falta de emoção por trás dele, tão real quanto o de qualquer pessoa que esperava do lado de fora da porta de compensado. Nos breves instantes em que o Nada me deixava, eu sentia uma espécie de orgulho, algo que surgia de um redemoinho de dor sem fonte definida. *Eu posso fazer isso, pensava. Posso fazer isso melhor do que qualquer pessoa aqui.*

Em momentos mais sãos, eu me perguntava por que tamanha arrogância me satisfazia. Via J, devotado a Deus como um servo a seu mestre, como um escravo a seu senhor, como nosso Cadernos de Vícios nos instruí a ser.

Ali estava ele, me dizendo que havia praticamente gabaritado as provas do vestibular, obtendo acesso tranquilo em qualquer universidade que escolhesse, e o que ele havia feito com isso?

— Eu sei que Deus pode usar este cérebro — dissera ele, um dia. — Só tenho que consertar as partes fracas, estudar mais.

E ali estava S, que lutara contra a própria sexualidade por tantos anos e fora repentinamente descoberta por causa de um ato em uma tarde solitária em seu trailer, uma experiência espalhada por todas as rodas de fofoca adolescentes — *Você soube o que aquela menina estranha fez com o cachorro?* Ali estava S, tentando retorcer a própria alma para se encaixar na imagem de corrupção que os pais viam nela.

E T, o homem cuja luta era mais aparente, que assumia todas as nossas cicatrizes, como Cristo, e sofria quase diariamente com seus estigmas e estigmatas, parado diante de nosso grupo. Como eu podia competir? Todos eles estavam na instituição havia mais tempo, sabiam como era a luta diária. Eles tinham passado pelo Nada e saído do outro lado com Algo, mesmo que aquele Algo fosse a vontade de continuar lutando, de continuar brigando, de continuar negando o pecado. Só que eu não tinha a mesma certeza do que faria com a minha dúvida. Um ano de faculdade resultou exatamente no cenário previsto por meu pai e pela igreja: eu tinha me transformado em um cético, um herege, alguém que questionava tudo o que sentia ou via.

— Quanto mais confuso você se sentir, mais próximo vai chegar à fonte do seu trauma da infância — dissera Smid naquela manhã.

A Fonte: ao contrário do que o nome do meu programa supunha, eu estava sendo levado por uma corrente submarina para o mar aberto, perdido naquele constante questionamento do meu passado. Na noite anterior, enquanto preenchia meu Caderno de Vícios, eu ficara tão confuso com as perguntas que havia saído escondido do quarto do hotel logo depois da meia-noite para dar algumas voltas pela vizinhança. Piscinas amarelas de luz dos postes me conduziram cada vez mais para ruas sem saída, os tênis rangendo, endorfina surgindo no meio da corrida, permitindo que eu me concentrasse por tempo suficiente em minha confusão para questioná-la. *Descreva como é conhecer plenamente os outros e o fato de eles conhecerem você plenamente.* Será que eu já havia conhecido alguém plenamente? Alguém já havia me conhecido plenamente? O que isso significava?

Quis correr até o breu do Mississippi e apostar comigo mesmo que conseguiria pular, me entregar à correnteza. Apesar de não ser suicida como T, eu gostava de flertar com a morte. O glamour de acabar com tudo de forma tão repentina não era muito diferente do Fim dos Tempos sensacionalista da igreja de nossa família. Também havia certo prazer em saber que o fim poderia chegar a qualquer momento, sem aviso. Podíamos estar seguindo a nossa rotina, pensando que estava tudo bem, quando de repente — *bum!* — a represa se romperia, a água subiria e todo objeto odioso que conhecíamos se tornaria um tesouro agora pertencente ao Reino Perdido: artefatos a serem examinados por futuros arqueólogos, mais esclarecidos. A vida ganharia um sentido maior depois disso. Toda aquela dor sem sentido seria compreensível no fim das contas.

Mas, como o suicídio é um dos pecados imperdoáveis, eu me mantive no circuito do bairro, coberto pela luz âmbar vaporosa. Tentei rezar — *Senhor, torne-me puro* —, mas tudo que senti foi um eco em minha mente. Naquele momento, pareceu que Deus havia me abandonado. Como o homem do subsolo, eu estava preso na estática, no Nada.

* * *

A sensação me lembrava uma história que ouvi quando minha família foi passar férias perto do lago Norfolk, aos pés das montanhas Ozark. Um morador da região nos contou que uma cidade inteira havia sido coberta pela água. Fazendeiros da época da Depressão e suas famílias haviam tido que se mudar quando a represa de Norfolk começara a ser construída. Escolas, igrejas e agências do correio, tudo tinha sido abandonado. Corpos em velhos túmulos haviam sido exumados e realocados em terrenos mais altos. Histórias apócrifas logo acompanharam o movimento: uma moto boiando na água — o peso dos objetos deixara de ser importante naquele mundo subaquático, tudo fora libertado de seu status na vida — havia parado sobre uma ponte de aço. Nomes de antigas cidades como Henderson, Jordan, Herron, Hand. Quase tudo desaparecera, corroído pela água, todos os vestígios apagados em nome do progresso.

— Não deixe isso assustar você — dissera minha mãe.

Ela tinha visto medo em meus olhos enquanto eu andava pela água ao lado de nosso barco alugado. Imaginei companários raspando em meus

tornozelos. Uma mão da cidade de Hand me puxando para baixo.

— As cidades estão bem lá no fundo — acrescentou.

Minha mãe passava bronzeador Banana Boat nos braços sardentos, espalhava-o sobre os ombros avermelhados. Naquele momento, senti que ela era uma criatura da terra, resistindo à inevitável atração da água que um dia enterraria todos nós. Essa ideia era fonte de tranquilidade e ansiedade. Nada daquilo importava de verdade, mas ainda assim *nada daquilo importava de verdade*, o que era uma ideia também apavorante. A não ser, é claro, quando eu pensava no que a Bíblia tinha a dizer sobre nossas vidas breves na Terra, então *tudo aquilo importava de verdade*.

Pilares de fogo e areia, gafanhotos devorando cidades inteiras: a história do cristianismo era cheia de demolições rápidas que levavam, no fim, à satisfação. Sodoma. Gomorra. Mas o que acontecia quando nunca ficávamos satisfeitos? O que acontecia quando nunca nos ajustávamos à perda do que um dia fora tão familiar? Só podemos caminhar pela água, como Pedro, se não questionarmos essa ideia. *As pessoas costumavam erguer as cabeças em oração para o exato local em que as solas dos meus pés agora pisam, poderíamos pensar. As pessoas costumavam acreditar, lutar e viver — e agora isso foi esquecido.* Quando começamos a questionar, afundamos rapidamente, a não ser que alguém como Jesus nos puxe de volta e nos dê uma bronca pela falta de fé, pela falta de visão.

Mas onde estava Jesus durante todo o tempo que passei na AEA? Onde estava a mão firme e ferida Dele? As orações que eu continuava recitando todas as noites se tornavam cada vez mais desesperadas e sem sentido. *Por favor, me ajude a ser puro. Por favor, me ajude a ser puro. Por favor me ajude a ser puro.*

Em lugar algum. A resposta não estava em lugar algum.

* * *

Eu havia conseguido voltar para o quarto de hotel uma hora depois de minha corrida noturna. Ainda conseguira me sentar à mesa sem me mexer demais e escrever as respostas para as perguntas do Caderno de Vícios do melhor modo possível: “Nunca conheci ninguém plenamente. Só achei que sabia quem eu era. E então a coisa com David aconteceu, e eu percebi, de repente, que vinha fingindo a vida toda. Porque eu não me conhecia, porque

eu estava fingindo, porque eu não conhecia David. E foi esse um dos motivos pelos quais não consegui me proteger dele. Eu havia permitido que o Diabo me convencesse de que era um guerreiro de Cristo forte, mas, na verdade, estava vivendo uma vida de pecado. Preciso da força de Deus para me tornar verdadeiramente forte, para obter pleno conhecimento de quem sou e de quem verdadeiramente são as pessoas que me cercam.”

Eu já não sabia se aquilo era verdade, se havia alguma resposta para o que acontecera e nem se Deus continuava se importando comigo. Mas, mesmo que me faltasse a convicção de meus colegas, talvez eu ainda fosse o melhor em me confessar publicamente.

* * *

Almoço. Inventário Moral. Intervalo curto.

Fiquei a manhã toda encarando a faixa de pele branca em meu punho esquerdo, desejando que o tempo desse um salto para o futuro, esperando pelo momento em que minha mãe voltaria para me buscar. *Um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos, como um dia.* Meu pai havia citado esse versículo em um de seus famosos sermões, “Um décimo por dia”, ao pedir que os membros da congregação considerassem a brevidade de suas vidas.

— Façam a conta — dissera ele. — Vocês vão ver que nossas vidas são curtas demais.

Era a essa ideia que eu voltava enquanto o Nada me guiava por cada etapa da programação, enquanto rezava para o Nada quando os conselheiros nos pediam para baixar a cabeça diante das fatias grossas do ensopado de forno e agradecer a Deus pelo macarrão com carne instantâneo. Se eu simplesmente pudesse pensar naquelas duas semanas como alguns milissegundos... Quando aquilo tivesse acabado, quando minha cabeça parecesse menos cheia de coisas, talvez eu encontrasse Deus esperando por mim, pronto para ouvir minhas orações outra vez.

— É importante reconhecer as deficiências em nossa vida — dizia Danny Cosby, um dos conselheiros da equipe principal, parado no meio do grupo, o cabelo grisalho iluminado pelo brilho que entrava pela porta de vidro.

Smid não ia orientar nenhuma das oficinas naquela tarde, então Cosby tinha assumido seu lugar. A palestra dele era, outra vez, sobre a necessidade de praticar esportes. Ele nos dizia que a falta de esportes na infância podia levar a um comportamento efeminado. Dizia que era o homem perfeito para a tarefa. Um alcoólatra em recuperação com talento para esportes, ele era mais hétero do que qualquer homem que eu já havia visto. Ele nos contou que usava uma ética de trabalho que havia aprendido na prática de esportes em equipe para se afastar do alcoolismo — tudo com a ajuda de Deus, é claro. A vida de Cosby continha toda a matéria-prima necessária para gerar uma recuperação completa. Ele nunca havia sentido atração pelo mesmo sexo, ou AMS, na sigla da AEA. Nunca fizera o programa da AEA, já que seu único grande problema na vida havia sido o alcoolismo, mas a instituição o contratara como conselheiro porque acreditava que a experiência extensa com o AA era o único pré-requisito para curar todo e qualquer tipo de vício. Ele parecia não entender por que nenhum de nós havia chegado aos mesmos impulsos heterossexuais de maneira natural, mas estava disposto a nos convencer a fazer isso. Era tão bom quanto qualquer vendedor de carros que meu pai já havia contratado, senão melhor, apesar de eu não confiar muito em suas qualificações. Como um homem que não sabia como era conviver com nosso pecado podia saber o que era necessário para nos tirar dele?

— Homens, estou falando com vocês — disse.

As meninas do grupo tinham sido dispensadas para assistir a uma palestra separada, sobre feminilidade.

— Alguns de vocês não tiveram oportunidade de conviver com outros homens da sua idade.

A sombra do batente da porta caiu sobre ele como uma fita escura.

— Alguns de vocês idolatraram o corpo de outros homens porque não tiveram contato físico suficiente quando eram mais novos. Talvez tenham achado que não levavam jeito para esportes. Talvez tenham achado que eram diferentes.

J estava sentado diante de mim. Tentei não olhar para ele toda vez que Cosby repetia “contato físico”. Ele olhou para mim uma única vez e com tamanha frieza que fiquei sem saber se tinha apenas imaginado que havíamos estabelecido uma conexão antes. Mesmo assim, olhar nos olhos dele me pareceu um contato íntimo e aquela indiferença, uma indicação de algo compreendido e rapidamente escondido.

— O problema aqui é a forte influência dos rótulos — continuou Cosby. — Vocês se rotularam como pessoas que não praticam esportes. Infelizmente, nós nos acostumamos aos rótulos. Mas podemos nos livrar deles também.

Eu tinha medo de Cosby. Ele era um homem que havia lidado com viciados e alcoólatras durante grande parte da vida adulta, um homem que não via diferença entre ser gay e ser viciado em heroína. Tinha tomado LSD, cheirado gasolina, roubado uma loja de conveniência. Completara os Doze Passos do AA. Escrevera sobre tudo isso em seu testemunho e incluía uma foto de si mesmo sorrindo em uma Harley, as palavras "Uma vida transformada" escritas em letra cursiva ao lado da imagem. Eu não sabia como falar com ele. Apesar de toda minha vergonha e culpa, não conseguia achar que eu era igual a um viciado em drogas, a um ladrão de bancos. Meu pai sempre dizia que conhecíamos o caráter de um homem pelo jeito que ele tratava as pessoas "inferiores", que um homem que se recusava a falar com alguém que está abaixo dele não valia nem um centavo. Mas ainda assim eu pensava que era melhor que tudo aquilo e temia que Cosby pudesse ver minha hipocrisia. Eu achava que ele já devia ter percebido que eu havia parado de realmente orar para Deus.

— É importante entrar em contato com essa parte de si mesmo — disse Cosby. — Essa parte masculina que está desaparecida há tanto tempo.

O recepcionista louro entrou na sala pela porta dos fundos, puxando a TV em um carrinho. Eu havia começado a odiar o sorriso presunçoso daquele garoto, o mesmo que eu via toda manhã quando ele vasculhava meus pertences em busca de IFs. Era um sorriso que parecia dizer: *Já passei por isso e o que você está vivendo é só uma pequena fração do que vivi.* O sorriso dele dizia: *Só piora*, mas sem a pena que eu via no rosto de Smid. O garoto tinha se graduado fazia pouco tempo, o status de ex-gay só lhe fora conferido recentemente, e ele parecia ter me notado, detectado em mim uma teimosia que já havia deixado para trás, algum tipo de racionalismo insistente que não podia existir em um lugar como a AEA.

— Espero que você esteja aqui pelos motivos certos — dissera ele naquela manhã, o dedo passando pelas dobras da minha carteira. — Porque se não estiver...

Foi estranho. Enquanto o garoto puxava a TV para o lado de Cosby, senti uma pontada de decepção e percebi, surpreso, que estava com saudade de Smid. Pelo menos Smid havia sido paciente comigo. Pelo menos Smid não

olhara com nojo para mim. Cosby e o garoto louro compartilhavam uma expressão que me lembrava os olhares críticos que havia recebido de amigos e conhecidos no instante em que tinham descoberto, através da fofoca de David, que eu era gay. Era um olhar de: *fique longe do meu filho, você é um pervertido, você é um monstro, tem alguma coisa errada em você.*

— Todos aqueles pervertidos — dissera minha vizinha de porta uma semana depois de meus pais descobrirem.

Era uma velhinha de cabelos brancos, que estalava os lábios de um jeito que me fez pensar que ela ficara sabendo sobre mim. Mas, na verdade, ela estivera assistindo a um debate na Fox News sobre o casamento gay e me pegara para conversar enquanto eu caminhava perto de seu jardim.

— Alguém tem que examinar a cabeça deles. Ficam pondo as coisas onde não devem. Usando o encanamento errado, se é que você me entende.

Eu esperava que Cosby começasse a usar metáforas. Fiação malconectada? Marchas erradas? Parafusos soltos?

— Hoje vamos assistir a um documentário — disse Cosby, apertando o botão de ligar na base da TV.

Um assobio agudo eletrônico se espalhou pela sala e desapareceu no cenário, juntando-se ao zumbido das lâmpadas fluorescentes.

Não me lembro mais exatamente do assunto do filme, só que era sobre esportes. Lembro-me bem da satisfação no rosto de Cosby, de pé ao lado do grupo, os braços cruzados sobre o peito. Quase senti inveja de seu vício em drogas, da natureza masculina de seu sofrimento. Ele havia espancado homens em bares, entrado em brigas. Não precisava daquele documentário para ser hétero. Simplesmente *era*. A heterossexualidade exalava dele, habitava toda a sala. Ele era um animal exótico no meio de nós, um ser instintivo, sem nenhum pinga da vergonha que o restante de nós sentia. Quando não parecia enojado conosco, parecia achar aquilo divertido, como se não pudesse imaginar o que era conviver com uma cabeça tão dolorosamente distorcida.

Eu havia passado *a vida toda* me perguntado como era ter uma cabeça heterossexual — ou pelo menos desde que havia descoberto que era gay, quando, no terceiro ano do ensino fundamental, percebera que meu interesse pelo professor, o Sr. Smith, era muito maior que o dos meus outros colegas homens. Tivera uma série interminável de paixonites por homens, um incômodo constante que percorrera meu corpo por tanto tempo que

acabei acreditando que a sensação era apenas parte do que significava estar vivo. O incômodo só se tornava uma dor aguda quando eu me permitia imaginar uma vida feliz com aquelas paixões — o que era raro, logicamente. Enquanto Cosby falava, eu me perguntei como seria me ver refletido em todos os filmes, ter amigos e parentes constantemente fazendo piadinhas sobre minha vida amorosa, ter o mundo aberto para mim em todo seu esplendor. Como seria não ter que pensar em cada movimento, não ser analisado em tudo que fazia, não ter que mentir todos os dias? Em meus momentos de maior teimosia — momentos que deviam ter se acumulado tanto que o garoto louro não confiava mais em mim —, eu me dizia que devia ser chato ser hétero. Quando incorporava toda a minha teimosia, eu pensava: *esse distúrbio é o que me faz ser mais inteligente. Essa desvantagem é o que gera minha ambição. Foi o que me inspirou a escrever.*

Mas o manual era claro a esse respeito ao falar da atitude de superioridade que todos os homossexuais expressavam; basicamente o traço de uma mentira elaborada para esconder a verdadeira inferioridade deles: “Quando sua manipulação fracassa, eles ficam profundamente deprimidos, e a autoestima deles despenca. Muitas vezes o valor dessas pessoas está ligado à sua capacidade de controlar os outros.” *É até verdade*, eu pensara ao ler aquilo. Estava claro para todos que conviviam comigo que eu estava totalmente perdido, que não estava no controle da minha própria vida e que minha autoestima estava no fundo do poço. Afinal, era difícil não pensar que estava destruindo minha família, que o legado dela terminaria em mim, que eu era um caminho sem volta. Pior, era difícil não pensar em todo o dinheiro que meus pais estavam gastando, nos 1.500 dólares que haviam tido que pagar por apenas duas semanas de terapia. O mais difícil era pensar em ficar ao lado do meu pai no dia seguinte, durante a cerimônia de ordenação, e mentir para as duzentas e poucas pessoas que se reuniriam para celebrar a vocação dele, lançar meu sorriso falso para a multidão.

Mas seria mesmo errado pensar que eu poderia me sair melhor do que aquele garoto louro? Será que era errado pensar que Deus voltaria para mim, ouviria minhas preces de novo, se eu apenas me esforçasse mais? E, mesmo enquanto assistia ao documentário — sorrindo toda vez que via o brilho de uma pele branca, o movimento repentino de um jogador pulando em cima da bunda do oponente homem e derrubando o cara com a precisão

desajeitada de uma jogada de defesa —, será que era errado pensar que sabia jogar aquele jogo melhor do que todos eles?

* * *

A Igreja Luterana da Palavra Viva era uma união chamativa de três molduras em forma de A construída em uma pequena vizinhança rica, com uma série de janelas estreitas abertas em ângulos de origami por ambos os lados, uma bem definida flor de lótus de vidro e concreto que parecia, pelo menos em parte, inspirada no brutalismo das velhas bibliotecas públicas e agências de correio dos anos 1960. Enquanto nos aproximávamos, o pequeno grupo de adolescentes da Fonte se uniu na van da AEA, todos virados para olhar para a fachada da igreja.

— A parte de dentro desta igreja é *maravilhosa* — disse um garoto atrás de mim, o adjetivo entrando na frase sem disfarces.

Perguntei-me se certas palavras podiam ser consideradas IFs.

— A gente *tem* que ver o santuário.

E certas entonações? No último intervalo, uma ex-lésbica se aproximara de mim e soltara um som de reprovação para minha postura. Eu estava perto da porta, com uma das mãos na parede e outra no quadril.

— Não vou denunciar você — dissera ela, como se eu tivesse que ficar feliz, agradecer a ela de algum modo —, mas você tem que mudar essa IF antes que outra pessoa veja.

Entramos no estacionamento asfaltado, linhas amarelas passando rápido, reduzindo a velocidade. Cosby abriu a porta lateral e pediu que saíssemos. Triângulos acima de nós, o brilho das janelas: uma geometria complexa que eu mal compreendia. Menos de um ano depois, aquele prédio se tornaria a nova sede da AEA: um espaço mais limpo e aberto, onde a longa série de janelas banharia os pacientes com uma luz mais santa. No entanto, naquela época, a AEA apenas alugava algumas salas da igreja para atividades vespertinas ocasionais, já que o espaço no shopping era pequeno demais para acomodar tanto os pacientes mais velhos como os novos. Era importante manter as atividades vespertinas separadas, principalmente porque os pacientes procuravam a AEA por motivos muito diferentes. Os programas Fonte e Refúgio, ambos grupos de jovens, que comportavam em grande parte pessoas de menos de vinte anos, compartilhavam as aulas da

tarde e, como a maioria de nós estava lidando com a homossexualidade, fazia sentido que tivéssemos histórias parecidas para compartilhar durante as atividades.

— Vocês podem fazer um pequeno intervalo — disse Cosby, nos levando para dentro. — Deem uma olhada rápida se quiserem. Depois vamos nos encontrar no corredor.

Muitos entraram no santuário. Era silencioso ali dentro e o carpete abafava o som dos passos. Os genuflexórios de madeira, cerca de trinta fileiras, eram iluminados pelo sol e tinham pequenas bolsas de crochê na ponta, em três seções voltadas para o púlpito. Senti algo sombrio pairando em algum lugar atrás de mim e, quando me virei de repente, vi um mezanino baixo impressionante, já que eu nunca estivera em uma igreja com um mezanino. Imaginei ter que andar pela nave da igreja em um lugar como aquele, com todos os olhares voltados para você, inclusive de cima. Em meu batismo, todos os olhares tinham vindo de uma única direção, e eu pudera olhar acima da cabeça dos membros da congregação, para o espaço em branco do fundo da igreja, me dedicar a Deus o máximo possível mesmo em um momento de tamanha exposição. Mas, naquele lugar, ninguém poderia ficar sozinho com Deus. A pessoa sempre estaria sob o feitiço do olhar atento de alguém.

Andei pela nave central, arrastando lentamente os pés pelo carpete. Quantas vezes eu havia visto meu pai fazer o mesmo? Quantas vezes testemunhara seu rosto banhado de lágrimas enquanto caminhava trêmulo até o altar? Era estranho pensar na minha imagem naquele momento: andando diante do grupo, o rosto plácido, livre de emoções. *O andar dos mortos-vivos*, pensei, endireitando as costas. Eu não sentia. Não ia sentir. Não deixaria os outros me verem sentir. Não seria fraco como meu pai. Não daria àquela ex-lésbica outra chance de me “corrigir”. No fim da minha estadia, seria eu que a corrigiria. Eu era mais forte do que tudo aquilo e provaria isso, não importava quais fossem as consequências, não importava quanto sentimento eu tivesse que sacrificar no processo.

As janelas à frente não eram vitrais, como se o arquiteto tivesse tomado a ousada decisão de deixar a beleza do santuário para a natureza, para Deus. Nenhum vitral, nenhuma imagem fragmentada de cenas bíblicas, nenhuma luz colorida artificialmente. Às vezes é o que deixamos de dizer ou fazer que nos leva ao assombro. E, enquanto o Nada me levava para mais perto do altar, enquanto eu subia no palco e olhava para os bancos vazios,

imaginando a multidão que teria de enfrentar na cerimônia do meu pai no dia seguinte, eu me perguntei se era isso que Deus estava fazendo. Perguntei-me se Deus estava me libertando por um breve período, interrompendo a conexão para que eu me tornasse mais forte e hétero sozinho. Embora me preocupasse com a ideia de que Deus decidisse parar de me visitar, de que eu tinha estragado nossa relação para sempre, também sabia que não havia como voltar atrás. Estava comprometido a me tornar mais forte, embora não fizesse ideia do que isso significava de verdade. Será que eu poderia me tornar inteiramente heterossexual? E, mesmo se pudesse, será que isso significaria que meu relacionamento com Deus seria o mesmo? Ou será que o processo de fortalecimento implicava a perda do meu estilo de vida anterior? Qualquer que fosse o tipo de força necessária, eu teria que aceitar. Teria que enfrentar a multidão do dia seguinte com o olhar pétreo que vira nos olhos de J — o olhar de um mártir —, mesmo que isso diferisse totalmente da pessoa que eu achava que era.

* * *

— Concentrem-se nos seus sentimentos — disse Cosby. — Quero que vocês se concentrem de verdade.

Estávamos em uma das salas de aula da igreja, a luz era diferente ali, mais escura, entrando apenas por uma janela que dava para o estacionamento. Cosby estava lá na frente, como um treinador esportivo fazendo as vezes de professor de matemática, a testa franzida como se pensasse em outra coisa: o jogo do dia seguinte, a próxima equação.

— Quero que vocês abram a seção de Ferramentas Gerais do manual.

O farfalhar de papel. Dedos lambidos. Achei a página: cinco colunas e seis fileiras de rostos desenhados, cada um com uma legenda. SATISFEITO, DEPRIMIDO, EXAUSTO, ASSUSTADO, FELIZ. DESPREOCUPADO, SONHADOR, ENOJADO, CHOCADO, IRRITADO. Todos os rostos uma representação simplista de cada emoção.

— Quero que vocês pensem em como se sentem agora — pediu Cosby. — Pode ser uma combinação de vários. Escolham com cuidado.

Na mesa à frente das carteiras, havia várias cartolinas brancas. Ao lado delas havia canetinhas coloridas e lápis. Também havia penas, miçangas e fios multicoloridos: vários materiais que um aluno de ensino fundamental

poderia ter no estojo. Cosby explicou que tínhamos que criar máscaras que simbolizavam as duas metades da nossa personalidade: a que mostrávamos para o mundo exterior e a que mostrávamos apenas para nós mesmos — uma máscara de um lado e a outra no verso da cartolina.

Deslizei o dedo pela folha, tentando achar uma palavra para o que sentia. *Morto por dentro, mas estranhamente determinado*. “Apreensivo” era o que mais se aproximava. Ou talvez “desorientado”. Acompanhei os outros até a mesa lá na frente da sala, peguei uma cartolina, algumas canetinhas e umas bolas de algodão. Quando me sentei de novo para trabalhar no projeto, J se sentou ao meu lado. Nós dois nos ajoelhamos. Ajeitei a cartolina sobre a almofada da cadeira.

— Pode me passar o vermelho? — pediu J, a voz fria.

Vermelho, pensei. *A cor da paixão*. Eu logo veria essa paixão se transformar em gotas de sangue no cartaz dele — o sangue de Jesus. Não paixão, mas sacrifício.

Olhei em volta, em busca de ideias. S começou a colar algodão na cartolina, fazendo uma carinha sorridente e pálida. Eu a observei por muito tempo antes de me virar para trabalhar em minha cartolina. Ela criava nuvens pintadas de azul-escuro — nuvens de chuva —, uma faixa alaranjada de luz do sol pouco visível, sem sinais de pelo de cachorro nem manteiga de amendoim. Eu estava feliz por ela.

— Está ficando bom— disse Cosby, passando por mim, a cabeça baixa em reverência.

Ele parecia dizer a verdade. Soava como o tipo de pessoa que havia feito aquela atividade muitas vezes, que aprendera a forjar apenas um rosto a partir de seus diversos eus.

Tirei a tampa da canetinha azul e rabisquei algumas linhas. Depois, transformei-as em contornos de ondas e as conectei às bolas de algodão para que suas cristas parecessem quebrar. Um turbilhão violento. Uma grande bagunça agitada e sem direção. Do outro lado, a cidade destruída e havia muito esquecida embaixo d’água.

O CINEMA DO PRISIONEIRO

Meu pai e eu mal nos falamos em nossa ida até a penitenciária. Fazia um mês que meus pais haviam descoberto que eu era gay e já era quase Dia de Ação de Graças, a semana em que eu praticamente só ficaria em casa, sentindo que havia muito pouco para agradecer. Eu me sentei ao lado dele no banco do carona de seu F-150 Lariat vermelho, observando as árvores avançarem e recuarem às margens da estrada sinuosa, as montanhas se revelando à nossa volta enquanto seguíamos para o centro do local que, segundo um governador, um dia se tornaria a “Meca das Ozark”...

Fechei os olhos, mas a imagem se manteve: picos cobertos de pinheiros, pinhões amarronzados, o sol da manhã pairando sobre tudo como uma lâmpada de aquecimento.

Minha família fez a peregrinação até aquela cidade em 1999, pouco depois de perder a processadora de algodão para um concorrente maior, muito depois de a cidade ter se transformado em destino para os aposentados de Chicago e para fundamentalistas do sul, que comprovam propriedades por valores baixos onde seria seguro guardar e usar armas e se vangloriar disso. Desde que havíamos nos mudado, cinco anos antes, meus pais tinham aprendido a se dar bem com algumas das pessoas vindas do norte, a falar com um sotaque levemente nasal, a sorrir menos. As pessoas iam para lá para viver uma vida melhor, em um ritmo diferente — mais tarde, no entanto, eu descobriria que uma simples mudança de paisagem não mudaria nada em alguém como eu, que nenhuma camuflagem era capaz de esconder as fantasias homossexuais que eu vinha tendo desde o sétimo ano da escola.

— Está pronto? — perguntou meu pai, tirando os olhos da estrada e fixando o olhar nas mãos nervosas que eu não parava de retorcer sobre meu colo.

— Estou — respondi, os dedos congelando na forma de um campanário.

Lembrei-me de um verso que os professores haviam ensinado na colônia de férias da igreja: *aqui está a igreja, o campanário aqui está. Abra todas*

as portas e muitas pessoas verá.

— Vai ser uma educação diferente da que você está acostumado — disse meu pai. — Seus professores da faculdade não vão ensinar isso.

Grande parte do trabalho do meu pai passara a envolver a educação de pessoas fora do ambiente da igreja. Sua ambição crescente o fizera pregar para um número cada vez maior de clientes da concessionária e andar pelas ruas próximas de nossa casa para bater à porta dos vizinhos em busca de almas perdidas. Agora, sua maior missão era pregar para os esquecidos, os oprimidos, os detentos da prisão local. Era a primeira vez que eu acompanhava uma das visitas matinais que ele fazia aos sábados. Eu nunca tinha ido até a penitenciária, embora ele já a tivesse visitado muitas vezes. Eu estava sonolento, desacostumado aos horários que meus pais haviam proposto depois que David tinha me denunciado — horários que exigiam que eu voltasse da faculdade na sexta à tarde e acordasse cedo no sábado para passar mais tempo com a minha família.

Depois de vários minutos de silêncio, meu pai apertou o botão para ligar o rádio. Creedence Clearwater Revival rompeu nosso silêncio com notas leves, alegres e nostálgicas de uma Louisiana onde nenhum dos membros da banda realmente tinha vivido. Qualquer pessoa que passasse por nós provavelmente teria pensado que estávamos felizes, indo ver alguma atração de beira de estrada.

Fechei os olhos de novo, pressionando a base da palma da mão contra as pálpebras até fracionar e destruir as imagens gravadas: uma plataforma de gelo caindo na água ártica escura.

* * *

As imagens do que havia acontecido na noite do meu estupro também tinham ficado comigo, abrindo caminho por praticamente todos os minutos de minha vida: um desenho borrado do garoto mais novo que David disse ter estuprado, aquela cena de David acima de mim, forçando minha cabeça para baixo. Em um segundo eu estava calmo; no segundo seguinte, acessava algum bolsão de memórias esquecidas e uma raiva incontrolável me tomava, direcionada a mim e a todos à minha volta, um desejo de destruir tudo que via.

Depois que David ligara para meus pais, me denunciando, minha mãe tinha me levado embora, avançando sinais amarelos para chegar à nossa casa em tempo recorde. Enquanto ela vomitava no banheiro adjacente, meu pai me levava até seu quarto, fechara a porta e explicara que o que eu sentia era errado, que eu estava simplesmente confuso.

— Você não sabe como é estar com uma mulher. Não há nada no mundo como o prazer entre um homem e sua mulher.

Eu não sabia o que dizer. Traçara o desenho da colcha com o indicador, seguira a costura em torno do bulbo amarelo-amarronzado de um junquilha. Se eu simplesmente pudesse continuar movendo as mãos... Meu professor de estudos religiosos havia notado minhas mãos inquietas um dia e me convidara à sua sala para me ensinar algumas técnicas de meditação.

— Mão esquerda, palma da mão para baixo. Vire a palma esquerda para cima. Não diga para si mesmo: “Vire a mão esquerda.” Consciência é tudo.

Apesar de não ter conseguido usar aquelas técnicas direito, ter algo para fazer com as mãos parecia melhor do que ceder ao tremor.

— É muito caloroso, muito natural — dissera meu pai —, estar com uma mulher.

Eu havia sentido uma vontade repentina de me juntar à minha mãe diante da privada, o nojo nos unindo por um instante, por motivos diferentes. Nenhum de nós queria saber sobre a vida sexual do outro, mas ali estávamos nós.

Quando minha mãe voltou ao quarto, limpando a boca com as costas da mão, meus pais se sentaram na beira da cama e explicaram que encontrariam uma maneira de me curar. Conversariam com nosso pastor para ver quais eram as opções possíveis. Havia vários modos, disseram. Tinham ouvido um pastor visitante dar uma palestra sobre opções de aconselhamento. Enquanto isso, eu passaria os finais de semana em casa, a duas horas de distância das influências pecaminosas da faculdade que haviam me levado até aquela situação.

Sentado ali como uma criança, os tênis pairando acima do carpete, traçando o desenho da colcha enquanto observava o rosa do batom de minha mãe se espalhar pelas costas da mão, não tive coragem de contar o que meu amigo fizera. David tinha vencido: saber da minha homossexualidade seria mais chocante que saber do meu estupro; ou pior, seria como se um ato tivesse se seguido ao outro de forma inevitável, como

se eu merecesse aquilo. De ambas as formas, a vergonha de nossa família continuaria a mesma.

— Você nunca mais vai pisar nesta casa se agir de acordo com o que sente. Nunca vai terminar a faculdade — dissera meu pai.

Naquela noite, tomei em silêncio a decisão de concordar com tudo que eles tinham em mente, a vergonha e a raiva se acomodando em meu peito, preenchendo espaços que eu havia reservado para o amor, espalhando-se sob minha pele como um hematoma invisível. Ao contrário da minha mãe, eu não tinha como expurgar nada, não tinha como encarar meu reflexo aquoso e obliterar meu rosto com vômito. Em vez disso, eu só podia juntar as mãos em oração e prometer a Deus que tentaria com mais afinco, o carpete queimando seu padrão pontilista em meus joelhos. Só me restava ficar diante do espelho do banheiro e esfregar a ponta afiada de uma tesoura contra meu pomo de Adão, para cima e para baixo, até a lâmina começar a deixar marcas leves que acabariam sendo difíceis de explicar. Só me restava ser como o Narciso pecaminoso sobre o qual havia lido em *A mitologia*, de Edith Hamilton, um livro que ficara guardado em minha mochila: apaixonado demais por minha própria imagem refletida no corpo de outros homens, assombrado demais pelo que via para desviar o olhar. Para não me afogar, concordei com o plano dos meus pais. Enquanto as semanas passavam e os passos seguintes se consolidavam, decidiríamos se eu permaneceria na faculdade ou se medidas mais drásticas teriam que ser tomadas.

Toda noite, as imagens chegavam a mim completamente formadas, como que geradas por engrenagens: David e o garoto; David pairando acima de mim; os lábios do meu pai em um movimento desconectado do som que ele fazia; o olhar de medo que rompia a pele do rosto dos meus pais em fractais de rugas de preocupação cada vez menores.

Havia decidido acompanhar meu pai à prisão para tentar acabar com essas imagens, uma alternativa ao suicídio que eu contemplava quase toda noite, à tesoura que eu tinha começado a procurar durante a madrugada, minhas mãos inquietas percorrendo o espaço entre o colchão e o estrado até chegar às línguas gêmeas de metal.

Talvez, se soubesse como estava próximo do suicídio, eu tivesse ficado longe da prisão e de suas celas úmidas, da vitrine de vidas destruídas por escolhas ruins e azar, de pessoas que não conseguiram se transformar quando a necessidade era urgente. No entanto, talvez meu maior desejo

fosse saber como meu pai fazia o impossível, como ele recuperava aqueles homens, dava esperança a eles, fazia-os voltar à sua melhor versão diante de Deus.

— Nenhum pecado é grande demais para ser perdoado — costumava dizer meu pai, parafraseando o *Êxodo*.

Talvez isso pudesse se aplicar a mim também.

* * *

Enquanto meu pai acelerava nas curvas da estrada, por um instante me imaginei abrindo a porta e caindo da caminhonete como havia visto caubóis fazerem. Mas para onde eu iria? Onde encontraria uma nova personalidade? Eu havia percorrido muitas daquelas trilhas nas tardes livres do ensino médio; algumas davam em penhascos de granito branco, outras seguiam até a represa de um lago artificial, mas todas retornavam ao centro da cidade em floreios labirínticos que sempre me deixavam sem fôlego. Em *A mitologia*, eu havia lido sobre Ariadne e o modo como ela usara o fio vermelho para libertar Teseu do abraço do Minotauro. No entanto, naquela cidade, todo caminho levava à mesma velha rua comercial. Naquela cidade, o Minotauro sempre nos encontrava.

* * *

Eu já sabia que não havia estradas simples e retas que levassem para fora da cidade. Na noite em que fora denunciado, depois de ouvir o ultimato de meus pais, eu estava no meu quarto fazendo algumas buscas na internet, o tempo todo me esforçando para ouvir passos no corredor. Acessando minha conta bancária, descobri que estava quase sem nada. Entrei em alguns fóruns para tentar descobrir como poderia pedir emancipação, mas todas as respostas pareceram complicadas demais. Havia formulários demais a preencher, assinaturas demais, esforço demais. Na época, meus pais pagavam por mais da metade da faculdade e, se eu não pudesse mudar quem eu era, eles tirariam isso de mim.

No entanto, a ideia de abandoná-los, de me juntar a uma comunidade que aceitasse gays e continuar a vida de modo independente em alguma medida parecia ainda pior que o suicídio. Cortar as raízes e excluir as pessoas que

eu amava me transformaria na casca da pessoa que um dia eu fora, em um autômato despojado de todas as engrenagens. De certa forma, eu sabia que deixar minha família para trás destruiria o restante do amor que eu ainda não havia deixado de lado para abrir espaço para a vergonha.

Durante o mês anterior na faculdade, professores de literatura, cientes de que eu estava passando por algum problema familiar, deram-se ao trabalho de me convidar para jantares, me incentivaram a entrar em debates sobre a teoria crítica, Foucault e a terceira onda do feminismo, os neoconstitucionalistas que estavam roubando o país. Naquela época, Bush filho sentia-se inspirado por Deus e tentava achar armas de destruição em massa no Iraque. Graças a isso, todo jantar a que eu comparecia parecia incluir uma dose generosa de crítica ao fundamentalismo.

Meus amigos, Charles e Dominique, dois dos poucos estudantes negros de nossa faculdade, estavam sempre me provocando, dizendo que todos os batistas tinham sido senhores de escravos, que toda minha árvore genealógica era repleta de supremacistas brancos.

— Sua família usa a Bíblia para manter nosso povo sob controle — dizia Charles.

— Eles provavelmente bateriam na gente com todas aquelas Bíblias que têm jogadas em casa — acrescentava Dominique.

Pensar no que a empresa de algodão da minha família havia feito com os antepassados de Charles e Dominique me deixava com vergonha. Num segundo, eu morria de medo de que meus ancestrais estivessem todos sentados no Céu, julgando minha atração pelo mesmo sexo, e, no seguinte, eu os julgava pelo que supostamente haviam feito com os negros. Menos de um ano depois, na AEA, eu me perguntaria por que a legenda do genograma não incluía os pecados da escravidão e do racismo, por que uma parte tão grande da História tinha sido deixada de lado.

Em meio à conversa inteligente dos professores, eu me sentira tanto um impostor quanto um traidor. Eu sorria nos momentos certos, fazia comentários espirituosos sobre minha criação, ridicularizava as opiniões políticas de quase todos em minha cidade natal. No entanto, também era verdade que ir para casa muitas vezes fazia com que me sentisse, se não orgulhoso de minha herança, ao menos agradecido por sua familiaridade. Em casa, eu era capaz de fazer uma oração elegante, demonstrar um pouco de conhecimento sobre a graça de Deus, recitar as escrituras em momentos apropriados, abrir meu melhor sorriso. Era um alívio retornar a um mundo

conhecido, lidar com situações corriqueiras, acalmar minha cabeça. A cada peregrinação entre a faculdade e minha casa, as fronteiras entre os dois territórios se tornavam menos nítidas e aumentava minha preocupação com o que aconteceria quando finalmente eu misturasse ambos.

Os dois lados pareciam sugerir a mesma solução eficiente: cortar laços. Abandonar minha família e tudo que vivi até ali ou abandonar o que estava aprendendo sobre a vida e novas ideias. Comecei a ver fortes indícios a favor da segunda opção, apesar de não achar que seria fácil esquecer o assombro experimentado na aula de Literatura Ocidental, quando aprendi o que a igreja considerava um passado pagão pecaminoso. Em determinado momento no meio de nossa discussão sobre a *Odisseia* — quando Ulisses tampava os ouvidos para não ouvir o canto das sereias —, eu havia me endireitado na carteira, aberto os ouvidos, levantado a mão e pedido que me desamarrassem do mastro.

* * *

— A gente nunca se cansa, não é? — perguntou meu pai.

A caminhonete havia entrado em um túnel de folhas amareladas.

— Da criação de Deus.

— Não — respondi, pressionando a mão contra o vidro, observando as folhas claras passarem pelos espaços entre meus dedos.

— Vamos superar — disse ele. — Já falei com o Irmão Stevens. Ele tem algumas sugestões.

O Irmão Stevens era o pastor da nossa igreja. Depois que meu pai decidira se tornar pastor, os dois haviam ficado muito próximos e passavam bastante tempo livre nas cadeiras estampadas do escritório do Irmão Stevens, na igreja. Apesar de meu pai ainda não ter sido ordenado pastor oficialmente, ele sempre substituíra o Irmão Stevens quando ele estava doente.

Eu não vira o Irmão Stevens muitas vezes desde que me mudara para a faculdade, e isso era ótimo. Havia algo em seus olhos pequenos e muito juntos que me deixava nervoso. No ensino médio, quando comandava o projetor da igreja para ele nas manhãs de domingo, sempre sentia que ele direcionava todas as condenações para mim, como se eu fosse o Diabo do qual ele falava, sentado em minha cabine alta, acima do restante da

congregação, rindo de Deus com minhas fantasias sobre os gêmeos Brewer, sentados com as costas eretas na primeira fila. Durante os sermões, ele às vezes falava da filha pródiga que tornava a vida dele continuamente mais complicada: as overdoses, os namorados que moravam com ela, o uso casual que fazia do santo nome de Deus, as prisões frequentes. A típica filha de pastor que se rebela. Por causa disso, o Irmão Stevens havia criado uma política de amor bruto. Deixara a filha se virar sozinha muitas vezes, mas costumava ajudá-la a pagar a clínica de reabilitação.

Eu sabia que qualquer conselho que ele tivesse oferecido a meu pai seria duro. Desconfiava que o convite para acompanhar meu pai até a prisão tivesse sido ideia do pastor. Fazia parte de uma rotina de medo que a igreja usava quando, por exemplo, convidava ex-viciados em drogas para contar suas histórias de terror em testemunhos prolixos que ocupavam a maior parte do culto, deixando quase toda a congregação com lágrimas nos olhos, se sentindo sortudos por estarem vivos e serem como são ao sair da igreja. Mas, apesar de minha desconfiança, eu ainda acreditava que o Irmão Stevens podia estar certo. Uma nova perspectiva rígida e sombria podia ser exatamente o que eu precisava.

* * *

Paramos no início da estrada principal e meu pai ligou o pisca-alerta.

— É a diferença entre o que é natural e o que não é natural — disse ele, o freio assobiando sob nós. — Você sempre foi um bom cristão, mas agora misturou as duas coisas. Vamos achar o conselheiro certo para você.

Eu não me sentia natural desde o ensino fundamental, quando vira meu vizinho bonito passeando com o cachorro pela rua: um momento que secretamente me deixara implorando por uma coleira.

— Não quero falar sobre isso — disse.

— Aquele seu amigo não teve problema em falar sobre isso.

Amigo. A palavra soou displicente, sem nenhum vestígio de ironia, pousando com arrogância entre as passadas do limpador de para-brisa como um fato concreto. Aquilo me fez querer girar o volante para a direção errada, pisar no acelerador até tocá-lo no piso de plástico do carro e nos enfiar na lateral do prédio mais próximo.

— Provavelmente ele já contou para metade da cidade — continuou meu pai.

Era exatamente por isso que eu vinha evitando lugares públicos. David morava em uma cidade não muito longe da nossa, e a possibilidade de ele já ter contado que eu era gay para nossos amigos em comum, em um esforço para se salvar, era enorme. Eu havia descoberto, por um desses amigos, que ele estava suspenso, que ninguém o via no campus havia um mês e que provavelmente tinha se mudado de volta para a casa dos pais. Ele devia ter exagerado os fatos, feito parecer que *eu* era o pedófilo. Devia ter contado às pessoas que eu havia tentado dormir com ele (meu colega de quarto, Sam, já tinha arrumado outro quarto. Eu dividia o alojamento com meu amigo Charles e suspeitava que o motivo para a partida repentina de Sam fossem esses boatos). Não havia nada a fazer a não ser me esconder, esperar a poeira baixar e tentar achar uma cura.

— Não me importo com o que ele disse para os outros — respondi. — Ele não é cristão.

— Achei que ele frequentasse a igreja — disse meu pai, entrando na rodovia. — Achei que você tivesse dito que ele era um cara legal.

— É uma igreja pentecostal — falei, lembrando-me da velha agência de correio com suas vigas enferrujadas de metal, seu palco iluminado e seu óleo de motor. — Não é a mesma coisa.

As palavras saíram da minha boca sem permissão. Culposas e arrogantes por natureza, pareceram naturais, contudo, vindas de um lugar entre a verdade e a mentira, movidas exclusivamente pela raiva. Combinavam com um senso de convicção, de propósito. Fizeram tudo à nossa volta ganhar foco: as faixas duplas amarelas, as lojas ao longo da estrada, os rostos que observavam por trás de janelas sujas. Carregavam em si o tom e a lógica preguiçosa dos jantares de alguns dos meus professores, mas bem pouco do mesmo conteúdo.

Meses depois, ao encontrar a equipe da AEA pela primeira vez, eu reconheceria instantaneamente aquelas palavras híbridas, apesar de não saber o tamanho da força delas até serem usadas contra mim.

— Eles falam em línguas estranhas e usam óleo para unção — continuei. — É nojento.

— Não julgueis — disse meu pai, a seta voltando ao lugar enquanto ele girava o volante — para que não sejais julgados.

— Não dirás falso testemunho — falei.

Depois de mais de uma década de aulas na escola dominical, eu sabia recitar as escrituras quase tão bem quanto meu pai, usá-las com a mesma facilidade para justificar meus meios.

— Honrai pai e mãe — respondeu meu pai, usando o trunfo que sempre encerrava nossas discussões.

Cruzei os braços. *É isso que estou fazendo*, pensei. *É por isso que estou aqui*. Mas não sabia se isso era verdade. Eu estava ali, pelo menos em parte, porque não parecia haver alternativa.

Meu pai nos guiou por uma estrada secundária ladeada por bordos. As folhas murchando raspavam no teto da caminhonete, um farfalhar seco seguido pelo leve bater de um galho. *Palma da mão direita para cima. Gire. Repita. Palma da mão esquerda para cima. Gire*. Fixei o olhar em um tronco de árvore distante e o mantive ali até passarmos por ele, até sua casca se tornar indistinguível, algo facilmente esquecido na floresta.

* * *

Quando eu estava no ensino fundamental, um dia meu pai me levou para a floresta para caçar. Eu afastei os galhos dos pinheiros em meio à névoa silenciosa da manhã, meu hálito condensando ao lado do dele, nossas nuvens se juntando por um instante, nos cegando ao refletir o sol. Meu pai bateu em meu ombro para chamar minha atenção, e eu ergui o rifle e mirei perto da pata de uma grande corça. Com um dos olhos na mira e piscando o outro, observei o bicho pelo que pareceram vários minutos — apesar de não terem sido mais de alguns segundos.

A corça apareceu para mim como uma imagem da própria floresta, de sua graça tranquila, selvagem e não calculada, parte de um mundo natural que não havia necessidade de se questionar. Ela não parecia se importar com a possibilidade de viver ou morrer. A corça simplesmente *era*. Sua consciência era tudo. A bala que acabei disparando parou em algum lugar no caminho à nossa frente, errando a corça por vários metros. Meu pai passou o resto da manhã me convencendo de que eu havia atingido a corça — de que estávamos ali para procurar o fino rastro vermelho de sangue no chão da floresta. Mas eu sabia que era mentira. Sabia que ele estava tentando não me deixar chateado.

Eu me perguntei se aquela experiência seria assim também. Eu miraria em algum ponto da prisão, em alguma verdade fora de alcance, talvez situada atrás de uma parede de barras pretas grossas, e meu pai passaria a vida tentando me convencer de que eu havia atingido o alvo. Quanto mais entrássemos naquele labirinto, mais perdidos ficaríamos, de nós mesmos e um do outro. Voltar ao ponto em que tudo havia começado seria impossível; nossas origens, a matéria bruta de mitos.

* * *

— Você fez muitos amigos *legais* na faculdade? — perguntou meu pai, ultrapassando um sinal amarelo.

Pensei em Charles e Dominique, os estudantes de música gêmeos que cantavam canções de escravos no alojamento e que haviam me pedido para assistir a *Imitação da Vida*, que descreviam como “uma introdução amigável para brancos” da experiência de ser negro.

— Se não chorar depois, tem alguma coisa errada com você — dissera Charles. — Os brancos sempre choram com esse filme.

Charles, Dominique e eu estávamos nos tornando amigos próximos, mas fiquei com medo do que meu pai diria se eu os descrevesse. Apesar de ele sempre dizer que “não tinha problema nenhum com negros”, eu não queria falar de raça quando os mencionasse, não queria exhibi-los como meus amigos negros, não queria remexer demais na história dos meus antepassados processadores de algodão por medo de herdar uma vergonha ainda maior do que a que já sentia. E havia também outra questão: minha vida na faculdade e minha vida em casa estavam se tornando entidades cada vez mais díspares. Depois da ligação de David, eu tinha medo de que outros segredos pudessem vir à tona se começasse a falar demais de minha outra vida.

— A maioria nem é tão legal — falei, batendo no vidro com o indicador. — A gente tem que avaliar com cuidado.

O pecado original era um conceito que eu e meu pai conhecíamos bem.

Pensei em meus professores e na aula de Literatura Ocidental, em como me sentia feliz por poder debater ideias e opiniões como se não fossem nada além de poeira ou pedrinhas que podíamos peneirar entre os dedos. Lembrei que ideias que antes pareciam absurdas e inatingíveis tinham se aberto

diante de meus olhos, perdido suas muitas associações com o Deus irritado e amoroso em que eu aprendera a acreditar, se tornado material para outras religiões, outras filosofias, outros estilos de vida.

Depois de mais alguns minutos de silêncio, meu pai aumentou o Creedence até a música arrebentar meus tímpanos e os vidros tremerem com o baixo.

I see earthquakes and lightning, cantava a banda. *I see bad times today*. Terremotos e relâmpagos. Tempos ruins surgindo.

Eu me ajeitei no banco, apoiei os pés no painel. O cinto de segurança estava travado, me prendendo ao couro do assento. Não disse mais nada por todo o trajeto. Tinha entrado no território de meu pai, um Cinturão da Bíblia mais real do que o cinto que apertava meu peito.

* * *

Na faculdade, o homem do subsolo de Dostoiévski ainda me dominava às vezes, me convidando a recuar, a me misturar aos móveis, a observar. A única diferença pós-David era uma necessidade mais profunda de me esconder. Ela às vezes dominava meus dias, me mantinha no alojamento por tanto tempo que eu mijava em garrafas d'água vazias, as enfiava embaixo da cama e me esquecia delas. Quando mais tarde eu as encontrava, durante um de meus momentos mais sociáveis, cumprimentava as garrafas como falaria com um estranho, chocado por sua aparição repentina, vendo meu eu anterior como um impostor horrível. *Quem faria uma coisa dessas?*, pensava eu. *Quem estaria tão desesperado a esse ponto?*

Quando aprendi sobre a teoria freudiana em meu primeiro semestre, fiquei ainda mais preocupado. *Isso deve ser alguma questão infantil mal resolvida*, pensei, lembrando-me dos hieróglifos no carpete do meu quarto. *Deve ser outro sinal da minha deficiência*. Não, corriji, mudando de repente para uma perspectiva do Antigo Testamento, *do meu pecado*.

Não parecia haver qualquer ramo da psicologia, da filosofia ou da literatura que eu lesse que não pudesse ser distorcido para atestar minha culpa. Nesse mesmo sentido, não havia qualquer ideia que não complicasse minha compreensão do cristianismo, que não questionasse o direito divino de meus pais ditarem minhas crenças. Decidi que aquilo era estar verdadeiramente louco, que só gente maluca se agarrava aos dois lados com

tanto afinco, se recusava a deixar que seguissem seu caminho, deixava-os brigar dentro da própria cabeça.

* * *

As árvores deram lugar a campos pontuados por vacas e depois a prédios retangulares que faziam as vezes de centro administrativo para a cidade. Tudo era unido pelo asfalto escuro cujos buracos profundos eram facilmente ultrapassados pela caminhonete de meu pai. Pela janela entreaberta veio um cheiro forte de esterco aquecido pelo sol quente da manhã, e de alguma outra coisa — uma mistura típica de gasolina e metal enferrujado, característica de comunidades agrícolas em que os meios de produção industrializados avançam de forma tão impiedosa e rápida que é necessário ceder grandes terrenos para ferros-velhos e enchê-los de carcaças de velhas máquinas.

A prisão ficava nos arredores da cidade, escondida atrás de um conjunto de construções de telhado branco e um posto de gasolina vermelho da Conoco, que servia também de loja de pneus e de lubrificantes. Ao lado da penitenciária, ficava o tribunal, um prédio idêntico, com apenas algumas janelas voltadas para a rua, acréscimos de última hora, um alívio temporário da fachada uniforme de tijolos.

Eu me sentei direito para ver melhor, o couro quente descolando das costas de minha camisa suada com um sibilar baixo. Eu estava esperando encontrar arame farpado, torres de vigia e guardas de uniforme azul se revezando. E também uma série de guaritas, uma mais rígida que a outra. Algum cenário hollywoodiano de milhares de dólares. Em vez disso, ao me aproximar daqueles prédios baixos, tive a sensação de que o local que a cidade mais queria esconder podia ser considerado seu local de trânsito mais pesado, já que havia muitos carros entrando e saindo livremente do estacionamento.

Meu pai estacionou perto dos fundos, dando um tapa no câmbio entre nós e pondo o carro em pronto morto.

— O que achou? — perguntou ele, virando-se para mim, o couro rangendo embaixo de seu corpo.

I fear rivers overflowing, cantou o Creedence. *I hear the voice of rage and ruin*. Rios transbordando. A voz da raiva e da ruína.

Meu pai desligou o motor, silenciando a banda bem no meio da música.

— É diferente do que eu esperava — falei, olhando para o teto de metal branco que refletia o sol em um ângulo ruim e o mandava diretamente para meus olhos.

Ao ver aquilo, achei que fazia sentido que as pessoas da cidade não quisessem gastar todo seu dinheiro em uma prisão supermoderna. Seus impostos poderiam ser usados para manter belo o que era belo, feio o que era feio e permitir assim que os tijolos escuros da instituição ficassem escondidos sob a Meca de montanhas que a cercava.

Eu já havia aprendido que a beleza tinha um efeito cumulativo. Quando as pessoas consideravam algo bonito, o objeto da afeição delas continuava a receber todos os elogios e toda a atenção possíveis. *Uma rosa é uma rosa é uma rosa é uma rosa*, brincara Gertrude Stein, minha nova poeta favorita. Nomear algo bonito o torna bonito. Eu via isso na maneira como a igreja falava do casamento como uma instituição sagrada e nos adesivos UM HOMEM + UMA MULHER que as pessoas colocavam nos carros, os mesmos que meu pai entregava a qualquer cliente que passasse pelo lava a jato de sua concessionária.

Nomear algo feio tem um efeito parecido. O som da minha mãe vomitando na noite em que me trouxe para casa me ensinou essa lição melhor do que qualquer outra coisa. Eu era gay e recebera esse nome — um fato que, depois de ingerido, devia ser expelido imediatamente.

Meu pai e eu ficamos sentados em silêncio por mais alguns segundos.

— Não vamos mais falar sobre a sua situação — disse ele. — Pelo menos até a gente saber mais.

Eu me perguntei se meus pais já haviam marcado uma sessão de terapia, se estavam apenas esperando para me contar depois da prisão. Por mais irracional que isso me parecesse na época, eu via aquela visita como um teste. Um teste para minha convicção, para minha coragem, para o amor que sentia pela minha família.

Sem perder o ritmo, meu pai abriu o porta-luvas e pegou um enorme saco de M&M's de amendoim. Aquele gesto me pareceu mágico. Um segundo antes, havia apenas o couro marrom, o plástico escuro do painel e as cores escuras de nossas roupas. De repente, um saco amarelo de doces surgira nas mãos de meu pai e começara a refletir a luz da manhã.

— Pense rápido — disse ele, jogando o saco em minha direção.

Minhas mãos se atrapalharam, errando a mira, e o saco caiu em meu colo com o barulho de cem bolinhas de gude batendo umas nas outras.

— O que é isso? — perguntei.

— M&M's.

Chacoalhei o saco amarelo com ambas as mãos.

— Eu queria saber por que você trouxe isso.

— Você vai fazer o seguinte — disse meu pai, abrindo a porta do motorista e deixando uma rajada de ar absurdamente quente tomar conta do carro. — Você vai dar um punhado de M&M's para qualquer detento que conseguir recitar pelo menos dois versículos da Bíblia.

— Esse é o plano? — eu quis saber. — Distribuir chocolate?

— Esses doces podem parecer pouco para você, mas essas pessoas não têm muita coisa. Eles adoram quando eu venho fazer uma visita.

Os membros da congregação costumavam dizer que os planos do meu pai eram inspirados, e tinham um bom motivo para isso: quase sempre surgiam do nada, nos pegavam desprevenidos, chegavam perto o bastante do limite do absurdo para gerar um arrepio pelo corpo, faziam a gente questionar o que poderia acontecer depois. Apesar de achar que já as havia superado, tinha que admitir que as táticas do meu pai eram criadas por um tipo peculiar de genialidade. Ele entendia o que as pessoas queriam e construía sua missão a partir disso.

Apesar de não ter perguntado nada, entendi a lógica proposta por ele. Bastava dar aos prisioneiros algo que desejassem, um objetivo pelo qual trabalhar a semana toda. Desse modo seria possível levá-los a uma compreensão mais profunda das escrituras, o corpo cedendo à alma. Era uma variação do que Jesus havia feito perto de Betsaida, ao transformar sete pães e alguns peixes em comida suficiente para cinco mil homens. O milagre do meu pai seria o da magnificação, como o de Jesus: ele plantaria alguns M&M's de amendoim nos estômagos daqueles homens e eles ficariam satisfeitos com o choque do sabor quase esquecido. Então, e só então, estariam preparados para receber o corpo de Cristo.

Esse mesmo sistema de recompensas havia funcionado para mim quando eu era mais novo. Na colônia de férias da igreja, eu recitava o nome dos livros da Bíblia em ordem — Deuteronômio, Josué, Juízes —, aqueles nomes estranhos e pesados em minha língua, conjurando imagens de pergaminhos empoeirados e de velhos homens barbados sentados em tronos dourados. Eu havia decorado o máximo de nomes possível porque sabia que

o pastor ia me recompensar com doces depois. *Deixai os pequeninos*, diz a Bíblia. Eu tinha ouvido meu pai explicar uma vez que os detentos eram, de certa forma, iguais a crianças pequenas pegadas com a boca em várias botijas — e que *todos* nós éramos como crianças, perdidos até encontrar Jesus. Ou seja, ensinaríamos aos detentos que a recompensa dos doces, e um dia do Céu, só seria recebida depois de muita dedicação.

— Temos que apelar para os desejos mais básicos desses homens — disse meu pai —, antes de apelar para os mais sofisticados.

No ano anterior, meu pai havia aprendido que não podia ofertar aos presos nada que não fosse produzido em escala industrial. Ele depois me contou que, uma vez, havia enchido um isopor com uvas e gelo e passado punhados de fruta pelas grades, mas depois descobrira que os homens haviam tentado fazer vinho com elas. Tinham enchido sacos Ziploc com as uvas, misturado pedaços de pão velho e colocado os sacos embaixo de suas camas para fermentar.

Deitado na cama à noite, eu imaginava aqueles homens reunidos em torno dos saquinhos, sussurrando palavras gentis e acariciando o plástico frio com os dedos calejados. Imaginava todos eles, os braços tatuados em volta dos ombros dos companheiros, sendo doces e carinhosos quando ninguém estava olhando. Eu os imaginava atrás das grades, deitados nos catres, apertando a parte de baixo do plástico e bebendo o vinho quente. Então, quando a culpa começava a inundar meu peito e minha respiração ficava ofegante, eu tentava esquecer aquela ideia, fechava os olhos com tanta força que manchas alaranjadas dominavam meu campo de visão. As imagens então se dissipavam, perdiam a cor atrás de uma parede de pontos rodopiantes, já feias para mim.

* * *

Antes de concordar em ir até a penitenciária, eu não havia perguntado a meu pai o que ele fazia lá dentro. Só sabia que precisava segui-lo, me esforçar ao máximo por ele e por Deus, fazer tudo que pudesse me tornar merecedor aos olhos dos dois.

Aos nove anos, enquanto assistia à versão da Disney de *Peter Pan*, eu ficara hipnotizado, diante da TV da sala de estar, com a cena em que Peter sacode a sombra para que ela seque. Era a essa noção que eu precisava

voltar aos dezoito anos. Tinha que me tornar uma sombra, me costurar às solas dos pés de meu pai até não correr mais risco de ser perdido ou pisoteado. Eu já havia crescido tanto naquele primeiro semestre de faculdade, já havia passado por tanta coisa, que a ideia de voltar à infância eterna, de me tornar criança de novo aos olhos de Deus, parecia impossível. Eu voara para um território novo, mas, ao contrário de Peter, o território havia me alterado completamente, me tornado em uma espécie de estranho em minha própria casa.

Imaginei que o menino de David também havia se sentido desse jeito logo depois do estupro, um estranho para si e para as pessoas que o cercavam. Perguntei-me se ele havia encontrado alguém para guiá-lo para fora do labirinto em que David o dilacerara e abandonara — e torci para que sim. Inconscientemente, aquele garoto sem nome havia de algum modo se tornado Brandon. Eu tinha pesadelos com aquilo, momentos de transfiguração nos quais o garoto se erguia de uma pilha de lençóis sujos e atravessava o porão de Chloe até meu saco de dormir. O bater de pés no concreto frio. Sob a luz azulada da TV, o rosto dele se tornava o de Brandon e ele me perguntava se eu queria mesmo ser gay. Quando eu não respondia, ele me perguntava se eu queria mesmo me matar e, quando mais uma vez eu ficava em silêncio, ele se deitava ao meu lado no saco de dormir e, de olhos arregalados, me encarava, como Janet Leigh em *Psicose*, até o sonho acabar.

Apesar desse sonho, eu não havia ligado para saber como Brandon estava. Tinha medo de ouvir algo que não queria e estava despreparado para o que quer que Chloe pudesse dizer se atendesse. Eu não falava com ela desde o nosso término e não queria enfrentar suas críticas quando ela descobrisse o que estava acontecendo comigo. Como eu podia começar a explicar uma situação que, para todos os efeitos, não existia?

No caminho até a cadeia, eu havia me preparado para a aparição repentina de David toda vez que a caminhonete entrava em uma curva. Sabia que era uma ideia irracional, que não havia motivo para David estar naquela estrada, mas a simples menção do nome dele tinha o poder de conjurá-lo. Eu havia examinado cada veículo que nos ultrapassara em busca de vestígios de seu rosto pálido, passando os olhos rapidamente de um passageiro para o outro a fim de evitar qualquer contato visual prolongado. No entanto, considerando minha situação na época, a prisão parecia o lugar mais seguro para evitá-lo. Eu já sabia que ninguém o puniria pelo que ele

havia feito. A pastora presbiteriana da faculdade tinha me aconselhado a manter a cabeça baixa e a evitar um escândalo, já que seria apenas minha palavra contra a dele.

David me ensinou melhor do que ninguém a manter a cabeça baixa, mas foram os outros — as pessoas para quem contei depois — que insistiram em um reajuste permanente da minha postura corcunda. O que David havia feito comigo e com aquele garoto era invisível, algo que as pessoas que me cercavam simplesmente não queriam discutir. Ao escolher o poder da invisibilidade, eu também tinha desistido da minha voz.

* * *

— Não tenha medo — disse meu pai, me olhando. — Esses homens são iguais a todo mundo. Só foram pegos.

Nós dois saímos da caminhonete. Segurei o saco de M&M's com força.

— Não estou com medo — falei, as sílabas se abrindo.

Mé-ê-do.

Meu pai apertou o controle remoto da chave e a caminhonete buzinou ao meu lado, piscando os faróis inúteis. Ele havia se vestido de maneira mais desleixada para a ocasião. Estava de calça jeans clara, tênis branco e uma camisa de botão azul-escura para fora da calça, o cabelo grisalho bagunçado pela brisa ocasional que passava entre as montanhas às nossas costas. Como muitos dos presos eram pobres coitados, ele não queria usar nada muito caro nem passar a impressão errada. Meu pai não era Jim Bakker. Não queria o dinheiro deles. Queria que suas almas estivessem seguras no Céu.

Eu usava uma camiseta preta do jogo *Legend of Zelda*, calça jeans rasgada e chinelo. Tinha redescoberto a camiseta na noite anterior, no fundo da minha antiga cômoda, depois das duas horas de viagem de volta para casa. Apesar de fazer mais de um ano que não tocava em um videogame, *Zelda* pareceu a escolha apropriada. Link, o protagonista silencioso do jogo, era um especialista em invasões de calabouços e na resolução de quebra-cabeças. Eu precisava mais dele do que nunca.

Segui meu pai pelo asfalto preto. Entramos na sombra parcial da cadeia e ele girou o relógio prata até o mostrador brilhar, queimando uma meia-lua branca em seu rosto.

— O Indomável já devia estar aqui — disse ele, a meia-lua deslizando para o furo em seu queixo.

“Indomável” era o apelido que meu pai dera a Jeff, um funcionário que lavava carros para ele em tempo integral e um dos membros do círculo de oração da concessionária. Eu havia trabalhado com ele todos os verões desde que meu pai assumira a loja, e foi ele quem me ensinou a fazer todas as etapas de limpeza de carros. Indomável me ensinou a notar os menores defeitos em automóveis usados: o espaço empoeirado entre o mostrador do velocímetro e sua tampa de vidro, as beiradas cobertas de migalhas entre os bancos da frente e o painel, os forros internos gosmentos dos suportes dos bancos traseiros. Ele me ensinou que são os detalhes que mais importam. As pessoas querem crer que alguém está prestando atenção, que alguém se importa o bastante para mergulhar fundo.

Quando meu pai o conheceu, o cabelo de Indomável era comprido e oleoso, penteado para trás como os pelos de um roedor, e suas palavras saíam encadeadas em uma única frase arrastada. Depois que meu pai levou Indomável para o Senhor, fazendo-o ajoelhar-se com ele em seu escritório, o apelido pegou, uma espécie de equívoco irônico. Indomável não era mais nem um pouco indomável.

Nós formávamos uma boa equipe. Quando trabalhávamos juntos, ele preferia os produtos químicos, já eu gostava de usar a mangueira de pressão. Quando achávamos uma mancha impossível de ser retirada, nos revezávamos e a esfregávamos com um pano, continuando o trabalho do ponto em que o outro havia parado. No entanto, ao contrário de mim, Indomável tinha conseguido limpar *a si mesmo*, tinha usado seu talento para domar o passado. Tinha achado um jeito de sair da escuridão — cortado o cabelo, escondido as tatuagens com mangas longas, aprendido a enunciar as sílabas — e isso o levava a ensinar aqueles presos a seguir o mesmo caminho.

Ele apareceu alguns minutos depois, o cabelo curto penteado para o lado com uma quantidade generosa de gel.

— Desculpem o atraso — disse, a respiração ofegante, o rosto suado. — Tive que voltar para pegar minha Bíblia.

Ele ergueu uma Bíblia clássica preta e a usou para abanar o rosto. Nunca ia a lugar algum sem ela, um novo cristão “sedento pela Palavra de Deus”, como dizia meu pai. Pelo que pude perceber, ele não sabia nada sobre a minha situação. Meu pai pareceu confirmar isso com um olhar que dizia:

você pode estar aqui por causa do seu pecado, mas não precisa declará-lo, não precisa deixar mais ninguém saber da nossa vergonha.

— Deus não perdeu tempo hoje — disse Indomável, esticando o pescoço para olhar para o céu, o pomo de Adão se movendo. — O dia acabou ficando bonito.

Acompanhei o olhar dele. Uma camada de nuvens finas se desfazia sobre o pico das montanhas, caindo lentamente pela troposfera. Era um daqueles dias em que a escuridão do espaço parece pressionar ainda mais a atmosfera, dando ao céu uma saturação maior, despercebida até os olhos decidirem revelar sua profundidade.

— É a imagem de Deus descansando — disse meu pai. — “E Ele descansou no sétimo dia.”

— Mas nós não podemos descansar — disse Indomável, apontando para a porta da cadeia. — Deus fez este mundo e agora temos que garantir que não vamos estragar tudo com o nosso pecado.

Nós três andamos até a porta de metal da prisão. Meu pai pressionou um pequeno botão vermelho no centro de uma caixa metálica e disse seu nome. Então se virou de novo para nós, pigarreando.

— Prontos para salvar algumas almas? — perguntou.

— Esperei a manhã toda por isso — disse o Indomável.

De algum lugar acima de nossas cabeças, veio o som de uma câmera girando para nos encarar. Nós três olhamos para cima e observamos a lente se aproximar. Vistos daquela altura, nossos rostos possivelmente formavam um triângulo e o meu devia ser o vértice posterior.

A porta zumbiu, ganhando vida, o barulho de uma campainha de *game show*. Meu pai a empurrou. Segui Indomável e ele até uma antessala, sentindo o choque do ar-condicionado na pele, e esperei que a outra porta abrisse. Ficamos parados na pequena caixa metálica como se estivéssemos em um elevador, a janelinha dando para uma recepção vazia.

— Só quero conferir uma coisa — disse meu pai, sua voz ecoando repentinamente. — Qual é o único versículo que não vale doce nenhum?

Endireitei as costas. Daquela vez, não ia hesitar antes de tentar adivinhar.

— João 11:35.

Era o versículo que toda criança batista missionária tentava “decorar” pelo menos uma vez, normalmente quando tinha que recitar algo na colônia de férias da igreja e normalmente porque é um versículo muito curto. Meu pai não queria que os presos fossem negligentes ao ler a Bíblia e

estudassem um versículo tão simples. Queria que o máximo possível de palavras de Deus entrasse na cabeça deles. *Jesus chorou*: duas palavras simples que haviam me assombrado. Eu não chorava desde a noite em que minha mãe havia me buscado na faculdade — desde que havia observado os fios de alta tensão mergulharem entre as estrelas pálidas, pensando apenas no que meu pai diria quando descobrisse, os fios unindo constelações que eu não sabia identificar. Não planejava chorar tão cedo. Quando via um homem chorar na igreja, sentia que ele ia arrancar a pele do rosto, descascá-la para que todos vissem sua segunda personalidade secreta. Nas semanas seguintes ao estupro, sempre que pensava em chorar, eu me beliscava com força para me concentrar apenas na dor. Não daria a mais ninguém a oportunidade de ver minha fraqueza.

Meu pai se virou para mim, os olhos cor de mel esverdeados sob a luz fluorescente. A porta se abriu à nossa frente, mas ele não se mexeu.

— Isso mesmo — disse, erguendo a mão para bater em minhas costas.

Eu me encolhi involuntariamente, e a mão dele ficou paralisada.

— Isso mesmo — repetiu ele, abrindo a porta.

Indomável e eu fomos com ele até a recepção. Um policial com um charuto semimastigado pendurado no canto da boca assentiu e abriu a porta seguinte. Era uma pequena prisão em uma pequena cidade das montanhas Ozark, por isso os carcereiros conheciam bem meu pai. Não era preciso apresentar a identidade, não era preciso revistar ninguém.

— Lembre-se de ficar a pelo menos um metro e meio das celas — disse meu pai. — E não ligue se alguém xingar você.

Ele fez um gesto para que eu entrasse primeiro. Assenti. Queria provar que era tão corajoso quanto ele. Queria provar que era capaz de mudar. *Abra todas as portas e muitas pessoas verá.*

* * *

O corredor estava escuro. Ou talvez parecesse assim porque tínhamos acabado de sair do sol. Focos de luz neon formaram um arco sobre o caminho, encaixados nas laterais das celas escuras.

“Fosfeno”, explicara a professora de biologia da escola quando eu havia adormecido na aula dela. “Estava boa essa sua viagem de fosfeno?”

Na noite em que David me forçou a deitar em sua cama, eu vi centenas deles, redemoinhos cor-de-rosa, amarelos e laranja deslizando como patinadores sob minhas pálpebras.

“Às vezes isso é chamado de ‘cinema do prisioneiro’”, continuara a professora.

Era um fenômeno associado à observação demorada de uma parede nua — em meu caso, à observação da parede nua do meu quarto com uma tesoura na mão, enquanto esperava que a solução se apresentasse, que Deus escrevesse a resposta com sua mão sem corpo, como fizera com o rei Belsazar no Antigo Testamento.

Mantive-me próximo à parede, o ombro entrando e saindo dos espaços entre os blocos de concreto branco. De tempos em tempos, eu conseguia distinguir o brilho fraco de um rosto sorridente listrado por barras de metal escuras. Nenhum dos presos pareceu se mexer. Nenhum deles disse nada além de alguns “Oi” ou “É bom ver você”. Mantive minhas mãos cheias de doces longe deles, com medo de que tentassem pegá-los através das grades, apesar de todos parecerem extremamente educados.

Pude ouvir os passos de meu pai ecoando atrás de mim, mas não me virei, temendo que ele detectasse o medo em meus olhos. No final de semana anterior, quando o visitara na concessionária, meu pai havia erguido o punho para me bater. Fora no momento em que nossos medos mútuos da minha sexualidade haviam se conhecido. Eu havia feito algum tipo de brincadeira no showroom enquanto todos observavam, algo sobre ele não querer parecer fraco diante dos clientes, algo do qual não conseguira lembrar no instante em que ele me levava para o escritório e me ameaçara com o punho fechado. No instante seguinte, seu rosto se enchera de terror ao reconhecer o que estava fazendo, o que seu pai fizera com ele. Então ele abriu o punho e se desculpara, olhando para o carpete o tempo todo. *Me bata, pensei. Me bata e vou ganhar um passe livre. Me bata e eu não vou mais precisar amar você.* Mas ele não havia feito nada. Uma lágrima se formara no canto do olho, corra pela bochecha até o furo em seu queixo e pronto. Se a lágrima era pelo filho gay ou por ele mesmo, eu não soube dizer. Apenas me senti grato por ele não ter começado a chorar de verdade.

— Vamos dar um jeito — dissera ele, a voz trêmula. — Vamos levar você a um especialista.

Lembrei a mim mesmo que ele não me faria qualquer mal intencionalmente — que, apesar de tudo, ele decidira abrir o punho fechado

— e relaxei um pouco no corredor escuro. Meu pai era a única pessoa em uma multidão que com certeza reagiria imediatamente caso uma emergência acontecesse. Quando eu era mais novo, ele analisava cada brinquedo do parque de diversões antes de permitir que eu andasse em algum deles. Enquanto passava por ele no rotor, as pernas balançando, o ar do verão fazendo cócegas atrás dos joelhos, eu via seu rosto sério como um ponto fixo em um mundo em movimento, seus olhos vidrados no parafuso acima da minha cabeça. Ele sempre parecia estar bem atrás de mim, me observando. A faculdade havia me levado para longe dele e dos ensinamentos da igreja, e eu tinha sido punido com severidade. O parafuso havia se soltado, e eu tinha caído no lugar ideal para que David me agarrasse.

— Com licença — disse o policial mastigador de charuto, passando por mim.

Ele cuspiu pedaços de tabaco em um copinho de isopor que tinha na mão. Catapultados de seus lábios, pareciam minúsculos pedacinhos de confete negro. Na outra mão, ele trazia um grande chaveiro de latão que parecia conter centenas de chaves. Seus dedos passaram rápido por várias delas até acharem a certa, a qual enfiou na fechadura da porta ao fim do corredor, sacudindo-a para abri-la.

— Espere aqui — pediu meu pai, passando por mim e seguindo com o policial até onde um grande grupo de detentos nos esperava em uma cela enorme.

O policial e meu pai andavam diante de mim e Indomável para garantir que tudo estava certo para o culto. Toda vez que meu pai visitava os presos, precisava passar pelo menos dez minutos acalmando todos, pedindo que baixassem o volume da televisão do canto da cela, parassem de xingar um ao outro.

Pela porta aberta, pude ver também a ala feminina na outra ponta da grande sala, as várias mulheres mais velhas afastando-se das grades quando meu pai passava, caretas envergonhadas tomando seus rostos, mechas de cabelos compridos caindo sobre seus ombros.

— Seu pai costumava pregar para as mulheres também — disse Indomável, apoiando-se na parede.

A porta grunhiu e se fechou diante de nós, seguida pelo barulho da trava deslizando para a fechadura.

— O que aconteceu? — perguntei. — Por que ele parou?

— Elas começaram a se comportar de modo muito nojento — disse ele.
— Ofereceram alguns favores, se é que você me entende.

Você não sabe como é estar com uma mulher.

— E o que ele fez depois disso? — quis saber.

— Você sabe como seu pai é — respondeu Indomável, olhando para a cela diante de nós.

O homem dentro dela não parecia estar nos ouvindo. Estava deitado de costas, as feições escondidas pelo antebraço que pousara no rosto. Descobri depois que aquele corredor era reservado para alguns dos casos mais extremos.

— Ele tentou ainda mais depois disso — continuou Indomável. — Pregou com mais afinco.

— Ele conseguiu fazê-las mudar?

Indomável balançou a cabeça.

— As coisas que aquelas mulheres disseram para ele depois disso... — respondeu. — Eu não conseguiria repetir em sã consciência.

Eu me perguntei quando meu pai havia contado aquilo a Indomável. Será que tinham trocado olhares de êxtase momentâneo, histórias das mulheres com quem haviam estado, de erros de cálculo que quase haviam resultado em uma saída dos trilhos? Na única ocasião em que meu pai me levou ao Hooters, perto da época em que cheguei à puberdade, eu fui tão educado com as garçonetes e olhei tanto para os sapatos delas, que ele deve ter confundido isso com um fetiche por pés.

— Existem muitas partes para se admirar em uma mulher — disse ele, como se estivéssemos falando dos carros antigos dele.

Nunca voltamos lá.

— Mas, no fim, ele desistiu — disse Indomável. — Às vezes não dá para curar as pessoas.

Meses depois, em um gesto que chocaria nossa igreja, meu pai receberia permissão da prisão para casar dois detentos que se conheciam desde antes da cadeia, provando que ainda conseguia afetar as mulheres até certo ponto, que aquela cerimônia sagrada podia levar algumas delas ao caminho da retidão. Ele ficaria de pé, de costas para um grande bordo, recitaria a primeira epístola aos Coríntios — *O amor é sofredor, é benigno* —, permitiria que os outros prisioneiros dessem uma pequena festa na cela grande e organizaria uma visita conjugal naquela noite. *O casamento não vê limites*, parecia dizer aquele gesto, *contanto que seja abençoado aos olhos*

de Deus. A cerimônia daria a ele ainda mais respeito do que já tinha e levaria muitas prisioneiras a se ajoelharem no chão de concreto de suas celas e pedirem que Jesus entrasse em seus corações.

Indomável enfiou a mão no bolso traseiro da calça jeans. Tirou dali vários panfletos coloridos e me entregou um bolo.

— Então passamos apenas a entregar um bolo desses aqui e esperar que elas aprendam alguma coisa da mensagem de Cristo.

Posicionei o saco de M&M's embaixo de um dos braços, peguei o bolo e folhee as páginas grossas, a fonte Comic Sans vermelha e dourada brilhando sob a luz fraca. Abri um livreto no fim. Havia uma aquarela de uma mansão celestial com uma grande rua de ouro cintilante estendendo-se reta a partir dela. SÓ HÁ UMA MANEIRA DE ENTRAR NO REINO DOS CÉUS, dizia o livreto. J-E-S-U-S.

Eu via aqueles folhetos largados por toda a parte sempre que voltava para casa, um número cada vez maior deles preenchendo nossos balcões, mesas e cadeiras. Quando voltava para a faculdade, meu pai me incentivava a levar alguns para o caso de ter a oportunidade de pregar para um aluno perdido. O máximo que eu havia feito tinha sido deixar alguns dos folhetos sobre um suporte de papel higiênico do banheiro da biblioteca. No entanto, ao sair da cabine, eu imaginara estranhos folheando as páginas, as digitais se misturando às minhas. Eu ficava animado com a ideia de que isso aconteceria em seus momentos mais vulneráveis, a calça amontoada na altura dos tornozelos. Como meu pai, eu conhecia bem as tentações. A melhor opção, naqueles casos, parecia ser jogar os folhetos e continuar andando. Depois de certo tempo, uma solução talvez se apresentasse.

— Quer saber? — disse Indomável, passando a mão pelo cabelo fantasma, esquecendo, como sempre, que o antigo emaranhado oleoso não cobria mais sua cabeça. — A gente devia entregar alguns desses folhetos enquanto esperamos seu pai.

— Tudo bem — falei, pondo os folhetos no bolso.

As palavras soaram vazias, mas eu tinha me comprometido.

— Ótimo — afirmou Indomável. — A gente pode seguir em direções diferentes, conversar com alguns homens e se encontrar aqui de novo.

— Beleza.

Ele me deu as costas. Sua fé em mim foi instantânea: eu era filho do meu pai. O caminho fora disposto diante dos meus pés e se desenrolava até a

beira do trono dourado de Deus. Indomável devia pensar que era *eu* que tinha sorte por ter pulado tantos passos.

Eu o vi andar pelo corredor na direção da entrada e depois seguir por um corredor paralelo. Então fiquei sozinho.

Voltei ao início do livreto. *Você está perdido?*, dizia. O livreto trazia o desenho de um pequeno garoto de cabelo castanho parado no meio de uma rua mal iluminada. A distância, apoiada em um poste, estava uma figura coberta por uma capa escura, o próprio Diabo, caricatamente maldoso, com uma bengala torta e um rabo vermelho e afiado saindo por trás da capa. Apesar de ser ameaçador, o Diabo parecia solitário, parado ali sozinho naquela área escura e isolada.

* * *

Eu só não me sentira sozinho durante um ano da minha vida. Eu tinha doze anos, uma época em que os batistas missionários diziam que eu havia nascido de novo, o momento da vida em que todo crente verdadeiro aceita Jesus Cristo como seu salvador e jura ser cristão pelo resto da vida. Apesar de a sensação ter esmorecido desde que eu era pequeno, ainda conseguia sentir o amor de Deus, que a tudo abrange, emanando de um lugar profundo do meu plexo solar. A sensação se instalara ali em uma noite em que eu estava deitado na cama de baixo do beliche, sentindo que não merecia viver. Isso havia sido depois de nosso pastor ter feito um discurso fervoroso sobre como os cristãos deviam ser humildes diante do Senhor, sobre como devíamos perceber como somos maus e pequenos a partir do minuto que deixamos o útero de nossas mães. Naquela noite, dentro da câmara acústica vazia de minha mente, um lugar que costumava reservar para considerações bobas sobre o dia, eu me perguntei:

— Será que eu sou amado?

A resposta veio na forma de uma queimação que percorrera todo o meu corpo e fizera meus membros tremerem. Naquele instante, eu amei a sensação dos lençóis em minhas costas. Amei a frieza do carpete do quarto sob meus dedos quando ficava de pé. Amei cada rosto que já vira, cada ferida e ruga de preocupação. Então cobri o rosto com as mãos e chorei de alegria. Ao questionar o amor, descobri que o dera a mim e a outros. E, na época, acreditei que Deus havia me emprestado aquela capacidade. No

entanto, à medida que fui envelhecendo e que passei a receber amor com menos facilidade, comecei a me perguntar se aquela sensação não teria sido apenas uma alucinação. Afinal, aquilo era um amor não testado. O amor, com o tempo, podia florescer ou morrer, tornar-se uma fonte de encantamento ou a lembrança de uma dor.

* * *

Olhei para cima e vi o prisioneiro da cela à minha frente sentando-se na cama. Estava me observando. Devia ter nos escutado o tempo todo. Era mais velho e tinha pelos grisalhos cobrindo a ponta das orelhas. Rugas em meia-lua marcavam a pele em torno de seus olhos e seus longos braços caíam entre os joelhos como cipós.

— Oi — falei. — Qual é o seu nome?

O homem fez que sim com a cabeça, os olhos ainda me observando. Tentei não acompanhar seus braços, tentei não olhar para a pequena elevação entre suas pernas. Era tudo familiar demais, o modo como estava sentado no beliche. Senti algo se revirar em meu peito, um bolsão secreto de raiva que havia esquecido.

— De onde você é? — perguntei.

Era uma pergunta boba. Os prisioneiros eram todos da região. A maioria havia nascido e crescido na cidade.

O homem tossiu, piscou.

— O que você tem aí? — quis saber ele, sua voz um chacoalhar seco. — Chocolate?

— É — falei, segurando o saco de M&M's diante do corpo.

As pequenas bolinhas balançaram de um lado para outro.

— Mas também tenho isto aqui.

Pus a mão no bolso da calça e saquei um bolo de folhetos amassados, me aproximando, exibindo-os para que o homem examinasse. Não toquei na grade, com medo de elas se desfazerem com a menor pressão.

Ele olhou do meu rosto para minhas mãos, de um para o outro, como se tentasse decidir qual era mais perigoso. Um olhar de medo passou por nós dois. Enquanto os olhos estavam sobre mim, pensei em todas as portas que impediam que aquele homem visse as montanhas Ozark, visse a névoa surgindo dos picos toda manhã em faixas rosadas. Era fácil entender por

que os folhetos do meu pai funcionavam tão bem, suas ruas iluminadas eram como um sonho estilizado do mundo exterior.

— Eu sei o que são — disse o homem, por fim. — O seu pai está tentando me dar um há um tempão.

— Ah — falei.

Desviei o olhar, passando os olhos mais uma vez pelo beliche. Não consegui evitar.

— Seu pai é engraçado com essas coisas — afirmou ele. Então fez uma pausa. — Se eu pegar um, você poderia me dar os M&M's?

Meus olhos se ajustaram à luz fraca. Consegui começar a discernir a breve tentativa daquele homem de decorar sua cela: alguns desenhos de lápis de cera vermelho na parede, que pareciam ter sido feitos por uma criança; um calendário desbotado aberto no mês errado, uma pilha de cartas no canto da escrivaninha. Ao contrário da cela grande em que meu pai e eu íamos distribuir doces, não havia televisão ali para distraí-lo. Talvez ele tivesse feito algo violento. Talvez tivesse matado um homem, estuprado uma mulher.

— Se você souber recitar dois versículos da Bíblia — falei —, vai ganhar alguns.

As rugas do rosto do homem ficaram mais pronunciadas, ele estreitou os olhos de modo que quase ficaram encobertos pelas sobrelanceiras grossas.

— Não tenho uma Bíblia — disse ele.

— Meu pai provavelmente tem uma aqui do lado — falei. — Posso conseguir uma bem rápido e você pode encontrar dois versículos curtos. Vai ser fácil.

— E se eu dissesse que não sei ler?

Olhei para a pilha de cartas na mesa dele. Será que alguém lia para ele ou o sujeito simplesmente estava contando uma mentira e nem havia se dado ao trabalho de esconder evidências contrárias?

— Talvez eu possa ler os versículos para você — respondi — e você pode repeti-los.

— E se eu disser que tenho memória ruim?

Minha garganta travou. Fechei os olhos. *Palma da mão esquerda para cima. Respire. Vire a palma.* O homem continuava a me observar do beliche. *Respire.* Tudo que tinha que fazer era entregar um folheto e me afastar. Era o mínimo que podia fazer. *Não diga para si mesmo “Vire a mão esquerda” . Consciência é tudo.*

— Por que você simplesmente não pega um dos folhetos e a gente pode conversar de novo semana que vem? — falei.

— Não — disse o homem.

A palavra soou mais dura que aço. Eu não o pressionei mais.

Foi o melhor que pude fazer. Quando meu pai voltasse alguns minutos depois, eu esconderia meu fracasso com um sorriso.

* * *

Havia detalhes que eu às vezes esquecia sobre a noite do ultimato de meu pai. A lembrança se dissolvia e então voltava em momentos inesperados. No corredor da cadeia, esperando meu pai voltar, folhetos grudando em minhas mãos suadas enquanto encarava um pedaço de concreto acima da saída, eu me lembrei do pior momento daquela noite.

Tinha sido pouco depois da meia-noite. Eu estava andando até a cozinha para pegar um copo d'água, mas parara diante da faixa de luz entre o batente e a porta do quarto de meu pai.

— E o médico? — sussurrara minha mãe, as mãos envolvendo o telefone sem fio.

Meu pai estava sentado ao lado dela na ponta da cama, observando o carpete. Eu não tinha ideia de quem poderia estar do outro lado da linha, com quem eles podiam estar falando de mim.

— Você acha que podem ser os hormônios? — perguntara minha mãe.

— É claro que não — dissera meu pai. — O garoto não precisa de médico. Ele só precisa ler mais a Bíblia.

— Como você sabe? — perguntara minha mãe, cobrindo o bocal do telefone. — Como você sabe do que ele precisa? Talvez ele precise de um médico.

Minha mãe havia olhado em minha direção naquele momento. Não dava para saber se tinha me visto, mas com um movimento na cama, ela saíra do meu campo de visão.

Eu então seguira até a cozinha, encarara a lua minguante acima da janela, seu reflexo pairando sobre o lago levemente ondulado, despreparado para o que viria depois.

* * *

Depois da ida à prisão, depois de me afastar do homem cético e de caminhar pelos corredores com o saco de M&M's fechado, comecei a ansiar pelo médico misterioso que meus pais haviam mencionado. Apesar de não saber o que ele poderia fazer por mim e de não ter perguntado se meus pais haviam marcado uma consulta, torci para que aquele exame fosse mais fácil do que os que haviam vindo antes. Comecei a ansiar pela ideia de uma agulha furando minha pele, do sangue entrando em frascos etiquetados, de alguma coisa concreta que pudesse me dizer o que havia de errado comigo ou por que eu não conseguia realizar o que me parecia a tarefa mais simples: passar humildemente algo de mão para mão, realizar uma troca da palavra de Jesus entre duas pessoas. Talvez minha mãe estivesse certa. Talvez houvesse algo errado com meus hormônios. Talvez eles me fizessem ser menos homem. Eu não tinha passado no teste do meu pai na penitenciária — apesar de ele não ter me perguntado sobre os folhetos, apesar de não sabermos, nem de longe, qual poderia ser a nota mínima para passar nesse teste. Talvez fosse como o rosto sorridente de Indomável, que voltou de mãos vazias, mas armado com histórias de homens que haviam aceitado os folhetos com educação e dito que leriam tudo antes da visita seguinte. Eu não havia aprendido nada ali.

* * *

Uma semana se passou. Enquanto eu estava na faculdade, meus pais conversaram com o Irmão Stevens sobre o fato de haver ou não uma cura para minha doença. Ele sabia surpreendentemente pouco sobre como a Amor em Ação funcionava, mas parecia crer que se tratava da melhor organização daquele tipo. Um grupo de apoio para ex-gays, o Exodus International, a recomendara para ele e, com um forte apoio do grupo fundamentalista cristão Focus on the Family, meus pais foram convencidos. A AEA era a maior e mais antiga instituição de terapia de reorientação sexual do país. Se não conseguissem me tornar hétero, ninguém poderia.

Para me preparar para a terapia de reorientação sexual, a AEA queria que eu fizesse algumas sessões introdutórias com um terapeuta aprovado pela equipe. Minha mãe me levou a Memphis no início do feriado do Dia de Ação de Graças para uma dessas sessões. O consultório ficava ao lado da AEA, mas só poderíamos entrar na instituição quando eu tivesse terminado

o processo de inscrição, que levaria meses até a aprovação final. Dentro do consultório do conselheiro, fiz o que mais tarde saberia se tratar do meu primeiro Inventário Moral, detalhando minha atração pelo mesmo sexo em linguagem vaga e não sexualizada, deixando de fora todos os detalhes sobre David, mas incluindo todas as fantasias sexuais das quais me lembrava. Quando o conselheiro perguntou se eu já havia tido alguma relação, falei sobre Chloe, sobre como me sentira culpado por ser omissivo com ela.

— Ela podia ter ajudado você a superar suas dificuldades — disse o conselheiro. — Se tivesse contado a verdade a ela e vocês dois tivessem se confessado a Deus, talvez pudessem ter tido um futuro juntos.

Não consegui responder. Quis contar a ele sobre a pressão que sentia, que Chloe e eu quase havíamos transado para curar minha condição, mas fiquei com medo de que ele apenas me falasse mais sobre o que eu fizera de errado. Fiquei em silêncio, oportunidade que o conselheiro usou para pregar sobre a necessidade de eu me arrepender de verdade. Terminada a sessão, minha mãe perguntou se podia conversar com ele e, quando saiu do consultório, estava com os olhos úmidos e vermelhos. Eu sabia que ele havia contado algo a ela e esse algo finalmente a convencera.

Quando entramos no carro, ela disse:

— Vamos dar um passo de cada vez. Vamos tentar todas as opções.

Ficamos em silêncio durante toda a volta para casa.

* * *

No domingo antes do fim do feriado, meu pai estava com um humor estranho. A manhã já chegava ao fim, mas ele ainda estava na poltrona de couro, de cueca boxer camuflada e uma camiseta branca de gola V, uma perna branca apoiada na mesinha de vidro. Tinha o olhar fixo na TV, na qual um jovem Clint Eastwood estreitava os olhos enrugados para uma paisagem desértica e se preparava para viajar rumo ao desconhecido. Atirador de elite, Clint nunca errava o alvo. Dava para ver no olhar dele.

Esbarrei em meu pai para pegar a chave do carro na mesa. Embora não estivesse mais incumbido do projetor, eu costumava sair cedo para espairar antes do culto.

— Ele não tem medo de nada — disse meu pai.

— O quê?

— Clint — respondeu ele. — Ele vai direto para a linha de fogo.

Duas semanas antes, na prisão, meu pai havia pregado sobre a importância da coragem. Homens de verdade, dissera ele, não tinham medo de demonstrar emoção. Homens de verdade seguiam Jesus. Ao lado dele, passando os M&M's pelas grades, eu pensara: *Jesus chorou*. O único versículo que ele pedira que os presos não decorassem, embora pudesse ter se encaixado muito bem naquele exato sermão. Um versículo muito simples e breve à primeira vista, mas tão difícil de interpretar quanto qualquer outro.

— A gente deve ter notícias do médico essa semana — disse ele. — Não se preocupe.

Fui até a cozinha e vi minha mãe varrendo o piso perto da porta.

— Oi, meu amor — falou ela. — Pode passar.

Eu não podia sair sem perguntar a ela o que meu pai quisera dizer ao falar do médico.

— O que a gente vai ficar sabendo no fim dessa semana? — perguntei.

Ela tirou os olhos da vassoura.

— A Dra. Julie vai fazer uns exames em você no Natal — disse. — Tem alguma coisa a ver com seu nível de testosterona. E a gente vai agir a partir disso.

A Dra. Julie, nossa médica de família, era a mulher com quem vinha me consultando havia cinco anos. Ela já sabia como me deixar à vontade quando lia meus exames, recitando casualmente sua litania de causa e efeito. Eu me sentia melhor só de saber que aquela “alguma coisa” pelo menos seria feita por ela.

Saí de casa naquela manhã entorpecido. Mal notei quando meus pais entraram na igreja. Mal ouvi uma palavra da mensagem do Irmão Stevens.

E, quando voltei para a faculdade naquela tarde, com a barriga cheia de carne assada com molho e purê de batata do almoço da igreja, as montanhas se tornando um planalto de ambos os lados da estrada, quase não notei o borrão avermelhado que abriu caminho pelos pinheiros, registrado pela visão periférica como uma mancha de luz escura. Não me preparei, mas o impacto nunca aconteceu. Se eu tivesse passado um segundo antes, a corça teria feito com que eu capotasse até a mureta de granito que margeava a estrada. Ainda assim, a imagem se manteve: a corça hesitante, uma pata pairando sobre o asfalto inclemente, um animal perdido, saindo de seu habitat natural, com medo de onde seus passos o haviam trazido.

II

“Fora do contexto de uma guerra política entre a fé e a razão, disposições mais matizadas podem ser estabelecidas de forma segura.”

— Jennifer Michael Hecht, *Dúvida: Uma história*

“Regras são vazias em si mesmas, violentas e não finalizadas; são impessoais e podem ser usadas para qualquer objetivo. Os sucessos da História pertencem àqueles que são capazes de apreender essas regras, substituir quem as usou, disfarçar-se para aperfeiçoá-las, inverter seu significado e redirecioná-las contra aqueles que inicialmente as impuseram.”

— Michel Foucault, *Microfísica do poder*

OS MENORES DETALHES

O feriado do Dia de Ação de Graças havia terminado, eu voltara para a faculdade e minha mãe ficara a tarde toda lavando louça. O correio tinha acabado de passar, mas ela estava com medo de mexer na pilha de cartas. Graças a um telefonema que o Irmão Stevens havia feito por eles, ela e meu pai esperavam uma resposta da Amor em Ação a qualquer momento. Eles também tinham marcado uma consulta com a Dra. Julie perto do Natal para analisar meu nível de testosterona. Estavam fazendo todo o possível para me curar, mas minha mãe achava que as coisas estavam indo rápido demais. Poucos meses antes, ela nem sabia que havia algo de errado. Seis meses antes, parecia que seu filho único havia encontrado a mulher de seus sonhos. Se ela simplesmente pudesse diminuir a velocidade das coisas, ter uma chance de respirar, pensar um pouco melhor... O Irmão Stevens colocara as coisas em ação rápido demais, dissera aos meus pais que precisavam agir o quanto antes ou eu podia mergulhar em um pecado ainda pior enquanto estivesse na faculdade.

Minha mãe deixou as mãos secarem, respirou fundo, andou até a pilha de envelopes e selecionou as cartas até achar a da AEA. Tirou do envelope uma brochura grossa, pousando o polegar molhado contra o rosto recém-barbeado de um garoto familiar. Quando afastou o polegar, o rosto do jovem pareceu estranhamente distorcido. Suas cores escaparam do contorno da foto. Seu pescoço se desgrenhou, ganhando caroços. Seu nariz dobrou de tamanho. Mas os olhos mantiveram o mesmo tom assombroso de verde.

— A primeira coisa que notei foram os olhos — dirá ela, nove anos depois de eu sair da AEA.

Serão necessários nove anos até ambos termos confiança suficiente para vasculhar nossas memórias em busca de tudo que decidimos deixar para trás. Nove anos até podermos conversar sobre o que aconteceu sem entrar em espirais de culpa e insegurança. Ela vai olhar para a superfície do gravador preto brilhante entre nós e pedir para ser compreendida, para suas palavras serem gravadas. Estarei sentado na outra ponta da mesa, com as

mãos no colo, pensando: *Nunca fiquei tão pouco à vontade na vida*. Vou me forçar a ouvir o lado dela da história, escutar sua voz em meio ao zumbido das lembranças dolorosas que achei que havia enterrado para sempre.

— Os olhos dele eram tão tristes — dirá ela. — E me atingiram em cheio.

— Leve o tempo que precisar — vou pedir.

— Eu queria salvar o garoto da foto. Queria salvar você. Mas não sabia como.

Tantos anos atrás, parada na cozinha, no que devia ser uma tarde normal, ela imaginou que os olhos aprisionados daquele menino podiam ser seus olhos verdadeiros, capazes de enxergar fora da margem vermelha que emoldurava a fotografia. Os olhos de sua alma, o inverso de Dorian Gray, já que se tornavam mais gentis e não mais sinistros à medida que ela olhava para ele. Nos meses anteriores à AEA, ela havia lido *O retrato de Dorian Gray* a pedido meu, depois de ter encontrado na linguagem sedutora de Wilde uma justificativa para o lado sensível que descobria em meu primeiro ano de faculdade, anos antes de ficar sabendo que aquele era um livro importante para a história da literatura LGBT. Parada ali na cozinha, minha mãe imaginou aquele menino, o inverso de Dorian, olhando para um ponto atrás das linhas tortas de suas digitais, atrás de sua figura parada. Ele olhava para uma cozinha que ela havia preenchido com possíveis relíquias familiares do lar saudável de sua infância: uma pilha de louças em uma pia de cerâmica branca, a boca aberta de um lava-louça Frigidaire, o piso frio e recém-varrido emoldurado por ripas de carvalho, o carpete cor de creme na sala de estar adjacente. Ela imaginou que um garoto como aquele da brochura — costeletas aparadas pouco acima do lóbulo, camisa de botão engomada sobre uma camiseta branca de gola redonda, cílios sensíveis e curvos que evitavam que seus olhos vissem demais do mundo — encontraria naquela casa uma sensação de paz. Havia ordem ali, e limpeza. Havia suas mãos bem esfregadas, a água quente que ela deixara correr pelos dedos finos até o sangue chegar à pele. *E do que mais esse garoto poderia precisar?*, pensou ela. Depois de crescer em uma casa como aquela, como ele podia ter ido parar naquela brochura, como acabara cercado por retratos de pecadores, deficientes espirituais, viciados crônicos?

Ela andou até a mesa no canto da cozinha. Enquanto passava pela pia, uma bolha de sabão explodiu na superfície do prato superior, uma bolha que

um segundo antes devia ter suportado o reflexo trêmulo de seu corpo coberto por uma camisola floral.

— Eu me lembro do sabão — dirá ela, olhando para o gravador entre nós. — Foi uma coisa estranha. Mas aquilo tudo foi estranho.

— Vá com calma — reforço.

— Eu me lembro dos menores detalhes.

Ela se lembrava de uma gota d'água escorrendo por seu braço nu, coberto de sardas. Da luz do sol da tarde batendo na gota no ângulo certo, um rastro dourado cintilante. Naquela tarde, minha mãe limpou a mancha fria de luz molhada do braço. Alisou as páginas da brochura sobre a mesa e sentou-se. Sim, os traços eram quase idênticos, os do garoto e os meus. Ela se sentiu zozna. Podia ver, em reflexos infinitos que serpenteavam por dois espelhos posicionados um de frente para o outro, uma mãe diferente olhando para aquele retrato de um menino conhecido, aquela mãe imaginando alguém como a minha mãe fazendo o mesmo e todas aquelas mães perguntando, em uma polifonia: *Do que mais esse garoto poderia ter precisado?* Ela esperou a tontura passar. Já havia sentido aquilo, quando alguém da igreja falava sobre a vida eterna, sobre viver para sempre em um Céu sem fim. Ela se sentia cansada só de pensar na eternidade, balançava a mão diante do rosto e dizia:

— Minha cabeça não consegue lidar com isso. É demais.

Os menores detalhes. O sol do fim da manhã pousando em metade da mesa. As partículas de pó caindo em espiral no que pareciam colunas de areia. Diante das janelas de vidro, águas cobertas de algas batiam na praia íngreme que separava nossa propriedade do lago Thunderbird. Nos verões lotados de turistas, minha mãe se sentava na varanda para observar as lanchas cortarem Vs na água, desafiando as ondas a se aproximarem. No entanto, em dias úteis do inverno, como aquele, o lago ficava imóvel e silencioso, e ela quase nunca saía de casa.

Ela olhou para os outros retratos inclinados — para a esquerda, para a direita, para a esquerda, para a direita — que cobriam a página. Uma das meninas parecia sua amiga de infância, Debbie, uma morena magrinha que sempre prendia o cabelo em um coque bagunçado quando as duas iam à piscina pública refrescar os pés na parte rasa e olhar os meninos. Um homem mais velho parecia nosso médico anterior, o Dr. Keaton, que sempre esquentava o diafragma de metal do estetoscópio antes de pressioná-lo

contra as costas nuas de minha mãe. *O que eles estão fazendo aqui?*, pensou ela. *O que deu errado?*

Mas não eram as pessoas que ela conhecia, é claro. A diferença estava nos sorrisos. Aqueles rostos aprisionados na página sorriam de maneira diferente, os cantos da boca esticados além dos limites da normalidade. Mesmo em seus momentos mais felizes, mesmo aos dezesseis anos — quando amigos e parentes haviam se virado nos bancos da igreja para ver sua figura de véu rendado flutuar pelo corredor para encontrar meu pai —, ela nunca vira sorrisos como aqueles. Era o tipo de sorriso que ela viria a conhecer como o sorriso do ex-gay. Depois que entendesse o que o provocava, o sorriso a perseguiria por nove anos. Ela imaginaria vê-lo em quase todo lugar, mesmo no rosto de pessoas que encontrava toda semana, como se todos tivessem guardado por muito tempo vidas secretas de reorientação sexual sem que ela soubesse. Ao entrar em um corredor do supermercado, com o carrinho bambo fugindo de seu controle, ela ficaria paralisada — congelaria, as mãos agarradas à barra de plástico — no instante em que sentisse aquele sorriso passar por ela, como se um atirador acabasse de apontar uma pistola em sua direção. Seria esse o poder que o sorriso teria sobre ela, sobre nós.

Ela leu as palavras que flutuavam ao lado dos rostos.

Desde que vim para cá, Deus me ensinou muito sobre meu egoísmo e meu medo, que usei para me manter preso em um ciclo de homossexualidade.

Durante o tempo que passei aqui, aprendi que sou amado e aceito, apesar de ter me envolvido com um vício sexual.

Estar na Amor em Ação me deu uma segunda chance com minha família.

Todos aqueles rostos diziam algo que parecia estranho e familiar para ela. Estranho porque minha mãe não estava acostumada ao modo como o jargão institucional da AEA conseguia reorganizar os níveis de percepção até que as mais complexas emoções humanas fossem encaixotadas e rotuladas como “egoísmo”, “medo” ou “vício”. Familiar porque a igreja era feita para ser a família de Deus, Sua tribo perdida na Terra, as pessoas escolhidas por Ele para sobreviver ao Arrebatamento. Para ela, palavras

como “amor” e “aceitação” eram digeridas com cada dose anual de pão ázimo, cada cálice minúsculo de suco de uva.

Ela empurrou a brochura para longe. O restante da mesa da cozinha estava coberto por folhas soltas do formulário de inscrição que tinha vindo no mesmo envelope. A folha de cima mostrava a logomarca da Amor em Ação, um triângulo vermelho invertido com um coração recortado no meio.

— Mesmo naquela época eu pude perceber que a logo era estranha — dirá ela mais tarde. — O coração era retirado da imagem, como se aquilo bastasse.

Eu senti isso, vou pensar, pressionando o botão de pausa do gravador e rebobinando alguns segundos para ver se tinha gravado todas as frases de minha mãe. A gente corta o que nos é caro, ignora a dor no fundo da garganta, apaga os detalhes que queremos esquecer. Jogamos a primeira metade da história no lixo, como os conselheiros haviam feito. Perdi muitos amigos nos anos após a AEA, fiquei sem falar com antigos namorados por anos só porque se tornou muito fácil ignorar algo que um dia havia sentido. Fui uma pessoa sem coração sem precisar me esforçar para isso. A verdade é que não ter coração se tornou tão fácil após a AEA que eu nem tinha que pensar nisso. O truque era acreditar que cortar pessoas de nossa vida era um passo necessário para o desenvolvimento pessoal. Era como os campos que, no fim do outono, passavam horas queimando diante da janela da casa de minha infância, uma parede laranja de fogo no limite da propriedade: era preciso cortar e queimar para abrir espaço para o plantio do ano seguinte.

Foi o que eu fiz. Chloe, Brandon, David, meus amigos de faculdade, Charles e Dominique — e Caleb, o veterano do curso de Artes por quem eu ficara fascinado em meu primeiro ano, o primeiro menino que beijara.

— Vamos parar um pouco — dirá minha mãe, levantando-se da mesa, empurrando o gravador em minha direção.

Ela ficará de pé no meio do campo em chamuscas se isso for necessário para que eu perceba sua dor. Nem sequer vai se mover quando o fogo se aproximar. E esperará meu pai se juntar a ela.

SÁBADO, 12 DE JUNHO DE 2004

Foram as balas de ursinho. Vermelhas, amarelas e verdes, cobertas de plástico, o plástico coberto por uma camada de poeira. Ninguém tocava naquele pacote havia meses. Eu estava paralisado no corredor do Conoco, tentando decidir entre as balas de ursinho e as de minhoca, a necessidade repentina e inesperada. Minha mãe esperava do lado de fora, no carro, mas não tínhamos pressa. Ainda faltavam duas horas até a cerimônia de ordenação, e parecia que havíamos planejado aquela parada sem dizer nada, como se fosse um tipo de estação onde podíamos realizar a transferência entre os dois mundos que agora habitávamos. Mas ali, olhando para as balas, sentia que as decisões mais simples haviam adquirido uma complexidade infinita, como se aquela fosse nossa última refeição ou um momento “pílula vermelha, pílula azul”, depois do qual nunca mais seríamos os mesmos. Eu queria voltar para o carro com o saco de balas certo, com uma escolha surpreendente que encantaria minha mãe, um salto intuitivo que faria sua voz subir para registros mais agudos:

— Nossa, faz *anos* que não como essas balas!

No entanto, eu não sabia mais se conhecia minha mãe bem o bastante para surpreendê-la.

Deixei as balas de ursinho penduradas nas varetas de metal do expositor e andei pelo corredor, o vidro refrigerado à minha direita tão frio que parecia quente, embalagens de cores vivas piscando no canto dos olhos, latas de metal iluminadas por uma fosforescência perolada. A caixa, uma senhora com um rabo de cavalo frisado, agia como sentinela, me observando desde que havia entrado no posto de gasolina. Eu devia estar parecendo deslocado naquela manhã: usava blazer azul-escuro e camisa de botão branca, os punhos basicamente escondidos; calça combinando; sapatos pretos sem cadarço. Um universitário indo para a igreja em uma manhã de sábado, quando devia estar vegetando no sofá, diante da TV, talvez até me recuperando de uma ressaca.

Havia uma câmera presa acima da cabeça da mulher. Por um momento breve e confuso, me perguntei o que aquela filmagem poderia provar depois. Se eu morresse em um futuro próximo, ou se fosse cúmplice de um crime horrível, será que um policial analisaria aquelas cenas em busca de uma breve aparição minha, será que tentaria decifrar o olhar de hesitação em meu rosto à procura de vestígios de medo ou malícia? Era bobagem pensar essas coisas, um melodrama desnecessário, mas eu não conseguia evitar. Vinha de cinco manhãs de terapia de grupo com suicidas, vidas que haviam sido destruídas em um instante e que nunca se recuperaram totalmente, e começara a esperar o inesperado. Um instante de graça ou terror — que talvez fossem a mesma coisa — podia acontecer de repente, e aquele parecia ser um momento tão apropriado quanto qualquer outro para Deus voltar a se comunicar comigo. Eu ia mentir sobre minha sexualidade diante de centenas de pessoas, de pé ao lado do meu pai enquanto ele fazia seus votos, e esse parecia o momento perfeito para o lançamento de raios, para o pilar de sal, para a coisa da qual não conseguia escapar.

Fui até o banheiro e me tranquei na última cabine. De acordo com as regras do manual, eu nem podia estar naquele banheiro sozinho: “Sempre que for a um banheiro público, você deve estar acompanhado por outros dois clientes, um dos quais deve estar na Fonte há pelo menos dois meses.” Na hora percebi por que os conselheiros haviam criado aquela regra. Reconheci os grafites costumeiros de banheiro, o tom casualmente sedutor rabiscado na porta laqueada da cabine. Havia um número de telefone ao lado da oferta e um nome, Mark. Sem saber direito por quê, saquei meu celular, digitei os números e salvei o contato como “Mark Banheiro”. Saí da cabine sem fazer xixi e ajeitei o blazer no espelho. Abri a torneira suja de terra, pus as mãos sob a água quente e usei a pele úmida para ajeitar os fios de cabelo de trás da cabeça. Queria garantir que nada estivesse fora do lugar. Eu podia, no mínimo, fazer o papel do Bom Filho.

Fechei a torneira e fiquei ouvindo o silêncio que se seguiu. Em meu bolso, havia um tipo de amuleto contra o que quer que pudesse acontecer naquele dia: um número para o qual eu podia ligar. E mesmo que não planejasse fazer nada com aquele Mark misterioso, o ato de discar seria meu segredo, algo que ninguém mais saberia. Era bom ter um segredo outra vez, estar livre do garoto louro e de suas mãos investigadoras. Era quase tão bom quanto teria sido receber meu diário de volta e entrar no mundo secreto das histórias que pertenciam apenas a mim. O telefone de Mark me

preencheu, endireitou a postura dos ombros, estufou meu peito. Por que eu não havia notado isso antes? Contar a verdade às pessoas cria problemas.

* * *

Na tarde anterior na AEA, enquanto trabalhava no Caderno de Vícios, depois da atividade da máscara, nosso grupo havia recebido duas situações para testar a intensidade de nosso vício em sexo gay. Eu tinha muito pouca experiência nisso, mas todos esperavam que me arrependesse. A primeira situação era extremamente parecida com a que encontrei depois na parede do banheiro do posto de gasolina.

As duas situações que Cosby nos apresentou eram quase comicamente opostas, e tive que me controlar para não rir enquanto as lia naquela tarde, mesmo enquanto sentia o conhecido desejo pulsando sob o manual aberto, o sangue seguindo seu curso familiar até meu colo.

1. É sábado, você não precisa ir trabalhar e tem o dia todo de folga. Você sabe, por ter lido os grafites das paredes de um banheiro masculino local, que um homem vai chegar às três da tarde e servir sexualmente qualquer pessoa que aparecer. Em menos de cinco minutos, você pode ter um orgasmo. Você pensou nisso a semana toda. Vai escolher estar lá às três horas?
2. Mais uma vez, as mesmas circunstâncias. É sábado e você está de folga. Um amigo que você ama está vindo para a cidade hoje e chamou você para ir à praia. É um amigo muito próximo e vocês têm muito que conversar. Você resolve ir à praia com esse amigo?

— Vocês têm que ser sinceros consigo mesmos — disse Cosby, de pé diante da sala, os dedos das mãos ásperas de mecânico mal se tocando, canalizando uma versão de *Zen e a arte da manutenção de motocicletas* um pouco menos zen.

Observei os espaços entre as pontas de seus dedos e pensei em como as pessoas nunca realmente se tocavam, nem quando achavam que estavam se tocando. Na verdade, eram nossos elétrons que se tocavam, um fato que fez com que me sentisse um pouco menos culpado pela grande transgressão que havia descrito no IM daquela manhã — os beijos que dera em um aluno do curso de artes chamado Caleb —, mas também um pouco mais triste por

viver em um mundo em que uma ilusão podia ditar de forma tão insistente o modo como eu via cada interação com as pessoas. Era um conceito que eu havia descoberto em uma de minhas maratonas noturnas de leitura, as palavras afiadas e satisfatórias saindo sem som dos meus lábios. “Osculação”: duas curvas que se tocam, mas não se interseccionam, nunca se interseccionam. Do latim *osculacionem*: beijo. A intimidade era um truque, uma ilusão. Mas o que era mais uma ilusão em um mundo inteiro que parecia funcionar com base nelas? À medida que o tempo passava, eu sentia que me tornar heterossexual era simplesmente uma questão de boa iluminação, de ignorar o que não queria ver.

— Pensem no que vocês realmente fariam nessa situação — continuou Cosby. — Escrevam a situação que vocês escolheriam. Façam isso com calma. Pensem bem nisso.

Uma história no estilo “escolha sua aventura”, pensei. Só que, naquela situação, a escolha errada podia nos mandar direto para o Inferno. Sentado ao lado de J, olhando pela janela que as pernas dele formavam, encarei o carpete e pensei que qualquer escolha me mandaria para o fogo. E se aquele melhor amigo que “amava” e com quem queria ter um belo dia na praia tirasse a camisa e revelasse o corpo com o qual eu havia sonhado todos aqueles anos que passara longe dele? E se aquele dia inocente na praia se tornasse o começo de uma história de amor complicada, que repetiria para meus amigos décadas depois? Eu podia imaginar tudo aquilo acontecendo com alguém como J. Nós dois sentados em sofás em uma aconchegante casa de praia, com grossos romances russos apoiados no colo para esconder a ereção, lançando olhares sugestivos um para o outro, procurando por conchas na areia pouco antes do pôr do sol, reunindo-as em bolsos formados por nossas camisetas, a umidade fria tocando nossa barriga, a areia arranhando nossos pés.

O Caderno de Vícios deixava claro qual era a escolha certa: “A pessoa que escolhem [*sic*] ir à praia pode olhar para o relógio perto das três horas e fantasiar com o encontro sexual, mas sabe que fez a escolha certa.” Já a pessoa que escolhe ir ao banheiro pode se arrepender da decisão, “especialmente se, quando chegar ao banheiro masculino, a polícia estiver lá”.

Quando saí do banheiro do posto de gasolina com o número do misterioso Mark gravado no celular, meio que esperei sentir em meus pulsos o bater frio de algemas. Meio que quis isso. Uma ida à delegacia

pelo menos me pouparia de ter que mentir para tantas pessoas — de ter que mentir, mais uma vez, para mim mesmo.

* * *

Voltei para o carro de mãos vazias. Se ficou decepcionada, minha mãe não demonstrou. Seus olhos cheios de rímel já estavam fixos nas montanhas cobertas de pinheiros entre as quais logo entraríamos. Desabei no banco, e ela deu partida no carro.

Um apito alto soou do painel.

— Ih — disse ela. — A gente está quase sem gasolina.

Tínhamos pensado em parar só para ir ao banheiro e comer alguma coisa. Havíamos ignorado o mostrador do tanque durante todo o caminho.

— Acha que dá para chegar?

Havia um desafio em sua voz: *Será que vamos conseguir ou será que parar no meio da estrada é a melhor desculpa para não chegarmos?* Ignorei. Era óbvio demais: o filho e a mulher do pastor parados no acostamento, o carro de um membro da congregação passando a caminho da igreja, encostando ao nosso lado para salvar o dia. *Foi por pouco*, diriam as pessoas. *O Diabo estava tentando impedir vocês de chegarem*. E eu e minha mãe ficaríamos sentados, conscientes de que éramos nós mesmos o Diabo da história de meu pai, que sempre havíamos sido.

— É muito pouco — falei, abrindo a porta. — Pode deixar que eu ponho.

Minha mãe apertou o botão do tanque.

— Você é *mesmo* filho do seu pai.

Ela queria dizer que, depois de tanto tempo na concessionária, eu e meu pai não corríamos esse tipo de risco. Que esses não eram os riscos que importavam para nós. Mas, na verdade, eu não era como meu pai nesse sentido. Ainda tinha que correr os riscos que ele havia corrido na minha idade. Aos dezenove anos, meu pai já tinha se casado com minha mãe e assumido a processadora de algodão da família, mudado toda a trajetória de sua vida. Agora, aos cinquenta e poucos, ele mudaria tudo outra vez. Eu estava ficando sem tempo para me transformar em alguém igual a ele. Ainda tinha que dar o salto para a vida heterossexual, fazer milagres com as próprias mãos, criar algo estável.

Pus a mangueira no tanque e apertei o botão. Eu sempre havia apreciado o correr da gasolina sob minha mão, a noção de que um gesto tão simples podia nos levar a grandes distâncias. O mito do progresso, do fornecimento infinito: eu ainda me agarrava a ele, assim como meus conselheiros. Todos os dias eu lia matérias suficientes para saber que Bush não parava de dizer ao país que era importante explorar nossas reservas de petróleo, reduzir a dependência de países estrangeiros. Por que a fé não podia funcionar da mesma maneira? O amor de Deus não podia voltar para mim em toda sua abundância se eu procurasse nos lugares certos? Eu não podia ser curado se cavasse um buraco fundo o bastante — se mergulhasse fundo na máscara — até chegar à fonte do meu verdadeiro eu heterossexual? Ou será que já havia me sujado demais ao gravar o número de Mark no celular, ao portar o inimigo em meu bolso? *Torne-me puro, orei, enquanto litros de gasolina sem chumbo corriam sob meus dedos, em breve sendo convertidos em algo útil. Por favor, torne me puro. Por favor torne me puro.*

* * *

Filho *dele*. Mulher *dele*. Por um tempo, minha mãe e eu nos perdemos na abundância de tudo que meu pai passara a representar para as pessoas ali presentes. Não podíamos culpá-lo, mas ainda assim ele não fizera nada para impedir que isso acontecesse. Talvez ele nem sequer soubesse que isso estava acontecendo. Era natural para ele, e imagino que fosse natural para nós também, já que a Bíblia aconselha continuamente os membros inferiores de uma família a apoiarem o chefe da casa, a defenderem as crenças do pai.

Mas não houve momentos em que meu pai me incentivou a me tornar uma pessoa independente? Ele, mais do que todos, não havia aprendido a importância da individualidade? Seu pai, o bêbado, o havia levado a Deus e ensinado a importância da igreja, apesar de bater nele e em seus irmãos sempre que estava de mau humor. Estatisticamente, meu pai devia ter se tornado o mesmo bêbado violento que meu avô fora. Em vez disso, ele havia se rebelado contra o trauma infantil e assumido a fé radical do fundamentalista. Segundo o esquema da Amor em Ação, era meu pai que devia ter se tornado homossexual, não eu, já que fora ele quem sofrera todo

o trauma enquanto minha infância havia sido relativamente tranquila. Segundo o esquema da Amor em Ação, a vida dele não fazia sentido.

* * *

Deslizei pelo assento, tirei os sapatos e pus os pés cobertos por meias pretas sobre a saída do ar-condicionado, os dedos imediatamente mergulhando no que parecia água gelada. Um raio de sol queimava a lateral de meu rosto.

— Como você está se sentindo? — perguntou minha mãe.

As mãos dela estavam firmes no volante, naquela mesma posição, como se indicassem dez para as duas. A vigilância, a ideia de não correr riscos desnecessários.

— Estou bem.

Estamos todos fingindo.

— A gente pode parar de novo, se você precisar.

— Tudo bem.

Alguns de nós percebem isso com mais facilidade, apenas.

Silêncio. Meu dedão do pé abria e fechava a saída do ar-condicionado. Com o número de Mark no celular em meu bolso, percebi que o que eu pensava era verdade. Manter um segredo, mentir por omissão, fazia com que fosse muito mais fácil ver todas as outras mentiras ao meu redor. Um especialista em mentiras não é especialista apenas nas próprias mentiras, mas também nas dos outros. Será que era por isso que os conselheiros da AEA eram tão bons em desafiar os pacientes, em chamar sua atenção? Por isso que Smid e o garoto louro não confiavam em mim?

— Está com fome?

— Não.

Posso contar tudo isso mais tarde, depois da cerimônia. Só tenho que esperar o momento certo.

— Tem certeza?

— Você está com fome?

É que estou com medo de você ficar com nojo de mim. Com medo de que você vomite de novo, bem aqui no carro.

— Um pouco.

Em uma curva fechada, uma caneta solitária caiu do porta-copos e rolou pelo piso, fazendo um barulhinho ao bater na barra de metal sob meus pés.

Eu podia tê-la pegado, tirado a tampa e escrito minha confissão bem ali, se as regras da AEA permitissem.

— Vamos parar, então.

Agora percebo que tudo isso pode ter acontecido por causa do medo que eu sinto. Que toda essa suposta mudança é apenas para agradar a ele, para agradar a você.

— Vou parar no Sonic. O que você quer?

— Só uma batata frita.

Mas tenho medo de perder vocês. Tenho medo do que vou me tornar se perder vocês. Tenho medo porque acho que já perdi Deus. Deus parou de falar comigo, e o que posso fazer sem Ele? Depois de dezenove anos com a voz Dele zumbindo em minha cabeça 24 horas por dia, como posso andar por aí sem a segurança constante que Ele me oferecia?

— Uma batata frita e uma Coca-Cola, por favor.

Sob a estática do alto-falante, o bater de metais em uma pia invisível.

— E um Sonicburger.

— Na verdade, pode ser bolinho de batata?

Eu nem sei como seria ser gay. Não consigo imaginar uma vida em que meus amigos e minha família quisessem conversar comigo se eu fosse abertamente homossexual.

— Troque as fritas por bolinhos de batata.

— Não estou com muita fome.

Eu consigo fazer isso. Só tenho que fingir durante o processo, até poder correr um grande risco, seja ele qual for.

— Você vai ficar com fome depois — respondeu minha mãe.

Ela pressionou o botão da janela automática. O vidro deslizou atrás dela e bateu no isolamento de borracha.

— A cerimônia vai ser meio longa, e você vai ficar com fome. Vamos rezar para não termos que ficar para a recepção.

* * *

A igreja estava como eu lembrava. As paredes do santuário eram claras, de um branco casca de ovo, com belos bancos de madeira dispostos em intervalos regulares até o palco. Uma tela de projeção branca dominava o centro do palco e, atrás dela, ficava a parte de baixo de uma grande pomba

de madeira, iluminada por trás por uma disposição de luzes difusas que o Irmão Stevens havia criado, inconscientemente, talvez, para imitar as flautas douradas de luz do grande artista católico romano Gian Lorenzo Bernini. Aquela disposição era uma falha no projeto do santuário, já que cobria o objeto mais bonito do salão, mas o Irmão Stevens compensava isso pedindo que quem quer que cuidasse do projetor erguesse a tela no fim do sermão, no exato momento em que ele começava a convocar as pessoas a percorrerem o corredor e aceitarem Jesus Cristo como seu salvador.

— Você vai fazer a coisa certa hoje? Vai seguir Jesus aonde Ele levar você?

Então a tela zumbia no auditório silencioso e a pomba era revelada em pleno voo, a ponta de suas asas em chamas, a luz refletindo na águas batismais sob ela, onde, em um dia bom, o Irmão Stevens batizava novos membros “em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. A revelação em câmera lenta era de tirar o fôlego, e a técnica havia funcionado muitas vezes, inspirado muitas pessoas a dar o primeiro passo para longe dos bancos e se aproximar daquela pomba santa, daquele único objeto extravagante em um santuário simples.

Mais tarde, eu perceberia que grande parte do sucesso da Igreja Batista naquela região do país podia ser atribuída ao uso elegante que ela fazia do contraste. Ao contrário da Igreja Católica, exageradamente decorada, a Igreja Batista tentava encantar com apenas um ou dois objetos de beleza — pois talvez sentisse que a maioria dos membros da congregação, oriundos de famílias humildes, se assustaria com ostentação. Pessoas como o Irmão Stevens e meu pai tinham orgulho da utilidade austera e espartana da igreja. Aquela simplicidade dava peso à história de vida de meu pai, que viera de uma família humilde. Essa sensibilidade estava refletida no modo como os membros falavam de posses mundanas, citando passagens sobre a influência corruptora do dinheiro — *Porque é mais fácil passar um camelo pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus* —, no modo como sempre brincavam com o fato de serem pobres, de suas circunstâncias terem se tornado abjetas. Era uma honra ir até o púlpito e revelar um testemunho que incluía pelo menos uma ocasião de perda total de poder aquisitivo. Todos acreditavam que esse tinha sido o início humilde da igreja de Cristo, levemente modernizado para as congregações atuais. Essas eram as circunstâncias necessárias e suficientes para a graça, o velho estábulo plantado, assim como a igreja, no meio de um campo vazio.

A mão de alguém em meu ombro, um beliscão em minha nuca.

— Você deve estar muito feliz pelo seu pai.

Dedos agarrando meu cotovelo, virando-me na direção do rosto enrugado de uma senhora, óculos grandes equilibrados na ponta do nariz.

— Você se lembra de mim?

Um homem de meia-idade ao meu lado, cutucando minhas costelas.

— Já leu *O Código Da Vinci*? É uma blasfêmia só, mas dá uma alfinetada muito boa nesses católicos. Essa devoção horrorosa a Maria.

Aquelas pessoas haviam se reunido ali para celebrar a vida do meu pai, para levar aquela nova família ao pastorado. Eram as mesmas pessoas boas que eu havia amado e em quem tinha confiado a vida toda. *Mesmo assim, todos estamos mentindo para nós mesmos*, pensei, a mão grudada no celular em meu bolso. Um aperto rápido em um botão e aquilo tudo terminaria. *Por que ainda estamos mentindo para nós mesmos?* Era confuso voltar àquela multidão de pessoas que gostavam de mim e só me desejavam o melhor — especialmente por saber que, se vissem o que eu tinha na mão, correriam direto para o Irmão Stevens e exigiriam a demissão imediata do meu pai. Em todos os cantos, havia sorrisos que, para mim, escondiam milhares de reprimendas inquietas. Já não havíamos ouvido as histórias, os boatos na igreja? O homem que traiu a esposa com dezenas de outras mulheres? O casal que filmou uma festa do pijama do grupo de jovens em sua casa, a câmera descoberta por uma menina que viu a luzinha vermelha piscando entre os livros de literatura evangélica. Eu sabia que o mundo era repleto dessas coisas, é claro. A única diferença ali, naquele santuário, era que aquelas pessoas estavam tentando se tornar algo maior que a soma das partes. Ou talvez estivessem tentando apagá-las, e aquele novo corpo repleto de Deus — aquele corpo batizado, limpo e não corpóreo — não tivesse espaço, não pudesse tolerar velhos estilos de vida.

Uma mão trêmula em minha lombar, o rosto enrugado do Irmão Nielson me encarando. O Irmão Hank a seu lado, segurando o fino cotovelo do velho para estabilizá-lo.

— Você finalmente voltou da sua faculdade chique? Aprendeu alguma coisa lá que não podia aprender aqui?

— Não muitas — respondi.

Aprendi que a sua filosofia “Vamos explodir todos” não vale nada. Entrei com tudo que tinha e aqui estou eu, mais perdido e confuso do que nunca.

Agarrei a mão fraca do Irmão Nielson. Ele havia ficado tão frágil no ano que passara desde o grupo de oração na concessionária que eu não quis dizer o que pensava de verdade. Como devia ter sido mais fácil para ele, um homem homossexual, viver uma vida tão incrível e depois se sentar e observar os frutos de seu trabalho florescerem na forma de jovens diáconos, de jovens pastores como o meu pai — homens que ele havia inspirado com sua devoção firme, sua conexão permanente com Deus. Ele não tinha a menor ideia de como era ser extirpado de algo sem qualquer aviso. *Por favor me ajude a ser puro.*

— Deixe o garoto em paz — pediu o Irmão Hank, sorrindo, os dentes ofuscantemente brancos.

Eu já o ouvira dizer que usava tiras de clareamento toda noite desde que havia se tornado vendedor de carros.

— Estou me mantendo puro, meninos — dissera ele. — Os clientes não conseguem resistir.

— Tudo bem — falei.

Não está nada.

Outras pessoas se aproximaram e apertaram minha mão. Vi um banco vazio e segui até ele, esperando chegar a uma parte menos lotada do santuário. O espaço era estreito, meus joelhos bateram na madeira polida e me vi em uma posição estranha, dando as costas para a maior parte dos membros da congregação só para conseguir passar. Senti os olhos em minhas costas e me perguntei, mais uma vez, quando viriam os raios. Será que Deus esperaria o momento em que eu estivesse no palco, mentindo descaradamente, ou será que faria isso em um momento tranquilo, na calma que precede a tempestade? O espaço tornava-se cada vez mais estreito e as luzes ficaram mais claras, ofuscantes.

— Onde você estava?

Uma voz familiar. Eu me virei e encarei um Indomável sorridente, a mão já estendida à espera da minha.

— Na faculdade, basicamente.

Cumprimentamo-nos. Perguntei-me se ele sabia onde eu havia estado na semana anterior.

— Eu sempre soube que você era mais inteligente do que eu — disse ele.

Indomável parecia ainda mais arrumado do que quando eu o vira pela última vez, na prisão. Usava as costeletas bem aparadas e uma camisa branca engomada.

— Já fez seu ph.D?

— Ainda não.

É fácil para você também. Viveu a vida do jeito que queria até alguém como meu pai aparecer e tentar purificá-lo. Agora você faz o mesmo pelos outros. Mas eu nunca cheguei a viver minha vida de pecado. Nunca soube como ela é, de modo que não sei a respeito do primeiro passo necessário para a conversão.

— Volto já.

Quando cheguei ao outro lado, uma nova multidão havia se formado e esperava ansiosa para me cumprimentar. Pude sentir a autopiedade crescer por trás de meu sorriso falso, mas não consegui impedir. Minha mão parecia quente ao tocar o celular. Comecei a ficar ofegante.

— Quanto tempo! — disse outra voz. — Onde você estava?

Lá estava a pergunta outra vez, feita por outro estranho conhecido. Eu nunca me lembrava dos nomes das pessoas, um defeito que fez uma onda de pânico tomar meu peito enquanto o santuário se enchia. Meu pai simplesmente conhecia gente demais, tinha feito favores demais para famílias demais. Por isso aquelas pessoas sabiam meu nome, rezavam por mim junto com o restante da minha família, se preocupavam com meu futuro — porque eu era filho Dele. Quantas vezes meu pai havia se sentado junto ao leito de hospital de alguém e rezado para que Deus abençoasse o enfermo com a cura? Quantas vezes tinha ido ao enterro de um parente distante de um amigo, normalmente uma pessoa que ele nunca havia visto, só para dar um pouco mais de apoio emocional? Para a maioria das pessoas da igreja, esse número parecia infinito.

Segui em linha reta até meu velho banco nos fundos do santuário. Precisava de espaço. Achei que meus pulmões entrariam em colapso. Não havia mais ar na sala. Subi os degraus estreitos que levavam à cabine vazia e me sentei diante do monitor. O projetor já havia sido montado para a cerimônia e exibia fotos felizes de nossa família parada diante das plantas falsas do saguão, todos sorrindo para a câmera. Meu pai com a mão no capô de seu Ford 1934 premiado, aquele que ele havia construído. Meu pai parado diante do descaroador azul, faixas de algodão presas na camisa. ORDENAÇÃO DO IRMÃO CONLEY, dizia a tela. Marquei o texto e transformei as letras em minúsculas, um pequeno detalhe que sempre deixava os slides mais bonitos. Ter algo para fazer me acalmou um pouco, acalmou minha

respiração. Mais tarde, eu reconheceria esses sintomas como princípio de um ataque de pânico. Na época, pareciam os primeiros sinais da morte.

— Obrigado por fazer isso.

Eu me virei e encarei meu pai pela primeira vez desde que voltara da AEA. Ele me olhava do primeiro degrau, a mão em ambos os corrimãos. Seu sorriso era genuíno, seus olhos brilhavam.

— Me deseje sorte.

Havia três degraus entre nós, mas mil sílabas entre o que eu queria dizer e o que disse no fim:

— Boa sorte.

* * *

Quando nasci, depois que meus pais me seguraram no colo e pouco antes de a enfermeira me levar para o berçário, meu pai havia usado a ponta afiada de sua faca de caça para marcar um pequeno zigue-zague na sola de meu pé esquerdo, uma pequena cicatriz para provar que eu era dele, um símbolo para garantir que as enfermeiras não haviam me confundido com outro bebê. Ele estava paranoico. Tinha acabado de testemunhar um milagre. Não queria perder o novo filho como havia perdido o primeiro.

Quando meus pais me contaram isso, perto dos meus oito ou nove anos, procurei o zigue-zague em meu pé, tentei ler nas leves linhas um sinal dele, mas a marca havia desaparecido alguns dias depois de meu pai provocá-la. Pensar nela me encheu de alegria. E, apesar de não conseguir vê-la na sola de meu pé, eu a sentia, assim como sentimos o amor em determinado ambiente sem necessariamente identificar sua fonte. Quando li *Harry Potter* pela primeira vez e fiquei sabendo da cicatriz em forma de raio na testa de Harry, pensei: *Claro*. Claro que o amor funcionava daquela maneira. Claro que deixava uma marca na pessoa amada. E essa marca secreta nos protegia, nos mantinha a salvo do perigo, nos lembrava de quem somos. Bastava um símbolo minúsculo para estarmos em segurança. À medida que cresci e descobri meu amor pela literatura, coloquei para fora essas marcas, passei-as para meu diário e sempre o mantive por perto — tanto que, anos depois, quando o tiraram de mim, os conselheiros da AEA levaram também grande parte dessa proteção. Mas não tudo. As folhas vazias ainda carregavam fantasmas.

Enquanto seguia para o palco do santuário para me juntar aos meus pais e a todos os membros da Associação Batista Missionária, pensei na marca secreta gravada em meu pé, imaginei que ela me fazia avançar, que me mantinha protegido enquanto subia ao palco. O raio de Deus não estava prestes a me atingir: ele já havia sido gravado em minha pele. Um talismã parecia ter ativado o outro: o telefone de Mark me ensinara que havia amores secretos e escondidos, esperando no último lugar em que imaginávamos procurar. O que era a compaixão de Jesus senão um grafite bem-desenhado nos corredores da História, um convite a segui-Lo aos lugares mais improváveis? O amor podia nos alcançar mesmo se estivéssemos em um lugar onde sua presença não era sentida.

A tela do projetor se ergueu e a pomba branca revelou sua luz difusa à la Bernini. Era tão linda quanto eu lembrava. O pastor fez uma série de perguntas sobre a vida de meu pai, sobre sua devoção ao Senhor, sobre o que o havia levado até aquele dia. Por fim, disse uma simples frase em tom de afirmação:

— Você fará tudo que puder para combater o pecado da homossexualidade na igreja?

A resposta clara e inequívoca de meu pai varreu toda a congregação. Ao ouvir aquilo, senti algo se partir em mim, um brilho quente que se espalhou pelos meus membros, uma sensação de amor que me cercou, que viajou por mim — a mesma que tivera deitado na cama, quando pedira que Jesus entrasse em meu corpo. E de repente percebi que nunca teria que aceitar a oferta de Mark. Eu já havia sido chamado. Não sabia se aquela sensação vinha de Deus, ou dos meus pais, ou de algum reservatório interno escondido, mas não parecia fazer diferença. Sabia que ainda tinha uma longa batalha pela frente, mas sabia ao menos mais uma coisa: eu não ia apagar aquele número do meu celular. Que os conselheiros fizessem o que quisessem com ele.

— Sim — respondeu meu pai. — Vou fazer o que puder.

Meus pais nunca haviam tido motivo para se preocupar com as enfermeiras. No fim das contas, tinham sido eles, e não a equipe do hospital, que haviam trocado minha identidade.

DIAGNÓSTICO

Como haviam anunciado que aconteceria, o cinema estava lotado. Todos os ingressos vendidos. Um sussurrar percorreu a multidão enquanto um homem de cabelos brancos começou a andar pelo corredor. Ele pigarreou, ficou de costas para a tela e esperou o sussurro se tornar silêncio. Nas duas horas seguintes, aquele seria o estado mais silencioso que a plateia conseguiria atingir: uma sucessão incansável de choro abafado, tosses, fungadas e gemidos, como uma trilha sonora alternativa às cenas de tortura tão vitais para o sucesso de *A Paixão de Cristo*, lançado em 2004...

Eu estava sentado no fundo da sala, entre Charles, meu novo colega de quarto, e Dominique. Os gêmeos costumavam andar em dupla, como fizeram na faculdade — uma dupla cantora, que cantava em quase todos os lugares aonde ia. No entanto, naquela sala cheia de evangélicos, eles evitavam aquilo ao máximo. Apenas uma semana antes, nos últimos dias de fevereiro, eu tinha ido a um dos recitais deles. Assistira a Dominique marchar pelo corredor do teatro em uma túnica e um cachecol florais e cantar “Summertime” em um tom que me parecera tanto extravagante quanto lindo. Eu havia ficado encantado com suas expressões exageradas de menestrel, sua imitação do que os brancos achavam que um negro deveria ser, porque ela parecia muito consciente de si mesma, muito politizada — algo que eu mal podia imaginar. Charles e Dominique eram bolsistas em virtude de seu talento, e por isso sempre ostracizados, senão de forma intencional, pelo menos por hábito. Era difícil, portanto, diferenciar uma performance deles da outra: os dois sempre muito pouco à vontade com todo o espetáculo. Assim como eu, ambos tiveram dificuldade de acompanhar a aula de Composição II e, apesar de sua quase total recusa em se abrir para outras pessoas, foram essas características em comum que tornaram nossa amizade possível, fazendo com que passássemos várias noites no lounge entulhado do alojamento escrevendo trabalhos, unindo nossas impressões crescentes do mundo.

— Você acha que vai nevar enquanto a gente estiver aqui? — perguntou Charles.

Discutíamos aquilo havia uma semana, desde que o meteorologista havia mencionado a possibilidade. Tinha sido mais ou menos na mesma época que eu sugerira que fôssemos assistir *A Paixão de Cristo*.

— Ah — dissera eu, a voz calma, ensaiada —, é só para ver do que estão falando tanto.

Apesar de Charles e Dominique não serem muito religiosos, eles também haviam crescido em uma igreja batista e queriam entender o porquê de todo aquele escândalo. Eu sabia que seria impossível ignorar aquele filme, que meus pais logo me ligariam para perguntar se eu o havia visto, e achei que assisti-lo com Charles e Dominique me daria um pouco de perspectiva, permitiria que eu o ridicularizasse de algum jeito, que diminuísse o poder que Cristo parecia ter sobre minha vida. Se tudo acontecesse como planejado e a AEA aceitasse minha inscrição, eu entraria para a terapia de reorientação sexual no início de junho, dali a três meses. As sessões introdutórias de terapia no consultório próximo à AEA haviam sugerido a meus pais que a instituição era o melhor caminho a seguir. Eu havia visitado o terapeuta algumas vezes durante o recesso de Natal, e ele dissera à minha mãe que eu estava progredindo, que me encaixaria bem no programa — apesar de eu não conseguir ver o que havia de tão positivo em nossas conversas. Na maior parte do tempo, eu ficava simplesmente ouvindo discursos sobre autocontrole e sobriedade, tentando esconder minhas mãos trêmulas. Em algumas ocasiões eu repetira, como um papagaio, o jargão do terapeuta para encerrar longos silêncios desconfortáveis. Provavelmente ele havia interpretado isso como humildade, como uma forma de arrependimento. Apesar de quase nunca mencionarem a AEA na época, meus pais não estavam fazendo os habituais planos de ir à Flórida no verão, e o silêncio deles sobre o assunto só fazia meu ingresso na instituição parecer mais inevitável. Assistir *A Paixão de Cristo* com Charles e Dominique fortaleceria minha capacidade de lidar com o que quer que fosse enfrentar na terapia de reorientação sexual ou me ensinaria o quão mais forte eu precisaria me tornar nos meses seguintes.

— Talvez esteja calor demais — disse Dominique. — Mas aposto que vai ter pelo menos um pouco de neve.

— Claro que vai nevar — respondi.

Queria encerrar o debate. Estava cansado daquela discussão e acreditava que a probabilidade de a neve do fim da estação cair seria maior se nos isolássemos dela, como havíamos feito naquele auditório. Seria como nas vezes em que minha mãe me levava, ainda criança, para assistir a uma comédia romântica no centro da cidade. Assim que saíamos do cinema, encontrávamos uma camada fina de neve à nossa espera sob a luz dos postes, o chão recém-atapetado sob nossos pés. Então minha mãe nos levava de volta até nossa casa, passando por estradas salpicadas de neve, perigosas e ainda não protegidas com sal, rindo sem parar.

— Isso não é *incrível*? — dizia ela.

E era realmente incrível, já que meu pai estava em algum lugar de sua loja montando carros ou em casa, lendo as escrituras, alheio ao fato de que sua pequena família viajava pela neve. Podíamos fazer aquilo sem ele, pelo menos por alguns quilômetros.

— Acho que tem que nevar — disse Dominique, olhando para todas as pessoas de cabelo branco que passavam por nossas cadeiras, percorrendo a distância como pequenas ilhas de neve.

“É cabelo de pastor”, dizia minha mãe, muito antes de meu pai ter aceitado o chamado de Deus, muito antes de seu cabelo grisalho começar a se transformar no algodão macio que nos lembrava tanto as asas dos anjos.

— Não vai durar — afirmou Charles. — Está quente demais.

— Pessimista — respondeu Dominique.

— Pessimismo é coisa de branco.

— Pessimismo não tem cor — retrucou Dominique.

Quando fechava os olhos, eu não parecia estar no meio de uma multidão de evangélicos. Estava ali apenas para assistir a um filme com amigos. Era só uma noite normal de sexta-feira. Exatamente isso que eu queria, o que havia planejado: um milagre secular, meu pai e toda sua missão despedidos diante de meus olhos, ridicularizados abertamente por aqueles novos amigos não crentes que não davam a mínima para nada, amigos que podiam cantar para se safar de qualquer tragédia. Nada naquele ano escolar horrível tinha que importar: nem as extensas sessões de terapia que fizera no recesso de Natal; nem a marcha lenta mas regular até o tratamento; nem o bairro chique do subúrbio que podia ser a chave para meu futuro como ex-gay. Ali, eu não tinha que pensar em ser hétero *ou* homossexual. Não precisava mais me preocupar com a possibilidade de decepcionar Deus. Em vez disso, eu podia rir do espetáculo da morte Dele com Charles e Dominique. Uma

catarse, como havia aprendido pouco antes na aula de Literatura Ocidental. A neve chegaria e cobriria tudo, e nós sairíamos do cinema como pessoas novas, limpas e sem preocupações, como os hinos transcendentais da igreja haviam prometido muito tempo antes, *branqueados no sangue do Cordeiro*.

* * *

As sessões de terapia de reorientação sexual no consultório próximo à AEA, que haviam começado pouco depois de minha ida até a prisão, pareciam pertencer a uma vida diferente. Como minha mãe não parava de adiar a consulta, eu ainda não havia falado com a Dra. Julie sobre um possível problema na minha taxa de testosterona. No entanto, após minha primeira sessão, eu havia ficado sabendo que estava doente e talvez não pudesse ser curado. Nunca contei nada disso a Charles e Dominique, com medo de que pensassem a mesma coisa. Tudo que sabiam sobre minha família era que eu havia crescido na Igreja Batista Missionária e que meu pai ia se tornar pastor. Eu queria manter aquelas duas partes da minha vida separadas, uma decisão que dava uma sensação de atemporalidade à minha vida secreta. Parecia que eu podia fingir ser uma pessoa — um indivíduo complexo e bem-educado, em evolução — e, ao mesmo tempo, continuar sendo um pecador destinado ao Inferno. Aquela vida secreta pressionava minha vida acadêmica o tempo todo, estava sempre em um canto de minha mente e, no instante em que minha carreira na universidade começara a progredir (com melhores notas e mais amigos), fui lembrado, mais uma vez, que havia um mundo de pecado me esperando e que talvez ele ficasse ali para sempre.

Em minha vida secreta, eu estava sempre na Amor em Ação. Ali, o ar era mais frio e guirlandas de azevinho decoravam a porta de todas as casas chiques pelas quais passávamos a caminho da instituição. Em minha vida secreta, eu me pegava pensando na neve, sentado diante do conselheiro de sobrelhas grossas, observando seus lábios se moverem sem emitir um som discernível. Então, aos poucos, os fonemas começavam a se misturar às palavras reais até eu não poder deixar de ouvi-las.

Desviei o olhar, analisando a janela em busca do menor dos flocos, de uma minúscula fração de esperança. Meus pais e eu havíamos alimentado aquela esperança mesmo quando eu parecia mais perdido, pois já estávamos

acostumados aos hábitos da fé. Fora ela que nos lançara ao círculo fechado da indústria da reorientação sexual, ao centro de tudo, àquele lugar.

— Você não acha que está mascarando um problema maior? — perguntou o conselheiro, inclinando-se para a frente, me encarando, esperando. — Você não acha que toda essa história de homossexualidade está, na verdade, ligada à sua relação com seus pais? Não diria que você e sua mãe são muito próximos?

Ah, pensei, olhando nos olhos escuros dele, *então o tempo todo o amor tinha sido um empréstimo. E este cara veio cobrar a dívida.* Endireitei meu corpo na cadeira estofada, tremendo, assentindo, sorrindo, e disse algo como:

— É, minha mãe e eu *éramos* muito próximos, então desejei repetir essa proximidade em todas as minhas amizades.

Então, com aquela primeira afirmação de reorientação sexual, com aquela língua estranha ainda vibrando no ar ao meu redor, minha mãe se tornou algo inferior para mim. A ligação entre nós se tornou menos mágica, menos misteriosa, mais atada aos padrões estabelecidos, ao papel que ela devia ter em minha pequena produção do pecado.

Em minha vida secreta, quando saí do consultório pela segunda vez, com uma brochura brilhante na mão e uma nova consulta marcada para uma semana depois do Natal, não havia neve esperando para suavizar meus passos. Nos meses seguintes, a neve também não caiu. Disseram que aquelas coisas levavam tempo. Disseram que eu precisava ser paciente. Sentado com meus amigos em um cinema vários meses depois, já no meio da primavera, a neve parecia muito atrasada.

— *Tem* que nevar — falei.

Charles e Dominique se viraram para mim e sorriram. Naquele momento, pensei em dizer algo como: “É, vocês são *mesmo* a família que nunca tive. É, vocês são *mesmo* substitutos dela.” Mas aquela não era minha vida secreta. O conselheiro não estava ali, não naquele lugar, apesar de já ter moldado seus pensamentos à massa branca que minha mente se tornara.

* * *

— Onde foi que eu vim parar? — disse Charles, pegando pipoca do saco entre nós.

Era uma boa pergunta. Havia idosos de cabelos e rostos brancos. Havia grupos de jovens das igrejas locais reunidos em bandos coloridos, as camisetas idênticas iluminadas pelos spots como luzes de Natal. Outros homens de cabelo branco, provavelmente diáconos, estavam de pé, de costas para as paredes cobertas por cortinas vinho, as mãos pálidas cruzadas sobre a braguilha, as cortinas atrás deles tremendo com seus movimentos leves.

O homem de cabelos brancos à frente do cinema pigarreou outra vez, e a multidão ficou quieta.

— Alguns de vocês terão perguntas depois de assistir a este filme poderoso — disse. — Alguns de você vão se sentir emocionados com a mensagem.

Charles jogou uma pipoca em Dominique. A pipoca voou em um arco diante de meu peito e foi parar no ombro dela. Dominique a tirou da camisa como se fosse uma barata, levou o indicador aos lábios e pediu silêncio. *Isso é sério*, diziam seus olhos, mas o brilho neles sugeria o oposto.

Em apenas alguns meses, *A Paixão de Cristo* havia se tornado um dos filmes mais populares de todos os tempos, principalmente por causa dos evangélicos. Eu não havia dito a Charles e Dominique que meu pai era igual àqueles homens de cabelos brancos e que ficava de pé diante de plateias na minha cidade natal, pedindo que as pessoas fossem salvas. Também não dissera que minha mãe havia telefonado para contar do grande número de pessoas que meu pai estava levando para o Senhor após cada sessão de cinema.

“Você não ia acreditar”, dissera minha mãe. Estava sem fôlego, como às vezes acontecia, impressionada com o fato de meu pai ser capaz de inspirar outras pessoas, acreditando, talvez por algumas semanas, que havia algo de realmente milagroso em seu chamado a ser pastor. “É uma coisa de linda de se ver. Todas aquelas pessoas chorando, de joelhos.”

Quando ia para casa no final de semana, eu não dizia a Charles e Dominique aonde estava indo. Não discutíamos minha rápida perda de peso nem a queda repentina de minhas notas. A única nesga de preocupação que passou por nós — “Você está magro demais” — disse tudo que precisávamos dizer. O mundo fora de nosso pequeno círculo era um lugar assustador e sempre seria, mas a arrogância da juventude fazia tais problemas parecerem uma pele que podíamos descartar. Estávamos ali naquele momento, juntos, e todo o resto era só ruído branco.

Enquanto o inverno se estabelecia no campus, congelando as áreas triangulares de grama entre nossos prédios acadêmicos, nós três passávamos a maior parte do tempo juntos, assistindo a filmes no alojamento, uma pilha preguiçosa de calor protegendo-se do frio que assobiava pelas janelas com isolamento ruim. Éramos pernas e braços espalhados por todos os cantos; nós nos tornamos inseparáveis. Amigos em comum usavam a palavra “sinistro” para descrever o modo como nos dobrávamos uns sobre os outros, como terminávamos as frases uns dos outros, como íamos para a cafeteria apenas quando nós três estávamos com fome, nosso apetite surpreendentemente sincronizado. Mal falávamos de nossa famílias, que com certeza tomariam a outra como suspeita, já que meus pais nunca haviam posto o pé em qualquer lugar parecido com o lado deles da cidade. Mas não sentíamos necessidade daquilo para nos sentir próximos. Estávamos ali, juntos, nos protegendo sob o estrado do beliche, o brilho da tela.

— Depois do filme, vamos estar disponíveis para aconselhamento — continuou o homem de cabelos brancos, apontando para os homens nos dois corredores, os dedos traçando linhas invisíveis, um tipo de comissário de bordo se preparando para a decolagem. — Jesus pode lavar todos os seus pecados, deixar suas roupas impecáveis. Ele vai ajudar vocês a saírem daqui hoje com o coração tranquilo.

Baixei o olhar para o ponto em que meus pés se conectavam a uma escuridão em que eu queria mergulhar até o fim do filme.

Mantive a cabeça baixa. Charles, Dominique e eu conseguíamos ignorar quase tudo. Uma vez, quando estávamos em uma J. C. Penney comprando calças jeans, praticamente haviam pedido que fôssemos embora. A equipe toda formada por pessoas brancas nos lançara olhares irritados, nos encarando, nos seguindo por araras circulares de camisas coloridas. *Por que você está aqui com eles?*, pareciam dizer seus olhos. Nós saímos depressa da loja, mal nos falamos ao voltar para o campus e, quando voltamos a nosso quarto, bebemos meia garrafa de uísque e assistimos a uma das três fraternidades idiotas do campus recitar seu credo idiota no pátio idiota. Você está magro demais. Beba.

* * *

Em minha vida secreta, o conselheiro se virou para mim e disse:

— Você pode me contar um pouco sobre a sua primeira experiência sexual? A primeira mesmo?

A pergunta não foi tão chocante quanto poderia ter sido, dadas as circunstâncias. Mesmo assim, não pude deixar de achar que aquele homem estava ultrapassando um limite. *Que bobagem*, pensei de início. *Isso é uma terapia. Não sou uma pessoa que precisa de terapia. Não sou uma pessoa que precisa contar minhas fantasias sexuais a outra para se sentir melhor.* Além disso, aquele homem era conselheiro matrimonial, alguém que não parecia apto a oferecer a cura que eu precisava para deixar de ser gay. Mas, quando ele começou a fazer mais perguntas sobre minhas fantasias, quando continuou a assentir e sugerir que eu revelasse mais sobre meus interesses, meus sonhos e a frequência com que assistia pornografia, resolvi encarar a árdua tarefa. Ele não queria saber tudo aquilo por motivos pessoais. Era um profissional. Desinteressado, mas um profissional. Pude ver isso no modo muito casual como ele assentia. Pude ver aquilo na maneira como suas sobrancelhas se uniam com preocupação. Preocupação de verdade.

— Acho que minha primeira vez foi com o Brad — falei.

— E quem é o Brad?

— Ele era da equipe esportiva no início do ensino médio.

— Você fazia algum esporte?

Esperei um instante. Parecia haver alguma implicação nisso.

— Não, mas fiz tae kwon do por vários anos.

— Me conte o que aconteceu com o Brad — pediu o conselheiro. — Em detalhes não explícitos.

— Em detalhes não explícitos? Bom, Brad e eu éramos amigos próximos antes de isso acontecer. Eu estava dormindo na casa dele, como costumava fazer nos fins de semana, e lembro que a casa do Brad estava sendo reformada. Já era uma casa bonita, bem grande, de dois andares...

— O que aconteceu na casa?

— Bom, tinha uma parte da casa que não estava pronta, e nós entramos para ter uma ideia de como ia ficar. Os pais dele não estavam em casa, eu acho. Subimos a escada de madeira até uma área aberta, e o Brad estava com um olhar estranho. A gente puxou o plástico que cobria tudo, entrou no cômodo e nós dois meio que... Bom, nós dois sabíamos...

— Masturbação mútua?

Eu não podia acreditar que ele havia dito aquilo. A frase me soou com a frieza de um tapa. O estilo do comentário foi clínico, mas parecia haver um toque de nojo por trás das palavras.

— É.

Olhei pela janela para o terreno vazio que ficava do outro lado da rua. Apesar de não haver nevado e de saber que, provavelmente, não nevaria naquele ano (eu já havia percebido isso), me lembrei de como minha avó dançara comigo em seu longo corredor acarpetado, recitando falsos cânticos nativo-americanos, a mão enrugada cobrindo e descobrindo a boca. De como não havia parado de nevar na semana após toda aquela cantoria; de como, na verdade, aquela havia sido a maior nevasca que os dois tinham visto — por isso eu agora entendia como poderia haver certa verdade naquela mágica absurda da fé. O poder da semente de mostarda, o menor dos flocos de neve: era assim que a terapia continuava.

— Tente não pensar nisso como uma terapia — disse o conselheiro. — A gente está só conversando.

Acrescentados alguns termos — “dependência”, “aversão por si mesmo”, “mascarar”, “egoísmo” —, a história de minha infância e meu desenvolvimento sexual ganhou novas cores, novas associações. Sob a vergonha, sugeri o conselheiro, um ecossistema secreto crescia. Era minha responsabilidade dar fim àquilo. Se observasse o que ocorria abaixo da superfície, eu encontraria uma bagunça agitada e inconsciente. *Minhocas*, pensei. *Agitando-se na superfície de um solo molhado. Elas não estavam lá antes da chuva e, agora, de repente, estão.*

— Você já preencheu sua ficha de inscrição? — perguntou ele.

— Ainda não — respondi.

— Vamos fazer isso. Acho que não há tempo a perder.

Ele se recostou na cadeira, fazendo as rodinhas de plástico rangerem.

Meu olhar pousou no braço de madeira da poltrona, nos redemoinhos de seus veios. Era uma representação dos anos de alguma árvore morta, de todas as estações molhadas e secas postas lado a lado. Quando o machado atingira sua casca, a árvore não tinha ideia de que eu faria uso de todos aqueles anos.

* * *

O chicote de nove pontas atingia as costas expostas e ensanguentadas de Jim Caviezel. O couro atingia a pele sem parar.

— Isso é besteira — sussurrou Charles.

— Não diga isso — respondeu Dominique, a voz cheia de falsa preocupação. — É Jesus.

— *Isso aí* não é Jesus.

— Como é que você sabe? — perguntou Dominique. — Você tem visões santas? Ele visita você nos seus sonhos?

— Eu estudo história. Antropologia. Sei lá. Jesus era mais negro do que isso.

— Você estuda *música*.

— Entre outras coisas.

Olhei em volta para ver se as pessoas estavam ouvindo. Uma mulher à minha direita segurava a bolsa contra o peito, sobressaltando-se a cada laceração na tela, os olhos úmidos. As pessoas ao fim da fila já estavam na ponta das cadeiras, como se não tivessem ideia do que aconteceria depois. Eis a magia da direção de Mel Gibson: ele conseguira gerar enorme suspense a partir de uma história conhecidíssima como o Evangelho. Toda vez que o chicote atingia Jesus, parte de mim acreditava que seria o seu fim, mesmo sabendo que não era o caso, que ainda havia muito por vir. Havia um detalhamento dos gestos de agressão, um close nos detalhes daquele horror que tornavam a violência em si fascinante, um universo de punições populado por gradações infinitas, tons infinitos de vermelho e cor-de-rosa que nunca me haviam ensinado a notar. Nos primeiros frames de violência repentina, eu não vira qualquer sutileza e achara que o sangue tinha tão poucas nuances quanto as gotas de um vermelho vivo que às vezes acompanhavam as estações da via crucis católica, ou as gotas que se espalhavam por todo o quadro da mão retorcida e sangrenta de Jesus que meu pai havia encomendado para seu ministério na cadeia e colado no fundo da caminhonete, com as palavras CRISTO MORREU POR NÓS, PECADORES escritas também em vermelho. *Que besteira*. Então, lentamente, o sangue se tornara outra coisa. Arte. Eu queria encontrar outros nomes para aquilo. Queria ver o filme de novo só para entender como aquele sangue de Jackson Pollock pingava na tela.

Charles e Dominique já haviam parado de brigar e passado a assistir, incrédulos, enquanto cada um dos traços de Jesus era sistematicamente reduzido a frangalhos sangrentos. A mensagem do filme era clara: a

violência havia substituído todas as outras considerações. Não parecia mais importar se o homem na tela era branco ou negro. Ali estava um horror que parecia pertencer a pessoas de todos os credos e raças.

— Não consigo assistir a isso — disse Charles, cobrindo os olhos com as mãos. — É demais.

— Está quase acabando — respondeu Dominique, comendo outro punhado de pipoca. — A parte boa está chegando.

— “Pai, perdoa-lhes” — disse Jesus, a voz abafada pelo sangue, os dentes batendo, os olhos fixos em um futuro que ninguém à sua volta podia ver. — “Perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.”

Uma Maria com o rosto manchado de lágrimas enfiou ambas as mãos no chão e pegou dois punhados de terra, os traços distorcidos pela tristeza, pela descrença. Os críticos diziam que o filme era mais preciso que a Bíblia, que Gibson tinha gastado muito tempo e dinheiro fazendo a crucificação parecer real. Mas, ali, observando o torso chicoteado de Jesus lutar contra a gravidade, não consegui acreditar que o corpo humano era capaz de aguentar tanta violência. Tinha que haver um limite, um ponto em que as autoridades romanas conferiam o pulso dele. Ou talvez todos nós tivéssemos limites diferentes. Charles e Dominique haviam falado algumas vezes de seus antepassados, nascidos escravos, que tinham levado muitas chibatadas sem motivo algum e ainda assim haviam vivido longas vidas de servidão: as feridas cicatrizando, a pele se tornando mais dura, o pesadelo seguindo como planejado.

Comparada à dor na tela, a minha parecia sem sentido, uma coisa de pouca importância. Eu não tinha sido chicoteado nem espancado. Não sofrera por minha bondade. Desde o momento que David havia me denunciado, parte de mim estava deitada no banco de trás do carro de minha mãe, observando a faixa leitosa de estrelas, esperando que os golpes viessem — mas, apesar de saber que com certeza eles viriam, eu também sabia que nunca chegariam a ser o que estava vendo no cinema. Não tinha direito de reclamar. Podia passar pela terapia. Podia preencher a ficha de inscrição.

* * *

Não era a primeira vez que eu tomava uma decisão baseada apenas na culpa que sentia. Minha primeira fantasia de martírio acontecera no dia do meu aniversário de dezesseis anos. Chloe havia me dado de presente seu exemplar de *Jesus Freaks: Martyrs* e sugerido que, se eu o lesse, aquilo nos aproximaria.

— Esse livro mudou a minha vida — dissera ela. — Agora não tenho medo de seguir Cristo, não importa o que aconteça. Não vou ligar se alguém puser uma arma na minha cabeça.

Eu havia me sentido especial lendo aquelas histórias, uma série de mortes hediondas executadas pelas mãos de céticos que servia de exemplo para o tipo de devoção extrema exigida no Fim dos Tempos. Eu ficava horas lendo o livro em meu quarto, a porta trancada, e imaginava equipes armadas da SWAT destruindo todas as fechaduras e dobradiças para me interrogar. Eu imaginava que Chloe e meus pais ficariam orgulhosos se me vissem falando diante do cano de uma metralhadora, mordendo a ponta de metal com força, murmurando:

— Não vou renunciar a Jesus Cristo, meu salvador.

Mas, na verdade, eu temia o que realmente diria quando o Apocalipse chegasse. Temia sobretudo porque sentia que eu era mau no fundo da alma, no mesmo lugar em que guardava minhas fantasias sobre homens mais velhos — alguns deles funcionários da concessionária, outros da igreja, apesar de seus rostos não importarem muito. Pressionados com força entre o medo e a vergonha, seus rostos e corpos se misturavam em uma grande massa agourenta que ameaçava assumir uma posição de ataque e me expor.

Concentrei-me na violência, e até obter prazer através daquela fantasia, realmente fez com que eu e Chloe nos aproximássemos. Ficou mais fácil ignorar minhas tentações, me concentrar em fazer a coisa certa, imaginar um futuro como marido de uma linda e bondosa esposa cristã. Por alguns anos, estivéramos unidos em nosso amor por Cristo, nosso amor pelo martírio.

Senti essa corrente forte outra vez enquanto assistia à *Paixão de Cristo*. Eu tinha ido ao cinema ridicularizar algo que jamais poderia ser ridicularizado por alguém com um histórico como o meu. Eu queria fugir, esconder meu rosto na abertura da rocha como Moisés fizera na presença de Deus. Quando os spots de luz do cinema se iluminaram, eu desviei o olhar dos diáconos de cabelos brancos ajoelhados à frente da tela, mas só depois de lançar para trás um olhar hesitante.

* * *

O ar estava frio e um vento baixo e solitário nos acompanhou até o Explorer que meu pai havia comprado para mim pouco antes de eu ir para a faculdade. Alguns carros espalhados marcavam o estacionamento, alguns sem dúvida dos espectadores ajoelhados dentro do cinema. Era estranho vê-los ali, ver meu carro sozinho na outra ponta do estacionamento, todas aquelas construções e fábricas que haviam nos trazido até aquele ponto da História, a dois milênios de distância do mundo que tínhamos visto na tela. Como um dossel, a névoa havia baixado ao longe e parecia se espalhar sobre toda nossa pequena cidade. Em breve cobriria tudo, estenderia um cobertor entre nós e as estrelas. *Qual será o objetivo disso tudo, pensei, quando tudo desaparecer?*

— Aonde você está indo? — perguntou Charles.

Ele e Dominique já estavam parados diante do Explorer, esperando que eu destrancasse as portas. Eu havia passado por eles sem perceber, seguido para um lugar que eu não sabia dizer qual.

Minutos depois, estávamos no McDonald's, a única construção iluminada de toda a região. Eu não sabia direito como havíamos chegado ali. Estava totalmente alheio desde que tínhamos saído do cinema. Era incrível que não tivesse batido com o carro. Dirigir naquelas condições era só outra coisa estúpida que eu estava fazendo naquela noite.

— Parece que você viu um fantasma — disse Dominique, mergulhando uma batata frita gordurosa em um copo de papel cheio de ketchup até a boca. O relógio acima de sua cabeça se aproximava da meia-noite, mas eu não tinha que ir a lugar algum. O dia seguinte era sábado, e todos estávamos um pouco inquietos.

— Não consigo esquecer — falei, desembrulhando meu Big Mac.

Esses hambúrgueres nunca são como a gente quer. Tentei empurrar a segunda carne para baixo do pão, mas o sanduíche começou a desmoronar, então dei uma mordida o mais rápido que pude.

— É só um filme — respondeu Dominique. — Nada daquilo é real.

Charles riu, fazendo barulho pelo nariz.

— Já vi coisa pior.

— Talvez tenha sido pior do que o que a gente viu — falei.

Senti o hambúrguer deslizar lentamente até meu estômago. Percebi que o pedaço era grande demais.

— Talvez a gente enlouquecesse se visse como uma crucificação realmente era — acrescentei.

— Talvez — disse Charles, ficando de pé. — Talvez a gente enlouquecesse se visse muitas coisas.

Dominique deu um tapa na mesa.

— Experimenta ver alguém levar um tiro no seu bairro.

— Vocês já viram isso? — perguntei.

O hambúrguer estava preso no meio do meu esôfago. Eu ia vomitar.

— Não — respondeu Dominique —, mas tenho certeza de que vou ver se voltar para casa. Vai acontecer uma hora ou outra.

— Acontece com todo mundo do nosso bairro — disse Charles, andando até o canto para encher vários outros copinhos de papel com ketchup.

Nunca havia copinhos suficientes. A impressão é que a intenção do criador daquelas coisas era nos obrigar a levantar para pegar mais ketchup depois de certo tempo. Essa necessidade fazia os condimentos parecerem preciosos, alinhados em fila em nossa mesa, uma corrente de rubis brilhando sob a luz fluorescente.

Tudo isso é tão falso, pensei de repente. Eu me imaginei andando pelo bairro de Charles e Dominique, vendo um pedestre levar um tiro, o sangue se espalhando pela superfície de uma camiseta branca. Será que tudo pareceria menos falso se eu fosse capaz de entender o motivo daquela violência?

— Não parece errado — falei, jogando o sanduíche de volta na mesa, o molho caindo por todos os lados — comer depois do que a gente viu?

— Para mim, parece natural — respondeu Charles, voltando com os copinhos. — A gente tem que comer.

— Olha só — disse Dominique, mergulhando outra batata frita no ketchup. — A gente só foi ver esse filme porque você quis e agora você está agindo como se tivéssemos feito alguma coisa errada. Foi um pouco mais intenso do que achamos que seria? Foi. Mas e daí? Estamos aqui, vivos e somos ótimos alunos. Deus ia querer que ficássemos gratos por isso.

— Deus quer que a gente tire notas boas? — perguntou Charles. — Ai, meu Deus.

— E Deus ia querer que você comesse esse Big Mac — acrescentou Dominique. — Falando nisso, você vai comer o seu? Se não...

Empurrei meu Big Mac para Dominique.

— Vocês não entendem — falei.

Aquilo não era culpa deles, claro. Eu não havia contado quase nada do que estava passando com minha família, e provavelmente parecia injusto para eles que apenas minutos antes eu agisse tão casualmente em relação ao fato de ser cristão e que agora parecesse um fanático como meu pai. Eu sabia que nunca poderia lhes contar o que estava acontecendo, que não importava quantos dias passássemos juntos: eu continuaria caminhando pela vida com um pé em um mundo que os dois nunca haviam visto, assim como eles tinham vivido com um pé em um bairro que eu nunca visitara.

— Sabe do que você precisa? — perguntou Dominique, batendo o pé no piso. — De uma música.

Eu já sentia o hambúrguer revirando em meu estômago. Precisei de toda minha energia para não fazer uma careta.

— Por favor, não — disse Charles, revirando os olhos. — A gente só faz isso.

O ketchup manchou seu lábio inferior com um ponto vermelho berrante. Pensei no artigo que havia lido sobre o novo tipo de sangue cenográfico desenvolvido para *A Paixão de Cristo*, algo extremamente doce — corante vermelho e gordura, tudo suspenso em glicerina — para que parecesse mais viscoso.

Dominique se levantou, limpou as mãos sujas de sal na blusa azul-marinho e pigarreou. Ela olhou em volta por alguns segundos. Só havia três ou quatro pessoas na lanchonete. Do lado de fora, uma névoa alaranjada cobria tudo, escondendo a estrada. Alguns flocos de neve se prenderam à janela, derreteram e traçaram linhas no vidro. Por um instante, senti como se estivéssemos em um globo de neve extravagante, que alguém havia nos sacudido e girado a chave da caixinha de música. Dominique puxou Charles pelas axilas e o forçou a ficar de pé, quase derrubando a fileira de copinhos de ketchup.

— *Summertime* — cantou ela, na afinação perfeita, mas na estação errada.

Algumas pessoas viraram a cabeça. *O que você está fazendo andando com esses dois?*

Charles a acompanhou. Eu fiquei quieto.

— *There's a'nothin can harm you* — cantaram em harmonia. — *with your daddy and mammy standing by.*

Nada pode machucá-lo enquanto seus pais estiverem por perto.

Corri para o banheiro e fechei a porta para bloquear a canção. Encarei a água plácida e esperei, mas nada se seguiu. Vi apenas o reflexo de um rosto magro que mal pude reconhecer.

* * *

Em minha vida secreta, a terapia de reorientação sexual cresce em mim, estabelece uma casa sob meu excesso de pele, agarra a parte de dentro de meu estômago. Esse mesmo estômago revira com a onda de café e Egg McMuffin que minha mãe me forçou a comer no caminho para a sessão, a embalagem amarela fazendo barulho e os pneus do carro batendo ao percorrer a ponte Mississippi-Arkansas. Minha mãe tem feito muito isso nos últimos tempos: me forçado a comer coisas ricas em calorias e colocado maionese de verdade em meus sanduíches quando não estou olhando. É como se o trabalho que estive fazendo para me tornar invisível fosse em vão.

— Seus pensamentos magoam a Deus — diz o conselheiro da terapia.

Ele está com os olhos fixos na escrivadinha com tampo de vidro entre nós. Desse ângulo, suas sobrelhas parecem duas grandes vírgulas pretas. Ele está aqui para me interromper.

— São nojentos, antinaturais. Uma abominação.

Não consigo parar de pensar que ele disse a palavra “masturbação”. Ela está em algum lugar da sala, se recusa a ir embora.

— Eu sei — falei. — Estou tentando.

— Sua mãe e eu achamos que você tem que participar da Fonte — diz ele, entregando-me uma folha de papel. — É um programa de duas semanas. Muito rápido, mas eficaz.

A Fonte. As histórias que agora escrevo quase diariamente também conseguem esconder a fonte da minha dor, disfarçar minha natureza pecaminosa. Quando não estou sentado diante do conselheiro, quando estou com Charles e Dominique em meu quarto no alojamento, rabiscando no diário, esqueço minhas aflições, sinto apenas a dor e a frustração da palavra escrita, o modo como ela se recusa a se encaixar no que minha cabeça vê. A escrita é maior e muito menor do que eu havia imaginado. Mas não posso fugir da minha dor, como o conselheiro já disse muitas vezes. Não posso

fugir da minha natureza nojenta, não importa o quanto fique magro. No fim das contas, tenho que voltar à fonte.

* * *

O campus estava silencioso — apenas o bater abafado do alto-falantes da fraternidade dava vida ao ar da noite, uma vibração pacífica que dava a impressão de que os cantos escuros dos prédios acadêmicos continham uma promessa de alegria, um mundo exterior àquele. O último andar do prédio de Humanas brilhava a distância e, no terraço, ao lado da sala dos professores, havia uma figura solitária, algum aluno trabalhando até tarde em uma noite de sexta-feira, um cara magro que parecia viver dentro do prédio o tempo todo. Ele nunca deixava de me provocar um sentimento de culpa, um medo de que eu não tivesse lido o trecho pedido de *A rainha das fadas* tão bem quanto deveria. Ele podia ser eu, na verdade — um eu muito mais concentrado, alguém com ambos os pés plantados firmemente em algum lugar, olhos voltados para um futuro cheio de livros, salas com paredes cobertas por painéis de madeira e cafés tarde da noite. Anos depois, eu teria inveja de pessoas como ele, pessoas cujos cérebros nunca pareciam se revoltar, apesar de não saber o que ele pensava em todas aquelas noites solitárias.

Passei por mais alguns prédios, a grama morta quebrando à medida que eu caminhava, sentindo algum frio por estar usando apenas um casaco preto leve.

— Aonde você vai assim? — perguntara Charles.

Eu não dera a ele uma resposta de verdade, só dissera que estava inquieto e que precisava tomar um pouco de ar.

Cheguei a um pequeno jardim, chutei o cascalho em meu caminho e segui até um banco frio de pedra. Uma cerca alta me mantinha escondido, mas, pouco acima dos galhos nus, pude ver o campanário da capela do campus iluminado por todos os lados por três holofotes enormes. Em uma noite do início do ano letivo, eu havia subido até o campanário com um grupo de amigos, que incluía Charles e Dominique, e David. Tínhamos pulado as vigas do teto da capela, os grandes tubos de latão do órgão brilhando à luz refratada da Lua, e subido por uma escada enferrujada, o tempo todo tentando segurar o riso. Pouco antes de chegar ao topo, parados

diante da escada escura que dava para uma varanda estreita que cercava o campanário, um veterano levava o indicador aos lábios e dissera que precisávamos saber a verdade sobre aquele lugar. Segundo ele, a faculdade era uma casa maçônica para órfãos que havia pegado fogo no início do século XVIII, matando várias crianças. Dizia-se que três delas ficavam toda noite na base do campanário, de mãos dadas. Três crianças sem nome, os traços apagados pelas chamas.

A história acrescentara um pouco mais de adrenalina à que já sentíamos enquanto subíamos os degraus na escuridão. Passamos por enormes teias de aranha, de mãos dadas com pessoas que mal conhecíamos, mas que já chamávamos de amigos, já confiando que nos puxariam para pular os espaços entre os degraus. A ideia de toda aquela pele queimada, de todas aquelas crianças solitárias presas ali, sem ninguém para sofrer por elas, se misturava a um tipo de superstição que só a escuridão total podia inspirar em um corpo discente tão cético quanto o nosso. Quando finalmente chegamos ao topo e o ar quente do verão nos atingiu, ficamos chocados por encontrar apenas concreto gasto e poeira. Todos demos as mãos em torno do campanário em memória daquelas crianças, sentindo — provavelmente todos ali, como eu me lembro de ter sentido com a mão quente de David agarrada à minha — que os laços que estávamos formando naquela noite se manteriam para sempre.

No jardim, a névoa caía sobre os prédios acadêmicos, sobre o garoto de Humanas que nunca parava de estudar. O banco em que estava sentado começou a parecer uma pequena ilha à deriva em um mar branco. *O jardim de Getsêmane*, pensei, lembrando-me de *A Paixão de Cristo*. Na noite anterior à crucificação Dele, Jesus havia tentado tranquilizar seus discípulos, mostrar a eles que toda a dor que logo sofreria valeria a pena, que a violência cumpriria Suas promessas. Eu me perguntei se os órfãos haviam sentido a mesma coisa. Será que houvera alguém por perto para confortá-los antes de o fogo começar a lambar seus braços?

Abracei a mim mesmo, envolvendo meu peito com toda a força que tinha. A sensação das minhas próprias costelas era prazerosa, a do frio também. Tudo aquilo seria bom, percebi, se confiasse que no final faria sentido. A neve ainda não se apresentara — a mais breve sugestão dela — , mas ela viria em algum momento, mesmo que bem mais tarde. E então cobriria tudo, construiria jardins estranhos sobre objetos escondidos, tornaria o mundo algo novo.

* * *

Em minha vida secreta, a terapia me engole, cresce sobre mim até eu estar respirando apenas ela, até ela ser meu ar. Só faz uma semana desde a última visita ao consultório do conselheiro e, talvez pela primeira vez em muitas semanas, não estou pensando na visita seguinte. Estou com a minha família. É tarde da noite. É Natal. O fogo crepita em um canto, um pinheiro gigante surge no outro e o saguão de piso de madeira se estende entre mim e uma imagem do lago semicongelado, polido e reluzindo com as luzes de Natal de um vizinho distante.

O corredor escuro boceja aos meus pés. Minha mãe surge da cozinha e para ao meu lado. Sinto o calor do forno irradiando de sua pele bronzeada artificialmente, um leve aroma de biscoito de gengibre acompanhando seus passos. Ela está usando um suéter de caxemira cuja imagem central é o rosto largo de um boneco de neve. O nariz de plástico do boneco bate em meu ombro quando ela se vira para falar comigo.

— E na semana que vem? Tudo bem na semana que vem? — pergunta ela.

Ela não pode evitar. A consulta com a médica está na cabeça dela, e só na dela, nas últimas semanas. Ninguém mais quer falar sobre esse assunto, especialmente meu pai. Mas alguém tem que manter tudo sob controle.

Olho para os sapatos dela. São pretos e bem lustrados, e em seus saltos de plástico transparente há Papais Noéis idênticos em miniatura e uma pequena pilha de neve reunida em torno de suas minibotas pretas. Toda vez que ela anda, os Papais Noéis andam com ela, atravessando nevascas iguais, presos em suas celas isoladas. Quando minha mãe me buscava na escola, meus colegas apostavam qual seria a coisa estranha que ela estaria usando daquela vez. Uma fita vermelha? Uma bolsa de poá igual aos sapatos? Aquelas apostas me deixavam orgulhoso, mas também envergonhado, como se parte de mim estivesse refletida no exagero físico dela.

— A Dra. Julie quer conferir sua testosterona.

— Ah — respondi, porque não havia mais nada a dizer.

— Vai ser rápido. E vai nos dar algumas respostas.

— Ótimo — falei.

Os dois Papais Noéis me encararam, a neve pousando a seus pés.

— Lembre-se de avisar aos professores de que você não vai estar na aula na quinta.

— Está bem.

— O que houve, meu amor?

Um dos Papai Noéis se aproximou.

— Nada — respondi. — É só estranho.

— Eu sei — disse ela. — Logo, logo isso vai acabar.

Os Papais Noéis dão as costas para mim, mais uma vez perdidos em suas nevascas particulares. Enquanto minha mãe anda de volta para a cozinha, a caxemira clara se torna uma faísca de chama branca na penumbra da casa.

Eu me viro para o corredor, para o lago cintilante emoldurado pela janela. É um presente sombrio esperando para ser aberto. É precioso e delicado, coberto por todas aquelas luzes de Natal. Talvez seja apenas minha testosterona baixa falando. Talvez eu perca essa imagem preciosa no instante em que a Dra. Julie conseguir elevar minha taxa de hormônios. Quando finalmente me consultar com ela, talvez eu perca todas as minhas lembranças mais preciosas, aqueles momentos de beleza que transcendem. Talvez seja um pequeno preço a pagar por uma vida normal. Fico no corredor e tento fazer meus níveis de testosterona aumentarem. Se eu pudesse pelo menos impedir meu pensamento... *Mão esquerda, palma da mão para baixo. Não diga para si mesmo: “Vire a mão esquerda.”* Fecho a mão com força e enfio as unhas no lago macio de minha palma até ficar ofegante. Quero socar a parede, rasgar os nós dos dedos com as farpas da madeira, tirar sangue — mas não consigo. Não consigo me fazer sentir algo que não está ali. Só posso sentir o que queria que não estivesse. O que será que vou fazer quando não conseguir fingir mais? Será que as pessoas vão notar? Talvez a testosterona realmente resolva todos esses problemas, sequestre meu cérebro de um jeito que a meditação e as orações nunca conseguiram. Talvez tudo realmente dependa da fisiologia.

Eu me lembro do sabor do pão ázimo, das palavras *Isto é o corpo de Cristo* ecoando pelo santuário. *Isto é meu corpo que é dado por vós. Fazei isto em memória de mim.* Eu me lembro do choque do suco de uva, o sangue de Cristo, do medo de que aquele suco realmente se tornasse sangue em meu estômago, apesar de os batistas não acharem que tal coisa seja possível. Lembro-me da única vez que me senti culpado por observar os gêmeos Brewer no primeiro banco enquanto bebia suco e ouvia todo aquele pão ázimo sendo moído por centenas de molares. As costas dos Brewer eram tão retas e perfeitamente esculpidas que eu não conseguia evitar. Então corri para o banheiro depois da comunhão e me forcei a vomitar o

corpo e o sangue de Cristo, temendo ser punido por blasfêmia se O mantivesse dentro de mim, a imagem dos restos flutuantes do Cristo similar ao da carne em frangalhos que mais tarde veria na tela do cinema. Agora percebo que aquilo tinha sido um sinal. Agora vejo como o corpo controla o espírito.

Foi o corpo de Cristo que finalmente transformou as ideias Dele em realidade, a prova de sua ausência o fato que, por fim, convencera tantos incrédulos a se converterem ao cristianismo. Foi o corpo de David que me levou à terapia. Foi a falta de contato com o corpo de Chloe que começou tudo isso. Se eu conseguisse aprender a afiar meu corpo e torná-lo uma lâmina, talvez pudesse coletar esse poder físico, o mesmo que vou sentir de novo ao assistir à *Paixão de Cristo*, o mesmo que meu pai sabe dispensar tão bem em seus sermões. Só preciso de um pouco de ajuda da Dra. Julie. Começo a sentir uma esperança. Sinto o calor da cozinha em minha pele, me dando força, me incentivando a avançar.

Ainda estou parado no corredor, observando as luzes de Natal dançarem pelo lago congelado. Em algum lugar, alguém está ouvindo Nat King Cole. Eu me lembro de Dominique dizendo que odeia Nat King Cole.

— A voz dele não tem vida — disse ela, apesar de eu não concordar.

Penso em Charles e Dominique cantando o feriado todo em um bairro muito diferente do meu. Charles me contou uma vez que uma bala perdida abriu um buraco na parede da casa deles e quase chegou até onde ele estava sentado no sofá. Um centímetro a mais e Charles talvez não tivesse sobrevivido para contar a história. Penso na dor dele, nas coisas que já enfrentou, de onde veio e onde está agora, cantando tão lindamente no teatro fechado da faculdade. E, antes que consiga me impedir, sinto que tenho sorte por estar vivo naquele momento — aquecido e feliz — com aquela família que, apesar da estranheza com que vem me tratando desde que descobriu meu problema, que apesar de ter lidado comigo como uma porcelana indesejada, ainda faz parte de mim, ainda compartilha do mesmo sangue quente que pulsa em minhas veias enquanto ando descalço pelo corredor, suas vozes se expandindo atrás de mim, transformando-se num ritmo agradável e familiar de palavras indistintas, não as palavras de raiva, nojo, pena ou amor que imagino que tenham a postos no fundo da garganta. Então ando devagar, pé ante pé, para longe da luz dourada e em direção ao lago brilhante. Posso assegurar que tudo é bonito demais para uma vida só, que eu devia conseguir me dividir em várias versões de mim para provar

dos muitos sabores deste momento, sabendo que esse tipo de sentimento pode me deixar quando for ao consultório da médica, pensando: *Como eu jamais poderia retribuir esse presente? Como vou retribuir a essas pessoas, ao deus que elas idolatram e ao deus que eu ainda pareço idolatrar?*

A cadela, Daisy, esbarra em minha perna, ofegante. Ela olha para mim, os olhos úmidos. Sua confiança nua é demais para mim. Desvio o olhar, grato por senti-la ao meu lado ali no escuro, com toda aquela luz atrás de nós, como se a claridade estivesse pronta para nos levar direto para a janela, para nos erguer até o céu noturno sobre o lago. *Como dizer “não” para tudo isso?*, penso. *Muitas pessoas me trouxeram até este momento, e eu confiei nelas. Será que não podem haver outros momentos incríveis pela frente se eu voltar a confiar nelas?*

A terça-feira chega e nada de Dra. Julie.

— Houve um problema — diz minha mãe.

Nada mais. Estou muito confuso. Eu me pergunto se meus pais perderam a esperança, se talvez tudo isso vá acabar aos poucos. Minha mãe e eu passamos uma semana sem conversar. O silêncio me preocupa.

E é só meses depois que entendo o pacto que fiz comigo mesmo na noite de Natal que passei com minha família. É só meses depois, após passar horas sentado em um banco frio de pedra do jardim diante do prédio de Humanas, depois de caminhar em transe pela trilha do lago e encarar minha silhueta escura na água plácida com o luar às minhas costas, minha vida acadêmica bem embrulhada atrás de mim, que começo a perceber como estou disposto a ir longe. Vou pegar esse corpo magro, batizá-lo na água gelada e voltar com as roupas molhadas, quase congelado, entretanto mais vivo do que nunca. E, com o corpo exausto sendo aquecido sob o fluxo escaldante de água, os olhos fixos em uma gota que percorre o chuveiro, entre o bater de dentes, vou murmurar uma oração muito simples para o Grande Médico: *Senhor, torne-me puro.*

Ao sair do chuveiro, vou pegar meu telefone e mandar uma mensagem para minha mãe, fazendo-a acordar de um sonho. “Estou pronto”, escreverei. “Dra. Julie.”

* * *

Menos de uma semana depois de assistir à *Paixão de Cristo* com Charles e Dominique, minha mãe e eu estávamos sentados na sala de exames da Dra. Julie.

— Quase todo consultório de médico tem esse quadro — disse minha mãe. — Acho muito bonito.

Ela não conseguia parar de falar.

— É?

O quadro era uma cópia de uma famosa obra fotorrealista de Rockwell: um menininho tirando a calça para o médico anônimo de jaleco branco, a luz entrando pela persiana fechada atrás dele. O gesto do garoto parecia muito simples, parte de um passado inocente que Rockwell havia capturado com talento: um momento de medo pouco antes do alívio, ainda mais sentimental porque a dor em questão era uma coisa menor, nada preocupante de fato, e a criança logo aprenderia isso, após mais algumas visitas ao consultório médico. O medo do garoto era um medo que a maioria das pessoas superava ainda na infância. Era engraçado — daquela maneira que os adultos costumavam achar a infância engraçada — ver o medo daquele menino como algo trivial, como uma fase que ele apenas tinha que superar: uma espetada de agulha e tudo acabaria.

— Será que a Dra. Julie vai demorar? — perguntou minha mãe.

— Daqui a pouco ela chama — falei, como um bobo. — Ela está sempre ocupada.

Não havia mais nada a dizer.

A Dra. Julie sempre me parecia uma mulher ocupada — mexendo o tempo todo em exames, consultando históricos, prescrevendo remédios em folhas quadradas de receituário e as arrancando do bloco com um floreio digno —, mas sempre fazia parecer que não gostava tanto dessa parte do trabalho quanto gostava da companhia dos pacientes.

— Vamos direto ao assunto, está bem? — disse ela quando entramos.

Ao entrar na sala de exame, era como se ela se esquecesse da parte técnica de sua vida, da parte antisséptica e cheia de jargões; era como se fechasse a porta para toda aquela bobagem necessária para finalmente poder estalar seus dedos limpos, dobrar as mangas e se sentar no banco que rangia. Então poderia se inclinar para a frente e olhar nos olhos das pessoas que faziam seu trabalho valer a pena, tornar-se, naquele instante, não uma médica propriamente dita, mas também a menininha dos arredores de Salem, Arkansas, que costumava acordar de manhã cedo e alimentar as

galinhas antes da escola. Havia momentos em que a menininha e a médica compartilhavam os mesmos traços, mas eram raras as ocasiões. Ela havia frequentado a minha faculdade, um fato que me pareceu mais evidente na manhã em que decidi unir minha vida na faculdade à minha vida familiar.

— O que traz vocês dois aqui hoje?

Como se ela não soubesse. Seu rosto de fazendeira parecia plácido, relaxado das preocupações do dia. Sentada na outra ponta da sala, vestida toda de renda, minha mãe mal era capaz de esconder os tremores que a dominavam desde que havia ficado sabendo da minha sexualidade.

— Não sei por onde começar — disse minha mãe, segurando a bolsa contra o peito, como se não houvesse outro modo de começar a não ser pela verdade feia: a mancha secreta que havia sujado nossa família.

Eu sabia que ela já havia conversado com a Dra. Julie sobre a minha sexualidade, que as duas eram próximas, que a Dra. Julie queria proteger minha mãe da realidade dura de ter um filho gay em uma rígida comunidade religiosa do Sul. Eu sabia de tudo isso apenas pelo modo com que as duas conversavam: a pena passava como uma corrente pela sala, e eu mantinha os olhos concentrados no piso manchado sob meus pés. Tive a sensação de que, se olhasse para elas, seria levado por aquela corrente no mesmo instante, então mantive a cabeça baixa.

— Por que a gente não começa pelo óbvio? — perguntou a Dra. Julie. — Você está preocupada com o seu filho.

Minha mãe se remexeu. O esfregar das peças de renda. Apesar de tudo, minha mãe tinha ido até meu quarto de manhã perguntar se eu achava que ela estava bonita, ficara ali parada à minha porta como um tipo de rainha do gelo, camadas de renda Point de Gaze amarelada sobre seu peito, repetidas em uma saia de cintura alta, marcada por um cinto preto. *Não*, tinha pensado, *parece mais uma fura-neve*, uma *galanthus*, em toda sua beleza murcha. Mesmo triste e com medo, minha mãe sabia como andar na moda. Era o que a tirava daquela situação, aquele amor por texturas, tecidos e mínimos detalhes. Ela havia se embrulhado com a beleza mais exagerada possível, evocado os espíritos da angústia do pós-guerra para defendê-la do que tinha que enfrentar sob a luz do consultório médico. Não era uma Dolly Parton, como muitos moradores do norte supunham erroneamente; tinha o otimismo superproduzido e maquiado de um Sul que ninguém reconheceria no dia a dia. Na verdade, se abstraíssemos o sorriso e a renda, veríamos uma mulher forte e determinada, como muitas sulistas, uma mulher cuja

situação havia piorado na década anterior — primeiro, porque perdera os pais, depois porque se tornara esposa de um pastor e agora porque havia descoberto uma mancha em sua família que devia ter estado o tempo todo bem embaixo do nariz que ela havia herdado da família da mãe. Mesmo assim, minha mãe fora ensinada a perseverar, a esperar que aquilo passasse mantendo toda a dignidade que fosse capaz de reunir. O que ela poderia dizer naquele momento, ali diante da Dra. Julie, se nem havia admitido para si mesma que as palavras “gay” ou “homossexual” talvez tivessem que fazer parte de seu vocabulário?

— Acho que ele não está comendo o suficiente — disse ela, por fim. — Ele perdeu pelo menos quatro quilos no mês passado.

Mexi a perna esquerda para deixar a circulação fluir, os dedos do pé já dormentes. O papel que cobria a maca fez barulho sob minhas coxas. Independentemente de como eu me sentasse, sempre acabava rasgando o papel. Era vergonhoso, aquele som no meio de uma sala de exames silenciosa, cada movimento ampliado — e um pouco abaixo do papel, o ranger do plástico —, como se parte do exame fosse criada para medir a capacidade do paciente de ficar imóvel, de se manter calmo diante de qualquer diagnóstico que pudesse receber. Não pude deixar de sentir que cada maneirismo meu estava sendo gravado, marcado em um gráfico que podia ser usado para determinar meu nível de homossexualidade.

— Você está mesmo um pouco mais magro — disse a Dra. Julie, fazendo seu banquinho ranger diante de mim.

— Estou comendo as mesmas coisas — respondi. — Só estou correndo mais.

As árvores do campus passando por mim no escuro, vários postes amarelos me guiando por suas pocinhas de luz, o lago brilhante, a lua branca e o vento soprando a distância: essa parte era verdade. Eu não havia parado de correr desde que meus pais tinham me dito que precisávamos considerar a terapia. No entanto, mentir sobre a comida era inútil. Nos três sabíamos, no entanto, que eu precisava dizer alguma coisa para justificar a perda de peso repentina, o modo como minhas roupas estavam largas, como meu suéter de algodão passara a tocar minha pele apenas na clavícula, nos ombros e nos braços magros. Eu não estava comendo, e isso estava claro para todos naquela sala, algo tão facilmente identificável a olho nu quanto uma boa batida no joelho mede os reflexos — apesar de a Dra. Julie

normalmente esquecer essas apresentações formais e pular direto para a doença em questão.

— Estou preocupada — disse minha mãe. — Tudo fica largo nele agora.

Cada vez que outro ponto de contato perdia seu domínio sobre mim me parecia uma pequena vitória. Eu controlava a rapidez com que perdia peso. Era bom não apenas sentir o passado deixando meu corpo — toda aquela gordura como anéis de uma árvore, se estreitando, desaparecendo —, mas também ver o choque no rosto das pessoas, o não reconhecimento à primeira vista, o susto. Eu era um menino diferente.

— Acho que ele está tentando se torturar — disse minha mãe, virando-se para me encarar, os saltos batendo no piso frio.

Eu me lembrei do chicote batendo nas costas cobertas de sangue do Cristo. Não, aquilo não era tortura. Era controle. E, quando a Dra. Julie me ajudasse a aumentar meu nível de testosterona, eu ganharia ainda mais controle.

— Meu amor, acho que você está tentando se torturar.

— Eu acho que sei o que está acontecendo, Garrard — disse a Dra. Julie, pronunciando meu nome como se algo delicado tivesse ficado preso em seu leve sotaque de fazendeira.

Era de fato uma coisa delicada. Parte de um histórico familiar que se orgulhava de homens que herdavam tal nome, passado de tataravô a bisavô, a avô e, por fim, a mim. Minha mãe, a Dra. Julie e eu sabíamos que, se não passasse no teste de masculinidade, eu nunca incluiria outra pessoa com aquele nome na família. Em vez disso, o nome talvez ficasse associado ao momento em que nossa família havia sido destruída, inscrevendo um grande espaço vazio abaixo de meu nome na árvore genealógica.

— Você ouviu? — perguntou a Dra. Julie. — Achamos que será melhor se eu e você conversarmos a sós.

Minha mãe saiu da sala, a renda fazendo barulho. A porta se fechou. As luzes se enevoaram no piso, ressurgindo como lâmpada claras.

— Muito bem — disse a Dra. Julie, a sala repentinamente silenciosa demais para sua voz alta.

Tudo aquilo devia ser novidade para ela também. Falar abertamente sobre sexualidade não era opção na maioria das cidades do Arkansas parecidas com aquela, mesmo — mesmo não, *especialmente* — em um consultório médico, suspeitava eu. A ideia de um pecado ter origem biológica teria chocado a maior parte da minha congregação, mas era isso

que muitas igrejas começavam a pensar, enquanto enchiam seus saguões com brochuras da Amor em Ação. A maioria das pessoas não se dava ao trabalho de ler e passava pelas capas de plástico sem olhar duas vezes.

Tirei os olhos do piso e vi que a Dra. Julie estava a centímetros de mim, um olhar de verdadeira preocupação no rosto.

— Escute — começou ela. — Eu sei o que é se torturar. Já fiz isso.

— Não é o que estou fazendo — menti.

— Está, sim — continuou ela, cruzando os braços sobre o peito. — E tudo bem, contanto que seja só uma fase. Eu sempre tive problemas com peso e, até fazer uma cirurgia de redução do estômago, costumava me entupir de comida. Se achasse que era só uma questão de peso, eu me contentaria em pesar você de vez em quando, em fazer alguns check-ups. Mas não é só uma questão de peso, é?

Eu não queria responder à pergunta retórica dela, então fiquei quieto.

— Não, é uma questão de sexualidade. E sua mãe está preocupada com o modo como isso vai afetar seu futuro. Você já está minguando. Imagine como vai ficar quando mais pessoas descobrirem. Agora, minha pergunta é a seguinte: você quer mudar? Porque conheço muitas pessoas que aceitaram essa parte de si mesmas e conseguiram ter uma vida boa. É difícil, mas elas conseguiram. Enfrentam muita fofoca, comentários assim que dão as costas, oportunidades de emprego perdidas por causa de vinganças pessoais, mas elas dão conta. É isso que você quer?

— Eu quero mudar — falei. — Estou cansado de me sentir assim.

— Fica mais fácil — disse ela. — Você pode ir morar em outro lugar, uma cidade maior, de repente.

— Não quero fugir. Eu amo minha família.

Eu me senti ridículo ao dizer aquilo. Era muito simples, muito infantil. Mas não pude deixar de falar. Era verdade.

— Olha — continuou a Dra. Julie, virando-se para a porta, fazendo o banquinho ranger. — Vou pedir para alguém coletar seu sangue para testarmos o nível de testosterona, fazer uma contagem de leucócitos, coisas do tipo. Não acho que vou achar nada errado. Não acho que isso vá adiantar, mas vai satisfazer sua mãe. Ela só quer saber que fez tudo que podia.

A médica deixou que eu absorvesse a informação por alguns segundos. Era o equivalente a *Vamos dizer que fizemos e não fazer*, só que íamos

realmente fazer o exame por formalidade e, semanas depois, veríamos que tudo estava perfeitamente normal. Não haveria um diagnóstico claro.

— Se precisar conversar com alguém, você sabe que estou aqui, não é?

— Eu sei — falei.

— Espere aqui. Vou chamar a enfermeira — disse ela, saindo da sala.

Pesquei o celular que vibrava do bolso da calça, o papel rasgando sob minhas coxas. Era Charles. Fazia mais de uma semana que não conversávamos. Eu havia entrado e saído do quarto para pegar minhas coisas, mas basicamente ficara na biblioteca todas as noites até meia-noite. “Quando você vai voltar? Você está bem?”, dizia a mensagem. “Você sumiu.”

Mandei uma resposta rápida para que ele não ficasse preocupado e eu não precisasse pensar demais no que iria dizer. “Sou um fantasma”, escrevi. “Nunca estive melhor.”

Mais tarde, naquela manhã, enquanto saía do consultório com minha mãe, um pedaço de algodão preso à dobra do cotovelo, concordei em ficar alguns dias em casa para o bem dela, sabendo que as semanas seguintes seriam mais difíceis para ela do que para mim.

— Vamos ao cinema — disse minha mãe. — Eu pago.

Ao fim da comédia romântica, a neve ainda não havia caído. Eu ansiaria pela neve pelo resto do inverno, por duas semanas. Eu nos imaginaria caindo em um monte de neve e criando asas tão grandes quanto a envergadura de nossos braços pudesse alcançar sem quebrar.

SEGUNDA-FEIRA, 14 DE JUNHO DE 2004

A suíte do Hampton Inn onde eu e minha mãe ficamos durante meu tempo na AEA era grande, mas parecia muito pequena. Embora estivéssemos em quarto separados, a única privacidade que tínhamos era uma pequena porta de compensado que dava para a sala de estar compartilhada. Depois da primeira semana de terapia, detalhes sobre o quarto que nunca teríamos notado em outras circunstâncias começaram a parecer ameaçadores. À noite, uma única lâmpada brilhava para nós no canto da sala, sua gêmea morta e escura no canto oposto. A luz do teto era conectada a um ventilador e não podia ser ligada sem que as pás girassem sob nossas cabeças, formando rajadas de vento rápidas e desagradáveis. A corrente pesada da tranca de metal da porta parecia repentinamente inadequada à luz fraca. Era fácil imaginar um alicate prendendo a corrente justa em seus dentes. Em qualquer outro momento de nossas vidas, teria sido um quarto ótimo e seguro — apesar disso, toda noite, eu empurrava a mesa de centro contra a porta, torcendo para pelo menos ouvir o arrastar dela no pequeno pedaço de linóleo antes que um intruso pudesse invadir o quarto. Diante do espelho do banheiro, eu imaginava câmeras escondidas voltadas para meu corpo nu. Enquanto tomava banho, pensava em Hitchcock e na faca brilhante de *Psicose*. Pensava em Janet Leigh fugindo da cidade a toda, com uma pilha de dinheiro roubado no banco do carona, parando em um hotel aleatório onde talvez pudesse encontrar um abrigo temporário.

Como eu estava dizendo, minha mãe e eu nunca pedimos que ninguém consertasse aqueles pequenos problemas. Apesar de não ter notado na época, eram justamente eles que me tranquilizavam. O espaço que ocupavam em minha mente era uma proteção contra os intrusos mais ameaçadores, que se agachavam e esperavam em algum lugar além da perspectiva limitada que eu tinha na época. Cada centímetro do quarto era palpável no escuro, tinha sido decorado: o quarto. Um objeto fora de lugar, qualquer mudança boba teria tido o poder de me alertar para as mudanças

mais drásticas que aconteciam fora dele. Se as melhorias comesçassem ali, *naquele* quarto, então teriam força para continuar *ad infinitum* no mundo lá fora. E aí, o que me impediria de agir de acordo com meu plano?

* * *

No domingo à noite, saí escondido do hotel outra vez, pouco depois da meia-noite, para correr pelas ruas do bairro. Corri por tanto tempo e a tal velocidade que comecei a perder a noção da hora e, naquele espaço não catalogado de tempo, observei a Lua se pôr no céu noturno. Imaginei como devia parecer pequeno visto de cima. Deus era um valentão, decidi, que provocava pessoas muito pequenas. Por que havia feito isso conosco, com nossa família?

— Foda-se Deus — disse para a Lua.

Mais uma vez eu estava à espera de ser atingido por um raio inexplicável. Quando nada aconteceu, repeti o xingamento, cada vez mais alto, as palavras ecoando pela vizinhança vazia.

— Foda-se Deus foda-se Deus foda-se Deus.

Voltei para o quarto de hotel e dobrei o corpo para a frente perto da cama, quase vomitando de exaustão e medo. Quem era eu? Quem era aquele homem que xingava Deus? Melhor, quem era Deus? Ele havia me abandonado ou nunca tinha existido?

Ali sentado, tentando controlar minha respiração, decidi que fingiria durante toda a segunda semana, que travaria os dentes e fingiria que estava tudo bem. A terapia estava me transformando em alguém que eu não reconhecia, e eu precisava sair daquele lugar com o coração relativamente intacto. A logo da AEA, o coração recortado, me encarava do manual todos os dias, me ameaçando com uma amputação. Eu temia que, do outro lado, no pós-operatório, houvesse apenas T e seus muitos cardigãs.

Uma coisa era certa: eu não queria agir muito rápido, alertar a equipe da AEA sobre minhas intenções. Sabia que eles informariam meus pais imediatamente, e que meus pais então seriam forçados a sugerir que eu ficasse mais tempo, fizesse a residência de três meses, depois de um ano, depois de dois anos — até estar na posição dos conselheiros, preso em um ciclo de progressão e regressão, sem saber quem eu era de verdade. À sua maneira, o garoto louro já havia me avisado sobre isso. Ao analisar a lista

de contatos em meu celular na manhã seguinte, ele me olhou rapidamente e disse:

— Espero que você esteja levando seu tempo aqui a sério. As pessoas estão achando que você pode não estar.

Não soube dizer se ele havia visto o telefone de Mark, do banheiro, se mais tarde usaria isso como prova contra mim, mas não parecia importar. A mensagem era clara: o importante era manter as coisas exatamente iguais à semana anterior.

E, enquanto Smid nos guiava por nossa sessão matinal de Autoridade e Confiança, enquanto falava sobre os males e as ilusões da autossuficiência, o sol criando uma auréola em seu cabelo louro grisalho, eu assenti com os outros, sorri, fiz cara de preocupação, o rosto de alguém que contemplava as palavras de um grande líder. Quando pediram, abri a página 33 do Caderno de Vícios e li as palavras ditas em voz alta por Smid: “Concluimos com bastante convicção que a autossuficiência nos dará a segurança e o conforto que tanto desejamos. Começamos a procurar um modo de evitar ou diminuir nossa dor.” Eu fingia crer que a autossuficiência me levaria apenas a um beco sem saída, que eu havia entregado minha vida à autoridade dos conselheiros e, por consequência, a um Deus que se recusava a responder às minhas orações desde que eu havia chegado à instituição. Eu fingia não confiar em mim mesmo, *Foda-se Deus* ecoando sempre em meus pensamentos quando as palavras de Smid pareciam me arrastar de volta para a explosão de ódio da qual havia escapado por pouco durante a ordenação do meu pai. Fingia ser devoto, mas com uma pitada de esforço. Para me inspirar, consultei minhas lembranças de infância, mas nunca confundi o ódio de mim mesmo que desenterrei dessa fase da vida pelo real, que sentia na AEA. O amor que um dia eu sentira continuava emanando de algum lugar de meu peito enquanto estava no palco do santuário com minha família, impossível de esquecer.

— Nós aprendemos a manipular — acrescentou Smid. — Aprendemos a ser sedutores, a não explicar claramente nossas motivações durante nossos relacionamentos para nos protegemos.

Tirei os olhos do caderno. As palavras não pareciam tão nuas, tão insípidas, quando ele as dizia.

Era mais fácil mentir quando acreditávamos na mentira.

* * *

— Está abafado aqui — disse minha mãe naquela noite, fechando a porta de compensado.

Ela entrou na parte da suíte em que eu dormia toda noite no sofá-cama. Antes de a porta fechar, vi sua cama desarrumada. Era raro que minha mãe deixasse a cama bagunçada e, de onde eu estava sentado, vi que ela nem sequer havia tentado prender as pontas frouxas dos lençóis brancos nos cantos.

Eu estava sentado no canto do quarto, tentando inventar outra transgressão pecaminosa para meu Inventário Moral. Estava ficando tarde, mas eu queria terminar o dever antes de pedirmos o jantar e, apesar de ainda ser doloroso olhar diretamente para cada um dos meus pecados, eu começava a ficar feliz com o simples ato de escrever, de passar tudo para o papel. Minha letra cursiva se enrolava, formando arabescos, quase mergulhando nas beiradas das folhas. Eu tentava deixar cada linha perfeita. Olhando para a caderneta amarela, estreitava os olhos até as palavras se tornarem uma única tapeçaria cor de chumbo. As frases padrão da AEA — *Somos afetados por um sistema de mundo pecaminoso, por nossa carne pecaminosa e pelos ataques manipuladores do Diabo* — se tornaram um exercício de encaixar meus *f* sempre muito inclinados nas palavras em que essa letra aparecia.

Minha mãe se sentou no sofá e uniu as mãos no colo, assentindo para um monólogo inaudível e interno. O delineador em seus olhos havia sido reduzido a uma faixa fina, e seu cabelo não tinha mais os cachos vibrantes. As mechas estavam soltas, penduradas sobre os ombros. Ela havia parado de ir ao salão de bronzeamento durante as longas tardes livres que tinha até me pegar na instituição, mas sua pele ainda estava mais escura do que o normal, como se ela tivesse adormecido em um campo e voltado para a civilização sem se preocupar com o próprio reflexo. Parecia pelo menos dez anos mais velha do que quando tínhamos chegado a Memphis.

— Seu pai perguntou como a gente está — disse ela.

Vi que segurava um celular cor-de-rosa em uma das mãos, que devia estar conversando com meu pai no outro quarto.

— Falei que estamos bem.

— Aham.

— Temos mais alguns dias — continuou ela, conferindo o celular pela décima vez, a luz branca se acedendo na palma de sua mão.

Apesar de não ter dito nada, eu sabia como completar aquela frase: *até você estar curado*.

Bati a lapiseira na caderneta amarela. Estava na metade do dever de casa, mas não conseguia pensar em nada de novo. Tentei vasculhar minhas lembranças em busca de uma fantasia sexual mais longa, algo que completasse toda a folha, mas já havia esgotado a maioria delas, e o que sobrara parecia pequeno demais para ser registrado. As muitas vezes no ensino médio em que meus olhos haviam acompanhado a curva da perna de um menino, subindo e subindo até que o interior escuro de seus shorts de ginástica engolissem o mistério. As propagandas de cueca pelas quais passava no setor de roupas do Walmart, fingindo estar apenas levemente interessado no corte e no tamanho das boxers, apertando o material abaixo da barriga do modelo como se estivesse testando a força dele. Esse era um problema que eu estava disposto a enfrentar — já que estava longe de ser pecado —, mas ainda assim era um problema. Eu havia confessado aquilo para J naquela manhã, buscando seus meses a mais na AEA como guia, e ele tinha admitido que passara a inventar a maioria das histórias.

— Fiquei sem coisas para contar na primeira semana que cheguei — dissera ele.

Estávamos sozinhos no pátio, sem ninguém por perto que pudesse nos ouvir.

— Então achei que era melhor tentar imaginar coisas novas.

Os demais pacientes estavam reunidos perto da cozinha, seguros no ar-condicionado. Eu já conseguia sentir o suor se formando no alto de minha testa, o sol queimando meu cabelo.

— Sério?

Eu quase sempre dava respostas de uma palavra para J. Sentia-me burro perto da inteligência, da dor dele. Havia coisas que eu queria que ele soubesse a meu respeito, mas não conseguia dizê-las. Que, em outras circunstâncias, eu podia ser muito inteligente. Que lia bons livros. Que ia ser um escritor um dia. Mas nunca sabia como introduzir isso na conversa sem soar estranho e egocêntrico.

— Se me arrepender de pecados que nem cometi — dissera J, enfiando uma mecha longa de cabelo atrás da orelha —, acho que Deus pode me levar direto para o Quinto Passo.

De acordo com J, o Quinto Passo exigia muito tempo. E o Quinto Passo ainda vinha sete etapas antes do final. Entre o passo que ele estava, o

Quarto — *fazer um inventário moral extenso e corajoso de nós mesmos* — e o Quinto — *admitir para nosso Pai Celestial, para nós mesmos e para outro ser humano a natureza exata de nossos erros* —, havia a vastidão do abismo, havia o fogo do Inferno. Uma coisa era admitir a natureza aproximada dos nossos erros, mas a natureza *exata*? Nós mal conseguíamos entender nossos próprios impulsos pecaminosos. Até Smid dissera que não havia conseguido passar por todos os passos sem tropeçar de vez em quando.

— A maioria de nós aprende a se perdoar pelos nossos deslizes — dissera J.

Ele esbarrou em meu ombro enquanto se virava para olhar de volta para nosso grupo, a surpresa do toque deixando um gosto metálico sob a língua.

— Tudo isso faz parte do processo. Nós constatamos, esquecemos e passamos para o passo seguinte.

* * *

Eu já podia imaginar os olhares enojados dos membros da equipe quando dissesse:

— Tive uma fantasia.

Um deles diria:

— Sem descrever muitos detalhes pecaminosos, você poderia explicar a situação?

Seria ainda pior durante minha sessão de terapia particular com Cosby. Ele me pediria para descrever os contornos de minha fantasia, o modo como ela havia me mantido nas mãos maldosas do Diabo, como agora era objeto de nojo para mim. A expressão em seu rosto se contorceria, e eu teria de imitar seu olhar de repugnância se quisesse convencê-lo de meu progresso.

Reli o IM de exemplo no manual ao meu lado, buscando uma inspiração.

Não preciso de sexo nem de outra coisa para me medicar, mesmo que ainda o deseje às vezes. Tenho muito a dizer e escolho compartilhar isso de forma apropriada. Tenho valor. Sou inteligente, engraçado, carinhoso e forte. Sou masculino.

Minha mãe e eu ficamos em silêncio por vários minutos, meu lápis pairando sobre a página. “Masculino.” A palavra parecia muito gananciosa,

postada ali ao final da linha, resumindo tudo que vinha antes dela. Mas não era mesmo esse o objetivo final? Masculino significava forte. Masculino significava heterossexual. Se ao menos aprendêssemos a essência do que significava ser masculino, então aprenderíamos o resto. Arranquei a página escrita e fiz dela uma bola que atirei ao lixo. Feminino demais. O melhor que podia fazer, naquele momento, era copiar tudo, escrever em uma letra feia, parecer o mais masculino possível no papel e em pessoa. Comecei a escrever em outra folha. Minhas frases se tornaram mais curtas, meus verbos, mais ríspidos. Antes de os conselheiros tirarem meu diário, eu vinha criando versões péssimas da escrita de Faulkner. Agora tentava imitar Tchekhov, Hemingway, Carver. Escrevi sobre minhas fantasias com uma frieza que nem sabia ser possível.

Quando o conheci, tive pensamentos impuros. Ele era atraente para mim. Tinha uma visão da masculinidade que eu desejava porque me fora negada na infância. Eu estava irritado comigo mesmo por gostar dele. Sabia que era errado. Sabia que tinha que pedir ajuda a Deus.

Eu nem sabia quem era o objeto daquela fantasia. Podia ser qualquer garoto pelo qual fui apaixonado. Podia ser J. Acrescentei alguns detalhes para garantir que ninguém do grupo soubesse que era ele: “Era um cara muito mais velho. Dirigia uma picape. Fumava cigarros Marlboro”.

Tinha tomado muito cuidado naquela manhã e me distanciado de J para garantir que ninguém notasse minha atração crescente por ele. Parado no pátio durante o intervalo, apenas eu e ele, o sol quente em meus braços, eu fizera questão de manter uma quantidade generosa de concreto entre nós. E concordara quando J dissera:

— A gente não devia estar sozinho aqui.

Por isso, andara até a porta sem hesitar, a puxara e pusera um painel de vidro entre nós. Regra número dois: SE ESTIVER EM DÚVIDA, NÃO FAÇA.

* * *

Olhei para cima. A imagem das palavras do manual flutuou como uma faixa vermelha na sala escura. O rosto da minha mãe estava semiescondido pela sombra. Depois de alguns segundos, interrompi o silêncio. Queria explicar a linguagem da terapia para ela, testar tudo nela e ver qual seria sua reação.

— Meu pai já foi alcoólatra? — perguntei.

Nós observamos nossos reflexos no mundo sombrio da TV desligada, onde a distância entre nós era ainda maior.

— Por que você está me perguntando isso? — quis saber ela.

— É para um projeto — expliquei. — Um genograma que lista os pecados dos nossos pais. Só quero ter certeza de que pus tudo direitinho.

O silêncio voltou a se estabelecer. Achei que seríamos levados para o mundo sombrio, que nunca mais falaríamos de novo.

— E os pecados das mães? — perguntou ela, por fim.

Acho que ficamos sentados daquele jeito, olhando um para o outro pela TV desligada, por muito tempo.

— Isso também, eu acho.

— Seu pai teve algumas experiências com álcool, mas seu avô era o verdadeiro alcoólatra. Seja como for, faz muito tempo.

Pensei em meu avô, o pai do meu pai, o bêbado. Nas raras ocasiões em que o havia visitado, ele mal me reconheceria e, mesmo nos momentos em que conseguiu distinguir quem eu era, tinha me chamado por meu nome do meio — Clayton, Clay —, como se o nome herdado de meu avô materno fosse parte de uma identidade que ele não reconhecia. Meu avô era um homem pequeno, de braços curtos e rosto estreito e envelhecido: a face de alguém que havia trocado todos os seus bons sorrisos por uma última gota de álcool. Era difícil imaginar que ele tivera força suficiente para chicotear alguém, que conseguira causar medo com aqueles músculos pequenos. Parado ao lado do meu pai, meu avô parecia um homem minúsculo, o oposto do masculino — no entanto, de algum modo, meu pai havia conseguido pegar aquele material bruto e formar sua própria versão do sulista ideal. O que *me* faltava então? Qual era o defeito? Quanto mais eu pensava naquelas coisas, mais a lógica da AEA começava a se desfazer e eu queria que minha mãe estivesse ali quando isso acontecesse.

— Não entendo por que você precisa me perguntar isso — disse minha mãe.

Ela havia se levantado. A luz da luminária a atingia em um ângulo agudo e as sardas de seu rosto e de seu braço pareciam resultado das pinceladas aleatórias e experientes de um pintor.

— Bom — falei, estendendo as palavras —, eles precisam saber de onde vêm meus impulsos sexuais.

— Não estou entendendo nada — repetiu ela. — Por que eles precisam saber tanto sobre a nossa família? O que nossa família tem a ver com seus impulsos sexuais?

— Eles dizem que muitos deles são causados por traumas na infância.

— Em que passo você está?

— Ainda estou no primeiro.

— Quanto tempo leva cada um?

— Não sei. Meses. Anos.

— Anos?

— Alguns dos conselheiros estão lá há mais de dois anos. Os mais velhos estão lá há uma década.

Minha mãe ajeitava a blusa amassada. Ela olhou para o espelho pendurado na parede oposta, mexeu no cabelo. Depois de alguns segundos, pegou as chaves do carro na mesinha de centro. Eu me perguntei se íamos embora naquele instante. Perguntei se ela ia marchar para a AEA e exigir uma explicação.

Antes que o silêncio recaísse sobre nós, ela disse:

— Vamos sair hoje. Esqueça as regras. Vamos comer comida de verdade.

A AEA era muito clara em relação às regras das “zonas seguras”. Havia um mapa em uma das paredes da instituição que listava as poucas áreas da cidade sem shoppings, restaurantes, cinemas, livrarias seculares e lojas de pornografia. Na verdade, toda a cidade era proibida, a não ser por lugares com a palavra “Cristo” no nome. Nosso hotel ficava bem no meio do mapa da AEA, o mais distante possível de toda influência pecaminosa. A ideia de sair dali, mesmo que por apenas um instante, era tentadora. Algo diferente de um frango velho do KFC, molho frio, uma pilha de ossos roídos em uma caixa de papel. Algo diferente dos estacionamentos meio vazios e dos centros comerciais padrão. Fechei o manual, a capa de plástico quebrando na lombada. Imaginei o estalar do cinto de meu avô e meu pai no canto de um cômodo, com o braço erguido para proteger o rosto.

— Ele revidou alguma vez? — perguntei. — Meu pai. Ele alguma vez tentou sair de casa?

Minha mãe passou por mim e foi até a porta. Passou a corrente pela base e destrancou-a: um ruído oco de corte.

— Tem algumas perguntas que eu não faço.

* * *

Lá fora, o ar estava ainda mais quente e úmido do que eu me lembrava, mas uma leve brisa nos seguiu até o carro, nos incentivando a seguir em frente. Depois de ficar horas sob a luz antisséptica da instituição, a promessa de um jantar elegante em um bom restaurante era como esperar pelo maná no deserto. Imaginei que os membros da AEA nos interceptariam na saída do estacionamento do hotel, que acenariam os braços freneticamente em nossa direção, mas o estacionamento continuou vazio quando seguimos para a estrada interestadual. O rosto de minha mãe logo adquiriu a doçura que eu via quando íamos fazer compras na cidade. E, à medida que seguíamos para mais longe do hotel, fomos conseguindo nos livrar do presente, entrar em um futuro alternativo que apenas alguns meses antes havia parecido impossível.

Não que ela tivesse desistido da terapia. Na hora que se seguiu, minha mãe me perguntou pelo menos dez vezes se eu achava que ia ser curado. Tínhamos apenas decidido ignorar os detalhes por um instante.

— Aonde nós vamos? — perguntei, observando a barreira de som da rodovia e suas faixas sujas de fuligem passarem pela janela.

Minha mãe ligou o limpador de para-brisa.

— É uma surpresa.

Enquanto saíamos da rodovia e fazíamos uma curva, a fachada espelhada do Adam's Mark Hotel pairou sobre nós, um diamante raro e brilhante no centro da cidade. Minha mãe disse a mesma coisa que sempre dizia quando passávamos por ele.

— Seu pai e eu costumávamos passar toda noite de Ano-Novo lá. Era tão bonito lá dentro. Tudo era tão bonito...

Mas nós não íamos ao Adam's Mark. Íamos a outro lugar criar lembranças próprias.

* * *

Eu costumava pensar muito na vida que meus pais haviam compartilhado antes de mim, em como tudo havia parecido inevitável. Meu pai era zagueiro da equipe de futebol americano. Minha mãe, animadora de torcida. Todos na cidade torciam pelo sucesso deles. Os dois erguiam taças de champanhe todos os anos no Réveillon, a única noite em que podiam beber algo alcoólico: um brinde ao ano seguinte, ao seguinte, ao seguinte, até, por

fim, minha mãe abrir mão da taça diante de um grupo de amigos no último andar do Adam's Mark Hotel, brindando um novo nascimento que não chegaria da primeira vez. Até que então cheguei eu, o garoto que realizaria todos os seus sonhos. Era difícil imaginar o tamanho do amor que tinham por mim, a fé fácil que deviam ter posto em Deus no momento de meu nascimento tranquilo. Era difícil imaginar como devia ter sido decepcionante para eles descobrir que eu não era exatamente tudo que desejavam, que era uma mancha em sua união perfeita.

Naquela manhã, eu havia lido o testemunho de Smid na contracapa do manual. O texto sugeria que todos podíamos seguir o caminho que muitos de nossos pais haviam tomado. Em “Jornada para longe da homossexualidade”, Smid escreveu que havia conhecido a segunda esposa, Vileen, cuidando do jardim. “Muito romântico!”, disse ele. Eu a imaginei com um chapéu de abas flexíveis, um vestido longo na altura dos joelhos e sandálias de dedo nos pés bem-cuidados. Ela deve ter visto as covinhas de Smid quando ele se aproximou da erva daninha ou do galho mais próximo com o sorriso simples de uma criança, um sorriso que havia atraído muitos homens para seu estilo de vida sexualmente reorientado. “Ela provavelmente percebeu que minha atração por homens não havia mudado de forma geral, mas que eu a amava muito e que escolheria diariamente me manter fiel a nosso casamento. Ainda não me arrependi dessa decisão.”

Assim como meu pai, Smid era excelente em converter pessoas, em justificar os humores repentinos que o dominavam. Em seu testemunho ele havia omitido a maior parte de sua vida pregressa, sem jamais mencioná-la de forma explícita em nossas sessões. Era difícil imaginar que havia sido casado quando sabíamos que ele já havia estado com muitos homens. Até ler o testemunho, eu não tinha ideia de como sua jornada havia sido vasta. “Eu havia criado um costume viciante de me masturbar, que levei para meu casamento”, escreveu Smid. Assim como meu pai havia condenado tudo que viera antes de seu chamado, visto tudo como destroços, forragem para o objetivo maior de Deus para sua vida, Smid havia restringido cada erro de seu primeiro casamento como sinal do pecado do vício. Por ter conseguido se afastar daquele mal, Smid acreditava que um poder maior o havia elegido para guiar outros gays para longe do vício e para dentro de casamentos bem-sucedidos. Ele acreditava ser capaz de fazê-lo porque detinha certo conhecimento sobre as circunstâncias familiares que haviam contribuído para a formação do vício da homossexualidade. A história do meu pai tinha

um paralelo óbvio: trabalhar com criminosos — “delinquentes”, dizia ele — o incentivara a começar o ministério na cadeia de nossa cidadezinha do Arkansas. Como homens bons se tornavam delinquentes? Porque vinham de circunstâncias como a dele, famílias em que pais alcoólatras haviam feito algo brutal.

Mas o que havia mantido suas vidas unidas antes da conversão, antes que a lógica descritiva do pecado reduzisse a complexidade humana a um silogismo? Que forma tivera a fé deles, mesmo que limitada, em suas longas vidas de pré-convertidos? O cristianismo é, entre outras coisas, repleto de convertidos. Pedro renunciou ao ateísmo para se tornar pescador de homens. Saulo se tornou Paulo na estrada para Damasco, expurgou um passado em que a execução de bons cristãos era seu trabalho. Mas a Bíblia nunca nos mostra como era o coração pulsante de um pré-convertido. Amasse a primeira metade da história e a jogue no lixo. Todo o resto é distração.

E quem era eu antes da Amor em Ação? Um garoto de dezenove anos cuja segunda pele era a escrita, a terceira era seu senso de humor e a quarta, a quinta e a sexta eram as várias formas de sarcasmo e irreverência que havia conseguido pilhar de seu contato limitado com professores de Inglês durante o primeiro ano em uma faculdade de belas-artes a duas horas de casa. Removida a minha pele, eu não estaria mais a salvo do suicídio do que T. Removida a minha pele, não haveria nada além de uma vontade de me encaixar na linhagem do meu pai, em minha família. De acordo com a lógica da AEA, minha única opção era me converter, sufocar minha antiga personalidade com os galhos da árvore genealógica, e emergir, piscando, em um nascer do sol damasceno.

* * *

Minha mãe e eu estávamos no Peabody Hotel, onde a grande atração turística era um bando de patos-reais que viviam na fonte do saguão. Os patos passavam metade da vida voando em formação até o teto e devia ser lá que estavam, já que a fonte estava vazia a não ser por centenas de moedas brilhando, douradas, à luz fraca. Minha mãe e eu observamos a água bater nelas até ser impossível distingui-las.

— Quer fazer um pedido? — perguntou minha mãe.

Eu me imaginei pegando um punhado de moedas e jogando os pedidos de estranhos para cima.

— Na verdade, não — falei.

Naquele momento, sob a luz do saguão, percebi como todas aquelas moedas pareciam exatamente iguais. A maioria de nos não ia conseguir o que queria.

O saguão estava silencioso, mas era um silêncio que eu e minha mãe conseguíamos aguentar: o murmúrio de vozes alegres em meio à luz baixa dos candelabros, o bater da água da fonte, o eco de sapatos caros contra o mármore polido. Acrescentamos ao eco o som de nossos sapatos menos caros e seguimos para um pequeno restaurante italiano à luz de velas, nos fundos do saguão.

— Que graça — disse minha mãe.

Ela corria na frente e eu tentava acompanhar.

O restaurante estava basicamente vazio, com alguns casais de meia-idade sentados em mesas próximas à parede. Minha mãe e eu escolhemos uma nos fundos, esperando obter uma boa vista da sala e das pessoas. O garçom nos entregou dois cardápios, sorriu e desapareceu atrás da porta da cozinha antes que eu pudesse vê-lo direito.

— Como você acha que é a história deles? — perguntou minha mãe, lançando um olhar para o casal bem à nossa frente.

Braços misturados às bases das taças, velas iluminando as abotoaduras do homem, pratos parcialmente consumidos: a comida parecia ser a última coisa com a qual se preocupavam no momento. De tempos em tempos, a mulher inclinava a cabeça para trás e sorria.

— Acha que são amantes?

— Não sei.

Olhei para minha mãe. Tinha as costas retas e uma postura imponente, exatamente igual à da foto do recorte de jornal que mantínhamos preso à geladeira em casa. Ela fora fotografada em um vestido de baile coberto de lantejoulas no Peabody Hotel, na estreia de *A firma*, de Sydney Pollack. O evento todo havia sido o presente de 25 anos de casamento dado a ela por meu pai. Na legenda sob o artigo, minha mãe havia sido considerada uma figurante do filme, um erro que sempre conseguia deixá-la feliz. O mundo parecia misterioso para mim: alguém de fora, mas também um pouco extraordinário. Muitas vezes eu havia me perguntado se essas pessoas cujas vidas criávamos também faziam o mesmo conosco, se podíamos ser

figurantes em seus dramas. Era reconfortante pensar que o que estávamos passando podia ser uma parte menos relevante na produção de outra pessoa.

— A mulher tem pelo menos vinte anos a menos — disse minha mãe.

— Vinte e cinco — falei.

— Trinta.

Nós abrimos o cardápio e minha mãe apoiou o dela na mesa e se aproximou de mim para proteger parte da nossa conversa.

— Quer saber qual é a minha grande ideia?

— O quê?

— Nós vamos ganhar um monte de dinheiro com ela.

— Qual é?

Era divertido voltar a dar um toque de dramaticidade à nossa conversa, manchar a cena com algumas palavras selecionadas, experimentar a sensação de sermos personagens em um filme. Depois de ouvir a liturgia simples das várias tentativas de suicídio, dos prognósticos de HIV e das hermenêuticas ajustadas da Bíblia na terapia de grupo, eu estava pronto para fazer algo divertido.

— E aí? — perguntei.

Ela estava aumentando o suspense. Meu olhar passeou pelo bar. Homens de terno, alguns deles com pastas de couro pousadas perto de sapatos encerados. Pensei em *A firma*. Parte do algodão usado nas cenas de fuga de Tom Cruise viera da nossa processadora e, apesar de nossos nomes não terem sido listados nos créditos, ainda assim havíamos nos sentido importantes, envolvidos naquele projeto ao ver Cruise cair em uma cama branca feita por nós. Fui dominado por uma familiar onda de orgulho.

— Minha ideia brilhante — disse ela, contendo as palavras por alguns segundos dramáticos — é fazer um *Preacher's Wives Gone Wild*.

— Tipo um *Girls Gone Wild* com mulheres de pastores?

Imaginei dezenas de mulheres de meia-idade puxando a blusa para cima, permanentes se misturando com o tecido, os seios pálidos sacudindo para a câmera.

— Não ia ser incrível? — perguntou ela. — Seu pai ia surtar.

— Isso é loucura.

— Não sei por que não posso ganhar um pouco de dinheiro com o trabalho feito para Deus.

Aquela era minha mãe, a mulher que devia apoiar meu pai em tudo que ele fazia. O que ela estava pensando?

— Mas isso é blasfêmia.

— É? Às vezes, não sei qual é a diferença entre blasfêmia e diversão.

— Ai, meu Deus.

— Acho que você também sabe blasfemar um pouco.

O garçom chegou para anotar nosso pedido e nós escolhemos os primeiros pratos que vimos, sem nos dar ao trabalho de ouvir os especiais do dia, felizes com qualquer coisa que pudessem nos trazer. Por um instante, os olhos da minha mãe perderam a alegria enquanto ela examinava meu rosto para ver quanta atenção eu estava prestando a nosso belo garçom. Tentei não olhar para ele, mesmo enquanto sentia seu sorriso quente ao meu lado. Eu sabia que ela estaria procurando sinais.

Depois que o garçom foi embora, nós dois nos inclinamos para o meio da mesa.

— Seu pai e eu estamos casados há tempo demais para ele achar que vou virar uma dessas velhas esposas de pastor — disse ela. — Do tipo que usa saia jeans feia, lança sorrisos para todos e fica fazendo charme para as outras mulheres.

Iluminada por aquela imitação de luz do Velho Mundo, minha mãe tinha voltado a ser bonita. Seu cabelo louro ganhara um brilho dourado, e as veias que atravessavam seus olhos azuis haviam recuado para dar lugar a um brilho mais quente.

Eu não a via tão empolgada havia muito tempo. Minha mãe parecia mais ela mesma, e eu estava começando a me sentir mais eu mesmo. Queria me agarrar àquele momento: o glamour secular, o brilho em nossos olhos. A AEA me dizia diariamente que perder minha própria identidade significava ganhar virtude e que ganhar virtude significava se aproximar mais de Deus e, por consequência, de meu verdadeiro eu celestial. Mas os meios para aquele fim — o ódio de si, a ideação suicida, os anos de falsos começos — podiam fazer com que nos sentíssemos mais solitários e mais distantes de nós mesmos do que nunca. No processo de purificação, corríamos o risco de apagar cada detalhe que já havia sido importante para nós. Nos transformávamos em discursos e perdíamos a ação: não éramos o figurante extraordinário, mas o cantor comum de uma missa normal. Fui para a terapia achando que minha sexualidade não importava, mas percebi que cada parte de minha personalidade estava intimamente ligada. Cortar um pedaço danificava o resto. Em minhas orações eu pedira para ser purificado, mas, no minuto em que sentira as geladas águas batismais queimando tudo

que eu já havia amado, tinha começado a me abrir para uma possibilidade anterior: o amor incondicional, a chama original que me levava para mais perto de Deus, minha família e o resto do mundo. Eu contava e não contava. Era parte de um mistério muito maior — e minha mãe tinha me dado tudo aquilo no instante em que eu nascera.

— Ah, olha só — disse minha mãe.

Ela deu um tapa na mesa com uma das mãos e apontou para o saguão com a outra.

Alguém baixou as luzes do restaurante e os patos-reais do Peabody começaram seu voo do saguão para o telhado, deixando para trás poças de água clorada da fonte. O grasnar deles reverberou por todo o corredor de mármore até o restaurante silencioso e nossa mesa.

— Eles fazem isso desde que eu sou pequena — explicou ela, a voz embargada com as lembranças do passado.

Aqueles patos-reais eram parte de uma linhagem familiar originária de algum lugar das florestas do Arkansas. Alguém os havia convertido. Em algum momento, eles haviam se esquecido da sensação de nadar em água sem cloro.

AUTORRETRATO

“É quase como uma morte na família”, diz Barbara Johnson em seu livro *Where Does a Mother Go to Resign?* “Mas, quando alguém morre, podemos enterrar a pessoa e continuar nossa vida. Com a homossexualidade, a dor parece nunca terminar.”

Minha mãe e eu havíamos começado a ler o livro de Johnson pouco depois do feriado do Dia de Ação de Graças, mais ou menos na mesma época em que também tínhamos começado a ler *O retrato de Dorian Gray*, mas não havíamos terminado nenhum dos dois. Já era março, apenas dois meses antes de eu frequentar a AEA, e parecia que nada em nossas vidas voltaria a ser completo até que tivéssemos com certeza de que a terapia de reorientação sexual seria realmente capaz de me transformar. Estávamos colocando o mundo na espera, deixando as coisas pela metade, até o verão.

O livro de Johnson estava sendo divulgado em círculos de reorientados, sobretudo para famílias cristãs fundamentalistas que haviam acabado de descobrir que tinham um filho gay, e era muito elogiado como uma história curativa. Johnson havia enfrentado o problema do filho heroicamente, se recusado a recuar até que ele admitisse que aquilo era um pecado. Nenhuma mãe devia ter que passar por isso, sugeria o livro. Nenhuma mãe devia ter que sentir a dor que ela sentira.

— Não consegui ler muito — admitiu minha mãe pelo telefone.

Andei até o sofá no canto do lounge vazio do alojamento, me sentei e encarei a parede branca que descascava. Eu usava a linha fixa do alojamento, o telefone amarelo entre os joelhos. Como sempre, estava ignorando meu dever de casa. Para que estudar se nem conseguia imaginar como minha vida ficaria? Talvez nem tivesse uma carreira se não conseguisse mudar quem eu era. Meus pais com certeza não pagariam pela minha educação e, pelo que eu sabia, empresa nenhuma contratava gays.

— É — respondi. — Eu também não.

Fez-se uma pausa longa. Uma brisa cheia de estática passou pela linha. Como costumava acontecer, imaginei o espaço virtual entre nós como uma

paisagem desértica, um único fio preto formando um longo S pela areia brilhante. Era um tique mental meu, um dos muitos que usava nos momentos em que queria que a situação parecesse menos assustadora. Às vezes, para acalmar meus pensamentos à noite, eu imaginava meu colchão caindo rapidamente por um poço de elevador infinito, protegido mesmo enquanto caía.

— Temos que responder a mais algumas perguntas — disse minha mãe, por fim.

Já que eu tinha que entregar meus trabalhos complementares pela internet, ela havia decidido preencher por mim a ficha de inscrição inicial da AEA, em vez de mandá-la por e-mail. Eu deixara de ir para casa com frequência nos meses anteriores, alegando que tinha muito dever de casa. O motivo real, no entanto, tinha a ver com o fato de nossa família ter poucos assuntos que não fossem incômodos com a proximidade da AEA. Todo o processo seria mais rápido se minha mãe me ajudasse a preencher os formulários. Ela havia recebido algumas perguntas extras por e-mail, então estávamos na última etapa da inscrição. O processo parecia interminável. Agora tínhamos que anexar uma foto recente, junto com a taxa de oito dólares.

Enfiei o telefone amarelo na dobra do pescoço. Minha mãe inspirou profundamente.

— Eles querem saber se você já teve algum envolvimento físico com outras pessoas.

— Não — falei, rápido.

Eu tivera com Brad, claro, o garoto da equipe esportiva com quem me masturbara no início do ensino médio — mas não ia dizer as palavras “masturbação mútua” para minha mãe. E como o terapeuta com quem havia falado no Dia de Ação de Graças e no Natal mal fizera anotações durante as sessões, eu achava que havia uma boa chance de a AEA não saber a respeito disso. Pensei em Chloe. Nós dois mal tínhamos nos beijado e, mesmo quando havíamos feito isso, tínhamos ficado sem graça demais para manter o contato por muito tempo. Eu me lembrei do gosto enjoativo de sua boca, do chiclete enfiado nas dobras de sua língua, do tremor de medo que perpassava meu peito toda vez que minha língua tocava no aro de seu aparelho. Por que ninguém considerava pecado tratar uma menina legal como ela de forma tão horrível?

Fiquei feliz por minha mãe não ter perguntado sobre uma possível *vontade* de ter envolvimento físico com outras pessoas. Pouco antes, eu havia ido à exposição de um veterano do curso de Artes chamado Caleb. Ele era alto, forte, e usava uma calça jeans manchada de tinta que esculpia sua bunda de forma tão perfeita que não pude deixar de prestar atenção. Eu tinha observado Caleb circular pela galeria, segurando uma taça ilegal de champanhe, pensando nas coisas que queria fazer com ele. Aproximara-me de um de seus quadros e imaginara o pincel passando por seus dedos hábeis, os dedos limpando a tinta em excesso com uma espátula e espalhando as cores pelo jeans rasgado, e depois aquele mesmo jeans jogado ao lado da cama enquanto ele se deitava em lençóis manchados de tinta. Na ocasião em que nos esbarramos, eu dissera algo bobo sobre todas as cores vivas que ele tinha usado.

— Obrigado — respondera ele, sorrindo. — Você precisa de outra taça de champanhe.

— Estou bem.

Estávamos diante de um quadro chamado *Jesus Edípico*. Assim como todos os seus quadros, aquele era um autorretrato dramático: Caleb como um Jesus crucificado, e Maria, uma sócia de Tori Amos que enfiava uma faca na lateral já machucada do corpo de Jesus. Eu não entendia o verdadeiro tema daquelas obras, mas todas pareciam uma grande blasfêmia, como se apenas olhar para eles pudesse me fazer entrar em combustão.

— Tenho uma garrafa de champanhe no meu quarto — disse Caleb. — A gente pode ir lá pegar se você quiser.

Eu não havia respondido. Tinha apenas ido até o quadro seguinte e fingido estar muitíssimo interessado, mas pensara no que ele havia realmente insinuado com a oferta.

— Com que frequência você comete ou cometia pecado sexual com outra pessoa? — perguntou minha mãe.

Quando não respondi de cara, ela acrescentou:

— Tem umas caixinhas que tenho que marcar. “Todo dia, toda semana, todo mês, com menos frequência. Se com menos frequência, explique.”

— Com menos frequência — respondi.

Tentei achar um padrão na parede descascada do alojamento, mas tudo que pude ver eram flocos aleatórios sem significado.

— Tipo nunca.

— Entendi — disse minha mãe, a tensão sumindo de sua voz por um instante.

Por que eles não podiam ao menos pintar aquelas paredes? Parecia uma enorme displicência deixá-las tão feias. A visão nos fazia pensar em coisas feias, e essas coisas feias inevitavelmente penetravam no que quer que fizéssemos naquele lounge.

— Agora está escrito: “Eu já me envolvi nas seguintes atividades” — continuou ela — e tem mais caixinhas dessas. Você quer que eu leia todas?

— Pode ser.

Senti o bocal do telefone quente contra minha orelha. Eu o segurei longe de mim enquanto ela recitava a lista, mas pude ouvir as palavras, ainda que soassem minúsculas; coisa que nunca havia ouvido minha mãe dizer e nunca mais ouvi:

— “Pornografia, masturbação compulsiva, voyeurismo, masturbação mútua, sexo heterossexual, sexo homossexual...”

As sílabas se declaravam na saleta. Depois de algumas palavras eu cobri o bocal com a mão, com medo de Charles ou Dominique, que estavam em meu quarto, escutarem

— ... “exibicionismo, sadomasoquismo, zoofilia, prostituição, pedofilia, aparência masculina, drag, travestismo, sexo por telefone, sexo anônimo ou outro.”

Então ali estava. A prova de que eu era tão ruim quanto David, que podia molestar uma criança ou começar a transar com animais. Ouvir minha mãe dizer todas aquelas palavras juntas e ao mesmo tempo, ouvir o medo e a expectativa em sua voz, sua antecipação de uma revelação horrível, foi demais para mim. E, embora parte de nós soubesse que aquela lista era uma bobagem, que havia algo absurdamente errado em reunir todos aqueles atos sobre um único denominador comum, não podíamos lutar contra isso. Não sabíamos nada sobre como desfazer aquele enorme nó de pecado.

* * *

Abril passou, eu tive uma festa tranquila de dezenove anos em um restaurante mexicano com Charles, Dominique e alguns outros amigos, e maio chegou. O ano escolar terminava, e nós tínhamos menos de um mês até a data programada para minha entrada na Amor em Ação.

— Por que o Dorian tratava a Sibyl daquele jeito? — perguntou minha mãe uma vez pelo telefone, a voz distante. — Eu não entendo.

Eu segurava o telefone amarelo com uma das mãos e estava de pé à janela do lounge do alojamento, esperando a luz de Caleb se acender, o fio atravessando a sala. Meu exemplar de *O retrato de Dorian Gray* estava no sofá atrás de mim. Minha mãe e eu tínhamos desistido de tentar ler o resto de *Where Does a Mother Go to Resign?*, de Barbara Johnson. A ficha de inscrição preliminar fora preenchida, eu havia sido aceito e só precisava preencher mais alguns questionários. Minha mãe e eu fazíamos tudo que podíamos para não tocar no assunto.

— O Dorian só se importava com a arte dela — falei. — Ela não era interessante para ele como pessoa.

— Mas ela era tão legal...

— É, acho que sim. Mas eu também acho ela meio chata.

— Isso não faz diferença. Ser uma boa pessoa é tudo que importa.

Naquele instante, parecia que nós dois podíamos continuar vivendo daquela maneira para sempre, apenas para a literatura e um para o outro. Naquele instante, parecia que ser uma boa pessoa era a única coisa necessária. Mas o amor estava sempre se movendo, sempre nos empurrando para a frente — sempre em ação — e muitas vezes não tínhamos escolha a não ser nos submeter ao destino a que ele nos levava.

* * *

Passei muitas semanas o mais longe possível de Caleb, pegando o caminho mais longo para ir e voltar das aulas, apesar de passar por ele nos corredores de vez em quando. Toda vez que isso acontecia, ele lançava uma piscadela para mim. Então, uma noite no início de maio, por motivos dos quais não consigo me lembrar, algo me atraiu até seu alojamento. Talvez tenha sido a solidão esmagadora que me atingia naquela época da minha vida. Talvez tenha sido o acúmulo de todas aquelas noites andando sem destino pelos corredores do Walmart simplesmente porque a loja era o único lugar aberto 24 horas e onde ninguém me fazia muitas perguntas. Sentindo-me inquieto demais para voltar ao meu alojamento e dormir, eu havia tentado organizar meus pensamentos a partir das centenas de produtos brilhando à minha volta, havia tentado entender o que minha vida havia se tornado. Mas, o que

quer que tenha finalmente me levado até ele, uma coisa era certa: eu estava parado no quarto de Caleb, olhando para Deus.

— É só um rascunho — disse ele. — Estou planejando fazer toda uma série.

Deus era um fio de pontinhos vermelhos e rosados em uma tela branca. Caleb planejava colar seis grandes telas para formar um cubo de Deus.

— O onisciente Olho da Providência — falei.

— O quê?

— A cada passo dado, este grande Olho está acordado — falei, recitando os versos de uma música que costumava cantar na igreja de nossa família.

— A cada dia, cuidado com o caminho seguido.

— Essa porra é assustadora.

Caleb seguiu até uma cama de armar no canto do quarto, pegou um pequeno cachimbo de vidro marmorizado e jogou as cinzas no chão. *Drogas*, percebi, enquanto um arrepio corria em minhas costas. Era exatamente o que meus professores da escola dominical tinham dito que aconteceria. Mas, quando Caleb colocou o objeto em uma mesa próxima, a coisa toda pareceu muito menor do que eu havia imaginado: o pequeno cachimbo pousado com cuidado em uma pilha de papéis amassados, disposto para o pecado maior que eu logo seria tentado a cometer na cama. Caleb deu uma série de tapinhas a seu lado no colchão e eu me juntei a ele. Lembrei a mim mesmo que todos os pecados eram iguais aos olhos de Deus.

— Eles realmente foderam com a sua cabeça, não foi? — perguntou Caleb.

Ele percebeu que eu estava tremendo. Minha pele ia se abrir. *Então é isso*, pensei. Ali estava a pele que eu queria tanto trocar, vibrando de ansiedade. Um movimento rápido de Caleb e a superfície se desfaria, revelaria uma versão de mim que por muitos anos permanecera dormente sob minha personalidade religiosa. Nada teria me preparado para aquilo. Nem Chloe, nem David, nem qualquer um dos livros que eu havia lido.

— Eles disseram que isso é errado? — continuou Caleb, se aproximando.

Não consegui responder. Como eu podia começar a explicar o quanto meus amigos e parentes achavam que aquilo era errado? Os olhos dele estavam próximos de mim, eram de um azul tremeluzente. O pequeno quarto se contraiu até se tornar o espaço entre nós, e eu o observei por um

túnel estreito e também de longe, vi nós dois nos aproximando um do outro. Deus também estava observando e, pela primeira vez, não me importei.

* * *

Caleb e eu nos beijamos naquela noite, mas não fizemos mais nada. Não viajamos além da superfície de nossos lábios. Em vez disso, ficamos deitados na cama dele, na escuridão do quarto, escutando “Pagan Poetry”, de Björk, em looping, os dedos entrelaçados. As luzes do gramado passavam pelas persianas de metal, iluminando nossos lábios e bochechas. Então, um nascer do sol alaranjado também conseguiu penetrar no quarto, deslizando pela parede oposta à cama, traçando uma série de escadas que não levava a nenhum lugar mais interessante do que aquele onde estávamos deitados. Já tínhamos chegado aonde queríamos. Quando a manhã surgiu, eu conhecia cada centímetro daquele quarto, cada folha de papel amarrotada, cada pedaço de grafite, cada pincelada aleatória da tela de Deus. Todo o quarto parecia ter esperado que eu me juntasse a ele, que visse o que realmente era: uma obra de arte.

— Nunca prestei muita atenção — disse Caleb, depois que fechei os olhos e recitei a lista de objetos presentes no quarto. — Você devia ser poeta.

— Não quero ser poeta — falei.

Eu queria escrever contos. Queria histórias que se espalhassem, ganhassem vida própria. Mesmo assim, eu havia escolhido me matricular na única aula de escrita criativa do semestre, uma oficina de poesia. Os trabalhos semanais tinham sido difíceis e me deixado sentado diante do computador por horas, encarando a tela branca até uma onda de frustração produzir os treze versos que meu professor exigira.

— É sério — disse Caleb.

Ele se virou de lado para me encarar. Em algum momento da noite, tinha tirado a calça manchada de tinta. O lençol branco caiu de seu quadril e revelou sua pele macia, o V firme de sua pélvis levando a uma escuridão intocada pelo sol da manhã. Eu ia me atrasar para a aula se não desviasse o olhar.

— Você tem uma mente poética — continuou ele.

Senti aquelas palavras entrarem em mim, instalarem-se em pequenos espaços que eu não sabia que estavam escondidos dentro da minha cabeça. Meu crânio latejava com o peso deles. Parecia que ninguém nunca havia me dito algo tão bondoso, tão verdadeiro. Estávamos inventando uma linguagem íntima e era melhor do que qualquer outra que eu já havia tentado usar nas histórias que coloquei em meu diário. Por um breve instante, lembrei-me da frustração que havia sentido tantas vezes em meu quarto de alojamento, momentos em que as palavras não haviam conseguido capturar a essência de uma ideia. Eu me perguntei se Caleb havia sentido o mesmo ao misturar as tintas a óleo, noite após noite, acrescentando um círculo após o outro em seu retrato de Deus. Buscávamos uma perfeição que não podia existir fora daquele momento e, quando não a encontrávamos — como inevitavelmente acontecia —, passávamos para a obra de arte seguinte, para a próxima face.

— Na verdade, não sou muito bom com palavras — respondi, jogando os lençóis para longe.

Eu tinha que ir para a aula e ainda estava com o pijama da noite anterior.

— Fico frustrado. Não consigo capturar o que quero.

— Apenas continue tentando — disse Caleb, ficando de pé. — Você precisa abrir espaço para a loucura. Nunca aceitar um “não” como resposta.

Ele andou até o canto do quarto, pegou o cachimbo de vidro da mesa e começou a mexer em alguma coisa com a ponta dos dedos. A luz alaranjada passava pelas persianas e brincava com suas coxas, incendiando seus pelos louros. Ele ergueu o calcanhar esquerdo e sua panturrilha se contraiu, ficando mais delineada. Como eu poderia capturar uma fração do que sentia naquele momento? Nunca seria um poeta.

Eu o observei selecionar o que supus serem pedaços de maconha seca. Não tinha a menor ideia de como as drogas funcionavam, e aquela história toda me assustava. Desviei o olhar. Havia outra coisa me incomodando. Cruzei as pernas, me inclinei para a frente e apoiei os cotovelos nas coxas.

— Você não acha que é meio hipócrita — perguntei — por tentar pintar Deus enquanto seduz calouros?

— Como assim?

Ele começou a empurrar algo para dentro do cachimbo com a ponta de madeira de um pincel aleatório.

Fez-se um longo silêncio. Eu estava tentando chegar a um ponto que não conseguia realmente explicar. Não estaria Caleb tentando fazer a mesma

coisa que meu pai? Procurando um Deus que nunca conseguiria conhecer de verdade? No entanto, seu processo parecia bem diferente. Para Caleb, era a inspiração, não o sacrifício, que invocava seu Deus. Não parecia justo que alguém com uma forma tão diferente de ver o mundo pudesse fazer referência ao Deus raivoso que eu conhecia. E todos os sacrifícios que meu pai e eu havíamos feito só para parecermos puros aos olhos Dele? No entanto, ali estava Caleb, fazendo o que queria com Deus, pintando olhos e mais olhos Dele até considerá-los bons e passar para o projeto seguinte. Não parecia justo considerar o Deus de Caleb igual ao nosso. Pela primeira vez em meses, senti a necessidade de defender o Deus de meu pai.

— Você não acha que teria que ser perfeito aos olhos de Deus para pintá-Lo? — perguntei. — Quer dizer, e o fato de você ser gay?

Caleb acendeu o isqueiro. Imediatamente uma nuvem rápida de fumaça se ergueu, sinuosa, transpassada por um raio de sol.

— O que foi que ensinaram a você? Que Deus só quer que a gente fique sentado e O exalte o dia inteiro? Foda-se Deus, se isso for verdade. Eu prefiro ir para o Inferno com todas as pessoas interessantes.

— Como você sabe que não está representando Deus à sua imagem?

— Não sei.

Ele inspirou profundamente e prendeu a respiração. Fez uma pausa e então soltou a fumaça com um longo gemido. O cheiro era forte e pungente. Lembrava uma parte escura da floresta atrás da minha casa que eu havia explorado por tantas horas, algo almiscarado no meio.

— Mas eu sei que ser gay não tem nada a ver com isso.

O que Caleb defendia era perigoso, tão perigoso quanto o que a Dra. Julie havia dito, tão perigoso quanto a fumaça que agora preenchia o quarto e me cercava. Minha cabeça já estava zonza pela falta de sono. Agora a fumaça parecia entrar nas frestas de meu cérebro, encolher-se ao lado das palavras de Caleb. Eu precisava me proteger de tudo aquilo. Ainda acreditava, como meu pai, que o Inferno era real. Eu ainda acreditava que sentiria o fogo lambendo minha pele por toda a eternidade se seguisse por aquele caminho. Pensei nos órfãos maçons que haviam morado no campus, no incêndio que os dominou quando eles menos esperavam. Se tinha chegado para eles, com certeza chegaria para mim. Fiquei morrendo de medo da fumaça da maconha, do Inferno que ela significava e, naquele segundo de delírio, pensei em tentar converter Caleb. Eu ainda podia

transformar um erro em uma oportunidade de pregação. Não era tarde demais. Minha mãe não teria que marcar mais nenhuma caixinha.

— Você tem certeza de que realmente analisou seu coração em busca de uma resposta? — perguntei. — E se você estiver errado?

— Ai, Meu Deus... — disse Caleb. — Os melhores são sempre malucos.

— Só estou perguntando.

— Meu coração não pode ser separado de mim — disse ele, dando outra tragada. — Isto sou eu. Eu por inteiro. Viu?

Eu admirei aquele eu por inteiro, o modo como aquele ser completo formava um ponto de interrogação contra o sol alaranjado, as costas inclinadas sobre a mesa.

— Por que Deus me daria esses sentimentos se não quisesse que eu os sentisse? Por que Deus seria tão filho da mãe?

— Preciso ir — falei, levantando-me.

As palavras de Caleb zumbiam em meus ouvidos. Eu queria muito acreditar nele, mas tinha medo do que aconteceria se fizesse isso.

— Por quê? Chegue atrasado.

Apesar de minha ousadia na noite anterior, eu ainda era um aluno certinho. Odiava a ideia de chegar atrasado à aula, de o professor ter que perguntar a meus colegas onde eu estava. A turma de poesia só tinha dez alunos, e minha ausência sem dúvida seria sentida na oficina daquele dia.

— Fique — pediu Caleb. — Eles não vão ensinar nada. Você pode escrever um poema bem aqui.

Achei que nunca iria embora se não saísse do quarto naquele instante. A fumaça estendia seus dedos tortos para dentro da minha garganta, prendendo-me.

— O que foi? — perguntou Caleb, soltando outra nuvem, balançando a cabeça ao ver que eu me contorcía.

Não era eu que ia convertê-lo. Eu já estava perdido.

QUARTA-FEIRA, 16 DE JUNHO DE 2004

Não há fotos daquele dia. Não há fotos de nenhum daqueles dias. Um ano inteiro da minha vida ausente, não documentado. Minha mãe e eu costumamos brincar que, naquele ano, fomos abduzidos por alienígenas. Foi o ano dos invasores de corpos. Mas a verdade é que, mesmo enquanto tudo estava acontecendo, nós sabíamos que nunca mais iríamos querer olhar para trás.

Seria mais fácil com uma foto. Seria um registro que me permitiria ler entre as falhas da memória, ver no sorriso reorientado sexualmente daquele menino algum sinal da dor que estava sentindo. Mas, agora, só há fotos do antes e do depois: um garoto gordinho de calça jeans desbotada e uma polo apertada da Tommy Hilfiger, seguido por um Homem do Subsolo magro em uma camiseta do jogo *Legend of Zelda*. Eu nem sei se reconheceria o garoto entre as duas fotos.

* * *

A introdução de Smid, em minha oitava manhã na Amor em Ação, para o modo de recapturar lembranças reprimidas foi:

— Caso se sinta perdido, comece com uma pequena parte da sua vida. Tente conectar esse pedaço da sua vida com a do seu pai. Encontre o momento em que tudo mudou para vocês dois. Às vezes basta um segundo.

Nosso grupo estava sentado no semicírculo habitual no salão principal. Havia no ar o cheiro de café torrado e de lápis apontado, ouvíamos o bater ansioso de borrachas contra as páginas de nossos manuais. Escutávamos o tique-taque de um relógio distante que eu nunca havia notado.

— Quero que vocês se concentrem — pediu Smid. — Pensem em um momento importante.

Eu estava sentado diante de J, que não olhava para mim. Aquela era uma tática que parecíamos ter adotado sem consultar um ao outro: mantínhamos

certa distância entre nós por pelo menos metade do tempo em que ficávamos na AEA. Os conselheiros desconfiavam cada vez mais de mim. Quando eu chegara naquela manhã, Cosby havia me puxado para seu escritório para perguntar se eu tinha alguma coisa para contar. Ele apontara para uma cadeira ao lado de sua mesa, mas eu ficara de pé, balançando a cabeça, tentando parecer o mais casual possível.

— Não — respondi. — Estar aqui é um processo. Alguns dias são melhores do que outros.

— Você ainda está rezando? — perguntou ele, as rugas se contraindo no canto de seus olhos.

— O tempo todo — menti.

A verdade era que fazia dois dias que não tentava rezar, desde que tínhamos ido até o Peabody, onde eu sentira, por um instante, como seria viver outra vida.

“Eu queria poder ficar aqui hoje”, dissera eu, observando as luzes das velas brincarem no rosto bronzeado de minha mãe, a estranha cor avermelhada convertendo-se em dourado naquele grande salão elegante: o truque de luz de um alquimista. Eu queria ficar ali e nunca ir embora.

“Eu também”, respondera minha mãe.

— Ótimo — disse Cosby, levando-me de volta até a porta do escritório, a mão tocando rapidamente o espaço entre minhas escápulas. — Você vai ter que ser mais vigilante do que nunca. Deus está me deixando ver algo em você agora. Um toque de rebeldia. Não sei nem se você consegue ver.

Meu olhar parou no carpete, nos sapatos pretos e lustrados de Cosby, os cadarços amarrados em um X justo. Era a primeira vez que notava como seus pés eram pequenos. Aquele detalhe — a pequenez dele — me deu uma força temporária.

— Estou me esforçando mais do que nunca — disse.

Isso não era mentira.

* * *

Smid estava parado diante de mim. Tinha as mãos unidas com força.

— Fechem os olhos, se precisarem — pediu. — O Diabo quer manter essas lembranças reprimidas. O Diabo quer que vocês fiquem confusos. Mas não vamos deixar Satã vencer aqui hoje.

Mantive os olhos abertos e prestei atenção em Smid enquanto ele observava os outros pacientes. Vestia uma camisa branca sem amassados, com o botão superior aberto, mostrando uma pequena sugestão da camiseta branca por baixo e, sob ela, a cor pêssego da pele do torso. Havia rachaduras em todos os cantos da fundação se você soubesse onde procurar.

S ficou de joelhos ao meu lado, as mãos agarrando as pontas do assento acolchoado. Seu cabelo longo caía pelo rosto, escondendo suas feições. Eu me perguntei se ela estava se lembrando do dia em que seus pais a haviam encontrado com o cachorro. Mas, é claro, aquele instante não podia explicar tudo sobre sua natureza sexualmente distorcida. Uma das muitas suposições da AEA era de que todos estávamos ali por causa de algum tipo de abuso, algum tipo de negligência. “A influência é clara”, dizia nosso manual. Todos tínhamos ido parar ali porque ciclos pecaminosos de abuso continuavam em curso em nossas famílias. “Logicamente, pensaríamos que alguém que sofreu por causa desses pecados nunca seguiria o mesmo caminho. No entanto, descobrimos o oposto, fluxos de vícios correndo por muitas gerações de uma família.”

Tentei me lembrar do momento em que tudo mudou entre mim e meus pais.

— Alguém gostaria de falar? — continuou Smid. — Alguém aqui chegou a uma conclusão hoje?

* * *

No início da minha adolescência, quando trabalhava para meu pai na processadora de algodão, eu costumava andar até o limite da propriedade, até o local onde mantínhamos fileiras de módulos brancos empoeirados, pilhas retangulares de algodão que os fazendeiros colhiam do campo com enormes debulhadoras, e me escondia do mundo. Eu procurava um módulo longo do meio do campo, com pelo menos três metros de altura, então abria a lateral do algodão prensado, enfiava os dedos na sujeira, no limo, nos pedaços afiados de cápsulas até abrir um espaço para mim no meio dele. Enquanto entrava na pilha, o algodão ainda quente dos campos, o cheiro de pesticida e terra úmida inundando minhas narinas e o sabor amargo do campo em minha língua, pensava no aviso do meu pai: o algodão poderia cair a qualquer momento e me sufocar sem que eu notasse — e me sentia

estranhamente seguro. Ali estava eu, encolhido no meio daquele algodão prensado, e as paredes ainda não haviam caído. Estava escondido de todos, em um lugar onde ninguém nunca ia me encontrar, e o algodão não havia me engolido por inteiro. Com o produto macio em minhas costas, eu fechava os olhos, adormecia e acordava ocasionalmente, observando o céu azul sumir até ficar escuro demais e eu perceber que meus pais iam começar a ficar preocupados.

Meu pai, é claro, ficava irritado quando encontrava os módulos esburacados.

— Você vai se matar fazendo isso — dizia.

Mas o que ele estava pensando, o que devia estar pensando era: *por quê?* Por que eu ia querer me esconder? Por que arriscaria minha vida por algo que não parecia valer a pena?

A resposta dele era explicar todo o processo de fabricação do algodão em uma linguagem cuidadosa e simples.

— Um dia, isso vai ser seu — afirmava ele. — Um dia você vai herdar isso.

Ele me explicava todo o processo passo a passo, fazendo-me perguntas para ver se eu me lembrava do que ele tinha dito. Eu nunca me lembrava, nunca me importava o bastante com o processamento de algodão para registrar o conhecimento, mas fingia vasculhar a memória em busca de respostas apenas para fazê-lo sentir-se melhor. Estava mais interessado no modo como as coisas eram do que em como funcionavam, no jeito como o algodão lutava contra os dentes de metal, as sementes caindo como uma cachoeira branca em um receptáculo que as separava para uso posterior, o fluxo embaçado em que caíam com tanta maciez e beleza em meio a toda aquela barulheira. Enquanto acompanhávamos cada passo do processo e passávamos pelas várias estações, meu pai gritava por cima do som das máquinas, guiando a mim com a mão áspera em meu ombro e pedindo que os funcionários acrescentassem alguns detalhes mais cheios de nuances à explicação. Eu assentia e fingia escutar, observando a poeira e o algodão voarem pelas faixas de luz que nos cercavam, farejando o ar em busca do aroma estranho e viciante de um campo mecanizado.

O produto final, o fim do processo, era uma bola de puro algodão branco enrolada em uma lona e mantida por várias faixas de metal. Eu achava aquilo lindo. Passava as mãos pela superfície do algodão quente e prensado e fechava os olhos, bloqueando tudo ao meu redor: as máquinas

barulhentas, os funcionários apressados, até meu pai. Quando me deitava na cama à noite, imaginava que o travesseiro e os lençóis tinham saído de nossa processadora, uma sensação que carregaria comigo para toda cama em que já dormi, algo que nunca deixa de me tranquilizar quando sofro de insônia.

Isso era uma herança do meu pai: um grande apreço pelo isolamento, a noção do trabalho e do sacrifício que outras pessoas muitas vezes fazem para o meu conforto. O processo de acomodação leva tempo. Nunca esperei que meu pai aceitasse cada detalhe de minha vida de um dia para o outro, nem que eu aceitasse os dele. Nossos momentos de incompreensão, apesar de terem me prejudicado muitas vezes, ainda estavam longe de ser abusivos. E isso era algo que a AEA nunca ia entender.

— Quer dizer alguma coisa? — perguntou Smid, olhando para mim.
Desviei o olhar.

* * *

Naquela tarde, nosso grupo teve que se sentar em dois semicírculos no auditório da AEA. A luz do sol passava pelas finas persianas brancas, e um silêncio isolado nos cobriu a todos. J estava sentado ao meu lado. Eu me permitira passar aquela tarde ao lado dele. Podia sentir seu olhar em minha visão periférica.

— Essa semana foi difícil — disse Smid, trazendo uma cadeira de metal para o centro do palco do auditório. — Vocês estão muito emocionados. Mas é importante que a gente se force a ir o mais longe possível. Precisamos chegar ao fundo do nosso vício.

O resto da sessão matinal transcorreu com dificuldade: T admitira, mais uma vez, a vontade de se matar que tivera na noite anterior. Ali de pé diante do grupo, fazendo uma confissão, todos nós tínhamos repetido para ele:

— Nós amamos você, T.

Mas eu não estava muito convencido disso. Sentia pena de T e teria dito a ele se tivesse tido uma chance. Mas não o amava. Como eu podia amar alguém que agia como se estivesse destruído o tempo todo, que pedia minha compaixão a cada cicatriz, a cada confissão, alguém que eu não conhecia de verdade? Parecia patético, e um pouco egoísta, abrir-se ao amor daquela maneira. Pensar que Deus e as pessoas que o cercavam reconheceriam seu

valor imediatamente se você fosse visto como algo danificado e admitisse isso. Essa era a moeda da AEA, trocar cicatrizes literais e teóricas, e eu odiava aquilo. Todo mundo estava tentando ser melhor do que o outro, fazer o relato mais doloroso. Afinal, Jesus era mais fácil de identificar por suas cicatrizes, e por isso todos tínhamos que pegar Sua cruz e segui-Lo. Um cinismo mais profundo ameaçava assumir o controle em minha cabeça.

Smid abriu a cadeira dobrável com um floreio rápido, as dobradiças rangendo como um corvo assustado.

— Vocês vão enfrentar seus medos hoje. Terão a chance de mostrar como são corajosos.

J pressionou a perna contra a minha.

— Isso sim é novidade — sussurrou.

Deixei meu olhar correr de seu peito até suas pernas, escondidas de Smid pela cadeira à sua frente, observando o modo como ele as fechava e as afastava. Pensei em Betsabé, a mulher que havia tentado o rei Davi ao se banhar na varanda do palácio, Davi um voyeur posicionado no telhado. Nos dias anteriores, eu começara a ver algo lindo em J. Era alguém que podia me entender. Ao contrário de Chloe, Caleb ou qualquer um dos conselheiros, J não pedira que eu fosse diferente do que era: a mesma bagunça confusa e agitada que colara em minha máscara. Em um instante, eu queria sair da instituição e pôr fim à terapia de reorientação sexual e, no segundo, queria que J me puxasse, me segurasse ali com ele, me forçasse a ler as passagens reparadoras sem parar, até eu finalmente entendê-las. Sua beleza me fazia pensar que talvez houvesse alguma verdade naquele experimento de cura gay.

Smid colocou outra cadeira dobrável diante da primeira. Limpou as mãos, virou-se para nós e sorriu até suas covinhas de Jeff Goldblum aparecerem.

— Quem quer ser o primeiro? — perguntou ele.

O semicírculo ficou tenso, a respiração de todos silenciou. Ainda não sabíamos qual seria a atividade, mas sabíamos que tinha algo a ver com o abuso infantil que tínhamos explorado na sessão matinal. Cadeira da Mentira, dizia nossa programação. Imaginei uma seringa cheia de soro da verdade, ou talvez um polígrafo, fios presos em meu peito. Senti um espasmo passar pela coxa de J quando ela se mexeu e pressionou a minha. Empurrei a perna dele para longe com força demais e ele escorregou, provocando um barulho das pernas da cadeira contra o piso.

— J — disse Smid, virando-se para encarar o barulho. — Você parece empolgado.

— Sim, senhor — respondeu J, passando por mim para chegar ao palco do auditório.

Pus as pernas para o lado e a coxa de J esbarrou em meu joelho. Ele me lançou um olhar sombrio quando passou.

— Quero que você se sente aqui — pediu Smid, apontando para a cadeira. — Quero que você se sente aqui e imagine seu pai sentado diante de você. Imagine seu pai sentado diante de você e diga tudo que sempre quis contar a ele, mas não conseguiu.

J se esforçou para sorrir, ajeitou-se na cadeira e cruzou os braços sobre o peito. Então pigarreou e encarou o local em que seu pai supostamente estava sentado. Olhei para trás para ver se os outros estavam acreditando. S roía as unhas, e T estava sentado ao lado dela com as mãos nos bolsos do cardigã preto. O garoto louro estava de pé nos fundos do auditório, as mãos cruzadas diante da calça azul-marinho e o rosto educadamente atento. Ele percebeu que eu o encarava e me lançou um olhar de “preste atenção, senão...” Virei-me de volta. Cosby não estava em lugar nenhum, e eu fiquei feliz com isso. A sala parecia mais relaxada sem seu olhar militar.

— A confissão tem que ser feita antes da cura acontecer — disse Smid, citando o manual.

O fato de ela ter que ser pública estava claro, já que tudo na AEA operava com base na filosofia do “conte tudo e seja salvo”. A Cadeira da Mentira era simples, explicou Smid: finja ver um pai que não está de fato presente e confesse tudo de negativo que já sentiu por ele diante de uma sala lotada.

— Não se preocupe se isso vai soar bem ou não. Só tente ser sincero.

Vi um feitiço dominar J. A longa franja caía em sua testa, e ele não parava de empurrá-la para trás, como se o gesto fosse verdadeiramente trazer o pai para aquela cadeira vazia. Ele se inclinou para a frente, pôs os cotovelos nos joelhos e apoiou o queixo nas mãos: parecia corcunda, um menino muito mais novo. Eu podia imaginá-lo sentado daquele jeito no sofá da sala, lendo um romance fantástico.

— Quer dizer alguma coisa a ele? — perguntou Smid.

J empurrou a franja para trás outra vez e endireitou as costas. Pareceu ver a promessa do próximo passo, então seus olhos ficaram menos tensos e úmidos. Aquele podia ser seu momento. Smid ficou de pé ao lado dele, os

olhos concentrados na Cadeira da Mentira. De repente, ambos pareciam ver o mesmo tirano aterrorizante.

— Pai — começou J —, eu decorei todas as oito passagens reparadoras. Trabalhei duro para ser um bom cristão. Eu me responsabilizei por meus pecados, me torturei para cumprir cada um desses passos.

Smid deu a volta nas cadeiras, assentindo para as duas, como se estivesse se dirigindo tanto ao pai quanto ao filho. O mais importante era acreditar na ficção, tornar o pai um receptáculo de dor e medo em vez da complexidade viva, que respirava e andava, que o constituía quando o filho estava perto dele.

— A pessoa que eu mais quero beijar — continuou J.

A sala ficou em silêncio. Eu mal respirava. O auditório parecia ficar mais quente com cada uma de suas palavras. Não ousei olhar para ele.

— O calor nas entranhas que sinto quando estou perto dessa pessoa. O questionamento constante que vêm da leitura particular das escrituras. Agora eu entendo. Tudo isso foram tentações enviadas pelo Diabo, coisas feitas para me confundir, para me atrair para o vício.

— Amém — gritou T. — Diga!

Pude ouvir S se remexendo na cadeira ao meu lado. O garoto louro andou até o lado direito do palco, os olhos fixos no drama invisível.

— Jogo, alcoolismo, coabitação, abuso. Tudo isso foram presentes seus, pai. Mas não mais. Não aceito nada disso. Jogo seus presentes aos meus pés e piso neles.

Quando terminou, J desabou em uma pilha chorosa no chão.

Smid correu até ele e pôs uma das mãos em suas costas. Então ergueu a outra e orou para que Deus curasse aquele jovem. Depois de alguns segundos, levou J de volta para a cadeira ao meu lado. Ainda assim, não olhei para ele. Tinha medo do que aconteceria se olhasse. Ali estava uma pessoa disposta a desabar diante de mim enquanto eu usava toda a minha força para me manter inteiro. No segundo seguinte, Smid me pediu para ir para o palco.

— Acho que está na hora de você nos mostrar o que está acontecendo aí dentro — disse ele, levando-me para a cadeira de metal, a mão em meu cotovelo.

A cadeira ainda estava quente do calor de J. Tentei não olhar para ele, que naquele momento estava ao pé de sua cadeira, trêmulo. Não havia como saber se J estava sentindo algo real ou simplesmente fingindo — e,

mesmo com os fusíveis estourados da extinta luz antisséptica, não consigo ter certeza de sua conversão, assim como não consigo ter certeza em relação a qualquer outro ex-gay.

— Está vendo seu pai? — perguntou Smid, de pé atrás de mim.

A poeira abafava a luz à minha frente, redemoinhos girando no lugar em que meu pai devia estar sentado. Tentei fundir os redemoinhos para que formassem sua calça, seu terno azul-marinho, seu cabelo grisalho penteado para o lado. Tentei me fazer chegar à irritação.

— Leve o tempo que precisar — disse Smid.

O silêncio era insuportável. Fiquei ali por vários minutos, esperando que alguém acabasse com aquilo. Pensei no jogo de números que eu e meu pai costumávamos jogar: nós dois escolhíamos um número de um a cem e depois o dizíamos em voz alta ao mesmo tempo. Pensei em como sempre dizíamos números com um ou dois dígitos de diferença, uma proeza que parecia um milagre. Eu queria contar ao grupo que havia coisas que nunca entenderia a respeito do meu pai. Coisas que nunca poderiam ser traduzidas em palavras. Mas que eu o amava.

Como ninguém quebrou o silêncio, fiquei de pé.

— Não estou irritado — falei. — Não entendo por que tenho que ficar irritado.

O garoto louro andou até o palco. Tinha o rosto vermelho e as mãos fechadas.

— Você está escondendo o que sente a semana toda — disse. — Está irritado, mas não está demonstrando. Está mantendo tudo escondido, mas a gente consegue ver.

— Não estou irritado — respondi.

Eu estava em exposição, de pé diante de um júri de colegas. O sol estava quente em minhas costas.

— É mais complicado do que isso.

— Não é complicado — disse o garoto louro, seu rosto ficando mais vermelho. — Você é quem está complicando. Você está com raiva porque seu pai não aceitou você e precisa admitir isso. Precisa gritar com ele, dizer como se sente.

— Não vou gritar — falei.

Estava me esforçando muito para não mostrar como estava nervoso.

— Você está tremendo — afirmou o garoto. — Está muito irritado. É óbvio.

Eu não ia chorar. Não ia deixar que me fizessem chorar. Mantive os olhos na porta do auditório e não olhei para J.

— Você devia colocar para fora — disse Smid.

Sua voz veio de trás de mim. Senti o choro surgir, mas me contive, e o engoli. Pisquei algumas vezes. O salão ficou embaçado.

— Não sei nem se você quer mudar — continuou o garoto. — Não sei nem se você está nos contando a *verdade*.

— Você é maluco — falei. — Vocês todos são completamente malucos.

Dei um passo para a frente e descobri que tinha força suficiente para dar outro.

— Achei que fosse mais *complicado* do que isso — disse o garoto.

Se continuasse me concentrando em cada passo, talvez tivesse força para chegar à porta.

— Você tem que querer passar do Primeiro Passo — disse Smid. — É o único jeito.

Não olhei para trás. Não olhei para os outros. Mantive os olhos na placa vermelha de saída.

— Se você sair — disse Smid —, nunca vai ser curado.

Cada passo me dava mais força, até eu estar correndo pelo corredor, até estar parado diante da recepção.

— Preciso do meu celular — falei.

— Não posso fazer isso — respondeu o recepcionista, sorrindo. — Você conhece as regras.

— É uma emergência — expliquei.

— Que tipo de emergência?

— Não importa.

As portas do auditório ainda estavam fechadas. Ninguém viria atrás de mim. O recepcionista sacou meu celular de uma pilha de celulares e me entregou o aparelho. Não estava mais sorrindo.

Liguei para minha mãe. Ela atendeu no primeiro toque.

— Mãe — falei —, preciso da sua ajuda.

* * *

Minha mãe e eu ficamos em silêncio na maior parte do caminho para casa. Ainda não havíamos ligado para meu pai para contar o que havia

acontecido. Temíamos o que ele podia dizer. Não sabíamos como começar a explicar as coisas porque ainda não havíamos explicado nada um ao outro. Mas, quando as montanhas Ozark nos abraçaram de novo, comecei a sentir o aperto familiar da camisa de força no peito e nas costas. Sabia que tinha que fazer alguma coisa ou continuaríamos vivendo da mesma maneira que sempre havíamos vivido: cheios de segredos, de palavras não ditas.

— Nunca mais quero voltar para lá — disse.

— Eles disseram que você precisa de mais alguns meses — respondeu minha mãe. — Talvez até um ano.

Eu havia ouvido a conversa deles do banco do carona. Cosby se inclinara para a janela semiaberta do carro para avisá-la de meu comportamento errático.

“Eu nem sei se ele *quer* ajuda”, dissera ele. “Ele precisa de pelo menos três meses. Provavelmente precisa se afastar da faculdade por um tempo.”

Minha mãe nos guiou para a faixa lenta da estrada. Observei a grama do acostamento passar por nós, marrom por causa do calor e da seca.

— Você sabia que o único diploma universitário daquele cara é em aconselhamento matrimonial? — perguntou minha mãe. — Por que um conselheiro matrimonial está ensinando meu filho a ser hétero?

A grama se abriu para revelar uma área nua de argila vermelha e seca. O vermelho era uma ferida sangrenta me encarando.

— Foda-se — respondi.

— O que você disse? — falou minha mãe.

Tateei a cobertura do air bag diante de mim, enfiando as unhas nas reentrâncias do plástico, puxando. Queria que o mecanismo inflasse, me jogasse para trás o máximo que pudesse. Imaginei a cobertura como o peito de meu pai: seu coração pulando para fora, explodindo, esvaziando. Queria a dor de T, a vergonha de S, a raiva de J. Queria obliterar cada nervo ligado à minha pele.

Minha mãe parou no acostamento, criando uma trilha de poeira atrás de nós. Carros passaram voando, buzinando, dando guinadas para o lado, atravessando as grossas faixas amarelas duplas.

— O que está acontecendo?

Enfiei os dedos com mais força nas reentrâncias. Pisquei para afastar lágrimas, mas não ia chorar. Do lado de fora, a argila vermelha ria da minha cara. As montanhas queriam se jogar sobre o teto do carro. Depois de tentar

por alguns minutos, por fim, desisti. Recostei-me no banco e fechei os olhos.

Minha mãe estava quieta ao meu lado, a respiração ofegante.

— Ai, meu Deus — disse ela. — Você vai se matar?

A pergunta era simples o bastante, mas o que saiu de minha boca foi um grito animal agudo. Puxei os joelhos contra o peito e pressionei a lateral do corpo contra a porta do carona, o rosto com força contra o vidro.

— Ai, meu Deus — repetiu ela. — Vamos parar isso tudo agora.

Ela aceitou aquilo como um “sim”, a única prova que precisava para se convencer a acabar com minhas sessões de terapia na Amor em Ação. Ela ouviu um sim, mas eu já havia recebido um presente que ninguém jamais poderia tirar de mim. Eu estava vivo e agora tinha a vantagem de saber disso. Eu estava vivo e era só disso que precisava.

* * *

Quando penso em tudo que aconteceu comigo, às vezes me pergunto se alguma coisa foi real. Às vezes me pergunto se a instituição conseguiu me enlouquecer no fim, se não mergulhei de fato em algum corredor abandonado como minha tia-avó Ellen e comecei a falar sozinho. Se não fosse pelo manual e pelos muitos conselheiros ex-gays com quem falei desde que saí de lá, eu talvez ainda estivesse duvidando da minha sanidade ao pensar no que realmente aconteceu naquelas poucas semanas. E, se meu pai tivesse conseguido que as coisas saíssem do modo que ele queria, nenhum de nós nunca mais teria falado sobre minha experiência na reorientação sexual. Apesar de ele não ter feito nenhuma pergunta no dia que voltei da AEA, apesar de nossas conversas desde então terem sido cheias de silêncios incômodos, ele pareceu aceitar tacitamente o fato de que a terapia nunca seria capaz de me transformar. Depois da AEA, ele continuou a financiar minha faculdade, sem nunca perguntar muito sobre o que estava aprendendo no curso de Inglês.

— Escritor — disse ele certa vez, depois que contei o que queria ser. — Que interessante, não?

Certos dias, acho difícil acreditar que vivi em um mundo baseado em noções tão extremas quanto a autoaniquilação. Então ligo a TV, leio alguns artigos e percebo que o que vivi pode ter sido singular, mas de modo algum

desconectado da História. Minorias continuam a ser exploradas e manipuladas tanto por grupos nefastos quanto bem-intencionados, e ideias prejudiciais continuam a gerar novas linhagens políticas em todo o mundo. O que não consigo entender — e talvez nunca consiga — é como todos nós acabamos nos envolvendo com o movimento de reorientação sexual, o que levou cada um de nós às portas duplas da Amor em Ação. Não há fotos para me ajudar a procurar pistas, então eu mesmo as desenvolvo.

Imagino Smid se afastando da primeira mulher, deixando tudo para trás. Imagino J forjando uma nova identidade diante de um pai irritado. Imagino minha mãe, sua vida pregressa desaparecendo enquanto ela está de pé no palco, ao lado do novo marido pastor, talvez se lembrando do filho que um dia perdeu no hospital, talvez pensando em mim.

Muitas vezes imagino a Cadeira da Mentira. Vejo meu pai e a cadeira. Eu o imagino quando criança, vendo o pai amarrar a mãe à cadeira da sala de jantar para espancá-la. Vejo como ele deve ter se acovardado, se escondido do próprio pai. Então, décadas depois, vejo esse pai sentado em uma cadeira acolchoada do hospital ao lado da cama do meu avô, depois que o alcoolismo tirou tudo do corpo daquele homem, o único dos irmãos a visitar o velho moribundo.

Eu sempre volto a meu pai. Eu o imagino agarrando a mão inválida do meu avô. Eu o imagino chorando em silêncio, esperando para se despedir. Há um mistério nisso, um apocalipse em menor escala situado em algum ponto entre o que aqueles homens sabiam sobre si mesmos — um apego a algo que, por sua vez, recusava-se a soltá-los — e o que eu quero saber, como os velhos profetas.

EPÍLOGO

A voz de Smid surge da escuridão, cercando-me de suas sílabas suaves e cheias de sotaque. Estou deitado em minha cama num pequeno apartamento em Auburn, Alabama, depois de dois anos de mestrado em escrita criativa, relaxando após uma noite de pesquisa sobre dramas da época da Restauração. Ouço um podcast de *This American Life*, a voz de Ira Glass um refúgio de pensamento liberal em um estado extremamente conservador, quando de repente — como se uma mão fria saísse do passado para agarrar meu pescoço — a voz de Smid me leva de volta para a Amor em Ação.

— John, você não precisa mais viver assim — diz a voz.

É uma gravação de uma das muitas participações de Smid em um programa de TV evangélico. Na entrevista, ele cita Deus, cuja voz um dia disse que ele precisava se tornar heterossexual, que isso só seria possível se ele seguisse as ordens celestiais.

Tateio a escuridão ao lado de minha cama em busca da luminária e a acendo. A luz queima meus olhos. Isso não pode estar acontecendo. Aquela vergonha pessoal trazida a público. Estranhamente, sinto que devo proteger a informação, como se ninguém além de mim tivesse o direito de ouvir aquele tipo de conversa. O tom da entrevista em *The American Life* é brincalhão, com frases feitas que traem a audiência liberal acostumada a rir de “um daqueles lugares cristãos que dizem que podem curar a homossexualidade”. É o tom de muitos dos meus professores, de pessoas tão distantes da perspectiva conservadora cristã que são incapazes de não soar petulantes, muitas de suas vidas protegidas por famílias que as apoiaram desde pequenas.

Fico de pé ao lado da cama, enquanto manchas passam por meus olhos e faixas laranja e amarelas formam redemoinhos pelas paredes brancas e nuas. Tachinhas marcam os lugares de onde acabei de retirar fotos de mim e de meu último namorado: lembranças de uma longa série de intimidades que foram murchando, de avanços feitos e aceitos, mas recusados quando as

coisas ficavam sérias demais. Ninguém chegaria perto o bastante para me machucar.

Mas ali estava ela: a voz que tanto tentei esquecer, ultrapassando as barreiras que construí para declarar uma verdade que chega dez anos atrasada e resolver o que, em dado momento de minha vida, parecia impossível de ser resolvido.

— A transformação da maioria dos homossexuais não vai incluir uma mudança na orientação sexual.

Como se isso fosse a única coisa necessária — Smid admitir a mentira óbvia que vendeu para mim e minha família — para consertar os danos infligidos a todos nós. Como se isso pudesse compensar a década de confusão e dúvida que acompanhou o colapso da minha fé.

Este é o primeiro de muitos pedidos de desculpas. Com o passar dos anos, conselheiros de reorientação sexual continuaram admitindo seus erros, posando para fotos de revistas, aceitando prontamente oportunidades para dar entrevistas. A Exodus International, a instituição da qual a Amor em Ação era subsidiária, será fechada e, depois disso, apenas algumas instituições desse tipo continuarão operando — nenhuma delas tão grande ou dominante quanto a Amor em Ação, apesar de alguns evangélicos mais insistentes terem resolvido exportar a ideia para lugares como Uganda. O roteiro mais popular será o da redenção: o tirano que se tornou reformista. Esses ex-conselheiros até virarão autores. Smid escreverá um livro de memórias, *Ex'd Out*, o autopublicará e o venderá em muitas de suas entrevistas. Na ficha biográfica do livro, incluirá palavras que, apesar de serem parcialmente verdadeiras no momento em que serão escritas, farão todo meu corpo tremer de raiva.

Seja lidando com um indivíduo diretamente, com toda uma família ou falando em igrejas ou seminários em todo o mundo, sua mensagem de abertura e de honestidade ecoa entre todos que desejam ser aceitos, amados e compreendidos.

Levarei anos até ter forças para terminar as páginas da minha própria história, até conseguir me aproximar das minhas lembranças. Regressarei à casa de meus pais de tempos em tempos, e lá agirei como um estranho. Nesses momentos, minha mãe vai me arrastar para todos os anos de Inferno que eles viveram desde que os abandonei em meio à insegurança, à dúvida

e ao medo de que tivessem cometido um ato imperdoável do qual nunca poderiam se recuperar.

— Vocês dois têm que lidar com isso — dirá minha mãe, apontando primeiro para meu pai, depois para mim. — Eu me recuso a ficar no meio de novo.

Mas vou recusar o pedido dela. Vou me recusar a olhar para meu pai, o homem com quem, após a AEA, basicamente me comuniquei através de e-mails rápidos e respostas curtas. Vou correr para fora da sala, entrar em meu antigo quarto e bater a porta. Vou cair no colchão macio, encarar o teto de gesso empelotado e passar as mãos pelo lençol de muitos fios, enterrar o rosto na frieza de uma cama de lençóis recém-trocados. Meus pais continuarão sussurrando do outro lado da porta, mantendo o fluxo de culpa e aceitação que provavelmente se estabelecera de forma tão gradual ao longo dos anos que não era mais tão chocante para os dois quanto era para mim. Para bloquear o som, vou me levantar e começar a vasculhar meu armário em busca da coleção de Grandes Livros que comprei em minha fase clássica e extremamente zelosa.

Quando tocar nas bordas douradas das páginas, começarei a entender como cheguei perto de perder minha paixão, de perder minha vida. Desde que saí da AEA, gastei muita energia tentando recuperar o tempo perdido com as pessoas, aprendendo a acreditar em um mundo que não era mais repleto de anjos e demônios. Toda vez que lia um livro ou aprendia um novo fato histórico que minha educação batista me ensinara a rejeitar, precisava lutar contra a desconfiança de que estava sendo enganado pelo Diabo. Nos fóruns e grupos secretos de Facebook para ex-ex-gays a que vou me juntar, verei outras pessoas falando sobre suas tentativas de suicídio e, nessas confissões, encontrarei elementos tão incrivelmente parecidos com os meus que, por um instante, chegarei a crer que tinham vindo direto da minha mente. Verei pessoas falarem sobre como perderam suas famílias, sobre as provações anuais que enfrentam à medida que os feriados de fim de ano se aproximam e a solidão que ameaça engoli-los outra vez.

“Quando penso em como é difícil sobreviver a apenas um dia, como é difícil tentar agir normalmente, às vezes tudo que eu quero é morrer”, dirá um membro de um grupo ex-ex-gay.

“Esqueci como é ser eu mesmo”, escreverá outro homem. “Como eu agia antes da terapia de reorientação sexual? Quando tento me lembrar, não

paro de pensar que talvez esteja errado. Eles fizeram isso comigo. Ele me fizeram questionar a minha sanidade.”

“Eu nem falo mais com a minha família”, vai escrever uma mulher. “Eles ainda acham que preciso de mais terapia. Acho que prefeririam que eu morresse.”

O coro de vozes vai aumentar a cada ano, revelando décadas de dor, décadas perdidas, famílias desfeitas, relacionamentos destruídos porque pessoas fora do mundo ex-gay não conseguirão nunca entender o que os pacientes passaram. No *Beyond Ex-Gay*, um site dedicado à observação de sobreviventes da terapia de reorientação sexual, os usuários descreverão em detalhes dolorosos os efeitos duradouros da terapia reparadora.

Ela fez a sexualidade deixar de ser uma parte da minha vida e se tornar o centro dela. Tudo gira em torno do medo dela e do medo de ser descoberto.

Várias tentativas de suicídio, duas hospitalizações psiquiátricas. Diagnosticado com transtorno bipolar severo de grau dois e transtorno de estresse pós-traumático por vários médicos em dois estados diferentes. O terapeuta da reorientação sexual me disse que os sintomas dessas doenças eram causados por minha “confusão sexual”.

Onze anos depois, eu às vezes ainda me sinto enjoado ao tocar em outro homem. É difícil (talvez impossível) manter um relacionamento sexual de longo prazo.

Eu de fato perdi contato comigo mesmo durante todos aqueles anos porque estava muito ocupado tentando ser outra pessoa. Agora me sinto confuso em relação a quase tudo — Deus, fé, o lugar a que pertencço, o lugar aonde devo ir a partir daqui. Perdi amigos. Muitas vezes me sinto desesperado. Estou tentando pôr a vida de volta nos trilhos.

Vou abrir o manual da AEA, ler algumas frases e sentir a velha vergonha me dominar até não conseguir me concentrar mais. Mais uma vez, a voz de Smid vai engolir a minha antes que eu tenha a chance de dizer qualquer coisa. Vou enfrentar a dúvida, desconfiar das minhas lembranças, passar horas tentando reconstruir cenas tão carregadas de emoção que parecerão impossíveis de definir. Vou ligar para minha mãe para pedir detalhes, me

sentar com ela à mesa e gravar suas palavras — e, em quase todas as vezes, um de nós vai acabar chorando. Minha mãe vai pedir desculpas sem parar. Vou tentar tranquilizá-la, mas não vou conseguir, porque a experiência foi de fato tão horrível quanto nos lembramos e nada nunca será esquecido de verdade. Nós nunca ficaremos realmente bem. Nossa família nunca será o que poderia ter sido.

E Deus. Não vou rezar para Deus em nenhum momento dessa década de luta. Não porque queira manter Deus fora da minha vida, mas porque a voz Dele não está mais aqui. O que aconteceu comigo tornou impossível a nossa comunicação, impossível acreditar em uma versão Dele que não fosse carregada de ódio por mim mesmo. Meus terapeutas de reorientação sexual O tiraram de mim, e não importa quantas igrejas diferentes eu frequente, sempre sentirei o mesmo peso morto dentro de mim. Sempre sentirei a dor de um amor profundo ausente de minha vida. Vou continuar a experimentar diversas denominações e religiões. Vou continuar a procurar. E, mesmo que não acredite mais no Inferno, vou continuar a lutar contra o medo dele. Talvez um dia eu escute a voz Dele outra vez. Talvez não. É uma tristeza com a qual lido diariamente.

Um dia, quando pensarmos que a maior parte da dor chegou ao fim, minha mãe vai ligar e me dizer que um diácono de nossa antiga igreja se recusou a convidar meu pai para pregar em um culto porque um homem na congregação protestara contra a ideia durante uma reunião da igreja, alegando que ter um filho “abertamente homossexual” representava um lapso espiritual no ministério do meu pai. Meus pais vão me dizer que, se eu escrever este livro, ele poderá perder o emprego de pastor. Os pecados do pai. Cada passo do meu sucesso vai se tornar uma lembrança da ideologia de reorientação sexual. Cada passo do meu sucesso vai se tornar uma ameaça direta ao sucesso do meu pai.

Anos depois, vou ligar para ele uma tarde para avisar que este livro é o que tenho que escrever, que eu talvez nunca fique bem se não fizer isso, que não saberei quem sou até terminá-lo.

— Eu só quero que você seja feliz — dirá meu pai, a voz embargada com o peso de tudo o que ele recusa. — De verdade.

E eu vou acreditar nele.

AGRADECIMENTOS

Comecei minha carreira querendo escrever apenas ficção e, se não fosse pelo incentivo de muitos colegas escritores do programa Wilmington de mestrado em belas-artes da Universidade da Carolina do Norte, este livro de memórias não teria sido possível. Um grande obrigado a Ana Alvarez e a toda a equipe do laboratório de editoração do programa e a todos os grandes escritores e professores que me ajudaram a trabalhar os dois primeiros capítulos do livro, especialmente Philip Gerard e Nina de Gramont.

Muitos outros professores fantásticos e mentores me trouxeram até este momento: Chantel Acevedo (minha mentora e querida amiga), Martha Beck, Karen Bender, Clyde Edgerton, Patricia Foster, Cristina García, Debra Gwartney, Barry Lopez (o primeiro a me incentivar a “continuar escrevendo”), Helen Robbins, Terrell Tebbets (meu primeiro mentor), Judy Troy, Virginia Wray e muitas outras pessoas cujos nomes vão preencher muitos futuros livros, eu espero.

A história da concepção deste livro é tão boa quanto qualquer obra de não ficção, mas talvez seja menos crível do que muitas. Graças à minha amiga Kathy Flann, fui convidado a um jantar no qual a crítica e escritora Maud Newton (uma mentora maravilhosa) estava presente. Em algum momento, depois de um silêncio longo e desconfortável na minha ponta da mesa, Maud se virou para mim e perguntou o que eu estava escrevendo. “Também escrevo sobre fundamentalismo”, disse ela, depois que dei uma explicação muito confusa sobre a terapia de reorientação sexual. “Quer ir a uma festa? Meu agente disse que posso levar um convidado.” O que se seguiu foi uma noite levemente embriagada (era open bar) em que terminei vendendo minha não ficção (que não era nem um livro ainda) para William Boggess, do Book Group. Então um enorme obrigado vai para William Boggess e Julie Barer, do Book Group, que me ajudaram a levar essa história até a publicação, e para minha editora brilhante, Laura Perciasepe, da Riverhead, cujas edições de texto foram perfeitas e cujo entusiasmo me sustentou. Obrigado a Megan Lynch, a primeira a se arriscar por este livro;

a toda a equipe da Riverhead e a Karen Mayer pelos ajustes jurídicos, que fizeram com que me sentisse sortudo por ter uma advogada ao meu lado.

Quero agradecer pessoalmente a Elizabeth Kostova e a Elizabeth Kostova Foundation por financiar minha escrita em uma época que eu não tinha certeza do meu potencial. Obrigado a todos os amigos que me apoiaram e fizeram avaliações importantes durante o processo de composição deste livro: Hannah Dela Cruz Abrams, Trey Bagwell, John Becker, Emma Bolden, Ashley Campbell (minha primeira leitora e principal confidente em tudo relativo à escrita e à vida), Garth Greenwell, Kerry Headley, Amber Hood, Katie Jones, Gabe Moseley, Ben Thielemier, Rusty Thornsburg, Eric Tran e muitos outros.

Obrigado a Ivaylo Vezekov, por me fazer café enquanto escrevia de manhã cedo e por me apoiar durante um dos momentos mais difíceis de minha vida, por estar perto de mim quando tive que ir fundo em lembranças que queria esquecer. Obrigado a Laurel Zmolek-Smith por discutir ideias comigo durante nossas longas corridas após o trabalho e por sempre me defender. Obrigado a todos os meus alunos do American College of Sofia e a amigos e parentes que continuaram a me apoiar. Um agradecimento especial à minha tia, Mary Waddell, por estar ao meu lado durante uma época tão difícil.

Obrigado, sobretudo, a meu pai e a minha mãe, cujo amor fez toda diferença.

SOBRE O AUTOR



© Colin Boyd Shafer

Com *Boy erased — Uma verdade anulada*, Garrard Conley foi indicado ao Lambda Literary Award e figurou nas listas dos livros de não ficção mais importantes de 2016 do *Buzzfeed Books*, *Shelf Awareness*, *O Magazine*, entre outras publicações. Ele é produtor e criador do podcast *UnErased*, que explora a história da terapia de conversão nos Estados Unidos. Seus textos foram veiculados no *The New York Times*, *Time*, *VICE*, *CNN*, *BuzzFeed* e *The Huffington Post*. Mora atualmente em Nova York com o marido.

LEIA TAMBÉM



Me chame pelo seu nome
André Aciman



Variações Enigma
André Aciman